

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

AFONSO FERREIRA VERNER

A RITUALIZAÇÃO DO ACONTECIMENTO MORTE NO JORNALISMO IMPRESSO DE
PONTA GROSSA: UMA ANÁLISE DO DIÁRIO DOS CAMPOS, JORNAL DA MANHÃ
E DIÁRIO DA MANHÃ

PONTA GROSSA
2017

AFONSO FERREIRA VERNER

A RITUALIZAÇÃO DO ACONTECIMENTO MORTE NO JORNALISMO IMPRESSO DE
PONTA GROSSA: UMA ANÁLISE DO DIÁRIO DOS CAMPOS, JORNAL DA MANHÃ
E DIÁRIO DA MANHÃ

Dissertação apresentada para obtenção do título de mestre
na Universidade Estadual de Ponta Grossa, Área de
Processos Jornalísticos.

Orientadora: Profa. Dra. Cintia Xavier

PONTA GROSSA
2017

Ficha Catalográfica
Elaborada pelo Setor de Tratamento da Informação BICEN/UEPG

V531 Verner, Afonso Ferreira
 A Ritualização do acontecimento morte
 no jornalismo impresso de Ponta Grossa:
 uma análise do Diário dos Campos, Jornal
 da Manhã e Diário da Manhã/ Afonso
 Ferreira Verner. Ponta Grossa, 2017.
 264f.

 Dissertação (Mestrado em Jornalismo -
 Área de Concentração: Processos
 Jornalísticos), Universidade Estadual de
 Ponta Grossa.

 Orientadora: Prof^a Dr^a Cintia Xavier.

 1.Jornalismo. 2.Morte. 3.Acontecimento.
 4.Ritualística. 5.Jornais impressos.
 I.Xavier, Cintia. II. Universidade
 Estadual de Ponta Grossa. Mestrado em
 Jornalismo. III. T.

CDD: 070.19

AFONSO FERREIRA VERNER

A RITUALIZAÇÃO DO ACONTECIMENTO MORTE NO JORNALISMO IMPRESSO DE
PONTA GROSSA: UMA ANÁLISE DO DIÁRIO DOS CAMPOS, JORNAL DA MANHÃ
E DIÁRIO DA MANHÃ

Dissertação apresentada para obtenção do título de mestre na Universidade Estadual de Ponta
Grossa. Área de concentração: Processos Jornalísticos.

Ponta Grossa, 9 de março de 2017

Prof^a Cintia Xavier – Orientadora
Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos
Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof. Marcelo Engel Bronosky
Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos
Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof. Marcos Paulo da Silva
Doutor em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP)
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

Universidade Estadual de Ponta Grossa
Setor de Ciências Sociais Aplicadas
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Programa de Pós-Graduação (Mestrado) em Jornalismo

TERMO DE RESPONSABILIDADE
Declaração de Compromisso Ético com a Originalidade Científico-Intelectual

Eu, **AFONSO FERREIRA VERNER**, CPF número 079.321.159-06, RG número 12.971.290-2, responsabilizo-me pela redação do trabalho intitulado: “A ritualização do acontecimento morte no jornalismo impresso de Ponta Grossa: Uma análise do *Diário dos Campos*, *Jornal da Manhã*, e *Diário da Manhã*” atestando que todos os trechos que tenham sido transcritos de outros documentos (publicados ou não), e que não sejam de minha exclusiva autoria, estão citados entre aspas, com a devida indicação de fonte (autor e data) e a página que foram extraídos (se transcrito literalmente) ou somente indicados fonte e ano (se utilizada a ideia do autor citado), conforme normas e padrões da ABNT vigentes. Declaro, ainda, ter pleno conhecimento de que posso ser responsabilizado legalmente caso infrinja tais disposições.

Ponta Grossa, 13 de fevereiro de 2017.



Acadêmico: Afonso Ferreira Verner
Número RA: 3100115010018

Dedico esse trabalho aos meus pais, Antonio e Maria Lidia, que, desde cedo, me ensinaram o valor da educação. Dedico também  Raphaela Witek, pelo amor incondicional e aos meus amigos.

AGRADECIMENTOS

Inicialmente volto a agradecer aos meus pais. Desde a graduação em Jornalismo, Maria Lídia e Antonio fizeram de tudo para que eu pudesse cursar uma universidade pública de qualidade, me ajudando financeira e psicologicamente no período inicial de quatro anos em que fiquei distante deles. Vocês são minha razão de vida e meu espelho.

Agradeço também à Raphaela Witek, companheira inseparável nesses últimos dois anos, responsável por me manter no caminho quando eu mais quis desistir, apoiadora nas horas difíceis, dona de cobranças nos momentos de distração e fonte de profundo amor e inspiração durante toda a caminhada. Sem sua ajuda, com toda certeza esse trabalho não se materializaria.

À prof^a doutora Cintia Xavier, orientadora paciente e atenta que compreendeu a minha dupla rotina na redação de uma empresa pequena e na pesquisa científica, rotina essa muitas vezes limitada pelo tempo escasso e cansaço mental. Agradeço à professora por também ter acreditado no trabalho, realizado cobranças e críticas quando isso se fez necessário e me por ter ajudado no crescimento pessoal e profissional experimentado nos últimos dois anos.

Por fim, agradeço aos meus colegas de redação que, em várias vezes, trocaram as escalas comigo para que eu pudesse assistir às aulas do mestrado e também inverteram seus plantões comigo para que eu pudesse estudar ou apresentar artigos e outros estudos.

Também registro meu agradecimento aos colegas da turma do curso de mestrado 2015/2017. Alguns já conhecidos da rotina profissional ou mesmo da graduação ou vindos de outras localidades do Brasil e que, durante esse período, somaram culturalmente conosco, fazendo com que nossa caminhada fosse ainda mais enriquecida.

Em sua maioria, os jornalistas são incansáveis *voyeurs* que veem os defeitos do mundo, as imperfeições das pessoas e dos lugares. Uma cena sadia, que compõe boa parte da vida, ou a parte do planeta sem marcas de loucura não os atraem da mesma forma que tumultos e invasões, países em ruínas e navios a pique, banqueiros banidos para o Rio de Janeiro e monjas budistas em chamas – a tristeza é seu jogo, o espetáculo, sua paixão, a normalidade, sua nênese.

(Gay Talese)

RESUMO

A pesquisa problematiza a ritualização do acontecimento morte feita pelos jornais impressos de Ponta Grossa. A partir da escolha de quatro casos, espalhados em um período temporal de 14 anos (1998-2012), apresenta-se uma análise das coberturas dos jornais *Diário dos Campos*, *Jornal da Manhã* e *Diário da Manhã*. A morte violenta, nesses periódicos, foi ritualizada entre o extraordinário e o ordinário, fruto de um acontecimento rotineiro ou como um fato que desestabiliza a série de acontecimentos cotidianos e esperados, mobilizando respostas da sociedade e da própria narrativa jornalística. O óbito violento compôs, quase que diariamente, o retrato de mundo oferecido pelos periódicos à audiência. Além da análise dos casos do “Bruxo do Guaragi”, 1998; Sônia Rocha, 1999; Morte da modelo Agda, 2011 e a mãe responsável pelos assassinatos dos filhos em Palmeira, na região dos Campos Gerais em 2012, também foi discutida a morte tida como cotidiana, encontrada nas páginas dos jornais durante o período de cobertura dos casos escolhidos. Esse corpus de análise possibilitou uma discussão sobre como os jornais fazem do acontecimento morte um substrato vital para a composição do noticiário e do retrato de mundo apresentado à audiência. Além disso, o estudo ilustra a utilização que a narrativa jornalística faz de aspectos imagéticos e textuais para fazer do óbito violento um acontecimento apresentado entre variações da morte “trágica”, “macabra”, “extraordinária”, “comovente” e “chocante” até o óbito registrado de maneira protocolar e sem maiores significações.

Palavras-chave: Jornalismo; morte; acontecimento; ritualística, jornais impressos.

ABSTRACT

The research problematizes the ritualization of death, made by newspapers from Ponta Grossa. From the choice of four cases, spread over a period of 14 years (1998-2012), it presents an analysis of the coverage of newspapers *Diário dos Campos*, *Jornal da Manhã* e *Diário da Manhã*. The violent death, in these periodicals, was ritualized between the extraordinary and the ordinary, result of a routine event or as a fact that destabilizes the series of daily and expected events, mobilizing responses from society and the journalistic narrative. The violent death composed, almost daily, the world portrait offered by the periodicals to the audience. Besides the analysis of the "Bruxo do Guaragi", 1998; Sônia Rocha, 1999; the death of the Agda model, 2011 and the mother responsible for the murders of the children in Palmeira, in the Campos Gerais region, in 2012, were discussed the daily death, found on the pages of the newspapers during the coverage period of the cases chosen. This analysis enabled a discussion about how newspapers makes the death event a vital substrate for the composition of the news and the world portrait presented to the audience. In addition, the study illustrates the use that journalistic narrative uses of imagery and textual aspects to make violent death an event presented among variations of "tragic", "macabre", "extraordinary", "shocking" and "shocking" up until death recorded in a protocolary way and without major significance in the news.

Keywords: Journalism; death; event; ritualistic; newspapers.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Capa do Diário da Manhã de 4 de abril de 1998	72
Imagem 2 – Página interna do Diário da Manhã do dia 21 de abril de 1998.....	73
Imagem 3 – Notícia publicada na edição de 16 de abril 1998 no DM.....	75
Imagem 4 – Chamada de capa do Diário da Manhã do dia 6 de maio de 1998.....	77
Imagem 5 – Reportagem da página de Segurança do DM no dia 6 de maio de 1998.....	78
Imagem 6 – Capa do Diário da Manhã do dia 28 de maio de 1998.....	80
Imagem 7 – Capa do Diário da Manhã da edição de 5 de abril de 1998.....	85
Imagem 8 – Capa do Diário da Manhã do dia 21 de maio de 1998.....	89
Imagem 9 – Capa do Diário da Manhã do dia 22 de maio de 1998.....	90
Imagem 10 – Capa do Jornal da Manhã do dia 1 de abril de 1998.....	93
Imagem 11 – Página da editoria Policial do JM do dia 24 de abril de 1998.....	94
Imagem 12 – Editoria Policial do JM do dia 6 de maio de 1998.....	97
Imagem 13 – Chamada sem foto publicada na capa do Jornal da Manhã no dia 30 de maio de 1998	102
Imagem 14 – Capa do Diário dos Campos do dia 3 de outubro de 1999.....	108
Imagem 15 – Capa do Diário dos Campos do dia 9 de outubro de 1999.....	109
Imagem 16 – Página da editoria de Polícia do DC do dia 10 de outubro de 1999.....	112
Imagem 17 – Chamada de capa do Diário dos Campos no dia 15 de outubro de 1999.....	116
Imagem 18 – Capa do Diário dos Campos do dia 12 de novembro de 1999.....	123
Imagem 19 – Página da editoria de Cotidiano do Jornal da Manhã de outubro de 1999.....	125
Imagem 20 – Editoria de Cotidiano do JM no dia 9 de outubro de 1999.....	127
Imagem 21 – Capa do JM do dia 12 de outubro de 1999.....	129
Imagem 22 – Capa do JM no dia 24 de outubro de 1999.....	135
Imagem 23 – Capa do Diário da Manhã em 3 de outubro de 1999.....	139

Imagem 24 – Capa do Diário da Manhã do dia 10 de outubro de 1999.....	141
Imagem 25 – Capa do DM na edição de 15 de outubro de 1999.....	145
Imagem 26 – Capa do JM do dia 20 de setembro de 2011.....	153
Imagem 27 – Página da editoria de Cotidiano do JM do dia 20 de setembro de 2011.....	154
Imagem 28 – Reportagem publicada na edição de 25 de setembro de 2011 do JM.....	157
Imagem 29 – Manchete da edição do JM do dia 29 de setembro de 2011.....	157
Imagem 30 – Reportagem publicada na edição do JM dos dias 6 e 7 de outubro de 2011....	163
Imagem 31 – Chamada com foto publicada na capa do DC na edição de 20 de setembro de 2011.....	171
Imagem 32 – Página da editoria de Polícia do DC do dia 25 e 26 de setembro de 2011.....	173
Imagem 33 – Capa do DC no dia 8 de outubro de 2011.....	175
Imagem 34 – Capa do Diário dos Campos da edição de 11 de julho de 2012.....	182
Imagem 35 – Capa do Jornal da Manhã na edição de 11 de julho de 2012.....	190
Imagem 36 – Capa da edição do JM de 17 de julho de 2012.....	192

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
I Apresentação	11
II As rotas, escolhas e ações do percurso de pesquisa	15
1 O ACONTECIMENTO COMO INVENÇÃO NECESSÁRIA	20
1.1 O acontecimento contemporâneo e a história contada pelos mídias	24
1.2 A temporalidade e o acontecimento na imprensa de massa	31
1.3 O acontecimento jornalístico: definições, limites e abordagens	38
1.4 A morte enquanto acontecimento jornalístico	42
2 VALORES-NOTÍCIA E NOTICIABILIDADE NA CONSTRUÇÃO DE UM RETRATO DE MUNDO	53
2.1 Noticiabilidade como construção cultural	63
2.2 Operacionalização dos valores-notícia na leitura de mundo dos jornalistas	67
3 A RITUALIZAÇÃO DA MORTE NA NARRATIVA JORNALÍSTICA	70
3.1 Observações sobre a coleta de dados nos jornais	70
3.2 O caso Sônia Rocha ou Crime da Colares	70
3.2.1 Características do Diário da Manhã no caso Sônia Rocha	72
3.2.2 Os desdobramentos da morte de Sônia Rocha nas páginas do Diário da Manhã	74
3.2.3 Inusitado, inexplicável e banal como atributos da morte no Diário da Manhã	82
3.3 Características do Jornal da Manhã durante o caso Sônia Rocha	93
3.3.1 O caso do Crime da Colares e os atributos de Sônia Rocha no Jornal da Manhã	94
3.3.2 As valorizações do acontecimento morte no Jornal da Manhã	98
3.4 A morte factual na página do DM e JM	102
3.5 O caso do Bruxo do Guaragi	103
3.5.1 Características do Diário dos Campos durante o caso do Bruxo do Guaragi	107
3.5.2 A valoração da morte no Diário dos Campos	108
3.5.3 Modelos do acontecimento morte na cobertura do Diário dos Campos	121
3.5.4 Características do Jornal da Manhã no noticiário do Bruxo do Guaragi	124
3.5.5 A morte violenta explicada a partir do sobrenatural no JM	125
3.5.6 A morte trágica e cotidiana nas páginas do JM	134
3.5.7 Características do Diário da Manhã durante o caso do Bruxo do Guaragi	139
3.5.8 Explicações e significações das mortes no Guaragi na cobertura do Diário da Manhã	140
3.5.9 A morte acidental e fútil no Diário da Manhã	147
3.6 A ritualização jornalística das mortes no Guaragi	149
3.7 A morte da modelo Agda e a possibilidade de um crime sexual	150
3.7.1 Alterações na estrutura do Jornal da Manhã durante o caso Agda	151
3.7.2 As facetas da dramatização da morte de Agda no JM	152
3.7.3 A cobertura factual do acontecimento morte no JM	164
3.7.4 Estrutura do Diário dos Campos na cobertura da morte da modelo Agda	170
3.7.5 A morte de Agda a partir da ideia do potencial de audiência no DC	170
3.7.6 A morte enquanto notícia de destaque no DC	176
3.8 Significações da morte de Agda nas páginas do Jornal da Manhã e Diário dos Campos	178
3.9 Mortes inexplicáveis para o discurso noticioso	180
3.9.1 O caso da “mãe assassina” nas páginas do Diário dos Campos	181
3.9.2 A tragédia e a morte anunciada no cotidiano das páginas do DC	184
3.9.3 Os assassinatos maternos nas páginas do Jornal da Manhã	190
3.9.4 A tragédia rotineira nas páginas do Jornal da Manhã	191
3.10 Os limites e as possibilidades do discurso jornalístico sobre a morte	196
CONCLUSÃO	197

INTRODUÇÃO

I Apresentação

A ciência se desenvolve a partir de um rigoroso processo de planejamento, sistematização, discussão teórica, coleta empírica, interpretação do material coletado e, em meio a tudo isso, uma constante ação de idas e vindas em busca da definição do foco do estudo. Esse trabalho é fruto de todas essas etapas, mas principalmente da fase de idas e vindas que definiram a abordagem do objeto analisado.

O presente estudo nasceu do movimento realizado em torno do objeto, mas antes disso surgiu da prática cotidiana do Jornalismo. A partir de um questionamento criado dentro da redação, trilhou-se um percurso em busca de uma resposta para a questão: De que maneira os jornais impressos de Ponta Grossa apresentam a morte violenta no noticiário?

No entanto, é necessário lembrar que a pergunta que guia a pesquisa passou por alterações significativas durante o período de maturação do objeto e após discussões em torno do corpus da análise. Esse trajeto de mudanças será detalhado em seguida e a intenção é oferecer aspectos relevantes sobre como a própria alteração do olhar sobre o objeto contribuiu para a formulação da abordagem aqui apresentada.

O processo de pesquisa demonstrou a ritualização na apresentação da morte violenta – o uso do próprio termo “ritualização” também é fruto das idas e vindas ao corpus empírico. Os diversos artigos e estudos paralelos feitos durante o período deram pistas de como o acontecimento morte, acompanhado de um contexto de violência, variava entre o ordinário e o extraordinário, um fato que rompia a série de acontecimentos cotidianos (SILVA, 2014c) e aquele retratado como rotineiro e integrante de uma série lógica de acontecimentos, mais ou menos esperados.

A maneira como o discurso jornalístico faz da morte violenta um acontecimento valioso para o retrato de mundo apresentado pelos jornais à audiência chama a atenção. Aspectos para além da morte e que cercavam o acontecimento (o drama, os atributos do morto, o contexto do crime, o local em que o acontecer foi registrado) são utilizados para apresentar o fato como rotineiro ou não, como um acontecimento digno de atenção e ampla cobertura ou como uma morte que passaria despercebida pelo noticiário.

Essa diferença no padrão da narrativa jornalística na representação das mortes passou a guiar a perspectiva do trabalho. O interesse se concentrou em compreender como o acontecimento jornalístico morte era apresentado e quais eram os elementos utilizados pela

narrativa dos jornais para realizar significações tão distintas sobre um mesmo tipo de fato nos retratos de mundo oferecido aos leitores.

A formulação de um processo científico é repleta de questionamentos e, por si só, provoca a busca pelo aperfeiçoamento e uma necessidade de mudança. No caso do objeto de estudo deste trabalho, houve uma alteração da abordagem apresentada no final de 2014, durante o processo de seleção para ingresso no curso de mestrado em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e a abordagem exposta na versão atual do estudo.

Inicialmente a proposta era estudar acontecimentos classificados como “crimes de impacto” e que haviam repercutido nos jornais impressos de Ponta Grossa. Com isso, buscava-se entender como o discurso noticioso era utilizado em coberturas em que os crimes reverberavam para além das páginas dedicadas aos assuntos policiais. No entanto essa abordagem sofreu uma mudança durante o percurso de pesquisa.

Após as discussões realizadas nas disciplinas do curso, orientações e seminários, notou-se que as situações classificadas como “crimes de impacto” tinham em comum um aspecto: a morte. A partir de então, procurou-se abordagens e metodologias para estudar como o óbito violento, fruto de incidentes cotidianos no trânsito ou de crimes que haviam repercutido e mobilizado a sociedade, era retratado pelos jornais impressos de Ponta Grossa.

No momento do ingresso no mestrado, a pesquisa elencava cinco crimes – essas situações foram escolhidas de forma quase aleatória, a partir de conversas com colegas de redação e discussões entre os integrantes da “tribo jornalística” (TRAQUINA, 2005). Até esse momento, o interesse era estudar como os diários de Ponta Grossa realizaram a cobertura das situações escolhidas.

Várias incursões foram realizadas para cotejar o objeto de estudo a partir de discussões propostas em disciplinas do curso ou de provocações e debates que surgiam em eventos, seminários e na própria qualificação do texto, por exemplo. A partir dessas ‘entradas’ no contexto do objeto de estudo, manteve-se quatro dos cinco casos escolhidos anteriormente no corpus principal do trabalho e um deles foi retirado do objeto de estudo.

O caso excluído do corpus de análise foi a Chacina de Carambeí, crime registrado em 1989 em uma localidade vizinha à cidade de Ponta Grossa, nos Campos Gerais. A decisão de retirar o caso do corpus da pesquisa aconteceu após o debate na qualificação do trabalho – a discussão levou a compreensão de que a cobertura daquele crime era fruto de um cenário anterior à profissionalização do Jornalismo na cidade e que, por tanto, seria distinto dos outros casos estudados.

A partir dessa constatação, o caso da Chacina de Carambeí foi discutido em um artigo que debatia a cobertura do acontecimento em questão (a morte de três pessoas da mesma família) como uma marca histórica da prática jornalística da região dos Campos Gerais¹. Nesse sentido, as coberturas dos diários de Ponta Grossa foram debatidas a partir de pistas do noticiário que traziam marcas de uma prática ainda não profissionalizada do Jornalismo em Ponta Grossa, cidade localizada no interior do Paraná – naquele período, as redações do interior do país ainda não haviam passado pela profissionalização com a contratação de jornalistas com curso superior, por exemplo.

Os casos analisados na pesquisa também foram debatidos a partir de outros vieses. Entre as abordagens realizadas está a discussão da morte como um fato de repercussão diante da esfera pública, opinião e debate público – a análise foi feita levando em conta os conteúdos publicados nas páginas de opinião dos jornais durante o caso da modelo Agda em 2012.

A morte violenta e que recebia atenção no noticiário jornalístico também foi discutida a partir da lógica da teoria do *Gatekeeping*². Nesse caso, o óbito enquanto valor-notícia foi estudado como um componente que fazia (ou não) os portões de uma empresa jornalística se abrirem para o acontecimento. Para esse viés de análise foram estudadas sete edições do jornal *Gazeta do Povo* e discutiu-se qual era o valor-notícia, além da morte propriamente dita, que tratavam do óbito violento e eram selecionados pelo jornal, ganhando o status de notícia³.

A partir de uma abordagem consolidada no campo de estudos do Jornalismo, estudou-se a morte sobre a perspectiva da hipótese do *Agenda-Setting* (Agendamento). Nesse caso, foi analisada a cobertura dedicada pelos jornais de Ponta Grossa para a morte da modelo Agda, registrada em 2011. O estudo tinha como foco a identificação de padrões no agendamento do noticiário sobre o crime e também no papel dos veículos de comunicação em agendar questões contextuais que cercavam a cobertura do crime, como é o caso da violência contra a mulher.

Outra abordagem da morte discutida durante a construção do objeto de estudo foi o óbito violento como potencial de consumo. O artigo⁴ em questão analisou as notícias mais

¹ O artigo “Chacina de Carambeí – Marcas de um Jornalismo pré-industrial nos Campos Gerais” foi apresentado no 13º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo realizado em 2015.

² O artigo “A morte como porta de entrada para as coberturas noticiosas” foi apresentado no Encontro Paranaense de Pesquisa em Jornalismo de 2015, realizado em Ponta Grossa.

³ Adotamos o entendimento de que o acontecimento só se transformava efetivamente em notícia quando transpunha os portões da organização noticiosa, nesse caso especificamente sendo publicado nas páginas do jornal *Gazeta do Povo*.

⁴ O artigo “Valores-notícia e internet: Um estudo exploratório sobre as notícias mais acessadas do portal aRede” foi apresentado no SBPJOR em 2016.

lidas do portal *aRede* e identificou um padrão nos conteúdos mais consumidos do site. A análise foi realizada a partir do software *Google Analytics*, levando em conta as 30 notícias mais lidas da história do portal de notícias e também discutindo as publicações mais consumidas em um período de um mês separadamente – esse mês foi selecionado de maneira aleatória.

A análise proporcionou um entendimento da morte como um tipo de acontecimento amplamente consumido pelos leitores do portal *aRede* e sempre contextualizado e ritualizado a partir de questões para além do óbito. Fosse o local da ocorrência do crime, a notoriedade da vítima, a localização geográfica ou cultural, a morte, também como potencial de consumo, sempre esteve ligada a outros quesitos para além do óbito violento.

O debate sobre o conteúdo mais acessado do portal forneceu substrato sobre a importância do óbito violento para audiência. Além disso, diante da expectativa criada pelos jornalistas sobre o que o público gostaria ou não de consumir enquanto notícia, foi possível destacar a importância do acontecimento morte na composição do retrato de mundo oferecido pelos jornais.

Por fim, ainda discutiu-se como um dos diários impressos de Ponta Grossa transformam a série de assassinatos registrados no Guaragi, distrito do município, em um acontecimento jornalístico. O estudo⁵ debate os recursos textuais e imagéticos utilizados pelo *Diário da Manhã* para fazer do caso do Bruxo do Guaragi, até então explicado a partir de questões que cotejavam referências religiosas e sobrenaturais, um acontecimento explicável a partir dos limites e possibilidades oferecidos pela narrativa jornalística.

Essas abordagens ofereceram várias faces da morte violenta retratada no noticiário. Fosse ela marca de uma prática profissional ainda em consolidação, potencial de consumo para os leitores de um portal de notícias ou um acontecimento que reverberava na opinião pública e, por isso, exigia movimentos da narrativa jornalística, a morte violenta configurou-se como um substrato frequente no retrato de mundo oferecido pelos jornais. Além disso, as diferentes ‘entradas’ no objeto possibilitaram uma visão mais completa do funcionamento do acontecimento morte, diante de diferentes bases teóricas e abordagens conceituais.

Com o conhecimento possibilitado por essas abordagens, teve início o período de discussão sobre a análise dos casos seria feita no trabalho aqui apresentado. Até que a coleta do objeto empírico fosse finalizada, a abordagem pretendida tinha como foco a morte

⁵ A discussão foi apresentada no artigo “Assassinatos em série transformados em acontecimento jornalístico nas páginas do *Diário da Manhã*: o caso do Bruxo do Guaragi no Seminário de Inverno de 2016.

enquanto valor-notícia e as diversas combinações de valores e critérios de noticiabilidade que levariam o óbito violento a se tornar um acontecimento de destaque no noticiário.

No entanto, com a coleta completa do material (essa etapa será descrita e discutida no próximo tópico), a opção se deu por uma abordagem que privilegiasse a ritualização do acontecimento morte na narrativa jornalística⁶. Afinal, como e por que alguns óbitos se tornavam fatos de destaque e aparentemente rompiam a série de acontecimentos cotidianos relatados pelos jornais, enquanto outros, quando não caíam no esquecimento, eram retratados de maneira protocolar e integrando o grupo de fatos tidos como mais ou menos rotineiros e esperados no retrato de mundo dos mídias.

Diante dessa processualidade da pesquisa, apresenta-se a seguir o resultado. Após movimentos de exploração do objeto a partir de várias escolhas teóricas e apostas metodológicas, o trajeto realizado a partir dessa escolha será discutido no próximo tópico.

II As rotas, escolhas e ações do percurso de pesquisa

A pesquisa científica é feita de escolhas. Existem inúmeras possibilidades para se estudar um objeto, no entanto, o pesquisador deve optar por uma delas (ou elaborar uma nova abordagem, caso seja possível e necessário) para abordar o corpus da análise e a partir dessa rota escolhida produzir conhecimento científico que fortaleça a área do estudo. Dessa forma, esse tópico tem como objetivo apresentar à maneira pela qual a pesquisa foi traçada e como a morte violenta, retratada enquanto acontecimento jornalístico, foi analisada a partir da ideia de ritualização.

Com isso, o tópico tem início com o debate sobre a escolha de analisar o conteúdo publicado nos diários impressos de Ponta Grossa a partir de casos escolhidos aleatoriamente e divididos em um espaço temporal de 14 anos (1998-2012). Os jornais impressos haviam sido indicados como objeto de coleta das informações para construção do problema da pesquisa.

Durante o período de ‘entradas’ no objeto e discussões teóricas oferecidas pelo curso, chegou-se a cogitar que o estudo fosse focalizado no conteúdo de um portal de notícias, possivelmente a partir da abordagem da morte como um potencial de consumo. No entanto, essa opção foi descartada e seguiu-se com uma abordagem que tinha como corpus de análise a coleta de informações nos jornais impressos de Ponta Grossa.

⁶ A ritualização do acontecimento morte é realizada na própria narrativa jornalística. Diariamente os jornais relatam alguns óbitos violentos como fatos que rompem uma série cotidiana de acontecimentos, enquanto outras mortes são apresentadas no plano dos acontecimentos que não exigem maiores movimentos da narrativa jornalística.

Levando em conta esse percurso, os dados encontrados em cada edição do *Diário da Manhã*, *Jornal da Manhã* e *Diário dos Campos*⁷ foram armazenados em uma planilha (a íntegra dessas planilhas está no apêndice do trabalho). O objetivo dessa coleta era conseguir compreender quais os valores que levavam a morte violenta a ser notícia de destaque na capa dos jornais e nas páginas internas dos periódicos. Além disso, as tabelas geraram uma visão mais abrangente da ritualização da morte na cobertura dos periódicos.

Dessa forma, todas as capas dos jornais e as páginas dedicadas aos assuntos policiais foram armazenadas em imagens para o preenchimento das tabelas. As mais de 600 edições analisadas geraram um arquivo superior a 1.500 imagens dos jornais estudados, algumas delas ilustram o capítulo de análise e outras foram usadas apenas para observação do pesquisador e preenchimento das planilhas.

Com a explicação sobre a escolha dos quatro casos estudados feita, inicia-se o debate sobre a apresentação e coleta de dados dos periódicos. Com a decisão de analisar a morte nos jornais impressos de Ponta Grossa, optou-se por estudar os casos em todos os periódicos que circulavam na cidade em cada um dos períodos. Dessa forma, foram coletadas edições dos jornais *Diário da Manhã*, *Jornal da Manhã* e *Diário dos Campos*.

Em cada um dos casos estudados, a coleta de dados foi realizada a partir do acervo disponível da Casa da Memória de Ponta Grossa e no Museu Campos Gerais. No entanto, como a pesquisa buscava identificar a ritualização da morte violenta nas páginas dos jornais (qualquer morte, não só os casos escolhidos), foram coletados três meses de cada um dos diários⁸.

Dessa forma, se o acontecimento havia sido registrado em outubro, como foi caso do “Bruxo do Guaragi”, por exemplo, a coleta começava no primeiro dia de outubro e seguia até o final do mês de dezembro, completando três meses de observação e coleta de informações nas edições dos jornais. A mesma abordagem foi aplicada a todos os casos, iniciando a coleta no mês em que o acontecimento havia sido noticiado e estendendo essa observação para um total de três meses.

Com isso, o objetivo foi de fato conseguir identificar a apresentação da morte violenta nas páginas dos jornais nos casos elencados, como também compreender a cobertura sobre outros óbitos no noticiário os jornais. Para além de discutir a cobertura factual de cada um dos casos, existia a busca por compreender como alguns daqueles acontecimentos

⁷ Sempre que encontrar o nome dos jornais estudados, o leitor perceberá que eles estão grafados em itálico.

⁸ Apenas durante a coleta de informações do caso Sônia Rocha, registrado em 1999, um dos meses do jornal *Diário da Manhã* não foi localizado no acervo. Com isso, a análise foi feita a partir dos dois meses encontrados.

seguiram sendo notícia a partir de movimentos diversos da narrativa jornalística e imagética (SILVA e VOGEL, 2012).

As tabelas reúnem informações sobre a data da edição, a manchete do periódico do jornal e a chamada da editoria que reunia os assuntos policiais nesse determinado diário, fosse ela Segurança, Polícia ou Cotidiano – dependendo do formato do periódico, foram coletadas uma ou duas chamadas publicadas na capa ou o abre⁹ de mais de uma página da editoria em questão. As planilhas receberam ainda informações coletadas nas páginas internas dos jornais, como o abre da editoria e a notícia secundária.

O modo de coleta tentou entender o tratamento dedicado à morte violenta. Por isso, foram analisadas apenas as manchetes e as chamadas das páginas das editorias que abrigavam as informações do setor policial, local em que a morte violenta é tradicionalmente registrada. A busca era por compreender quais elementos narrativos tinham que acompanhar a morte violenta para que o acontecimento fosse registrado na primeira página dos diários.

Com isso, o objetivo foi de fato conseguir identificar a ritualização desse acontecimento nas páginas dos jornais nos casos escolhidos, como também identificar a cobertura sobre outras mortes no noticiário desses periódicos. Para além de compreender a cobertura factual de cada um dos casos escolhidos, buscava-se entender como alguns daqueles acontecimentos seguiam sendo notícia a partir de movimentos diversos da narrativa jornalística e imagética. Dessa forma, no começo da análise da cobertura dos casos, apresentase as características gráficas e editoriais dos periódicos estudados – isso só não foi feito quando o jornal em questão manteve, basicamente, a mesma estrutura, sem nenhuma alteração. A apresentação tem como objetivo situar o leitor sobre o funcionamento daquele determinado periódico e tentar apresentar pistas sobre a política editorial dos veículos.

Diante do exposto sobre as rotas e escolhas na observação e problematização do objeto de estudo, nota-se que apenas a análise dos quatro casos poderia oferecer uma versão fragmentada da ritualização do acontecimento morte nos jornais impressos de Ponta Grossa. Por isso, decidiu-se também observar as “mortes cotidianas” nas páginas dos diários.

Neste trabalho consideram-se “mortes cotidianas” outros óbitos violentos que foram alvo da cobertura noticiosa durante o período de informações coletadas. Com isso, a proposta é não só compreender a morte como um acontecimento jornalístico que perturba a realidade e a série de fatos rotineiros, como também notar a ritualização do discurso noticioso das mortes

⁹ Os termos técnicos usados no trabalho têm os significados expostos em um glossário disponível ao final do texto.

tidas como comuns e que não provocaram maiores reações e momentos da narrativa jornalística, sendo noticiadas como rotineiras.

Oportuno lembrar que a morte foi estudada a partir do momento em que ela recebeu algum destaque da edição jornalística. Além de ter passado pelo filtro das instituições noticiosas (*Gatekeeper*) e ter reunido critérios e valores suficientes para ser transformada em notícia, a informação foi analisada quando aparecia na capa do periódico, mesmo que em espaço de menor destaque, ou nas páginas internas.

Com a readequação dos casos escolhidos (anteriormente eram cinco crimes que se transformaram em quatro casos), buscou-se um modo de apresentar tais acontecimentos de forma compreensível para os leitores. Por isso, optou-se pela criação de uma sinopse de cada caso, antes da análise do acontecimento. Essa síntese foi produzida a partir da leitura das reportagens analisadas em um processo de compreensão e contextualização das informações publicadas pelos diários já que os casos não foram noticiados de forma uniforme ou cronológica e haviam informações contraditórias durante o noticiário.

Em ordem cronológica, o primeiro dos acontecimentos estudados é o caso conhecido como Bruxo do Guaragi, a série de assassinatos em Ponta Grossa descobertos em outubro de 1998 e que mobilizou o noticiário dos três diários que circulavam na cidade. O segundo é o assassinato da professora Sônia Rocha em abril de 1999 em uma das vias mais movimentadas da região central da cidade e que nunca foi solucionado – o caso entrou para a crônica policial como uma espécie de referência dos acontecimentos que não foram esclarecidos pelas autoridades.

O terceiro acontecimento analisado foi a morte da modelo Agda, em setembro de 2012 – a jovem foi encontrada morta em casa, pela mãe, e as autoridades prenderam, ainda no dia seguinte, o vendedor Jean Carlos de Oliveira Pinto. A morte da garota teria acontecido durante uma relação sexual, consensual na versão de Jean e tida como um abuso sexual por parte dos familiares da modelo.

O caso da mãe que matou os filhos em Palmeira, cidade na região de Ponta Grossa, foi o quarto e último acontecimento a ser estudado. O crime foi registrado em julho de 2011 e acabou solucionado pela Polícia Civil: Deuceni Amaral, a mãe, matou os dois filhos e acabou confessando o crime horas depois. Na época, a mulher afirmou que havia tomado aquela atitude por “não aguentar mais a miséria” e, entre os casos estudados, esse foi o acontecimento com a menor cobertura jornalística.

Por fim, é salutar apresentar a relação do arcabouço teórico da pesquisa com a análise empírica da narrativa jornalística. No primeiro capítulo, dedicado à construção e

discussão dos conceitos, é apresentado um debate sobre o acontecimento que vai da abordagem mais ampla do conceito, passando por autores como Loius Quéré (2005), José Santos (2005), José Bragança de Miranda (2005) e Elton Antunes (2007), discutindo também o acontecimento jornalístico e a “história” contada pelos mídias, com debates de pesquisadores como Pierre Nora (1979), Adriano Rodrigues (1993), Marialva Barbosa (2002) e Miquel Rodrigo Alsina (2009).

Em uma discussão sobre as características do acontecimento morte enquanto fato valioso para os mídias, ainda no capítulo inicial, foram trabalhadas noções apresentadas por Elton Antunes (2012), além de autores como Paulo Bernardo Vaz (2012), Frederico de Mello Brandão Tavares (2012), Gislene Silva e Daisy Vogel (2012). O trecho apresenta significações sobre a morte nas páginas dos diários e as diferentes ferramentas e tematizações apresentadas pela narrativa jornalística ao retratar o óbito violento.

Já no segundo capítulo da pesquisa, apresenta-se um debate sobre valores-notícia, critérios de noticiabilidade e seleção noticiosa. Entre os autores estão Jorge Pedro Sousa (2002), Nelson Traquina (2005) e Mauro Wolf (2010), pesquisadores com estudos clássicos sobre o tema. Também lança-se mão de debates apresentados pelos pesquisadores Marcos Paulo da Silva (2014c) e Gislene Silva (2014d) em discussões sobre a noticiabilidade e a noção de cotidiano. Tais movimentos teóricos foram realizados com intuito de fornecer base científica para a discussão do acontecimento morte nas páginas dos jornais impressos de Ponta Grossa. A análise desse tipo de fato foi debatida a partir das ideias e conceitos que explicam, de uma maneira ou de outra, como os mídias falam sobre a morte violenta constantemente e fazem dela uma integrante do noticiário cotidiano.

A análise, apresentada no terceiro capítulo, traz o debate sobre a cobertura dos jornais em cada um dos casos – adotou-se ordem cronológica para discussão dos acontecimentos escolhidos. Com isso, o primeiro caso a ser debatido é o assassinato da professora Sônia Rocha, em 1998, em cada um dos jornais – primeiro discutiu-se a cobertura sobre o crime em um dos jornais, durante os três meses de coleta e, em um momento posterior, a análise foi realizada levando em conta como a morte violenta foi debatida nesse mesmo jornal durante o período estabelecido. Seguindo a ordem cronológica, o segundo caso debatido é o Bruxo do Guaragi, registrado em 1999, único dos acontecimentos que recebe a cobertura dos três jornais impressos que naquele momento circulavam na cidade. Na sequência, apresenta-se o debate sobre a morte da modelo Agda, em setembro de 2011. Por fim, o debate é feito sobre o noticiário dedicado ao caso da mãe que matou os dois filhos em Palmeira, no mês de julho de 2012.

1 O ACONTECIMENTO COMO INVENÇÃO NECESSÁRIA

A vida cotidiana, regulada pelo modo de produção capitalista, é marcada por uma série de acontecimentos diários, rotineiros e previsíveis. No entanto, essa mesma rotina tem a monotonia aparente quebrada por acontecimentos que rompem a rotina e podem ser considerados de alguma maneira imprevisíveis ou mesmo notáveis. Alguns desses fatos são observados mais de perto por jornalistas e se transformam em notícia¹⁰, outros, mesmo sendo estranhos diante do rol de acontecimentos costumeiros, não ganham o status de produto noticioso e seguem compondo o grupo de episódios diários e previsíveis que integram nosso cotidiano¹¹.

A discussão sobre acontecimento é acompanhada de um debate com repertório nas Ciências Sociais, especialmente na História, Comunicação e Sociologia. Além disso, filósofos também se debruçaram sobre aspectos do conceito, principalmente no que diz respeito ao caráter metafísico do acontecimento diante da causalidade imprimida nesses fatos.

O mesmo debate sobre acontecimento tem discussões baseadas em abordagens culturais. A percepção de um fato diante de tantos outros é também uma escolha feita a partir de uma bagagem cultural e diz respeito aos aspectos vigentes na identificação daquele determinado acontecimento como algo que irrompe o cotidiano – tal escolha é fruto de um contexto sócio-histórico.

A definição da palavra acontecimento é vasta e as explicações vão desde o materialismo do acontecer até a ideia de acaso e eventualidade típica dos acontecimentos não rotineiros (ALSINA, 2009; RODRIGUES, 1993). Nas palavras de José A. Bragança de Miranda (2005, p.1), quando uma “palavra se torna demasiado evidente é sinal de uma certa perturbação que tem, por isso mesmo, de ser inquerida”.

Tal inquirição e inquietação sobre o acontecimento pode levar em conta a definição deste fato específico diante de tantos outros ou as características essenciais desses acontecimentos, fatos destacados diante de inúmeros outros. Na visão de Adriano Duarte Rodrigues (1993), o acontecimento configura-se como referente do que se fala, uma espécie de ponto zero da significação. Rodrigues (1993, p. 27) reforça que o acontecimento é tudo

¹⁰ Adotamos a ideia de notícia a partir da concepção construcionista. Ou seja: a notícia é um relato altamente selecionado, construído pelos meios de comunicação e seus profissionais e negociado entre vários agentes. Tal construção da realidade é feita, tendo como base, valores-notícia, critérios e a noticiabilidade de cada um desses acontecimentos transformados em notícia – esse rol de fatores é algo partilhado, em linhas gerais, pelos profissionais do campo.

¹¹ A discussão sobre o conceito de Cotidiano é apresentada no segundo capítulo.

aquilo que “irrompe na superfície lisa da história entre uma multiplicidade aleatória de fatos virtuais”.

No entanto, o acontecimento não pode ser determinado apenas como um fato que irrompe um cenário de acontecimentos diários mais ou menos previsíveis. O conceito deve ser compreendido a partir da noção que o acontecer é algo notado e destacado a partir de uma bagagem cultural estabelecida (contexto cultural) e também existe a partir de um dualismo: o acontecer rotineiro e o acontecimento que irrompe a normalidade construída por outros fatos.

Ao discutir as características do acontecimento, Rodrigues (1993, p. 28) lembra que “diante da natureza específica”, o acontecimento situa-se no que define como “escala de probabilidade de ocorrência”. Na visão do autor, quanto mais imprevisível, quanto menos provável for a realização desse fato, maior será o valor do acontecimento diante dos outros fatos rotineiros.

José Rebelo (2005, p. 1) convida uma série de autores para discutir abordagens diversas sobre o acontecimento e lembra que esse entendimento pode ser observado por olhares distintos – o autor apresenta discussões aparentemente contraditórias sobre o conceito para tentar extrair o que há de semelhante nelas. “O acontecimento faz-se de acontecimentos. Uns preenchem o nosso cotidiano. Outros mudam o curso das nossas vidas. Da onde lhes vem o poder?”, questiona.

Entre os autores convidados por Rebelo (2005) está Louis Quéré. O sociólogo francês ressalta que já na nossa experiência individual ou social, nos confrontamos com acontecimentos diferentes e sugere que o conceito deve ser abordado de maneira plural. “Há aqueles [acontecimentos] que ocorrem no dia a dia, sem que lhes atribuamos um valor particular, e aquele que se revestem de especial importância” (QUÉRE, 2001 *apud* REBELO, 2005, p. 2).

Em outra obra, o próprio Quéré (2005) afirma que o dualismo do acontecimento está no entendimento temporal do conceito. Para o autor, o acontecer desdobra-se para o passado e alonga-se para o futuro. Quéré (2005) defende que o conceito estende-se ao passado quando desfia analogias que ele próprio desencadeia (o ato de comparar o acontecimento com algo que já aconteceu, algo que já foi registrado). Quéré (2005) pondera que o acontecimento tende a ser automaticamente comparado e alonga-se para o futuro já que é possível avaliar as suas consequências e determinar com precisão os contornos das novas situações por ele criadas ou reveladas.

José Santos (2005, p. 77) considera que atualmente vivemos em uma sociedade de acontecimentos. “A ser verdade que é de fato assim, que tal é o caso, talvez isso se deva

apenas aos grandes acontecimentos, aos “megaacontecimentos”, que os meios de comunicação de massa dão a conhecer ao mundo inteiro”. Santos (2005) faz esse apontamento já vislumbrando a concepção do conceito a partir das atividades dos mídias.

Santos (2005) também recorre a Louis Quéré para lembrar que antes dos mega acontecimentos, os acontecimentos agem de maneira menos espetacular e visível, mas também fundamental e decisiva, na estruturação da nossa experiência individual e coletiva. Tal estruturação é um dos principais objetos de discussão de Quéré (2001) na tentativa de delimitar os significados e a importância do conceito de acontecimento (*apud* Santos, 2005).

Santos (2005, p. 77) apresenta, a partir dos estudos do sociólogo alemão Niklas Luhmann, uma discussão sistêmica sobre o acontecimento e cria, a partir do conceito, uma teoria social moderna baseada na ideia de que o acontecer seria algo fundamental para a organização social:

Para ele [Niklas Luhmann], os elementos fundamentais de que é composta a sociedade não são indivíduos (Aristóteles), ou ações (Weber), fatos sociais (Durkheim), valores (Parsons, Habermas) ou estruturas (estruturalismo), mas puros acontecimentos (SANTOS, p. 77)

A proposta de Santos (2005) é que, além de vivermos em uma sociedade composta e organizada por acontecimentos, estes são designados fundamentalmente por uma dimensão do tempo. Nesse sentido, o conceito teria duas funções fundamentais: organizar temporalmente a vida social e oferecer sentido e significação a nossa vida e experiência pessoal e coletiva.

Miranda (2005, p.2) apresenta o conceito a partir da importância da definição na disciplina da História e lembra que toda história tem dois acontecimentos primordiais que são o “juízo final e a criação”. Na visão do autor, tudo que ocorre desde então são simples desdobramentos desses “hiper-acontecimentos”, como se os demais fatos estivessem ligados a esses dois primordiais.

Ainda na visão de Miranda (2005, p.2), o acontecimento tem tido a discussão conceitual prejudicada pelo atual cenário. “O grande acontecimento, de que tudo o mais eram sinais ou contrariedades, estava dependente da ideia de fim”, afirma. Na visão do pesquisador, o niilismo fez o conceito de acontecimento ficar disperso diante de uma miríade de eventos particulares e múltiplos – o fato único e importante teria perdido valor por essa grande quantidade de acontences diários e muitas vezes simultâneos.

A ideia de que um acontecimento é o desdobramento de um outro fato é abordada por Elton Antunes (2007). O autor lembra que a discussão sobre a temporalidade do acontecimento já foi apresentada e amplamente discutida em outras áreas, como na História, e

através de um esforço interdisciplinar (ver ADAM, 2003; SANTOS, 2003; ELIAS, 1998; URRY, 2000 *apud* ANTUNES 2007). Diante disso, a aposta de Antunes é de debater o conceito a partir da temporalidade criada no discurso noticioso.

Antunes (2007, p. 26) lembra que vivemos um grande número de situações e ideias de sucessão e repetição no nosso dia a dia e ressalta que esses acontecimentos, quando somados, se multiplicam ao infinito para articular cada existência pessoal e permitir a vida social. Ao basear a discussão sobre o conceito pela perspectiva da temporalidade, Antunes (2007) enumera três grandes modalidades de representação do tempo na história da humanidade.

A primeira modalidade de representação do tempo citada por Antunes (2007) são os sistemas religiosos e míticos, baseados na idade de origem e no problema da finitude da vida humana – acontecimento que já apresenta um paradoxo com o conceito de morte. Em seguida, Antunes (2007, p. 26) apresenta a importância da história para apreender o “movimento da sociedade por meio de uma racionalização do tempo, pela construção da ideia de gerações no tempo e pela produção de uma leitura e significação do passado”.

A terceira modalidade de representação do tempo apresentada por Antunes (2007) é a ficção que produziria uma imagem do tempo vivido, em geral, em contraposição ao conhecimento histórico e até mesmo em oposição a ideia de linearidade e sequência imputada a série de acontecimentos rotineiros. Após apresentar essas modalidades de representação do tempo, Antunes (2007, p. 26) pondera que:

A ideia, a partir da modernidade, de um mundo fundado em permanente mudança e não mais apenas sobre um tempo cíclico ou ritualizado coloca a percepção dos acontecimentos como central à experiência cotidiana. E os acontecimentos são como que matéria prima da ação dos meios de comunicação de massa.

A partir da apresentação desses três regimes temporais e da sinalização sobre a importância da ideia de temporalidade para a concepção do acontecimento, Antunes (2007) avança no debate. O autor sustenta que a atual temporalidade dos acontecimentos é a mesma articulada pelo discurso jornalístico e sugere que tal articulação entre temporalidade e prática jornalística é fundamental para a concepção moderna de acontecimento.

No entanto, Antunes (2007, p. 27) faz uma ressalva sobre o atual regime de tempo que concebe o acontecimento sob uma espécie de regime do presentismo. Na visão do autor, esse conceito seria a apologia ao instante, “do qual a mídia joga um papel importante ao produzir permanentemente certo tipo de equivalência entre o tempo presente e a atualidade”.

Antunes (2007, p. 27) considera que a atuação dos mídias¹² influencia na identificação e na concepção que as pessoas fazem dos acontecimentos diante do caráter imediato:

Muitas vezes associado à dinâmica dos meios de comunicação e seu fluxo ininterrupto e dantesco de informações que vincularia os indivíduos a uma imediatricidade do “tempo real”, o elemento chave é a formação de um hábito cultural marcado pelo choque e repetitividade.

A definição de tempo e temporalidade também tem importância essencial na discussão apresentada por Santos (2005) sobre o conceito de acontecimento. Para o autor, o papel do tempo torna-se central nas sociedades modernas e fica mais expressivo durante o que Santos (2005, p. 77) considera como a expressão na tardo-modernidade.

Com o tempo e a temporalidade executando papéis centrais na discussão e no entendimento do conceito de acontecimento, esses conceitos são centrais para discutir a própria ideia. Se para os mídias e para o Jornalismo o tempo do acontecimento é um, para a História a noção é observada de forma distinta e tal diferença se reflete também no uso e na compreensão do conceito de acontecimento em cada uma das áreas do conhecimento.

1.1 Acontecimento contemporâneo e a história contada pelos mídias

Reportar acontecimentos nem sempre foi uma tarefa das mais simples do ponto de vista profissional para o Jornalismo. Durante a Idade Média, o domínio e a transmissão de informações eram aspectos valiosos para as classes sociais que detinham o poder (seja ele religioso, econômico, militar ou mesmo governamental) e essa prática era tida como fundamental para a manutenção desse poderio (ALSINA, 2009).

Diante da importância política e econômica que representa, o acontecimento e sua transmissão, antes de servirem como substrato para o discurso e a produção jornalística, foram alvo da atividade de indivíduos que exerciam o papel de jornalistas antes da profissionalização da imprensa. Mas tal conceito também foi e continua sendo vital para historiadores e sua função de retratar a vida em sociedade. No entanto, o debate sobre acontecimento e seu valor diante da história (e com relação aos mídias) também permeou discussões que são importantes para esse trabalho como a própria diferenciação da maneira como se observa o acontecimento na História e no Jornalismo.

¹² Para respeitar a literalidade dos autores, mantivemos os usos de expressões como mídia, imprensa e meios de comunicação.

A discussão sobre o que é o próprio acontecimento e como conceituá-lo já reuniu esforços de diversos autores, entre eles o historiador francês Pierre Nora (1979). O pesquisador acredita que vivemos uma época com um carregado sentimento histórico em que acontecimentos, de todos os tipos, tamanhos e importâncias, integram o que conceituamos como cotidiano.

Para Pierre Nora (1979, p. 244):

As guerras totais e as transformações revolucionárias, a rapidez das comunicações e a penetração das economias modernas nas sociedades tradicionais, em resumo, tudo que se costuma entender por “mundialização” assegurou uma mobilização geral das massas que, na retaguarda dos acontecimentos, representavam outrora os civis da história; entretanto, os movimentos de colonização e pós-descolonização integravam na historicidade de tipo ocidental sociedades inteiras, que, ontem ainda, dormiam o sono dos povos “sem história” ou o silêncio da opressão colonial.

Nora (1979) considera ainda que o típico acontecimento moderno apareceu nas últimas décadas do século XIX em um período que compreende a *Comuna de Paris*¹³ e o *Caso Dreyfus*¹⁴. O autor defende que a sensação do presente, momento já possuído de um sentido histórico, produz uma percepção generalizada desse clima que, na visão de Nora (1979), culminaria em um fenômeno novo, o próprio acontecimento.

A discussão sobre o conceito teria, segundo Marialva Barbosa (2002), apresentado duas correntes. De um lado os pensadores positivistas procuravam fazer do acontecimento a matéria prima da história; e de outro lado os mídias promoviam um retorno da história na medida que, de acordo com Barbosa (2002), é pela atuação dos meios de comunicação que as sociedades contemporâneas têm acesso ao conceito de acontecimento.

O próprio Nora (1979, p. 244) lembra que uma das “lógicas e leis da história” é a própria atualidade, fator essencial no funcionamento da imprensa moderna. O autor defende que a atualidade, nesse caso, “é vista como uma circulação generalizada da percepção histórica” e que isso culminaria em um fenômeno novo, próprio o acontecimento. Nora (1979) entende ainda que é impossível não relacionar a aparição desse “presente histórico” com o esforço dos pensadores positivistas para criar uma escola propriamente científica.

O historiador francês sustenta que “todo o trabalho dos positivistas” constituiu precisamente, por um lado, em fundamentarem a história no estudo do passado, cuidadosamente separado do presente e, por outro lado, em “rechearem esse passado por um

¹³ A Comuna de Paris foi o primeiro governo operário da história. A experiência foi fundada em 1871 na capital francesa durante a resistência popular ante a invasão por parte do Reino da Prússia.

¹⁴ O caso *Dreyfus* foi um escândalo que dividiu a França durante o final do século XIX. Centrava-se na condenação por alta traição de Alfred Dreyfus em 1894, um oficial de artilharia do Exército Francês.

encadeamento contínuo de acontecimentos” (NORA, 1979, p. 244). Nora defende que é fundamental perceber tal mudança para avançar na própria definição do acontecimento.

Ao apresentar um esforço semelhante na tentativa de conceituar o acontecimento e fugir do senso comum sobre o assunto, Barbosa (2002, p.1) lembra que a perpetuação do próprio conceito está intimamente ligada a uma manutenção do presente via aspectos que a autora chama de particulares e também objetos de uma estruturação social.

Barbosa (2002, p.1) defende que o acontecimento se caracteriza, sobretudo, pelo valor paradigmático e sem essa característica a ideia do novo e de algo que emerge no tempo não poderiam existir. Para a estudiosa, nesse sentido, o próprio conceito “traz em si mesmo a ruptura e o acontecimento”. Barbosa (2002, p. 1) segue discutindo o acontecimento como (...):

(...) algo que emerge na duração, diriam os historiadores da *École des Annales*, irrompendo a cena e estabelecendo uma distinção entre aquele instante e o imediatamente anterior. Mas não basta a ruptura para a produção do acontecimento. É necessário que este seja conhecido. Assim, se por um lado necessita-se da diferença, da excepcionalidade que cria, para que este seja elevado à categoria de acontecimento é necessário que uma ampla maioria de pessoas tome conhecimento de sua existência.

A necessidade de que o acontecimento seja conhecido para que de fato se efetive como tal é apresentada por Nora (1979). A abordagem possibilita questionar o ‘controle’ que as classes dominantes tinham do acontecimento na idade média (ALSINA, 2009). Afinal, se o acontecimento precisa ser conhecido para ser efetivado, os dominadores dos séculos passados detinham informação e não necessariamente acontecimentos, já que esses, nem sempre, se tornavam conhecidos.

Pierre Nora (1979) pondera que os acontecimentos só tem lugar quando deles se fala. O historiador francês lembra que os meios de comunicação tem papel fundamental nesse fazer conhecer:

Imprensa, rádio, imagens não agem apenas como meios de que os acontecimentos seriam relativamente independentes, mas como a própria condição da sua existência. A publicidade modela a sua própria produção. Acontecimentos capitais podem ter lugar sem que deles se fale. O facto de conhecermos retrospectivamente como a perda do poder por Mao Tsé-Tung depois do Grande Salto em Frente, é que constitui o acontecimento. O fato de que tenham tido lugar não os torna históricos. Para que haja acontecimento é preciso que ele seja conhecido (NORA, Pierre, p. 245-246)

Se para que haja acontecimento esse ato que irrompe a realidade (RODRIGUES, 1993) precisa ser conhecido, tanto a História como os mídias e a atividade jornalística executam papéis importantes no fazer conhecer. Porém, tais atividades o fazem de maneiras

distintas, respeitando suas respectivas especificidades. O próprio Pierre Nora (1979, p. 245) lembra como alguns acontecimentos históricos só de fato “aconteceram” para grande parte da sociedade após aparecerem na mídia, como é o caso das batalhas travadas no Pacífico e na África durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

O historiador francês lança mão dos estudos do comunicólogo Marshall McLuhan para discutir a própria participação que a audiência tem diante do acontecimento no funcionamento dos mídias. Pierre Nora (1979, p. 248) lembra que o acontecimento seria “projetado e atirado” para a vida particular e oferecido “em espetáculo”. Nora (1979) considera que a atuação dos mídias está ligada à fabricação de permanente novidade e alimenta uma espécie de “fome” de acontecimentos.

Barbosa (2002, p. 2) aponta outra lógica na discussão sobre a presença do acontecimento nos mídias. A autora lembra que, quando se fala de acontecimento, é preciso salientar que a ordenação da atualidade nos mídias é “comandada pela ordem do sensacional”. Barbosa (2002) considera que em um mundo convulsionado e ao mesmo tempo comunicante, existe a sensação de que as crises podem subverter a vida. Nesse sentido a autora acredita que História e Jornalismo tem papéis diferentes ao explicar os acontecimentos: o primeiro teria como foco a análise de acontecimentos que estruturam a nossa sociedade e o segundo apresentaria explicações diárias de acontecimentos que integram nosso cotidiano.

Marialva Barbosa (2002) sustenta que levadas a conhecimento público, essas crises provocam angústia e aflição – aspectos fundamentais na formulação de acontecimentos que interessam aos mídias. “É esta a característica imediata da comunicação que impõe os mídias como uma espécie de construtores de uma história imediata, diante de uma multidão alucinada por informação” (LACOUTURE, 1990 *apud* BARBOSA, 2002, p. 1).

Se os mídias são responsáveis por contar uma história imediata¹⁵, como afirma Barbosa (2002), para Pierre Nora (1979) a própria atividade midiática mudou a ideia central do acontecimento. O historiador francês considera que o estabelecimento de uma sociedade industrial alterou, até mesmo, a maneira como o acontecimento se apresenta:

É todo o nosso presente que procura a consciência de si próprio, através do estatuto do novo que o acontecimento adquiriu nas sociedades industriais. A problemática do acontecimento – que está por fazer – está intimamente ligada à especificidade de uma história “contemporânea”. Numa sociedade dita de consumo, talvez uma maneira como qualquer outra de reduzir o próprio tempo a um objeto de consumo e de investir nele as mesmas tendências (NORA, 1979, p. 261)

¹⁵ Marialva Barbosa (2002) sugere que a história imediata seria aquela contada pelos jornais todos os dias, diferente da história estrutural, ofício reservado aos historiadores.

O debate histórico do conceito de acontecimento é retomado por Barbosa (2002) a partir de reflexões que se desenvolvem e aprofundam a partir dos anos 1970. Segundo Barbosa, os estudos sobre o tema tem, de um lado, os estruturalistas que debatiam as relações entre acontecimento e a estrutura da sociedade e de outro estão os pensadores da história acontecimental e da “história fundamental profunda” – a primeira diz respeito aos acontecimentos mais rotineiros e a segunda se dedica ao debate sobre os fatos estruturantes e de maior repercussão.

Barbosa (2002) defende que a questão do acontecimento se colocou em lugar central no debate a narrativa histórica. A opção em compreender ou não um acontecer como algo digno da atenção dos historiadores gerou, segundo a autora, discussões que compuseram vários livros – parte dos intelectuais sustentava que os historiadores deveriam atentar às estruturas sociais e não aos acontecimentos isolados e rotineiros.

A autora considera ainda que a questão do acontecimento ganha também importância em diversas correntes da filosofia e das ciências sociais – campos que tentaram formular e esclarecer problemas em uma teoria do acontecimento. Marialva Barbosa (2002) sugere que a filosofia analítica tem papel central na análise da questão da natureza do acontecimento nessas abordagens.

Diante disso, a repercussão das mudanças no conceito de acontecimento para a História é qualificada como central por Barbosa (2002). A autora lembra que a maior parte da discussão aconteceu em torno da chamada história das estruturas – com isso, os historiadores acreditavam que deveriam analisar as estruturas da sociedade e não contar os acontecimentos vivenciados.

Por outro lado, Pierre Nora (1979) relaciona o conceito de acontecimento com a história ao afirmar que acontecimentos monstros se repetem e se repetirão com cada vez mais frequência. O autor defende que o termo monstruoso¹⁶ é para o historiador o que o acontecimento moderno representa cada vez com mais frequência. Na visão do intelectual francês, o acontecimento continuava a ser um privilégio da função do historiador, mas com a atuação dos mídias isso mudou.

De acordo com Nora (1979) e Barbosa (2002), a maneira como o acontecimento é observado pela História e pelos próprios mídias mudou diante da própria sociedade

¹⁶ O acontecimento é monstruoso, segundo Nora, não por transcender os parâmetros do banal, mas antes porque o sistema de informação impõe uma espécie de eclosão de acontecimentos maciços para satisfazer uma infinita fome de acontecimentos, fome essa que apenas pode ser saciada através de uma incessante produção do novo e do sensacional. (Nora, 1974, p. 249)

(sociedade de consumo). No entanto, o historiador francês questiona se o acontecimento seria o mesmo após tantas mudanças sociais e também alterações provocadas pela atuação dos mídias:

Uma imensa promoção do imediato e do histórico e do vivido a lendário opera-se no próprio momento em que o historiador se acha desviado dos seus hábitos, ameaçado no seu poder, confrontado com o que ele tenha algures dominar. Mas tratar-se-á do mesmo acontecimento? (NORA, 1979, p. 249)

Barbosa também discute a transformação do sentido do conceito de acontecimento e diferencia este do chamado “acontecimento histórico”. A autora recorre à Ricouer (1994) para afirmar que o acontecimento (produzido efetivamente no passado) carrega uma espécie de “ontologia da diferença, fazendo que seja radicalmente oposto aquele que não ocorreu” (*apud* Barbosa, 2002, p. 2).

A atualidade do acontecimentos já vivenciados seria assim, para a autora, algo considerado propriedade absoluta inscrita no próprio passado, independentemente das construções ou reconstruções. Ainda na visão da autora os acontecimentos seriam obras de agentes semelhantes, ou seja, são os próprios sujeitos históricos que o fazem acontecer e que sofrem a sua ação. Barbosa (2002, p.2), define que o “acontecimento torna-se, pois, inalienável dos agentes humanos”.

Ao discutir a noção de passado no debate sobre acontecimento, Barbosa (2002) cita uma terceira característica: a noção de passado humano e absoluto é a alteridade ou a diferença da presença em relação aos acontecimentos anteriores. A autora defende que o que caracteriza o acontecimento histórico seria um triplo pressuposto ontológico que inclui a absolutização, ação humana e alteridade absoluta.

Pierre Nora (1979, p. 250) argumenta que na medida em que o acontecimento se tornou intimamente ligado à expressão e participação dos mídias no processo, o significado intelectual do conceito se esvaziou diante do que o pesquisador chama de “proveito das virtualidades emocionais”. O exemplo apresentado por Nora (1979, p. 250) é o suicídio da atriz Marilyn Monroe: para que isso de fato pudesse se tornar um acontecimento na ótica dos mídias, vários milhões tiveram que identificar no acontecer em questão o “drama da estrela, o trauma da interrupção de uma bela vida e a vaidade de todo êxito”.

As transformações vistas no acontecimento diante da ação dos mídias, são, para Nora (1979), uma espécie de aproximação do conceito ao de pequena notícia. Pierre Nora (1979, p. 250) considera que a diferença entre os dois conceitos é explícita:

Por natureza o acontecimento pertence a uma categoria bem catalogada da razão histórica: acontecimento político ou social, literário ou científico, local ou nacional, o seu lugar está inscrito nas rubricas dos jornais. Mas no interior da sua bem referenciada categoria, o acontecimento assinala-se pela sua importância, pela sua novidade da mensagem, tanto menos prolixa quanto menos banal for.

Na contrapartida, Nora (1979) sustenta que a pequena notícia ocupa um lugar simetricamente inverso: apagada na dispersão, sem categoria, votada a não ser classificada, ou importante, remete, em contrapartida, de um conteúdo de estranheza para um contexto de convenções sociais pela lógica de uma causalidade. Tal processo lógico incluiria um acontecimento do tipo distorcido (uma mãe assassina os quatro filhos) e também do tipo invertido (um homem morde o seu cão).

Pierre Nora (1979, p. 251) argumenta que o imaginário das massas deseja poder introduzir algo na pequena notícia, o seu “drama, a sua magia, o seu mistério, a sua estranheza, a sua poesia, o seu tragicômico, o seu poder de compensação e identificação, o sentimento de fatalismo e o luxo e a gratuidade”. Essas características formariam o que Nora (1979, p. 252) chama de “acontecimento moderno”. O desembarque do homem na lua é, para Pierre Nora (1979, p. 251), o modelo do acontecimento moderno – a transmissão ao vivo seria fundamental para essa tipificação do acontecimento – a transmissão ao vivo retira do acontecimento o caráter histórico para “projeta-lo no vivido das massas”.

O historiador francês defende que é uma espécie de propósito do acontecimento moderno o desenrolar em uma cena pública. Além disso, Nora (1979, p. 252) considera que o acontecimento tem como condição nunca lhe faltar repórter-espectador, nem espectador-repórter, para ser visto ao “suceder e este *voyeurisme* que dá a atualidade simultaneamente a sua especificidade em relação à história e um perfume já existente”.

Ricouer (1991 *apud* Barbosa, 2002) lembra que a história deve assumir uma configuração narrativa e destaca ainda que não pode existir um acontecimento absoluto, sem ligações com o passado ou com o futuro, já que o historiador estaria implicado na compreensão e explicação do passado. Barbosa (2002) sustenta que a compreensão não é intuição direta, mas sempre uma reconstrução.

O processo de reconstrução, defende Barbosa (2002), acentua a ruptura em relação à objetividade, ao passado, como a soma do que realmente aconteceu – ou seja, o passado não é somente a soma dos acontecimentos, mas também as circunstâncias dos fatos. No entanto, por outro lado, Barbosa (2002) considera que o historiador estaria implicado não só no conhecimento histórico, como também na tarefa de reatualizar o passado.

Os caminhos de análise do acontecimento apresentados por Nora (1979) e Barbosa (2002) demonstram que o conceito é multifacetado e pode ser visto de diferentes maneiras por campos distintos do conhecimento. Para o presente trabalho interessa a diferenciação do acontecimento que é valiosa ao Jornalismo e, em um segundo momento, ao setor da História.

Também é fundamental a noção de que o próprio conceito sofreu alterações diante da atuação dos mídias e pelas transformações sociais – a noção de acontecimento monstruoso apresentada por Pierre Nora (1979) ilustra essa mudança. Se a ação dos mídias e do Jornalismo mudou a significação do acontecimento, importante salientar que o conceito é fundamental para a prática jornalística.

A noção de acontecimento norteia a produção noticiosa e é vital para que os jornalistas apresentem o “mapa do mundo” aos leitores ou telespectadores diariamente (TUCHMAN, 1979). No entanto, o processo de mapear acontecimentos que ganharão atenção dos mídias enquanto outros fatos passam despercebidos está ligado a valores e critérios estabelecidos profissional e socialmente no campo do Jornalismo.

1.2 A temporalidade e o acontecimento na imprensa de massa

Questões como o tempo e o espaço são vistas como centrais para o debate sobre o acontecimento. Tal conceito tem relação com a divisão temporal dos acontecimentos cotidianos e com a demarcação que o acontecer apresenta sobre o próprio presente. Alguns autores apresentam discussões do acontecimento a partir do entendimento do tempo e do espaço.

Santos (2005) expõe uma divisão proposta por Luhmann dos tipos de sociedade organizadas pela noção do tempo. O primeiro tipo é das sociedades formadas anteriormente às grandes culturas históricas e que pensam sua relação com o mundo sob a forma de segmentos de espaço. Santos (2005) sustenta que essas unidades são representações concretas como famílias, clãs, aldeias e tribos. Nessas sociedades, segundo Quéré (2005), os acontecimentos tem o papel de criadores de sentido (*apud* Santos, 2005, p. 78)

A segunda divisão de Luhmann apresentada por Santos (2005) reúne as grandes civilizações – elas não abandonam totalmente a ideia de segmentos, mas se organizam principalmente em função dos estratos e por isso são chamadas de “estratificadas”. Já a terceira das divisões agrupa as características mais próximas do que podemos considerar como a atual divisão social.

De acordo com Santos (2005), o terceiro grupo apontado por Luhmann é composto pelas sociedades que começam a tomar forma na modernidade ocidental. Os mecanismos de

diferenciação desse tipo de sociedade deixam de lado as unidades espaciais, segmentos horizontais ou estratos para se concentrar nos sistemas funcionais – os elementos desses sistemas são os próprios acontecimentos.

Enquanto Antunes (2007) e Santos (2005) estruturam a discussão sobre acontecimento a partir da ideia de temporalidade e elementos que estruturam a noção de tempo diante da vida cotidiana, Rodrigo Alsina (2009) apresenta um debate sobre o conceito tendo como base a produção da notícia e lembrando que esse é um processo complexo que começa com a identificação de um acontecimento. No entanto, o próprio Alsina (2009) ressalta que é necessário compreender como determinado acontecimento compõe a construção da realidade social.

Na visão de Alsina (2009, p. 115), o acontecimento é um fenômeno social que está determinado histórica e culturalmente. “É claro que cada sistema cultural vai concretizar quais são os fenômenos que merecem ser considerados como acontecimentos e quais passam despercebidos”. Na análise do autor, toda forma de enxergar algo é também uma forma de ocultar alguma outra coisa.

A partir dessa abordagem, o autor apresenta algumas considerações sobre a discussão da ideia de acontecimento. Alsina (2009) recorre à Sierra Bravo (1984) para afirmar que podemos entender como acontecimentos sociais os fatos que tiveram transcendência social – isso os difere dos acontecimentos em geral que compõe a sequência ordinária do cotidiano. No entanto, o próprio Alsina (2009) diz que o problema está em conceituar o que se considera transcendência social e quem tem a legitimidade para afirmar que determinado acontecimento foi transcendente ou não, diante da imensidão de acontecimentos relativamente rotineiros.

Entre os problemas na identificação da transcendência social apontados por Alsina (2009) está o entendimento de que o próprio sujeito protagonista do acontecimento como objeto de desenvolvimento do fato. Outro problema na definição de transcendência é a formação social e política de cada sociedade – cada formação social tem parâmetros específicos para determinar o grau de transcendência de um fato em relação aos outros acontecimentos. “Portanto, o que na cultura ocidental é considerado um acontecimento social, não o será nas outras culturas. Inclusive na própria cultura ocidental o acontecimento não tem sido uma categoria imutável ao longo do tempo” (ALSINA, 2009, p. 116).

Ao lembrar que a compreensão do acontecimento mudou ao longo dos períodos históricos, Alsina (2009) traz a divisão apresentada por Tudesq (1973) em três fases distintas. A primeira delas é o acontecimento anterior à imprensa de massas, a segunda é o

acontecimento durante a hegemonia da imprensa de massas e a terceira é apresentada como o entendimento do conceito na atualidade (*apud* ALSINA, 2009, p. 117).

Antes de estabelecer a própria divisão histórica, Alsina (2009) apresenta outros esquemas de separação sobre o entendimento do acontecimento diante de períodos históricos. Vázquez Montalbán (1980 *apud* Alsina, 2009, p. 118) aponta que o projeto tradicional dos historiadores da informação divide a história do acontecimento em três períodos. O primeiro é da luta pela liberdade da imprensa que “estava sendo esmagada pela contrarrevolução da Santa Aliança”; o segundo é o período de surgimento da grande imprensa em que os jornais já exercem uma grande influência e o terceiro é o espaço de tempo em que se organiza a “imprensa da informação” com as características básicas da imprensa da atualidade.

A partir dos esquemas temporais de Tudesq (1983) e Vázquez Montalbán (1980), Alsina (2009) propõe o próprio sistema de divisão temporal dos acontecimentos e das mudanças no conceito. O autor constitui o primeiro período como aquele que compreende os acontecimentos antes da imprensa de massas (meados do século XV até o século XIX); o segundo engloba os acontecimentos durante a imprensa de massas (meados do século XIX até meados do século XX) e o terceiro e último reúne os acontecimentos com a comunicação de massa (meados do século XX até a atualidade).

De acordo com o que propõe Alsina (2009), o “conhecimento do acontecer” era um privilégio das classes dominantes que utilizam esse benefício de conhecer a informação para consolidar o seu poder e seu domínio. Ao especificar essa relação na sociedade europeia do século XVIII, Alsina lembra que o nível de analfabetismo era alto e por isso o mercado potencial da informação escrita era insignificante naquele momento histórico:

Dessa forma, podemos dizer que o conhecimento dos acontecimentos é um privilégio das classes dominantes; a extensa massa deve se contentar com os boatos ou com os acontecimentos locais. A distância condicionava fundamentalmente o conhecimento dos fatos (ALSINA, 2009, p. 119)

Na abordagem apresentada por Alsina (2009), durante esse momento histórico, o acontecimento era tido pelas classes dominantes, mas também tinha outros condicionantes, como o aspecto temporal e geográfico. O fato longínquo chegava com atraso em relação ao acontecimento que o gerava e na medida em que a distância geográfica dos fatos aumentava, o controle e o domínio de determinada classe sobre eles se tornavam menores.

O autor considera ainda que antes da imprensa de massas, os acontecimentos estavam compelidos pelo poder político que, em alguma medida, tentava controlá-los e exercer uma espécie de censura sobre os fatos seria uma constante. Alsina (2009) defende que

o surgimento da imprensa moderna estabeleceu mais clareza sobre os acontecimentos e sobre a importância da informação.

Quando obteve importância política, a informação passou a ser bem controlada pela cúria e pelo poder civil. Deveríamos lembrar aqui a teoria autoritária da mídia escrita, onde se justifica a censura prévia, pois entende-se que os meios de comunicação devem estar subordinados à autoridade estabelecida, sem publicar qualquer coisa que a pudesse perturbar. Isto é, defende-se um controle total dos meios de comunicação (ALSINA, 2009, p. 120)

No entanto, o próprio Alsina (2009) considera que o controle não deve ser entendido somente como uma censura de determinados acontecimentos, mas também como um mecanismo importante para a criação de fato convenientes – na visão do pesquisador, a construção do acontecimento não é estratégia exclusiva de domínio da mídia atual. Com isso, nota-se que a contradição entre as possibilidades tecnológicas, os fins institucionais e os usos sociais formam uma característica já notada nos princípios da imprensa.

Para ilustrar o controle do acontecimento, Alsina (2009) relembra as características políticas da *Gazette de France* e enumera quatro aspectos. Primeiro o autor salienta que eram ocultadas quase todas as informações sobre acontecimentos no país; depois argumenta que eram transmitidas as razões de Estado em tudo o que tem a ver com política internacional; além disso existiam critérios históricos para a valorização de determinados fatos e por último o jornal mitificava tudo que conferiria “imagem do poder”.

Alsina (2009, p. 120) finaliza as considerações sobre a compreensão de acontecimento antes da imprensa de massa lembrando que os jornais do século XVIII e XIX utilizavam uma espécie de definição do acontecimento do dia. Os periódicos consideravam que se um fato não recebesse o registro dos meios de comunicação, tal fato não teria acontecido socialmente e que quando os jornais não tivessem um acontecimento minimamente interessante para ser ressaltado, o próprio jornal deveria “ser o acontecimento” diante do público.

Ao iniciar a discussão sobre a compreensão do acontecimento na imprensa de massa, Alsina (2009) lembra que a imprensa se tornou a principal fonte de transmissão de fatos aos cidadãos e também passou a ter papel mais ativo – a partir desse momento, a imprensa não só transmitiria os acontecimentos, mas iria também descobri-los e comentá-los diante de um público cada vez mais letrado e de uma sociedade com outras perspectivas.

A discussão de Alsina (2009) leva o debate sobre o acontecimento ao patamar da atuação dos meios de comunicação – além de substrato para esses veículos, o conceito

também passaria a ser influenciado pela atuação deles, seja pelo tratamento ou pela “descoberta” de alguns acontecimentos diante do público. Nesse sentido, Cristina Ponte (2005) considera que o acontecimento sempre se dá em um contexto específico e a maioria deles se insere em contextos problemáticos, auxiliando na procura de uma resposta – o acontecimento representaria o início de uma série de contestações.

Para a autora, os meios de comunicação seriam não só um espaço de visibilidade e reconhecimento dos acontecimentos, mas também um local de questionamento na procura de respostas às questões apresentadas pelo acontecimento em questão. Ponte (2005) recorre aos estudos de Michael Schudson (2000) sobre objetividade e Jenny Kitzinger (2004) sobre o *framing* com grupos focais para lembrar que:

Encorajar analogias com acontecimentos anteriores, etiquetar acontecimentos pelo foco da atenção em certos aspectos, especializar a história, são estratégias de marcação de sentido que esta investigadora [Jenny Kitzinger] veio a encontrar como apropriadas com grande intensidade pelas pessoas que ouviu.

Ao discutir a evolução do acontecimento, Alsina recorre novamente a Tudesq (1973) (*Apud* Alsina, 2009) para lembrar que há uma evolução paralela entre a noção de acontecimento e as mudanças na experiência da própria sociedade. O pesquisador sustenta que diante da democratização da sociedade existe uma espécie de politização do acontecimento, representando um momento importante para o que o autor considera como imprensa partidária.

Para Rodrigo Alsina, (2009, p. 124), características ligadas ao desenvolvimento social e científico foram fundamentais para a evolução do que se entendia como acontecimento:

Com a chegada do urbanismo e da mecanização, o acontecimento se abre a novos fatos, por exemplo, os avanços técnicos e científicos. No entanto, um elemento importante nas sociedades capitalistas da época é que a noção de acontecimento é antropocêntrica. O ser humano é o centro do acontecimento mas não só o personagem mais importante, como anteriormente, mas a pessoa anônima cujas circunstâncias possam ser utilizadas pela imprensa para construir o acontecimento (p. 124)

A discussão de Alsina (2009) é calcada na produção e concepção do acontecimento na produção midiática e ao recuperar características desse processo em outros momentos históricos da imprensa, o autor traz um panorama sobre as mudanças sociais e culturais que transformaram a própria noção e concepção de acontecimento. O problema da transcendência social é recuperado por Alsina (2009) diante de uma nova abordagem.

Anteriormente, os acontecimentos sociais eram objetos de atenção dos meios de comunicação quando os veículos identificavam no personagem daquele fato determinada importância social. No entanto, Alsina (2009) salienta que durante a época da grande imprensa de massa, o processo também poderia ser invertido e visto de outra forma: o acontecimento poderia formar personagens de destaque.

Na visão de Alsina (2009, p. 124), a transcendência social deixava de ser requisito prévio do acontecimento e, em determinados casos, a imprensa também se tornaria uma geradora de transcendência social, ilustrando o que o autor nomeia como a “conhecida função de outorga de status”. O pesquisador defende que a importância central do personagem para a identificação do acontecimento havia sido deixada parcialmente de lado.

Ao discutir a mudança sobre a noção de acontecimento e a redefinição do conceito, Alsina (2009) lembra que a imprensa sensacionalista é vista como marco essencial nesse processo. O autor recorre ao debate proposto por Michael Schudson (1978) e Guillermo Sunkel (1985) para discutir como a noção de “jornalismo sensacionalista” e “jornalismo de referência” tratavam o acontecimento a partir de abordagens diferentes.

Schudson (1978, p. 88) usa como referência dois jornais norte-americanos para delimitar a redefinição do acontecimento e o paradigma dessa mudança. A partir dessa abordagem, o autor diferencia os dois tipos de jornalismo: o de entretenimento seria apresentado pelo *Sun* ou pelo *New York World* e o jornalismo de informação seria visto nas páginas do *New York Times*.

Ao avançar no debate, Alsina (2009) recorre a Sunkel (1985) para sustentar que esses dois tipos de jornalismo observam o acontecimento de maneiras distintas e, por vezes, conflitantes. A primeira das abordagens é representada pela “imprensa dos fatos” que é originada pela imprensa popular e estaria relacionada com as narrativas tradicionais da imprensa simbólico-dramática. A outra matriz é a da imprensa racional-iluminista que estaria concentrada na razão e que corresponderia às informações políticas e econômicas dos jornais mais estilistas (*apud* Alsina, 2009, p. 125)

A divisão proposta por Alsina (2009) tem como terceiro eixo a noção atual de acontecimento diante dos veículos de comunicação de massa. Na visão do autor, a sociedade da mídia poderia ser definida como um grupo social que faz acontecer. O pesquisador defende que houve uma multiplicação dos acontecimentos, tanto na quantidade como no tipo – a identificação desses fatos teria sido alterada, assim como a própria ocorrência deles no cotidiano.

Tudesq (1973 *apud* Alsina, 2009, p. 127) aponta três aspectos que influenciam e coordenam a multiplicação dos acontecimentos. O primeiro desses quesitos diz respeito a aceleração do processo do acontecimento transformado em informação – se anteriormente a distância e demora entre um fato causador e o acontecimento era um quesito a ser levado em conta, agora o inverso também é verdadeiro. O segundo aspecto é que a rapidez da informação também tem um lastro temporal e o acontecimento pode se referir a qualquer parte do mundo e o último quesito apontado pelo autor é a diversificação dos tipos de acontecimento.

A diversidade dos acontecimentos é questionada e relativizada pelo próprio Alsina (2009). Segundo o autor mesmo que haja uma ampliação no significado desses acontecimentos cotidianos, o conceito ainda se aproxima do tipo ideal – o acontecimento segue pertencendo a uma categoria histórica bem fundada e é definido pela importância da mensagem que traz.

Com as diferenciações feitas sobre as mudanças no entendimento do acontecimento durante as diferentes fases da imprensa, Rodrigo Alsina (2009) passa a debater as diferenças de tipificações específicas do conceito. Auclair (1970, *apud* Alsina, 2009) apresenta duas distinções sobre os acontecimentos: a primeira dá conta dos fatos que dizem respeito a *res pública* e que pressupõe mudanças no corpo social e a segunda comporta os acontecimentos que integram a esfera pessoal.

Alsina (2009, p. 125) lembra que em qualquer acontecimento, no sentido moderno da palavra, o imaginário das massas pretende incorporar alguma coisa dos fatos, “seu drama, sua magia, seu mistério, sua raridade, sua poesia, sua tragicomédia, seu poder de compensação e de identificação, o sentimento de fatalidade que possui, seu luxo e sua gratuidade”. Por tanto, na visão do pesquisador, produz-se um deslocamento do conteúdo narrativo para as suas virtualidades imaginárias.

Uma abordagem parecida também é apresentada por Santos (2005) que, ao recorrer mais uma vez à Louis Quéré, lembra que o acontecimento é um fenômeno da ordem hermenêutica, da ordem do sentido. Isso significaria dizer que tal conceito só pode ser compreendido no âmbito da vida de seres para os quais há algo como sentido.

Santos (2005) volta a utilizar os estudos de Luhmann para ponderar que a lógica do acontecimento tem a ver com os sistemas que operam e produzem sentido. Tais sistemas são, para Luhmann, as consciências ou sistemas psíquicos e os sistemas sociais. Santos (2005) lembra ainda que além de terem sentido, os acontecimentos são muitas vezes significantes socialmente.

O autor defende ainda que se é verdade que o acontecimento é da ordem hermenêutica, o contrário também é verdadeiro: sentidos e significações são da ordem do acontecimento. Santos (2005) lembra que para compreender como um conjunto de acontecimentos formam um sistema, Luhmann defende um sistema já existente: a ideia de que a consciência concebida como fluxo temporal de atos intencionais, produtores de sentido, ou seja, como uma série de microacontecimentos semânticos que se geram uns aos outros (*apud* SANTOS, 2005, p. 80)

O sistema apresentado por Luhmann teria aspectos e características bem definidas (*Apud* Santos, 2005, p. 80). Nesse sentido, os acontecimentos teriam, necessariamente, curta duração já que o acontecimento é primordialmente temporal e por isso precisaria ser rápido e desaparecer para o surgimento de outro. Já o segundo aspecto é que o acontecimento deveria ter como característica principal a diferenciação diante de outros fatos.

Santos (2005, p. 80) sustenta que para ser, o acontecimento deixa de ser; para se constituir como uma multiplicidade temporal, o acontecimento tem de deixar traços, tem de ecoar, repercutir-se no futuro, ou seja, tem de ser “retido” nos momentos seguintes (fenômeno da retenção descrito por Husserl) e, caso seja um acontecimento de certa importância, ficar registrado na memória futura.

1.3 O acontecimento jornalístico: definições, limites e abordagens

A definição de um fato que tem condições de ser transformado em acontecimento jornalístico é acompanhada de uma série de características. Esses aspectos elementares vão desde propriedades intrínsecas aos próprios acontecimentos à definições que cercam o entendimento sobre aquele determinado fato e que estão ligadas a abordagens culturais, por exemplo.

No entanto, o esforço teórico de transformar em conceito o “acontecimento jornalístico” é acompanhado de noções que cercam o funcionamento dos próprios meios de comunicação. Afinal, é através da atuação desses meios que um acontecimento, seja ele qual for, disperso entre os fatos que compõe o cotidiano difuso e corriqueiro, se transforma em um acontecimento noticiável e destacado dos demais.

Miquel Rodrigo Alsina (2009, p. 113) considera a produção noticiosa um “complexo processo que começa com a identificação de um acontecimento”. Mas o autor lembra que é fundamental recordar que esse acontecimento é algo que compõe a construção de uma

realidade social feita, em sua maioria, pela atuação dos mídias diante dos processos culturais vigentes.

Alsina (2009) recorre a Stuart Hall (1981) ao argumentar que não existe leitura da realidade que seja descontextualizada culturalmente – toda percepção está calcada em aspectos culturais vigentes. Tal abordagem é feita através de um sujeito observador que confere sentido ao acontecimento e lhe reconhece diante de uma bagagem cultural estabelecida socialmente.

Ao ilustrar tal ponto de vista, Alsina (2009) cita a passagem de estrelas no século XIII vistas por determinados astrólogos e não por outros, tal observação foi cercada por (pré)conceitos culturais – segundo o autor, naquele momento tal fato era um “acontecimento impossível” para os astrólogos da Europa diante do contexto histórico e cultural e, por isso, não foi visto como um acontecimento pelo grupo. Alsina (2009, p. 115) define o conceito como um:

(...) fenômeno social e como veremos a seguir, está determinado histórica e culturalmente. É claro que, cada sistema cultural, vai concretizar quais são os fenômenos que merecem ser considerados como acontecimentos e quais passam despercebidos.

A partir dessa consideração, o autor elenca três premissas básicas na identificação dos acontecimentos. De acordo com Alsina (2009, p. 114), a primeira premissa prevê que estes são gerados através de fenômenos externos para o sujeito. Na segunda, o autor pondera que mesmo sendo externos aos sujeitos, tais acontecimentos não fazem sentido longe deles, já que são os próprios indivíduos que lhe conferem significação. A terceira premissa do autor lembra que tais “fenômenos externos” ao sujeito são percebidos e se tornam acontecimentos, propriamente ditos, por causa da ação desses indivíduos sobre eles.

A discussão proposta por Alsina (2009) relata de maneira metafórica a produção noticiosa ao elencar três premissas básicas para o acontecimento jornalístico. Para sustentar a aplicação dessas metáforas, Alsina (2009) recorre à Berger e Luckmann (1979) para trazer à tona o debate sobre como a realidade é posta diante dos sujeitos. Alsina (2009) lembra que, segundo Berger e Luckmann (1979), “a realidade estabelece-se a partir da relação que reconhecemos sendo independente da nossa própria volição” (*apud* Alsina, 2009, p. 114) e a certeza de que os fenômenos são reais e de que possuem características específicas.

Ao debater e especificar o caráter externo dos acontecimentos jornalísticos, Alsina (2009, p.114) utiliza o conceito de facticidade de Berger (1981). Para o autor, lembrar que determinados fatos se apresentam ao indivíduo como realidades factíveis externamente e que

são independentes “da sua própria atividade de objetivação do indivíduo” são aspectos que auxiliam na identificação e qualificação dos acontecimentos.

Rodrigues (1993, p. 27) também analisa as características do acontecimento jornalístico e lembra que esse tipo de fato “irrompe sem nexos aparentes, nem causas conhecidas, e é por isso notável e digno de ser registrado na memória”. No entanto, o autor argumenta que os próprios fatos que são considerados acontecimentos jornalísticos contêm registros de noticiabilidade¹⁷, aspectos fundamentais na escolha desses acontecimentos e que também ilustra, certo aspecto de rompimento com o cotidiano. Rodrigues (1993, p. 127) considera que “o registro do excesso é de todo o mais corrente visto ser a irrupção por excelência do funcionamento do anormal dos corpos, tanto dos corpos individuais como dos corpos coletivos e institucionais”.

Ao citar o funcionamento anormal de corpos, sejam eles individuais ou institucionais, Rodrigues (1993) se refere à função dos indivíduos e instituições, respectivamente. O exemplo apresentado pelo estudioso é o de uma aldeia massacrada por uma tropa regular do Exército. Na visão do autor este é um acontecimento de notável proporção de uma excessiva forma como o corpo militar desempenhou uma das funções normativas que é fazer guerra.

Rodrigues (1993, p. 27) conceitua:

O acontecimento jornalístico é, por conseguinte, um acontecimento de natureza especial, distinguindo-se do número indeterminado dos acontecimentos possíveis em função de uma classificação ou de uma ordem ditada pela lei das probabilidades, sendo inversamente proporcional à probabilidade de ocorrência. Neste sentido, faz parte de um conjunto relativamente restrito que pertence a um universo muito vasto.

Ao relatar certa natureza especial no acontecimento jornalístico, Rodrigues (1993, p. 28) salienta que a inversão também é outro registro de noticiabilidade para este conceito. Na visão do autor, a teoria jornalística que considera o fato de um homem morder um cão como notícia inscreve-se nesse registro, no que Rodrigues (1993) chama de acontecimento *boomerang*.

O caráter imprevisível dos acontecimentos é ressaltado por Rodrigues (1993, p. 30) quando o estudioso lembra que pertencia à antiguidade o campo da adivinhação e da premonição do que viria acontecer no cotidiano das pessoas. O autor recorre ao que chama de consequência da previsibilidade moderna para argumentar que o discurso e os acontecimentos jornalísticos fazem parte do processo de enquadramento e regulação dos acontecimentos

¹⁷ Rodrigues defende que registros de noticiabilidade são aspectos dos acontecimentos que impulsionariam tais fatos a serem valorizados enquanto notícias.

previsíveis. Na visão de Rodrigues (1993), o Jornalismo é parte fundamental na fixação do caráter de veracidade sobre determinado acontecimento.

Ao observar o conceito de acontecimento a partir de noção de ocasião e discuti-lo, tendo como base as transmissões de radiofusão, Elihu Katz (1993) lembra que as transmissões de televisão fornecessem sem interrupções um retrato do mundo enquadrado cultural e socialmente. A partir dessas considerações, Katz (1993, p. 52) argumenta que existem algumas características definidoras que estão associadas aos acontecimentos. A primeira delas, na visão do autor, é que tais fatos devam ser transmitidos ao vivo e a segunda é que normalmente tais acontecimentos são criados pelos mídias, os chamados pseudo acontecimentos¹⁸.

Como observa a definição de acontecimento diante das coberturas de radiofusão, Katz (1993, p. 53) afirma que o aspecto dramático é primordial na definição de tais acontecimentos. “O elemento do grande drama ou ritual é essencial: o processo tem de estar carregado de emoções ou símbolos e o resultado repleto de consequências”, pondera o pesquisador.

As observações feitas por Alsina (2009), Rodrigues (1993) e Katz (1993) são conflitantes em alguns aspectos, mas também podem ser encaradas como complementares quando vistas de outro modo. “É claro que cada sistema cultural vai concretizar quais são os fenômenos que merecem ser considerados como acontecimentos e quais passam despercebidos”, lembra Alsina (2009, p. 115).

Já na visão de Rodrigues (1993, p. 29), o acontecimento pertence, majoritariamente, ao mundo do acidente:

O discurso do acontecimento é uma anti-história, o relato das marcas de dissolução da identidade das coisas, dos corpos, do devir. Pertence, por conseguinte, ao mundo do acidente que deixa vestígios e altera a substância do mundo das coisas, das pessoas e das instituições. O nascimento e a morte são por isso os acidentes-limite em relação aos quais todas as outras ocorrências se posicionam e se referem. Para o nascimento e a morte não há explicação plausível porque não há sentido racional que os compreenda numa lógica causal, num antes e num depois.

Se Alsina (2009) e Rodrigues (1993) chamam a atenção para o aspecto da formação cultural do acontecimento e da accidentalidade eminente de tal fato, respectivamente, Katz (1993) elenca suas condições para a criação de um evento midiático. O autor leva em conta a transmissão ao vivo do fato, a condição de pré-planejamento, o enquadramento no tempo e no

¹⁸ Sobre pseudo acontecimentos ver: Molotch, Harvey, and Marilyn Lester. As notícias como procedimento intencional: acerca do uso estratégico de acontecimentos de rotina, acidentes e escândalos." Jornalismo: questões, teorias e “estórias”. Lisboa: Vega (1993), p. 34-51.

espaço feito pelos meios de comunicação, o destaque de um grupo ou uma personalidade heroica, um grande significado dramático ou ritual e por fim a força social que torna o ato de acompanhar tal acontecimento obrigatório socialmente.

Nas noções apresentadas pelos três autores, existem diferentes ponderações sobre pontos de vista também alternativos quando da observação do acontecimento. Alsina (2009) inicia a discussão a partir de noções e apreensões culturais, enquanto Rodrigues (1993) discute o conceito na busca de aspectos que reforcem o que faz um fato irromper a plenitude dos acontecimentos cotidianos e Katz (1993) projeta a discussão na participação dos mídias na configuração de um acontecimento midiático.

1.4 A morte enquanto acontecimento jornalístico

O óbito violento compõe cotidianamente o noticiário proposto pelos veículos de comunicação. Seja uma morte acidental, trágica, violenta ou natural, seja a vítima anônima ou uma pessoa notória, a morte é apresentada como acontecimento valioso para cobertura jornalística e normalmente recebe atenção por parte da imprensa. Esse tipo de acontecimento ocupa diferentes lugares¹⁹, composições e cenários nas páginas dos jornais, nas imagens dos telejornais e nas transmissões radiofônicas.

As diferenças no tratamento dedicado a cada uma dessas mortes dizem respeito a uma série de quesitos, entre eles a política editorial dos meios de comunicação, valores-notícia, critérios de noticiabilidade²⁰ e também aspectos ligados diretamente à percepção do acontecimento morte em questão. No entanto, é notável que a morte em si interessa aos jornais como acontecimento potencialmente capaz de se tornar notícia diariamente – situação que o caso do “Bruxo do Guaragi”²¹ ilustra exemplarmente.

Elton Antunes (2012) apresenta uma reflexão sobre “ausências” do jornalismo em notícias sobre mortes. Antunes (2012) defende que determinadas coberturas, por meio do que conceitua como “narrativas verbais e imagéticas”, sugerem ou acentuam uma natureza

¹⁹ As mortes contempladas no obituário, espaço específico para esse tipo de relato, não fazem parte do objeto desse estudo. Esse tipo de acontecimento também ganha espaço em outros locais, como as Editorias de Política, Cotidiano e Esporte, por exemplo, mas em cada um desses locais, o acontecimento respeitará aspectos e condicionantes diferentes.

²⁰ Tratamos os conceitos de valor-notícia e critério de noticiabilidade como diferentes. A partir da visão de autores como Gislene Silva (2005) e Marcos Paulo da Silva (2013) entendemos que os valores-notícia são aspectos ligados diretamente à natureza dos acontecimentos e podem ser divididos, de acordo com Mauro Wolf, em substantivos e contextuais. Já os critérios de noticiabilidade são aspectos que regem a produção noticiosa e vão desde a linha editorial do veículo até aspectos comerciais da empresa em questão.

²¹ O caso do Bruxo do Guaragi é um dos analisados no trabalho. A situação envolve a morte em série de cinco pessoas no Distrito do Guaragi, área rural do município de Ponta Grossa – Paraná.

dramática das ocorrências – o autor entende que as notícias sobre morte tem os aspectos pitorescos destacados em detrimento de explicações mais contextuais, por exemplo.

Na visão de Antunes (2012, p. 41), acentuar a característica dramática desse tipo de acontecimento seria uma maneira de acentuar a visibilidade dessas “mortes comuns” de todo dia e fazê-las adquirirem uma feição de mortes “extraordinárias” – outros autores (VAZ, 2012; TAVARES, 2012) também salientam tal caráter “extra-ordinário” nas mortes que aparecem cotidianamente nas páginas dos jornais.

Ao apresentar uma divisão inicial sobre “mortes comuns” e “mortes extraordinárias”, Antunes (2012, p. 49) lembra que pela condição imediata de impor descontinuidade a dada ordem social, “por sua dimensão claramente disruptiva, a morte reveste-se de aspectos que atenderão a um grande número de critérios de noticiabilidade” nos mais variados contextos e situações.

A dimensão dualista da morte (comuns e extraordinárias) também é admitida por Frederico de Mello Brandão Tavares (2012). O autor vê no acontecimento morte uma espécie de fato fundamental para os mídias, mas que carrega consigo uma carga de explicações que, por vezes, extrapola o dualismo entre o rotineiro e o inusitado.

Seguindo o raciocínio de Tavares (2012), as notícias sobre morte pendem a um debate que destaca os acontecimentos como “comuns”, sejam eles mortes naturais ou não, e os acontecimentos “inusitados” que também podem ter como causa uma ação violenta ou não. Com essas abordagens, o acontecimento morte ficaria muitas vezes impedido de extrapolar esse dualismo quando retratado nas páginas dos jornais, contradizendo a complexidade do conceito de morte e a representatividade desse tipo de fato para várias esferas da vida pública.

Tavares (2012, p. 71) recorre aos estudos do sociólogo francês Michel Maffessoli para lembrar que historicamente a morte tem sido elaborada como um evento de dimensões destacadas e que “é parte fundante do destino que é a vida ordinária” e cujo o significado incide sobre o que o autor denomina como “nossa dimensão bioantropológica”.

Na perspectiva de Tavares (2012, p. 71), o conceito de experiência de Walter Benjamin é fundamental para compreender a percepção conceitual sobre a morte. O autor assinala que:

Oscila, na percepção conceitual sobre ela, uma perspectiva que pensa o “ato em si”, como acontecimento que encerra a vida, e outra que amplia para outros processos de interrupção que permeiam o cotidiano. A morte é vista como um referente de faces distintas, cuja totalidade não se resume à experiência que ele provoca, e cuja presença na vida social incorpora certos enquadramentos que vão, por exemplo, de práticas ritualísticas do âmbito da cultura a outros do âmbito midiático, todos eles reveladores de traços da cotidianidade.

Tavares (2012, p. 75) considera ainda que existem indícios de um paradoxo na maneira como a morte é relatada nas práticas jornalísticas – a experiência jornalística coloca os acontecimentos como “excepcionalidades altamente ordinárias”, cujo caráter de ruptura aparece semanticamente expresso, mas está configurado em uma prática narrativa que os “normaliza” – no caso do “Bruxo”, o paradoxo fica ainda mais evidente com as referências que remetem a determinada realidade fora do campo do “normal” ou do socialmente aceito.

Ainda segundo o autor, “a morte que nos “assusta” e que merece ser relatada diariamente” possui, como acontecimento, um caráter de surpresa. A presença rotineira desse tipo de notícia, entretanto, quando captada pela imprensa, dá à dimensão de sua vivência um outro caráter e uma outra natureza. “A morte cotidiana que abunda as páginas do jornal é, ela mesma, uma morte comum, que assim se torna, pela maneira como o jornal a faz, repetidamente, ordinária” (TAVARES, 2012 p. 75).

A análise de Paulo Bernardo Vaz (2012) sobre as discussões a respeito do acontecimento morte segue a abordagem psicológica. O autor recorre aos escritos do médico e psicanalista Sigmund Freud para lembrar a relação que temos com o acontecimento morte. Segundo Vaz (2012, p. 21), durante a primeira Guerra Mundial, Freud escreveu: “Se quer suportar a vida, prepara-te para a morte”. O autor lembra que a frase foi redigida em Viena enquanto o conflito bélico registrava inúmeras chacinas²² na Europa.

Vaz (2012, p. 21) assinala que atualmente nosso “estágio civilizatório” é outro, mas seguimos acompanhando pelo noticiário embates urbanos que geram inúmeras mortes – na visão do autor, conflitos bélicos como a Primeira Grande Guerra são acontecimentos distantes do nosso viver diário, mas mortes em locais periféricos das grandes cidades, por exemplo, compõe o que podemos chamar de “fatos ordinários”. “Vemos que intensos conflitos não mais ocorrem com baionetas em campos de batalha, mas em espaços urbanos, transpostos em palavras e imagens”. Na perspectiva do autor:

Os acontecimentos mais parecem com funerais, dada sua dinâmica, cujo movimento é flagrado em imagens registradas e publicadas juntos a textos, de forma a constituir narrativas que tanto podem ser comparadas ao cortejo fúnebre quanto ao velório (VAZ, 2012, p. 24).

Silva e Vogel (2012) compreendem o conceito do acontecimento morte como um fato que permeia várias esferas da vida cotidiana e que por isso é utilizado pelos veículos de

²² Algumas das milhares mortes registradas durante a Primeira Grande Guerra (1914-1918) são consideradas frutos de chacinas e até mesmo genocídios. Edwin Bliss, autor do livro *Turkey and the Armenian Atrocities* (A Turquia e as Atrocidades Armênicas, inédito no Brasil) contabiliza cerca de 1,5 milhão de pessoas no chamado “Holocausto Armênio”.

comunicação na construção de imagens e de experiências corriqueiras, mas não menos traumáticas – de acordo com essa visão, a concepção de morte faria parte do nosso cotidiano e por isso é tão recorrentemente acionada pelas coberturas midiáticas.

A partir do conceito de experiência de Walter Benjamin (1992), Silva e Vogel (2012) discutem as posições que o acontecimento morte, enquanto notícia, pode reivindicar na distribuição dos lugares que as imagens de morte assumem na imaginação pública e também sobre o “papel do jornalismo” e dos seus procedimentos no controle ou no exercício político da vida.

Durante os meses de janeiro, fevereiro e março de 2012, as autoras registraram todas as informações sobre morte publicadas na primeira página da *Folha de S. Paulo*. A partir da análise desse recorte temporal, Silva e Vogel (2012, p. 173-174) consideram que o acontecimento da “morte violenta se mostra, de todo modo, como uma notícia forte; presente praticamente todos os dias na capa do jornal”.

Na visão das autoras, os acontecimentos de morte, mesmo diante de uma variedade indiscutível de outros acontecimentos, não escapam, quando noticiados, do apelo da emoção diante do enigma do morrer ou diante do esforço em compreender a morte, seja ao negar ou ao aceitar o acontecido. Silva e Vogel (2012, p. 182) ponderam que esse exercício de compreensão e enfrentamento só pode acontecer a partir “da experiência do outro”.

Também analisando a experiência que temos da morte do outro a partir do que os mídias nos oferecem, Madalena Oliveira (2005) lembra que a morte, enquanto notícia, é “velha conhecida do jornalismo” e afirma que os novos meios de comunicação, especialmente a internet, mudaram a relação que mantemos com esse conceito. A autora pondera:

Sofrimento derradeiro, a morte é, nos media, uma experiência velha. O caráter de noticiabilidade do fim da vida acompanhou toda a história do jornalismo, sendo critério de tratamento informativo de acidentes, catástrofes e crimes. No entanto, a experiência que hoje se tem da morte é radicalmente diferente da que se tinha quando a informação era veiculada sobretudo por escrito, em jeito puramente factual e com distanciamento efetivo do momento dos acontecimentos.

Silva e Vogel (2012) tentam elucidar como a ideia de experiência da morte a partir do outro é concebida pela cobertura noticiosa:

A morte, só podemos acessá-la, experimentá-la pelo outro. Ora, o jornalismo se constitui basicamente no e pelo relato da experiência do outro, e o faz organizando, montando conjunto de imagens. No caso específico da morte, o que se faz notório nessa operação de montagem é quais mortes ganham estatuto (logo, uma dimensão) de visibilidade e compartilhamento e quais ingredientes de carga afetiva mobilizaram profissionais e consumidores da notícia (SILVA e VOYGEL p. 182).

O entendimento da morte como uma experiência a partir do outro também é uma das abordagens propostas por Antunes (2012). O autor lembra que tal acontecimento deve ser observado a partir de um paradoxo notável: quanto mais nos aproximamos da morte, mais queremos nos afastar dela. Antunes (2012, p. 21-22) considera que o homem moderno, identificado na figura dos leitores de jornais e consumidores dos meios de comunicação, toma conhecimento de lições que talvez não o preparem para a morte, mas o colocam em contato constante e íntimo com ela – uma espécie de contato prévio.

Vaz (2012) recorre à Edgar Morin (1988) para debater o caráter paradoxal do acontecimento morte:

A mesma consciência nega e reconhece a morte: nega-a como aniquilamento, reconhece-a como acontecimento. É certo que parece germinar já uma contradição no interior destes dados primeiros da consciência. Mas esta contradição não nos teria por agora detido se, entre a descoberta da morte e a crença da imortalidade, no seio dessa indivisão de origem não houvesse, não menos originariamente, uma zona de mal-estar e de horror (MORIN, 1988, p. 26, *apud* VAZ p. 22)

Ao discutir sobre esse paradoxo em que a morte está envolta, Tavares (2012) lembra que do ponto de vista do sujeito, tal fato “acontece a alguém, perturbando nosso quadro de vida” e colocando em cena, a partir das reações provocadas dentro e segundo determinado contexto sociocultural em que está inserida aquela morte, a existência de uma determinada unidade de consciência que nós, enquanto membros de uma sociedade, temos sobre o viver e o morrer.

Tavares (2012, p. 72) traz ao debate os estudos de John Dewey (2010) para argumentar que a morte exposta pelos jornais resgata outros aspectos da vida cotidiana e fundamentais ao nosso viver e (...):

Mais do que isso, ela [a morte] coloca em cena, a própria vida cotidiana, dando a ver significados que damos ou devemos dar ao nosso dia a dia, criando juízos de valor sobre o trivial e suas dimensões aparentemente banais, lembrando-nos, também, que a vida não é uma marcha ou um fluxo uniforme e ininterrupto. É feita de histórias, cada qual com seu enredo, seu início e movimento para seu fim, cada qual com seu movimento rítmico particular, cada qual com sua qualidade não repetida, que a perpassa por inteiro

Ainda sobre os significados provocados pelo acontecimento morte nas páginas dos jornais, Vaz (2012) enumera reflexões nessa costumeira aparição. Entre as ponderações diante do “enigma” do acontecimento morte está o questionamento de qual seria a “preparação” para a morte que as notícias deveriam oferecer para que o homem moderno “suporte a vida”. De acordo com Vaz (2012, p. 21-22):

O homem moderno, que identificamos nos leitores de jornais, e receptores de todas as mídias contemporâneas, dá-se conta das lições que talvez não propriamente o preparem para a morte, mas ao colocá-lo em íntimo e constante contato com ela, parece da morte mesmo afastá-lo.

A incidência corriqueira do acontecimento morte nas páginas dos jornais leva Vaz (2012, p. 23) a questionar se esse tipo específico de fato seria algo “contínuo” na cobertura midiática. O autor lembra que a mídia parece falar incessantemente da morte como se mantivesse “diuturnamente acesa uma lâmpada votiva do “lembrar para morrer” (*mememto mori*²³)” no que Vaz categoriza como o “altar de cada leitor bem vivente”.

Vaz (2012) volta a citar Edgar Morin (1988) para esmiuçar o significado do conceito morte nas coberturas midiáticas:

A morte é, portanto, à primeira vista, uma espécie de vida, que prolonga, de uma forma ou de outra, a vida individual. De acordo com essa perspectiva, é não uma “ideia”, mas sim uma “imagem”, como diria Bachelard, uma metáfora da vida, um mito, se quisermos. Efetivamente, a morte, nos vocabulários mais arcaicos, não existe mais como conceito: fala-se dela como de um sono, de uma viagem, de um nascimento, de uma doença, de um acidente, de um maléfico, de uma entrada para a morada dos antepassados e, o mais das vezes, de tudo isso ao mesmo tempo (MORIN, 1988, p. 25 apud VAZ, 2012, p. 23)

Morin (1988) (*apud* Vaz, 2012) aplica ao conceito de morte uma perspectiva de um acontecimento que prolonga a vida em uma espécie de metáfora, mas resguarda o caráter de “enigma” presente nesse tipo de fato e que é mantido, em alguma medida, pela cobertura publicada nas páginas dos jornais. Tavares (2012) lembra que mesmo que os jornais tentem oferecer uma explicação sobre a morte de determinadas vítimas, na maioria das vezes esse acontecimento é explicado de maneira quase “processual”.

Tavares (2012) salienta que são nos aspectos frívolos e anódicos (sem sentidos) da vida social, no “nada de novo do cotidiano”, que se encontra uma confiança de que a realidade é o que ela aparenta ser (Pais, 2003, p. 29. *apud* Tavares, 2012). Por outro lado, a vida ordinária está localizada na encruzilhada entre a rotina e a ruptura, nos quais se revela a construção social através das rotas do cotidiano colocando em relevo as próprias dimensões e ambiguidades. O autor considera que é nesse espaço que o jornalismo faz uso do acontecimento morte:

É neste lugar que se situam o jornalismo (tal como sujeito) e suas práticas, apreendendo conscientemente as coisas que acontecem no mundo e dando a elas, de maneira oscilatória, um caráter extraordinário (envolto por lógicas de noticiabilidade) e ao mesmo tempo um caráter incipiente – para usar os termos de Dewey – pouco refletindo, inserindo-as em rotinas que “trivializam” os

²³ Expressão latina que significa “Lembre-se de que você é mortal”.

acontecimentos. Assim sendo, “a experiência jornalística” dos e sobre os acontecimentos coloca-os, de maneira paradoxal, como excepcionalidades altamente ordinárias²⁴, cujo caráter de ruptura aparece semanticamente expresso, mas encontra-se configurado pela prática narrativa que o “normatiza”. E a morte tal como observamos no corpus em que se baseia essa reflexão, é exemplar para pensarmos esse processo (p. 75)

A ponderação de Tavares (2012) leva ao entendimento de que é na experiência cotidiana que a prática jornalística busca referenciais para dar sentido e posicionar o acontecimento morte diante de outros acontecimentos. O autor lembra que na lógica de produção jornalística há um pressuposto de que a notoriedade dos acontecimentos encontra-se na base da produção noticiosa (SOUSA, 2002).

Por isso, Tavares (2012, p. 76) defende que “cabe falar, nesse viés, sobre aquilo, do cotidiano, que possuiria uma qualidade ímpar e mereceria destaque na disputa com as ocorrências diversas do fluxo diário dos acontecimentos”. Ainda de acordo com o autor, as notícias, diante do grande fluxo de fatos diários, expressariam a existência de uma hermenêutica jornalística a partir do acontecimento sob dois aspectos. O primeiro deles seria a necessidade do jornalismo falar sobre o que acontece no mundo e tirar dele substratos que reafirmem sua autoridade para narrar as coisas que de fato acontecem. Já o segundo consiste na tensão que os acontecimentos provocam às práticas baseadas em um certo regime de atualidade.

Tavares (2012, p. 76) volta a ressaltar que quando o foco do acontecimento noticiado pela mídia está no morrer, “visto como uma ocorrência da qual os jornais não escapam”, a hermenêutica jornalística está presente para reforçar que a morte acontece todos os dias, que ela faz parte dos acontecimentos cotidianos, que sua manifestação é variável e por vezes chocante, ao mesmo tempo em que é comum e passível de ser enquadrada em uma grade²⁵ em que se baseia a leitura jornalística do mundo.

Ao analisar a produção de jornais impressos com sede em Belo Horizonte – Minas Gerais, Tavares (2012) argumenta que os jornais diários, especificamente, tem um caráter paroxístico que oferece a opção de pensar a morte dentro do ritual jornalístico e também questionar esse ritual em si mesmo:

Há, de um lado, a morte como aquilo que foge à naturalidade do mundo, que oscila entre o previsível e o imprevisível, adjetivada, em primeira ordem, por aquilo que ela retira do comum, provocando, fora das páginas impressas e também por elas,

²⁴ Ao falar de “excepcionalidades altamente ordinárias”, Tavares recorre a Pierre Bourdieu e ao conceito utilizado pelo autor francês de “extraordinário ordinário” ao debater o jornalismo televisivo.

²⁵ Entendemos que essa “grade” que o autor se refere é uma maneira de falar dos critérios de noticiabilidade e valores-notícia, conceitos que serão apreciados nas discussões apresentadas nos capítulos posteriores.

uma experiência que mobiliza a percepção e que alimenta nosso olhar sobre o chocante e o trágico do mundo (TAVARES, 2012, p. 76).

Porém, ainda segundo a visão de Tavares (2012), a morte em um momento posterior do primeiro, aparece não como nova, mas como “de novo” – como se um mesmo acontecimento figurasse nos jornais, dia após dia. Ainda na visão do autor, uma espécie de morte ocasionada por um crime, por um acidente ou por uma longa vida, soma-se a vários outros tipos de morte, “idênticas”, que todos os dias “vem e vão” como acontecimentos jornalísticos e são ritualizadas.

Levando em conta essas duas perspectivas, Tavares explica que o exercício de observação sistemática dos jornais é baseado em duas perguntas: “Quais as mortes que habitam os jornais?” e “como elas (re)aparecem?”. A partir das respostas para os questionamentos, o autor oferece uma discussão sobre a natureza dupla de um acontecimento – jornalístico – cotidiano e ambíguo.

Antunes (2012) também acompanha a cobertura dedicada ao acontecimento morte em jornais impressos de Minas Gerais, além sites e telejornais do Estado e em três jornais nacionais e um telejornal de abrangência nacional. A partir da observação, o autor aponta alguns aspectos que podem ser notados nas narrativas propostas sobre o acontecimento morte.

O autor considera que a cobertura sobre esse tipo de fato por ser voltada para o evento da morte de alguém, pode também “promover atributos ao morto”, apontar ações memorialísticas, inquirir desdobramentos causados pela morte ou mesmo destacar as celebrações como no caso dos aniversários do morto “por ocasião do pensamento de alguém” (DUNCAM, 2012 *apud* ANTUNES, 2012, p. 50).

As situações distintas que cercam o acontecimento morte privilegiam não apenas o morrer (caráter de notoriedade desse acontecimento cotidiano), como também certos elementos cujo o enredo por eles formado explica a maneira de morrer. Portanto, não apenas a morte em si, como um acontecimento que permite colocar e caracterizar aspectos sobre o fato, mas “sua natureza acontecimental e também cotidiana no interior dos jornais”.

Tavares (2012, p. 81-82) ainda recorre ao conceito de notícia de Sodré (1996, p. 133) para lembrar que esse artefato textual gera “um tipo de unidade que, segundo se presume, tranquiliza a consciência do indivíduo inseguro em face da dispersão humana [...], da vicissitude dos acontecimentos, [...] da incidência trágica do acaso” e completa que:

Sob esse viés, as notícias sobre a morte, como visto no corpus, geram, para este acontecimento, quando jornalístico, uma coerência racional e ordinária. E perceber a recorrência da morte no cotidiano dos jornais, como um acontecimento intrínseco a

eles, nos permite especular sobre como o jornalismo trabalha acerca das ambiguidades e imprecisões da vida cotidiana (TAVARES, 2012, p. 81)

O conceito de notícia de Sodré (1996), exposto por Tavares (2012), ressalta a tranquilidade oferecida à consciência do indivíduo ao ter notícia sobre fatos que se passam no mundo e entender que os acontecimentos estão dentro de um contexto minimamente lógico e datado. No entanto, esse mesmo contexto pode ser compreendido como cotidiano, tedioso e banal, organizado pelas narrativas jornalísticas diariamente.

Tavares (2012) usa as asserções de Maffessoli para afirmar que esse cotidiano é ao mesmo tempo trivial (tedioso) e excitante (intenso). Na visão do autor, o jornalismo, “por meio de seus discursos e reafirmações”, contribui para enquadrar esse “dado finalmente aceito”, mas escolhendo um aspecto desse cotidiano rotineiro optando por deixar escapar um “excedente de vida incompreensível” que permearia qualquer acontecimento.

É nesse sentido que a morte se repete na página dos jornais, realizando um contraditório *dejà vu*: afirma um acontecimento mais pela sua literalidade que pela sua sinestesia, mais pela sua causa e consequência que por sua singularidade; cabendo ao leitor pela sua experiência modificar tal situação. (TAVARES, 2012, p. 81)

Levando em conta que a morte possa se repetir nas páginas dos jornais quase que diariamente, Tavares (2012) salienta que “mesmo dentro de uma mesma grade”, o acontecimento pode ser representado de maneira diferente editorialmente. Mas o autor lembra que esse acontecimento em nenhum momento deixa de ser jornalístico – característica que oferece a opção de pensá-la a partir de uma abordagem ritualística (GOMIS, 1991) e noticiosa (SOUSA, 2005) - “indicando a percepção sobre um enquadramento “generalizante” acerca deste específico acontecimento cotidiano que é o morrer” (TAVARES, 2012, p. 86).

Para sustentar a tese do enquadramento generalizante quando o acontecimento tratado é a morte, Tavares (2012) destaca notícias que envolvem pessoas notórias e mortes (neste caso nem todos os óbitos são violentos). Ao discutir duas notícias que envolvem o acontecimento morte, o autor pondera que a notoriedade existe em vários relatos, mas há diferenças sobre como o aspecto notório é aplicado a cada uma das mortes.

Como exemplo, Tavares (2012) usa as notícias sobre o artista Antonio Tapiès, pintor catalão considerado um dos artistas mais importantes do século XX e falecido em 2012, e também relatos noticiosos sobre Lindemberg Alves Fernandes, envolvido na morte e sequestro da garota Eloá Pimentel registrado em São Paulo. O autor observa que um dos personagens, no caso Lindemberg, possuía até aquele momento o status de desconhecido diante do público e não era uma pessoa pública, ao contrário de Tapiès.

Ao falar do “caráter público” desses acontecimentos e dos indivíduos que muitas vezes personificam determinadas mortes, Tavares (2012) retoma o conceito de tempo público de Molotch e Lester (1993, p.157). A proposta do autor é observar que em uma perspectiva em que a dimensão da vida coletiva é compartilhada por uma experiência temporal, “o jornalismo reconhece e potencialidade histórica” (p. 157) de certos acontecimentos e “dimensiona seus procedimentos de cobertura e análise segundo esta marcação temporal” (p. 157).

Tavares (2012, p. 88) ressalta que a morte de pessoas ilustres integra o reconhecimento público feito pelo jornalismo, ao mesmo tempo em que contribui para a construção da experiência cotidiana. O autor afirma que:

A morte de celebridades é um dos marcos desse reconhecimento jornalístico mas, de alguma forma, é, simultaneamente, expressão de um “tempo público” que podemos afirmar como diluído na experiência cotidiana, que permite e faz com que outras mortes, anônimas e recorrentes, apareçam na cobertura diária, dando sentido a um partilhamento do qual o princípio organizador do jornalismo é articulador. *(Grifo do original)*

Tavares (2012) ainda pondera que a morte tida como “comum”, acaba sendo categorizada como “incomum” pelo que a rede noticiosa valoriza desse acontecimento através de enquadramento editorial. O autor considera ainda que o inverso desse processo também é realizado: a morte incomum é posta pelos mídias como um acontecimento aceitável e que tem como causas e consequências desdobramentos minimamente cabíveis. Tavares (2012, p. 88) pondera que “o jogo entre a recorrência da morte e sua repetição como acontecimento jornalístico um traço importante”.

O conceito de “tempo público” de Molotch e Lester (1993) também oferece a oportunidade de se discutir o acontecimento morte como uma escolha, um recorte, do que será oferecido aos indivíduos pelos mídias. Silva e Vogel (2012, p. 178) lembram que imagens da morte são escolhidas, editadas e recebidas, ao longo de todo o processo noticioso, em suas múltiplas situações. “Cada edição de jornal, cada jornalista e cada leitor carregam em si um arquivo extenso de imagens, que são todas, de algum jeito, parte de uma história”.

Silva e Vogel (2012, p. 178) indicam que há, portanto, questões relacionadas aos repertórios individuais e públicos de imagens e o acionamento desses repertórios é feito a partir do momento que temos contato com o acontecimento morte exposto pelos mídias. “Tratar a notícia de morte como imagem-acontecimento da morte nos remete, assim, ao fato de que aí estão implicados padrões ou acervo de temas, problemas e valores localizados na cultura que são fixados, ordenados e tornados visíveis no ambiente dos mídia”.

As autoras discutem sobre a significação do acontecimento morte nas imagens que temos do mundo, principalmente tendo como base o conceito de experiência. Tavares (2012) apresenta outro enlace para o debate. O autor cita a “ordenação jornalística” como um processo importante ao colocar (ou ausentar) aspectos temporais que cercam o tempo público de determinada morte:

A morte que aparece nos jornais pela violência, pelo tráfico, pelo choque, faz parte de um processo de leitura sobre o mundo cujo anonimato das vítimas ou sua dimensão “comum”, de pessoas ordinárias da vida cotidiana, segundo a ordenação jornalística, não põe em evidência as dimensões temporais que cercam a vítima, mas em geral, apenas o fato da morte em si mesmo. É o oposto da morte que aparece de uma “pessoa pública”, cuja a biografia e suas marcações temporais são trabalhadas e pensadas pelo âmbito da singularidade, ou pela tentativa de alcançá-la, configurando uma notoriedade que ultrapassa o fato em si, vendo este, então, apenas como o detonador de outras questões (TAVARES, 2012, p. 88)

O autor segue argumentando que o acontecimento morte, seja ele referente ao falecimento de uma celebridade ou de uma pessoa comum, é em alguma medida como acontecimento jornalístico “uma só morte, cuja unidade é paradoxal”. Tavares (2012) salienta que mortes ordinárias tornam-se acontecimentos que têm seu escopo um conjunto de outras mortes, aquelas que povoam o cotidiano jornalístico diariamente e que, no seu conjunto, são anônimas, mas compõem um fluxo que a experiência provocada por uma morte marcante faz retomar.

Essa retomada a partir de um acontecimento morte específico coloca em cena elementos do morrer que permeiam os diferentes tipos de morte e também campos problemáticos da sociedade (QUÈRÈ, 2005 *apud* TAVARES, 2012, p. 89) . Campos estes que são acionados pelo jornalismo e que demonstram, ao mesmo tempo, certas lógicas do interior dessa prática. Desse modo, para Tavares (2012), a aparição repetida da morte em certos temas e linguagens, bem como sob o encaixe de certas editorias, reflete uma rede de captura dos acontecimentos (SOUSA, 2005) e revela sua dupla natureza cotidiana, permitindo expor sua ambiguidade – tediosa (previsível), mas intensa (imprevisível) – e também, manifestá-la, desse forma, jornalisticamente.

Diante dessas características, a morte mostra-se historicamente um acontecimento que interessa à cobertura jornalística. No entanto, nem todas as mortes recebem o mesmo tipo de cobertura e ganham o mesmo espaço nas páginas dos jornais ou nas imagens dos telejornais. Isso acontece porque o acontecimento morte, assim como qualquer outro acontecimento que ganha atenção do Jornalismo, é enquadrado e trabalhado por uma série de valores e critérios que regem a produção jornalística e orientam a prática do setor em ordenar o mundo de uma maneira minimamente racional.

2 VALORES-NOTÍCIA E NOTICIABILIDADE NA CONSTRUÇÃO DE UM RETRATO DE MUNDO

Para um determinado fato social²⁶ se tornar notícia, o acontecimento tem que atender uma série de demandas estabelecidas no funcionamento dos meios de comunicação e também no *ethos*²⁷ da profissão de jornalista – tal processo mostra que a própria notícia é um relato altamente selecionado da realidade. Esses requisitos estão intimamente ligados a questões que tem relação com fatores que interferem diretamente no cotidiano dos jornalistas, como a cultura de determinada época e a orientação editorial do veículo.

Jornalistas enxergam o mundo de uma maneira diferente e veem em determinados fatos sociais potenciais notícias, em certas situações enxergam assuntos que podem ser levados ao noticiário (TUCHMAN, 1978). Essa escolha é feita levando em conta aspectos bem fundamentados na profissão e instrumentalizados para organizar um mundo, por vezes, caótico e contraditório.

Tal seleção acontece, em parte, pois os acontecimentos atendem a determinadas demandas ou são considerados importantes diante do que a literatura em Comunicação e Jornalismo nominam como opinião pública (WOLF, 2010; TRAQUINA, 2005; LIPPMANN, 2008). Alguns desses acontecimentos irrompem a mesmice cotidiana (RODRIGUES, 1993) e outros integram o rol de acontecimentos tipicamente atípicos (ZAMIN, 2012).

Essa escolha de transformar determinados acontecimentos em notícias e outros não e o olhar diferenciado da realidade têm relação com uma cultura profissional estabelecida (GALTUNG e RUGE, 1964), com os valores culturais da época e com as orientações editoriais e econômicas do veículo (MOLOTOCH E LESTER, 1999) – esses últimos aspectos citados são implícitos. O que se torna notícia em determinado meio de comunicação, pode não ter o mesmo respaldo por parte dos jornalistas em outro veículo – seja pela circunstância do fato, pela plataforma de cada mídia, por questões ligadas à orientação político-econômica da empresa ou por circunstâncias da rotina produtiva dos profissionais do setor.

Entre as abordagens nos estudos sobre valor-notícia está a discussão apresentada por Jorge Pedro Sousa (2005). O estudioso português ressalta que apesar de todas as mudanças que têm ocorrido no campo dos mídias e em seu funcionamento, a seleção e hierarquização de

²⁶ A resposta sobre o que é um fato social dá nome ao primeiro capítulo da obra *As regras do método sociológico* (1985) de Émile Durkheim. O sociólogo considera que fatos sociais são formas de agir, pensar e de sentir que se generalizam e se repetem e se impõe sobre os membros de uma sociedade.

²⁷ Ethos, na Sociologia, é uma espécie de síntese dos costumes de um grupo determinado.

acontecimentos suscetíveis a se tornarem notícia seguem fazendo parte do rol das principais funções dos jornalistas.

Sousa (2005, p. 38) considera que a seleção é a principal parte do processo, já que um “jornal não pode ser um amontoado não criterioso de todo o tipo de informações”. O autor lembra ainda que o ato de seleção das notícias é um dos aspectos mais debatidos por estudiosos interessados na cobertura midiática e considera que a necessidade de escolhas e seleções torna a prática jornalística suscetível às críticas:

Mas valorizar, hierarquizar e selecionar são atividades inerentes ao jornalismo. A escolha dos assuntos a abordar por um jornal e a consolidação de uma determinada linha editorial dependem de diversos mecanismos que atuam em conjunto. (SOUSA, 2005, p. 38)

Jorge Pedro Sousa (2005) lembra que em alguns casos a seleção ou supressão de determinadas notícias podem acontecer diante do que ele denomina como “Ação Pessoal”, mas ressalta que a escolha de acontecimentos a serem noticiados não depende apenas disso. Sousa (2005) defende que existem mecanismos que sobrepõem à subjetividade jornalística (Ação Pessoal) e são utilizados como critérios técnicos na seleção e hierarquização dos acontecimentos: os valores-notícia.

O estudioso português pondera que os valores-notícia são aplicados pelo jornalista, “conscientemente ou não, no momento de avaliar os assuntos que têm valor como notícia” (SOUSA, 2005, p. 39). O autor considera ainda que os valores não são rígidos e nem universais, pelo contrário, muitas vezes teriam, na visão de Sousa (2005, p. 39), “um aspecto opaco e por vezes contraditório quando comparados entre si”.

Sousa (2005) entende que os valores-notícia e os critérios de noticiabilidade (esses conceitos não são devidamente diferenciados pelo autor) funcionam conjuntamente em todo o processo de produção e difusão das notícias, além da hierarquização do produto. O funcionamento desses quesitos dependeria, segundo Sousa (2005), da forma de atuação da organização noticiosa e, além disso, o próprio entendimento dos valores pelos atores do campo social mudaria durante o tempo.

O estudo realizado por Galtung e Ruge (1965) é classificado como pioneiro por Sousa (2005), que lembra que os autores apresentaram uma listagem sobre os principais valores. O estudioso português cita a pesquisa de Garbarino (1982) para lembrar que valorizações impostas pelo funcionamento dos meios de comunicação aos eventos e convenções profissionais também contribuem para a definição do que é notícia (*apud* SOUSA, 2005).

A abordagem de Sousa (2005) também considera o uso dos valores-notícia como uma espécie de proteção na atuação dos jornalistas. Diante das críticas recebidas pelos profissionais durante o processo de produção e seleção do noticiário, Sousa (2005, p. 41) defende que os elementos (valores-notícias, critérios de noticiabilidade e a própria noticiabilidade) “ajudariam e legitimar o processo produtivo, desde a seleção das fontes, à seleção dos acontecimentos e aos modos de produção”, contribuindo para proteger jornalistas e organizações das possíveis críticas do público e defendendo, de maneira minimamente racional e técnica, o retrato do mundo apresentado aos leitores.

Sousa (2005) também apresenta debates em que os valores são discutidos à luz da teoria dos usos e gratificações²⁸ e cita Van Dijk (1990) para discutir algumas limitações cognitivas da visão de mundo que os jornalistas tem da realidade. Van Dijk (1990) lembra que existem valores-notícia formulados em termos econômicos (lucro, vendas) e outros valores que tem relação com a produção de notícias em uma organização que, segundo o autor, está “no seio de uma atmosfera competitiva” (*apud* SOUSA, 2005, p. 42).

Ainda de acordo com Sousa (2005), a organização da produção jornalística privilegiaria acontecimentos produzidos e definidos por figuras públicas oriundas de setores preponderantes da vida social e política. O estudioso português sugere que esse tipo de abordagem na produção de notícias favorece as elites diante de uma manutenção do *status quo*.

Com uma abordagem dissipada durante as várias fases da evolução da imprensa nos últimos séculos, Nelson Traquina (2005) observa em uma das formas mais primitivas do setor, características que poderiam dar pistas sobre como os relatos noticiosos eram pensados e produzidos e quais eram os valores ressaltados e omitidos durante a produção noticiosa.

A análise feita por Traquina (2005) dos valores pode ser dividida em três diferentes períodos. O autor mostra que os valores-notícia básicos tem variado pouco em mais de dois séculos de digressões e análises sobre o tema. Traquina (2005) traz o conceito de folhas volantes, uma espécie de forma pré-moderna do jornal na Europa do século XVI, para demonstrar como a morte de William Shakespeare passou despercebida a essa forma preliminar do que viria a ser conceituado como imprensa, mesmo que o poeta e dramaturgo estivesse à margem da alta cultura da época:

²⁸ Essa teoria visa entender o uso que as pessoas fazem das mídias como instrumento de satisfação das necessidades, sejam elas psicológicas ou sociais. A abordagem tem como principais autores Elihu Katz, Denis McQuail, Jay Blumler e Melvin DeFleur.

Na era das “folhas volantes”, milagres, abominações, catástrofes, acontecimentos bizarros foram as primeiras ocorrências trataram nos dias que antecedem os jornais. O nascimento de um porco com duas cabeças era “notícia”, mas visto como sinal de raiva de Deus contra os pecados do seu povo na Inglaterra. Frequentemente, a conduta dos heróis, uma batalha naval, eram assuntos para serem tratados. Nesses dias, muito do que era “notícia” era internacional: guerras e trocas comerciais eram dois dos assuntos principais. Quase completamente esquecidos eram os acontecimentos de interesse local. O espaço era salvaguardado para os assuntos a que as pessoas não tinham acesso. (TRAQUINA, 2005, p.64)

O debate proposto por Traquina (2005) já dá algumas pistas dos termos que séculos depois estariam nos assuntos tratados rotineiramente pelo Jornalismo. Notícias sobre guerras e conflitos urbanos, trocas comerciais (economia) e relatos bizarros (porcos de duas cabeças ou um cão sendo mordido por um homem) compõem, cada um em uma medida e em um espaço específico, parte das notícias produzidas séculos depois.

Traquina (2005) também demonstra como o insólito já estava entre os principais valores-notícia quando se leva em conta a produção oferecida ao público no século XVI – o quesito insólito e morte formam uma combinação recorrente nas atuais coberturas. Essa noção de notícias que representam situações de desvios (acontecimentos que irrompam a realidade) e que causem emoções extremas, como o espanto, a profunda maravilha ou a maior surpresa ainda ajuda a compor e a explicar o noticiário atual.

A segunda divisão histórica sobre o estudo dos valores-notícia proposta por Traquina (2005) diz respeito aos anos 30 e 40 do século XVIII – mesmo que, segundo o próprio autor, o aparecimento dos primeiros jornais na forma moderna date do século XVII. Se nos cadernos volantes o inusitado e milagroso eram os critérios que alavancavam determinado acontecimento ao status de notícia, no século XVIII o retrato do cotidiano proposto pelos meios de comunicação era pautado por outro aspecto. “Ao longo do século XVIII, as publicações periódicas, como os jornais, eram dominadas pelo polo político e os meios de comunicação social eram essencialmente vistos como uma arma política até o aparecimento da *penny press* na década de 30 do século XVIII” (TRAQUINA, 2005, p.67).

Até o surgimento da *penny press*, a imprensa norte-americana prestigiava eventos como assuntos políticos e econômicos e comentários – marca registrada dos veículos de comunicação da época. A partir da popularização dos jornais e da venda do produto a um preço acessível permitida pela era da *penny press*, histórias de crime, escândalos, tragédias e notícias que o homem comum julgava como interessantes passaram a compor o noticiário (TRAQUINA, 2005).

De acordo com a abordagem de Traquina (2005), a terceira fase de estudos acadêmicos sobre os valores-notícias data dos anos 70 do século XX. Segundo o autor, o

responsável por inaugurar esse novo período de análise é Hebert Gans (2004) ao apontar as qualidades duradouras dos relatos noticiosos – Gans estudou os telejornais das três principais cadeias norte-americanas de TV (*CBS*, *ABC* e *NBC*) em 1967 e as revistas de informação *Time* e *Newsweek* em três períodos diferentes da década de 1970.

Nesse estudo Gans (2004) aponta para a importância do valor notoriedade para que fatos se tornassem notícia nesses três veículos estudados e lembra que, para isso, tais acontecimentos deveriam estar adequados ao perfil editorial do veículo, além de chamar a atenção para quesitos ligados à disponibilidade técnica.

Traquina (2005) ressalta os estudos de três pesquisadores canadenses para a compreensão sobre valores-notícias: Ericson, Baranek e Chan (1969; p. 139-140 *apud* Traquina, 2005, p. 68). O trio afirma que os valores-notícias são múltiplos e entrecruzados – algo já notado em relatos pioneiros da imprensa que ligavam o mesmo acontecimento a vários aspectos de importância ao apresentá-lo no noticiário, ressaltando seu caráter de acontecimento valioso.

Segundo os canadenses, os valores-notícia não são imperativos, mas elementos “que ajudam o jornalista a reconhecer a importância dos acontecimentos, a proceder a escolhas dentre as alternativas e a considerar as escolhas a fazer” (*apud* Traquina, 2005, p. 69). O apontamento dos autores citados por Traquina (2005) leva à compreensão dos valores-notícia como aspectos que ajudam os jornalistas a ordenar o mundo exterior e não de imperativos estanques e imutáveis.

O conceito exposto por Ericson, Baranek e Chan (*apud* Traquina, 2005) dá pistas de como esses valores estão intimamente ligados à cultura profissional e à prática rotineira dos profissionais da imprensa – mesmo que os jornalistas não façam isso de maneira intencional, o valor-notícia é utilizado para ordenar e explicar o cotidiano de forma minimamente razoável.

Os valores-notícia são aspectos tão enraizados na cultura profissional que não são necessariamente pensados durante a produção de notícia (os jornalistas não usam ferramentas para quantificar matematicamente quantos valores cada notícia apresenta, tal como proposto por Galtung e Ruge, 1969). No entanto, os valores são utilizados de maneira sistemática e acabam sendo qualificados e subdivididos depois pelos pesquisadores do campo. Ou seja, o valor-notícia é um aspecto de classificação posterior à produção de um determinado acontecimento que se transformou em notícia.

O próprio Traquina (2005) apresenta uma divisão de valores-notícia de seleção e de construção – a divisão do autor é uma das várias disponíveis no campo de estudos sobre o

tema. Os valores de seleção seriam os aspectos que estão diluídos em todo o processo de produção jornalística, desde a seleção do acontecimento, produção da notícia e apresentação do relato ao público. Ou seja: esse primeiro grupo de critérios está concentrado na decisão dos jornalistas de escolher quais eventos têm potencial para serem candidatos a se transformar em notícias e quais ficarão de fora desse grupo.

Esse mesmo grupo recebe uma subdivisão feita por Traquina (2005): os valores-notícia substantivos e contextuais. Os substantivos dizem respeito à avaliação direta do acontecimento em relação a importância e interesse como possível notícia. Já os critérios contextuais são aspectos ligados à produção noticiosa e ao funcionamento dos meios de comunicação – disponibilidade de equipes de reportagem, espaço e tempo no noticiário, por exemplo.

Já os quesitos agrupados como valores de construção são possíveis qualidades na constituição de um fato como notícia. Ou seja, esses valores dizem respeito à qualificação de um determinado acontecimento como notícia e qual aspecto desse fato será ressaltado no formato final da notícia oferecida ao público. Esse segundo grupo de valores tem o uso mais ligado às políticas editoriais da empresa e as orientações do veículo – determinados acontecimentos podem ter qualificações diferentes ao serem constituídos como notícia em diferentes meios de comunicação a partir de diferentes escolhas retóricas.

Com as (sub) divisões apresentadas por Traquina (2005), é perceptível a aplicação da ideia do valor-notícia em todo o processo de produção. O autor considera que, desde a seleção inicial do que é e do que não é digno de se tornar notícia, até a possibilidade técnica para que determinado acontecimento integre o noticiário e da seleção de aspectos que devam ser destacados diante do público, os valores-notícia estão sendo utilizados. Essa ideia do procedimento reforça a percepção de que a notícia é um recorte da realidade construído a partir de práticas profissionais estabelecidas.

Já a abordagem apresentada pelo teórico italiano Mauro Wolf (2010) divide os valores-notícia em cinco instâncias: substantivos, relativos ao produto, ao meio de comunicação, ao público e à concorrência. Wolf (2010) entende que os valores-notícia são um dos quesitos que compõe a noticiabilidade (abordagem também compartilhada nesse estudo) e na visão do autor os valores devem dar resposta a uma pergunta.

Wolf (2010, p. 195) defende que os valores-notícia devem responder à questão: “quais os acontecimentos que são considerados suficientemente interessantes, significativos e relevantes para serem transformados em notícias?”. Antes de discutir o funcionamento desses valores, Wolf (2010) salienta que tais aspectos funcionam de uma maneira complementar.

O autor sustenta que os valores-notícia, mesmo que apresentados como uma espécie de inventário, tem outra função na prática. Wolf (2010) ressalta que durante a seleção do que deve e do que não deve ser notícia, os valores funcionam conjuntamente e são as diferentes relações e combinações que se estabelecem entre os diferentes valores-notícia que determinam ou não a seleção de um acontecimento.

Após salientar o funcionamento em conjunto dos valores, Wolf (2010) pondera que os valores-notícia são aspectos utilizados e espalhados ao longo de todo o processo de produção. O teórico italiano argumenta que o uso dos valores não está concentrado apenas na seleção das notícias, mas também está presente nas operações posteriores.

Wolf (2010) cita Golding e Elliot (1979) para observar que o uso dos valores-notícia representa uma espécie de “distorção involuntária”, prática ligada às rotinas produtivas e aos valores profissionais. Golding e Elliot (1979 *apud* Wolf, 2010, p. 389) sustentam que os valores-notícia não são regras práticas que estão além do entendimento dos jornalistas, mas sim aspectos compartilhados com o campo profissional e que são usados para a composição rápida do noticiário.

O teórico italiano lembra ainda que outro fator importante sobre os valores-notícia é o uso desses quesitos para contribuir na rotina do trabalho. Wolf (2010) sustenta que o principal fim desses valores é a organização do mundo aos olhos dos jornalistas, de maneira prática e coesa, além de minimamente defensável diante do público e compartilhada com os atores do meio:

Os valores-notícia operam de uma maneira peculiar a seleção das notícias: é um processo de decisão e de escolha realizado rapidamente. Os critérios devem ser fácil e rapidamente aplicáveis, de forma que as escolhas possam ser feitas sem demasiada reflexão. Para além disso, a simplicidade do raciocínio ajuda os jornalistas a evitarem incertezas excessivas quanto ao fato de terem ou não efetuado a escolha apropriada. Por outro lado, os critérios devem ser flexíveis para poderem adaptar-se à infinita variedade de acontecimentos disponíveis; além disso, devem ser relacionáveis e comparáveis, dado que a oportunidade de uma notícia depende sempre das outras notícias igualmente disponíveis. (WOLF, 2010, p. 196).

Antes de apresentar a divisão proposta, Wolf (2010) salienta que o rigor dos valores-notícia não deve ser encarado como uma classificação abstrata e teoricamente organizada. Wolf (2010) ressalta que o uso dos valores faz parte de uma lógica de tipificação que tem como objetivo a repetição de determinados procedimentos de maneira técnica e defensável.

Essa característica, argumenta Wolf (2010, p. 200), faz com o que o uso dos valores aconteça de maneira rápida e de um “modo quase automático e que essa seleção se caracteriza por certo grau de flexibilidade e de comparação”. O teórico afirma que os valores-notícia têm

um caráter mutável: o sentido deles se altera durante o tempo e, mesmo que compartilhados dentro do campo profissional, nem sempre são utilizados da mesma maneira.

Diante da divisão proposta, Wolf (2010) define que os valores-notícia substantivos são articulados em torno de dois fatores: o interesse e a importância do acontecimento apresentado como notícia. O autor observa que apenas afirmar que uma notícia é importante, sem outros critérios mínimos, não é suficiente e por isso salienta que a importância do valor-notícia substantivo deve ser observada diante de outras quatro variáveis: grau e nível hierárquico dos sujeitos envolvidos, impacto sobre a nação e interesse nacional, quantidade de pessoas envolvidas no acontecimento e relevância do acontecimento diante da evolução futura de uma determinada situação.

A segunda divisão apresentada por Wolf (2010, p. 206) diz respeito à disponibilidade de materiais e as características específicas do produto informativo. Mauro Wolf (2010) salienta que a disponibilidade se refere a “quão acessível é o acontecimento para os jornalistas, quão tratável é, tecnicamente, nas formas jornalísticas habituais” e ainda se o acontecimento em questão está estruturado de modo a ser facilmente coberto ou requer maiores recursos do veículo.

O autor defende que os valores relativos ao produto são explicados diante da consonância com os procedimentos produtivos e com a congruência com as possibilidades técnicas e organizacionais. Wolf (2010) afirma que esse segundo grupo de valores é aplicado a cada notícia, no entanto, quanto menos importante for a notícia, mais utilizados serão os valores relativos ao produto.

O terceiro grupo elencado por Wolf (2010) reúne os valores relativos aos meios de comunicação e agrupa aspectos técnicos para que determinados acontecimentos se tornem notícia em plataformas específicas. O autor cita o caso da televisão para lembrar que, por exemplo, a informação televisiva tem como avaliação de noticiabilidade de um acontecimento a possibilidade desse fato gerar material visual.

Wolf (2010) pondera que essa possibilidade de aspectos que digam respeito às características dos veículos deve estar ligada aos outros grupos de valores-notícia elencados anteriormente. O estudioso salienta que um acontecimento com aspectos de apenas um dos grupos de valores-notícia acaba não se transformando em notícia – o estudioso lembra que a interligação desses aspectos é central na composição do noticiário.

O quarto grupo de valores apresentado por Wolf (2010) reúne os quesitos relativos ao público. O autor define esses valores como os critérios que se referem à imagem que os jornalistas têm do público durante a produção noticiosa. Wolf (2010) observa que a referência

às necessidades e às exigências dos destinatários é constante e, nas próprias rotinas produtivas, estão encarnados princípios implícitos sobre o público e suas demandas.

Por fim, o último grupo de valores-notícia destacados por Wolf (2010) são aqueles relativos à concorrência. Ao citar Gans (1979, *apud* WOLF, 2010), o autor lembra que o cenário de competição entre veículos de comunicação dá origem a três tendências que, por sua vez, se refletem em alguns valores-notícia, reforçando determinados aspectos da notícia.

Wolf (2010) salienta que a primeira tendência diz respeito ao cenário de competição entre os veículos e a possibilidade de um furo de reportagem²⁹ trazem outra propensão ao noticiário que é a fragmentação. O teórico italiano sustenta que em consequência da competição acirrada entre veículos, a cobertura informativa tende a ser centrada nas personalidades da elite.

A segunda tendência é, segundo Wolf (2010), o fato de a competição gerar expectativas recíprocas se uma notícia é selecionada por um veículo de comunicação, todos os outros façam o mesmo. Com isso, na visão de Wolf (2010), esse laço de reciprocidade transforma-se em um desencorajamento de possíveis inovações nas seleções de notícias e o noticiário segue cada vez mais parecido entre os diversos veículos.

A terceira e última consequência do grupo de valores-notícia referente à concorrência é o estabelecimento de um padrão de parâmetros profissionais, de modelos de referência. Wolf (2010) cita, no caso norte-americano, os papéis desempenhados pelo *New York Times* e *Washington Post* como jornais de referência na prática profissional, nos modelos de referência e também no uso de valores-notícia.

As divisões e propostas apresentadas por Sousa (2005), Traquina (2005) e Wolf (2010) são três das diversas abordagens disponíveis na literatura científica sobre o tema. Em comum, os esquemas têm a característica de tratarem os valores-notícia como aspectos utilizados de maneira automática, organizada e também como uma forma de proteção por parte dos jornalistas e dos veículos de comunicação na prática de selecionar aspectos da realidade.

No entanto, os esquemas também tem em comum um problema teórico: a confusão entre valores-notícia, critérios de noticiabilidade e a própria noticiabilidade. Defende-se nesse trabalho que valores-notícia são aspectos ligados estritamente ao acontecimento e a seu entendimento diante da ótica jornalística (importância, relevância e etc). Já os critérios de

²⁹ Para saber mais sobre o conceito de “furo de reportagem”, ver: OLIVEIRA, Hebe Gonçalves de. O lugar do furo de reportagem na lógica de distribuição de notícias da AE, Folhapress e AG - Estudo das rotinas das agências nacionais e sua presença no jornalismo brasileiro, 2010.

noticiabilidade são, nesse caso, aspectos que são utilizados na rotina produtiva e no entendimento de como os acontecimentos são vistos durante esse processo.

Por outro lado a noticiabilidade³⁰ seria a soma desses dois quesitos (valores-notícia e critérios de noticiabilidade) e representaria a reunião dos fatores que podem levar um acontecimento a se tornar notícia. A soma de valores que atuam sobre o entendimento do acontecimento e os critérios que regem a produção de uma visão da realidade por parte dos jornalistas são, dessa forma, os componentes da noticiabilidade – aspecto esse que é de entendimento do jornalista e também do público.

Marcos Paulo da Silva (2014a, p. 71) observa a necessidade de diferenciação mais clara entre os conceitos de valor-notícia e critérios de noticiabilidade. O autor expõe a clássica alegoria de Édipo-rei, de Sófocles, que cobrava a solução de um enigma para a sobrevivência dos moradores de Tebas. A expressão “decifra-me ou te devoro” é utilizada pelo autor para defender a importância do debate sobre a seleção noticiosa – tema que, na visão de Silva (2014a), representa uma espécie de “deriva” teórica.

O autor ressalta a necessidade de se estabelecer critérios mais claros no delineamento conceitual que envolve a complexidade da dinâmica de seleção noticiosa:

Nesse panorama, como forma de situar a problemática em um contexto mais amplo e menos nebuloso, merecem ser sublinhadas as tentativas de se estabelecer demarcações claras para as noções de seleção noticiosa, critérios de noticiabilidade e valores-notícia, bem como para o vínculo que se situa entre elas no plano teórico-conceitual. (SILVA, 2014a, p. 72)

Silva (2014a) argumenta que é um erro teórico colocar etapas específicas do fenômeno mais abrangente que é a noticiabilidade em um mesmo patamar conceitual, levando ideias distintas a receberem uma interpretação equivalente. O autor adverte que valores-notícia e critérios de noticiabilidade são procedimentos hierárquicos inseridos na produção da notícia, no entanto tais aspectos atuam em etapas distintas do processo de seleção da realidade.

2.1 Noticiabilidade como construção cultural

O entendimento da noticiabilidade como um desvio é uma abordagem compartilhada por uma série de autores. O próprio Jorge Pedro Sousa (2004) destaca que tal conceito está em uma área central para as teorias da notícia por possibilitar uma resposta à clássica questão

³⁰ Uma outra abordagem da noticiabilidade encara o conceito a partir da ideia de um constructo de natureza cognitiva. Para saber mais sobre veja: SHOEMAKER, Pamela J. e COHEN, Akiba. *News around the world: Practitioners, Content, and the Public*. New York: Routledge, 2006.

sobre o que leva alguns acontecimentos cotidianos a receberem o status de notícia em detrimento de outros.

Sousa (2004) considera que mesmo que um acontecimento tenha um caráter noticiável, isso não concede a ele espaço nas pautas dos meios de comunicação – tal escolha por parte dos jornalistas também depende de outros critérios que compõe a noticiabilidade. Esse grupo de aspectos é utilizado em uma leitura do mundo feita pelos jornalistas e que tem influência da cultura e das práticas profissionais vigentes em cada época.

A concepção de desvio como um padrão clássico na seleção noticiosa é adotada por Marcos Paulo da Silva (2014c) em um debate que trata de quatro grupos teóricos que demonstram como a noção sempre permeou o entendimento da noticiabilidade. Silva (2014c) ressalta ainda que mesmo que o verbo “seleção” e os substantivos “critério” e “valor” sejam, muitas vezes, interpretados da mesma maneira, eles têm significados e papéis diferentes na produção e seleção da realidade feitas pelos jornalistas.

Silva (2014c) salienta que os valores-notícia devem ser entendidos como parâmetros que levam um determinado acontecimento a ser selecionado como noticiável, estejam esses aspectos presentes na natureza fenomênica dos fatos ou nos meandros das rotinas jornalísticas. O autor defende que tais valores estão atrelados a um padrão clássico de ruptura de uma ordem social anteriormente estabelecida.

Quanto ao processo de seleção, Silva (2014c) lembra que existem várias abordagens que destacam a ação pessoal dos sujeitos envolvidos no controle do que deve e do que não deve ser notícia ao adentrar os portões de determinada instituição noticiosa (teoria do Gatekeeper), além das abordagens organizacionais que identificam na rotina dos jornalistas aspectos que expliquem a seleção de conteúdos (BREED, 1969; SIGAL, 1973 *apud* SILVA 2014c).

Ainda sobre o entendimento na noticiabilidade, Silva (2014c) aponta para as teorias culturalistas e economicistas que, de maneira determinista, na visão do autor, atrelam o processo de seleção noticiosa aos valores culturais de uma determinada época. Esse tipo de análise foi mais comum durante o período da Guerra Fria e se debruçou sobre com mais frequência sobre a avaliação do produto final do que sobre as práticas jornalísticas.

Silva (2014c) recorre à tese de Tobias Peucer, *De relationiubus Novellis*, ao afirmar que esse seria o primeiro texto a abordar a ideia de noticiabilidade no mundo ocidental. O pesquisador ressalta que a principal contribuição de Peucer é a abordagem que o autor faz da vertente noticiosa dos periódicos alemães caracterizados pela dicotomia cristã da Idade Média.

Sobre a tese de Peucer, Sousa (2004) afirma que o autor alemão consegue esboçar aspectos importantes da seleção noticiosa da época e demonstrar como os relatos expositivos e escritos daquela época quase sempre expunham singularidades. Sousa (2004) cita que a tese de Tobias Peucer mostra como tais relatos já estavam condicionados por valores como as noções de tempo e a ideia de novidade.

Silva (2014c) acredita que tais peculiaridades apresentadas na tese de Peucer dialogam com questões como os constrangimentos sofridos no processo de seleção das notícias, além de semelhanças com a atividade de *gatekeeping*. O autor chama atenção para o foco estabelecido nos acontecimentos, em detrimento das problemáticas que cercam os fatos, e sobretudo a própria existência de parâmetros de noticiabilidade nessa seleção.

Diante das considerações de Sousa (2004) e Silva (2014c) é possível argumentar que a tese de Peucer tece diferentes considerações sobre os valores-notícia e apresenta um esboço do que deveria ou não ser tratado como notícia naquele momento histórico e, dessa maneira, se articula com uma ideia inicial do que viria a ser considerado como noticiabilidade.

A tese defendida ainda no século XVII delineia uma série de categorias sobre as quais as notícias, em última instância, deveriam universalmente tratar: coisas acontecidas recentemente, fatos históricos importantes, temas de interesse cívico, acontecimentos insólitos, catástrofes e o que se passa com as pessoas ilustres – temáticas até hoje inseridas no debate acadêmico em análises sobre o Jornalismo e também no retrato do mundo apresentado pelos próprios mídias.

Gislene Silva (2014d) também aposta em uma discussão mais ampla dos conceitos de valor-notícia, seleção de notícias e noticiabilidade. A autora defende a separação dessas noções e considera o valor-notícia e a própria seleção noticiosa como conceitos específicos pertencentes ao universo mais amplo e complexo da noticiabilidade.

De maneira diferente da tratada por Marcos Silva (2014c), Gislene Silva (2014d) aponta para a compreensão da noticiabilidade dividida em três instâncias: critérios na origem do fato, critérios no tratamento dos fatos e critérios de noticiabilidade na visão dos fatos. Para Silva (2014d, p. 52), noticiabilidade é:

Todo e qualquer fator potencialmente capaz de agir no processo da produção da notícia, desde as características do fato, julgamentos pessoais do jornalista, cultura profissional da categoria, condições favorecedoras ou limitantes da empresa de mídia, qualidade do material (imagem e texto), relação com as fontes e com o público, fatores éticos e ainda circunstâncias históricas, políticas, econômicas e sociais.

Gislene (2014d) cita a obra do sociólogo americano Michael Schudson (1978) para lembrar que o autor considera a criação da notícia como uma interação de vários fatores. Schudson (1978) chama atenção para a participação do próprio repórter nesse processo, além dos constrangimentos da organização noticiosa, dos desejos da audiência e das convenções culturais e profissionais de cada época (*apud* Silva, 2005).

Diante dessa ideia, Silva (2014d, p. 52) expõe que:

É no percurso dessa longa cadeia produtiva da notícia que devemos investigar a rede de critérios de noticiabilidade, compreendendo noticiabilidade (*newsworthiness*) como todo e qualquer fator potencialmente capaz de agir no processo da produção da notícia, desde as características do fato, julgamentos pessoais do jornalista, cultura profissional da categoria, condições favorecedoras ou limitantes da empresa de mídia, qualidade do material (imagem e texto), relação com as fontes e com o público, fatores éticos e ainda circunstâncias históricas, políticas, econômicas e sociais.

Silva (2014d) considera ser reducionista definir a noticiabilidade ou somente um conjunto de elementos por meio dos quais as empresas jornalísticas controlam e administram a quantidade e o tipo de acontecimento que compõe o retrato de mundo apresentado à audiência. A autora salienta que da mesma forma é errôneo conceituar a noticiabilidade como um conjunto de elementos intrínsecos que demonstram a aptidão ou potencial de determinado acontecimento para ser transformado em notícia.

A autora argumenta que a noticiabilidade seria a soma desses dois conjuntos (controle e administração dos acontecimentos ou qualidades intrínsecas nos próprios fatos) com o acréscimo de questões ético-epistemológicas. “Preferível será localizar tal aptidão do fato em si no campos dos valores-notícia, entendidos aqui como atributos que orientam principalmente a seleção primária dos fatos”, considera. Gislene Silva (2014d, p. 54) salienta que os valores também interferem na hierarquização dos fatos na hora do tratamento do material dentro das redações.

Para Silva (2014d), a necessidade de se pensar e discutir os critérios de noticiabilidade vem da constatação prática de que não há espaço nos veículos informativos para a publicação ou veiculação da infinidade de acontecimentos que ocorrem no dia a dia. Ou seja, existe uma clara escolha dos acontecimentos que irão compor o retrato do mundo apresentado por cada veículo.

O debate proposto por Silva (2014d) considera que o valor-notícia é apenas parte de um processo mais longo. A autora entende que tais valores são características do fato, em sua origem, e representam uma espécie de subgrupo de fatores agindo conjuntamente com os

critérios de noticiabilidade, aspectos esses mais ligados ao tratamento dos fatos nas rotinas jornalísticas.

Diante dessa abordagem, Silva (2014d, p. 58) defende que mesmo diante do fato dos valores-notícias agirem em diferentes momentos (seleção primária, triagem e seleção hierárquica dos acontecimentos), tais aspectos devem ser definidos como qualidades dos eventos e não como valores atribuídos na construção jornalística. No entanto, na visão da autora, “demarcar o conceito de valores-notícia no território do acontecimento em si não significa ignorar a presença do sujeito-jornalista diante da matéria prima noticiosa”.

Ao buscar ampliar o debate sobre a construção da notícia, Silva (2014d) recorre novamente a Michael Schudson (1978) para lembrar que a notícia faz uso de padrões culturais pré-existentes para, de fato, ser realizada socialmente e produzir sentido diante da audiência. Nesse mesmo sentido, a autora também expõe o conceito de mapa cultural de Stuart Hall (1978) para salientar que os valores-notícia não são naturais e nem neutros, eles formariam uma espécie de código que vê o mundo de uma forma particular (*apud* Silva, 2014d).

Com as ideias de desvio e de construção cultural permeando a compreensão do conceito de noticiabilidade, Marcos Paulo da Silva (2014c) também aponta o insólito como aspecto importante na seleção e construção dos relatos noticiosos. “Os critérios ou valores atrelados à noção de desvio possuem lugar cativo em praticamente todas as formulações que ao longo do século XX se debruçam sobre a tarefa de construção de uma tipologia própria para as notícias” (SILVA, 2014c p. 78).

O autor estuda as diversas interfaces do conceito de noticiabilidade e chama a atenção para o fato desse conceito não ser utilizado de uma maneira absoluta e direta – os valores-notícia e a ideia de quão noticiável é um evento são noções que estão dispersas na cultura profissional dos jornalistas, na política editorial da empresa e na cultura e valores sociais vigentes:

A noticiabilidade deve ser interpretada, assim, como a medida pela qual as informações sobre um evento tocam as várias partes que compõem a realidade social de uma pessoa; ou seja, baseado no modo como um acontecimento se conecta a uma determinada realidade ocorre o entendimento do mundo por parte das pessoas envolvidas nessa dinâmica interpretativa – possibilidade que concede também à noticiabilidade o estatuto de uma construção sociocultural (SILVA, Marcos Paulo da, 2014b, p. 5).

Diante das discussões apresentadas que ressaltam o critério mais amplo do entendimento sobre a noticiabilidade e o caráter de construção cultural e profissional do

conceito, é importante destacar que os conceitos de valor-notícia, critérios de noticiabilidade e a própria noticiabilidade são aspectos amplamente utilizados no dia a dia dos jornalistas.

Nesse sentido, discute-se na sequência a operacionalização destes conceitos com apresentação de estudos e abordagens que debatem como os valores, critérios e a própria noticiabilidade não são ideias estanques da prática jornalista. Pelo contrário, tais conceitos são utilizados pelos profissionais na organização de um cotidiano por vezes caótico e fazem parte também de uma formação sociocultural compartilhada pelos integrantes do campo.

2.2 Operacionalização dos valores-notícia na leitura de mundo dos jornalistas

Gaye Tuchman (1978) foi uma das primeiras autoras a estudar uma redação observando o ambiente de produção do noticiário e tentou entender por que as notícias são como são e como os jornalistas produzem esses relatos do cotidiano. Para Tuchman, os critérios noticiosos, chamados genericamente pela autora de tipificações³¹, impõem ordem à realidade, compreendida como a matéria prima dos jornalistas:

Las tipificaciones están compuestas por problemas prácticos, incluso por aquellos que plantea la sincronización del trabajo informativo con las maneras como generalmente se desarrollan los sucesos. Imponen orden sobre la materia prima, de las noticias y de esa manera reducen la variabilidad (idiosincrasia) de la sobreabundancia de sucesos. Canalizan asimismo las percepciones que tienen los informadores del mundo cotidiano al imponer un marco sobre los hechos de la vida diaria (TUCHMAN, 1978, p. 71)

Os problemas práticos tratados por Tuchman (1978) podem ser assemelhados ao clássico dilema vivido pelos jornalistas: há uma gama de acontecimentos para serem relatados e ao mesmo tempo existe apenas um espaço/tempo limitado para ordená-los de forma coesa e técnica – seja na TV, Rádio, Internet ou nas páginas de um veículo impresso.

Nesse cenário, os profissionais usam, de forma diferente por vezes, os valores-notícia (ou a combinação deles) e os critérios de noticiabilidade para ordenar a realidade social e dar sentido a ela. Tuchman (1978) chama esse processo de “rotinização do inesperado” a partir da partilha de valores de objetividade por parte dos jornalistas.

Walter Lippmann (2008) discute, preliminarmente, como os meios de comunicação oferecem uma espécie de imagem distorcida da realidade aos leitores – Lippmann (2008) aponta quesitos como clareza, surpresa, proximidade geográfica e conflito pessoal como valores noticiáveis nos acontecimentos na construção dos fatos que formam a “imagem do mundo exterior em nossas cabeças” (LIPPMANN, 2008, p. 122).

³¹ Tradução literal

Nessa obra, Lippmann (2008) desenvolve um pensamento cético sobre a legitimidade da formação de uma opinião pública nas sociedades de massa a partir do noticiário. Nesse sentido, o autor também aponta para o fato de que mesmo se todos os repórteres do mundo trabalhassem ao mesmo tempo, nem assim todos os fatos que acontecem diariamente poderiam se tornar notícia (LIPPMANN, 2008) ou ter algum tipo de espaço na cobertura da mídia – já que essa cobertura se trata de um recorte feito pelos profissionais da imprensa.

A escolha e hierarquização dos acontecimentos acontece, dentre vários motivos, porque os meios de comunicação oferecem uma espécie de retrato distorcido da realidade ao público – retrato este que está permeado de interesses e condições inerentes a produção das notícias (TRAQUINA, 2005). Para qualificar e elencar quais fatos são ou não dignos de se tornarem notícia é que os jornalistas utilizam os valores-notícia.

O processo de escolha de quais acontecimentos são ou não dignos de comporem o noticiário é tratado pelo sociólogo Pierre Bourdieu (1997) através de uma metáfora: o autor diz que os jornalistas usam uma espécie de “óculos especiais” para enxergar o mundo. Bourdieu (1997) se refere à maneira peculiar que profissionais da imprensa compreendem o cotidiano e reconhecem ou não fatos com potencial de se tornarem notícia.

Em certa medida, Bourdieu (1997) abre espaço para uma discussão sobre como os jornalistas enxergam a realidade: pela formação profissional e acadêmica adquirida pelos integrantes desse campo, sabe-se que eles observam o dia a dia de outra maneira. Em fatos comuns do cotidiano, os jornalistas enxergam notícias e em determinadas situações observam fatos que podem compor o retrato do mundo proposto por determinados meios de comunicação.

Os critérios utilizados para determinar quais acontecimentos devem ser noticiados estão tão pacificados na cultura jornalística que os próprios profissionais do campo têm dificuldade de dizer, de maneira empírica e direta, quais são os aspectos que eles usam para determinar o que deve e o que não deve fazer parte do noticiário (TUCHMAN, 1978).

Foi isso o que provou Tuchman (1978) ao observar as redações de um canal de TV, três jornais impressos de Seaboard e Nova York e a sala de redação da Prefeitura de Nova York, além de entrevistas com integrantes do movimento feminista e repórteres. A pesquisadora buscou compreender como os veículos de comunicação podem contribuir com a

construção social da realidade³² e como a rotina do trabalho informativo determinava e influenciava na produção da notícia.

Diante das abordagens discutidas, nota-se que o acontecimento é uma construção cultural (ALSINA, 2009), realizada no meio jornalístico a partir de aspectos inerentes aos membros da tribo jornalística (TRAQUINA, 2005). Com isso, jornalistas usam desses quesitos para fazer de alguns fatos notícia, deixando outros de lado, e compor o retrato de mundo apresentado ao público.

A representação de uma determinada realidade social passa pelo compartilhamento de valores sociais e culturais relativamente semelhantes, pelo uso de um mesmo idioma e por um relativo consenso diante dos acontecimentos vivenciados em sociedade. Mesmo com esse aparente consenso, os fatos noticiados, por vezes, representam uma espécie de conflito ou inquietação em determinado contexto, já que a própria discussão sobre acontecimento engloba definições como algo que irrompe o cotidiano ou muda a sequência de fatos rotineiros da vida em sociedade (RODRIGUES, 1993; ALSINA, 2009; ANTUNES 2007).

³² Para aprofundar o debate sobre a ideia de construção social da realidade, ver: MEDITSCH, Eduardo. Jornalismo e construção social do acontecimento. In: BENETTI, Marcia; FONSECA, Virgínia Pradelina da Silveira. Jornalismo e acontecimento: mapeamentos críticos. Florianópolis: Insular, 2010. p. 19-42.

3 A RITUALIZAÇÃO DA MORTE NA NARRATIVA JORNALÍSTICA

3.1 Observações sobre a coleta de dados nos jornais

A análise³³ apresentada nessa pesquisa leva em conta as capas e as páginas da editoria de Segurança do *Diário da Manhã* durante três meses³⁴. Nos outros jornais foram coletados três meses de edições, considerando o mês em que o caso central foi registrado e começando a coleta desde o primeiro dia desse período. A proposta é conseguir compreender como cada um dos jornais apresentou e valorizou (ou não) o acontecimento morte durante o período em que os casos elencados ocorreram.

Para isso foram utilizadas tabelas para armazenar informações apresentadas em cada uma das edições (as tabelas estão disponíveis na íntegra no apêndice do trabalho). As tabelas apresentam informações como a data de cada edição coletada, a manchete e a chamada da editoria de Segurança na capa (quando não havia chamada o espaço está em branco). Além disso, essa mesma tabela armazenou informações de qual era a principal notícia de cada página da editoria, levando em conta a “leitura ocidental”³⁵.

A intenção era observar como a morte foi formatada na seleção e hierarquização dos acontecimentos que ganhavam o status de notícia, especialmente na cobertura apresentada na página de Segurança, ou seja, no noticiário sobre a morte violenta. Além disso, os três meses de coleta ofereceram a oportunidade de compreender a utilização do valor-notícia morte também fora do período de ocorrência de cada caso e durante a normalidade da cobertura de cada um dos jornais.

Na apresentação e análise de cada um dos casos optou-se por algumas diferenciações gráficas e visuais para facilitar a leitura, como o uso de itálico ao escrever o nome ou a sigla que representa cada jornal. Possíveis erros no uso da língua portuguesa ou mesmo na pontuação das frases foram mantidos, quando não atrapalham a compreensão das informações. Em alguns casos específicos, como a substituição errônea de letras ou erros de digitação, os enganos foram corrigidos e as mudanças foram notificadas.

3.2 O caso Sônia Rocha ou crime da Collares

A professora Sônia Maria Rocha foi vítima de um atentado no dia 13 de abril de 1998 – ela foi atingida por um disparo de arma de fogo no rosto. O crime também ficou

³³ Foram consultados os acervos da Casa da Memória Paraná e do Museu Campos Gerais.

³⁴ No caso do *Diário da Manhã* foram coletados apenas os meses de abril e maio de 1998, as edições de junho não estavam disponíveis nos acervos consultados

³⁵ De cima para baixo, da esquerda para a direita.

conhecido nas páginas dos jornais da cidade como o “Caso Collares”, já que a professora foi ferida quando entrava no prédio em que residia, na rua Doutor Collares, na região central de Ponta Grossa – Paraná.

Após ser atingida pelo disparo, Sônia chegou a ser socorrida e levada ao hospital. A vítima foi transferida para uma unidade hospitalar em Curitiba, capital do Paraná, mas acabou falecendo no dia 21 de abril do mesmo ano, seis dias após o atentado. O caso recebeu pouca cobertura por parte dos dois jornais diários que circulavam na cidade – *Jornal da Manhã* e *Diário da Manhã* – e acabou sendo noticiado de maneira tímida nos primeiros dias.

No dia do crime, apenas o *Jornal da Manhã* registrou a ocorrência do atentado contra Sônia – o acontecimento teve apenas espaço na capa, em forma de nota, e não recebeu cobertura nas páginas internas do periódico. Como o fato aconteceu já por volta das 19h, horário de fechamento dos jornais, a cobertura do crime pode ter sido prejudicada por esse condicionante.

Já no *Diário da Manhã* o crime só teve espaço três dias após o atentado, no dia 16 de abril de 1998, quando o jornal noticiou os primeiros passos da investigação sobre a então tentativa de assassinato. A morte de Sônia Rocha, registrada dias após o atentado, voltou a impulsionar a cobertura jornalística, mas a inércia das investigações e até a possibilidade de exumação do corpo da professora também foram aspectos que levaram o acontecimento morte a receber o status de notícia.

De maneira geral, as coberturas do *Jornal da Manhã* e do *Diário da Manhã* sobre o crime foram pontuais e baseadas nos avanços (e por vezes na ausência deles) das investigações policiais. Vários delegados comandaram os inquéritos sobre o assassinato e as oitivas (procedimentos policiais) e depoimentos também movimentaram a cobertura noticiosa – suspeitos e linhas de investigações chegaram a ser elencadas, mas na prática o crime nunca foi solucionado e ninguém foi preso.

Sem pistas fornecidas pela Polícia Civil e sem a apresentação oficial de suspeitos, as notícias³⁶ (muitas vezes publicadas em formas de nota) se basearam em informações de bastidores sobre o círculo familiar e de amigos da vítima ou nos delegados que atuaram no caso. Durante o período de análise, a Polícia Civil chegou a cogitar a exumação do corpo (processo que só foi autorizado pela Justiça após o período de análise), mas mesmo assim o responsável pelo crime nunca foi localizado. Mesmo sem a conclusão dos inquéritos ou a

³⁶ Para fins de análise do trabalho, não existe diferenciação entre os termos notícia, reportagem ou texto mesmo que na literatura do Jornalismo existam conceitos específicos para cada um dos termos. Por tanto na análise as informações publicadas serão diferenciadas pelos termos: abre, notícia secundária e terciária.

prisão de um suspeito(a), a cobertura sobre o atentado contra Sônia Rocha compôs parte do noticiário policial por anos.

3.2.1 Características do Diário da Manhã no caso Sônia Rocha

Em abril de 1998, o *Diário da Manhã* circulava em formato tabloide e era impresso normalmente em três cores: preto, branco e uma outra cor que variava de acordo com o dia da semana. O jornal tinha edições de terça a domingo e contava com números entre 22 a 30 páginas – cada edição do *Diário da Manhã* era vendida a R\$ 0,70 na banca. Nas edições dominicais, o *DM* apresentava páginas coloridas e era comercializado por R\$ 1.

Na estrutura editorial e gráfica, o *DM* trazia divisões em editorias (Política, Geral, Esporte e Segurança), além de duas páginas de opinião (páginas dois e três) e colunistas de política, moda e social. A capa do jornal tinha uma manchete curta e com fonte maior que as outras letras da capa, além de três fotos: uma na região central da página, outra no cabeçalho (ou em chamadas na parte de baixo) e outra na lateral direita.

Imagem 1 – Capa do Diário da Manhã de 4 de abril de 1998



Fonte: Do autor

Nas páginas internas, o *DM* tinha a editoria de Segurança ocupando as últimas páginas da edição do jornal e por vezes dividindo espaço com notas de falecimento – durante o período em análise, o *DM* variou entre uma e duas páginas dedicadas à editoria.

No topo da página interna³⁷ da editoria de Segurança, a reportagem que abria a página tinha formas variadas: títulos em uma ou duas linhas, uma ou duas fotos ilustrando a notícia ou mesmo nenhuma imagem. Nas matérias subsequentes, a diferenciação gráfica era confusa, muitas vezes a divisão entre um texto e outro era feita com uma linha-fina ou mesmo apenas com espaço em branco. Também era comum a inserção de ‘calhaus’ do próprio jornal para preencher espaços vagos na página.

Imagem 2 – Página interna do Diário da Manhã do dia 21 de abril de 1998



Fonte: Do autor

Na página interna da editoria de Segurança, o *DM* publicava, com menos frequência, propagandas de empresas ou mesmo convites e anúncios para missas de sétimo dia – apenas uma publicidade de empresa foi encontrada durante o período de análise. Como ferramenta de diagramação, nas páginas internas, o *Diário da Manhã* apresentava algumas reportagens em caixas com tons diferentes ao fundo – principalmente com cores com o cinza claro como forma de diferenciação.

³⁷ Durante esse período da coleta os jornais do *Diário da Manhã* disponíveis no acervo estavam encadernados. Isso prejudicou a visualização de informações em algumas edições, além das páginas edições que não foram encontradas no acervo – as falhas e ausências da coleta estão descritas no apêndice do trabalho.

3.2.2 Os desdobramentos da morte de Sônia Rocha nas páginas do Diário da Manhã

O caso do assassinato da professora Sônia Maria Rocha só recebe atenção por parte do *Diário da Manhã* na data de 16 de abril de 1998, três dias após crime ser registrado. A notícia tem destaque na capa, ocupando parte superior da primeira página do *DM* com o título *POLÍCIA PROCURA TESTEMUNHA DE ATENTADO*³⁸.

O subtítulo informa: “O atentado contra Sônia Rocha teria tido uma testemunha, que teria sumido na cidade. A Polícia investiga”. A construção textual já traz a vítima (Sônia Rocha) como uma velha conhecida do público (ANTUNES, 2012), abre mão de explicações mais detalhadas sobre o acontecimento e adota um tom de suspense e indefinição sobre o caso. O uso de termos como “teria tido” e “teria sumido” mostra a intenção do discurso noticioso em criar hipóteses sobre o acontecido.

Na página interna do *DM*, a notícia sobre o atentado contra Sônia ocupa espaço secundário na editoria de Segurança – a notícia é publicada no canto esquerdo da página e não é acompanhada de imagem. Sem citar a profissão de Sônia e as características do círculo social da vítima (informações que iriam compor a cobertura dias depois), a notícia apresenta o que Antunes (2012) chama de “aproximação do inevitável” ao tentar ambientar a vítima no jornal.

O conteúdo da notícia na edição de 18 de abril de 1998 é vago e, mesmo que o título remeta diretamente ao atentado (*Mulher sofre atentado no Centro de Ponta Grossa*), o texto diz respeito mais as investigações do que ao crime propriamente dito. Com uma distância temporal de três dias (o crime aconteceu em uma segunda-feira e a informação foi publicada pelo *DM* apenas na quinta-feira), a reportagem aborda as primeiras investigações policiais. A abordagem sobre as investigações pode ser uma estratégia jornalística: o concorrente, *Jornal da Manhã*, já havia noticiado o caso no dia posterior ao acontecimento e, diante disso, era necessário um novo ângulo para fazer do fato uma notícia.

³⁸ Em algumas ocasiões todos os títulos da capa do *Diário da Manhã* eram feitos em letra maiúscula e, para fins de análise, mantivemos a escrita e a opção pela caixa alta. Quando os títulos foram publicados em letra minúscula, com caixa alta para algumas palavras, a escrita e a forma original também foram mantidas na íntegra.

Imagem 3 – Notícia publicada na edição de 16 de abril de 1988 no DM



Fonte: Do autor

Após a nota publicada no dia 16 de abril, o *Diário da Manhã* retoma a cobertura do caso no dia 23. Com direito a uma chamada na parte superior da capa, o *DM* noticia na edição de quinta-feira (23) a morte de Sônia Rocha. O título da capa remete a morte da vítima e ao local do corpo em que ela foi baleada: “MULHER BALEADA NO PESCOÇO MORREU NA TERÇA”.

O subtítulo que acompanha a chamada ressalta o caráter misterioso do crime e a gravidade do acontecimento: “Sônia Rocha, baleada no pescoço em pleno centro da cidade, faleceu nesta terça, deixando um mistério”. A chamada desconsidera a distância temporal entre o crime, a morte e a própria publicação da notícia e salienta aspectos como o mistério e a gravidade do acontecimento.

O texto dá indícios sobre como o acontecer irrompeu o cotidiano, ressaltando que a vítima havia sido baleada “em pleno centro da cidade” – mesmo diante do rompimento do cotidiano, a notícia tem espaço reduzido pela gravidade sugerida pelo jornal. Além disso, sem valores-notícias factuais atuando na apresentação do caso, o drama e o mistério que envolvem o acontecimento são ressaltados no texto apresentado pelo *DM*.

Na página interna, a notícia sobre o caso ocupa o espaço secundário da segunda página da editoria de Segurança daquela edição do *Diário da Manhã*. A notícia é ilustrada com uma foto de viaturas que teriam atendido Sônia no local do crime (essa é a primeira vez

que uma notícia sobre o caso aparece acompanhada de uma imagem) e tem como título “Mulher baleada acaba morrendo no hospital”.

Enquanto a notícia sobre a morte de Sônia Rocha aparece de maneira secundária na página interna (mesmo que tenha tido destaque na capa da edição), outras reportagens ganham espaço de maior privilégio na editoria de Segurança do *Diário da Manhã*. Na mesma edição que publica a notícia sobre a morte de Sônia com foco no caráter “misterioso” do crime, o *DM* abre as páginas da editoria com outras duas reportagens.

A primeira delas é uma notícia sem foto que ocupa quase metade da página 25 do periódico. Com o título “Assaltante atira contra vítima e consegue escapar”, a reportagem relata o assalto a um caminhoneiro em uma rodovia que corta o município de Ponta Grossa – a vítima foi atingida por um disparo no abdômen e o suspeito fugiu, ninguém foi preso.

A segunda página da editoria de Segurança, local em que a nota sobre a morte de Sônia é publicada, tem como informação principal uma notícia sobre a atuação das forças de segurança do município. Com o título “Polícia Militar realiza operação com cerca de 100 homens nas ruas de PG”, a notícia relata a série de ações da PM em “áreas críticas” da cidade, especialmente bairros periféricos – a informação também é a manchete da edição do *Diário da Manhã* no dia 23 de abril de 1998.

Nos dias seguintes, o *DM* diminui a demanda por assuntos policiais e passa a publicar apenas uma página da editoria de Segurança, ao invés das duas páginas reservadas a esse tipo de assunto. O caso Sônia Rocha volta a ter espaço na cobertura no dia 26 de abril, edição dominical do *Diário da Manhã*. A reportagem recebe espaço na capa (na parte superior, como de costume) e também abre a editoria de Segurança da edição.

Na capa do *DM* o título da chamada é: “Caso Sônia Rocha continua sem solução”. O subtítulo da notícia reforça a ideia de suspense que envolve o atentado e morte da professora: “Um tiro foi disparado contra Sônia no último dia 13 e até agora pouco foi descoberto pela Polícia”. A chamada, mais uma vez, trata Sônia Rocha como uma velha conhecida dos leitores (ANTUNES, 2012), mesmo que a cobertura do jornal ainda não tenha apresentado mais informações sobre a vida pessoal da vítima, e reforça o caráter inicial das investigações sobre a morte de Sônia.

Na página interna, a reportagem sobre o caso é a principal notícia da editoria de Segurança. Enquanto na capa do *DM* o foco é a falta de solução do caso e a fragilidade das investigações, na página interna o título remete a outro aspecto. Com o título “Investigações em torno do caso da mulher baleada no centro devem mudar de rumo”, a reportagem tem como único entrevistado o delegado Cássio Denis Wzorek, responsável pela investigação

naquele momento e relata, de maneira superficial, as alterações da linha investigatória das autoridades.

Nos últimos dias de abril de 1998, o *Diário da Manhã* ocupou a editoria de Segurança com assuntos de menor valor noticioso e sem tratar, diretamente, do acontecimento morte. Na edição do dia 28 de abril, por exemplo, a chamada da Editoria de Segurança na capa é “Mulher baleada em briga de vizinhos” e na página interna a reportagem que abre a editoria recebe o título de “BR-476 está em obras e interdita tráfego para veículos pesados no quilômetro 200”, enquanto a notícia sobre a mulher baleada tem espaço secundário.

Os desdobramentos da morte de Sônia Rocha só voltam a receber cobertura do *Diário da Manhã* no dia 6 de maio de 1998. Nessa edição, o periódico dedica a tradicional chamada superior da capa ao assassinato da professora com o título “Muchinski assume o caso de Sônia Rocha”. No subtítulo o texto informa: “O delegado Noel Muchinski assume as investigações sobre a morte da mulher que levou um tiro, no Centro”.

Imagem 4 – Chamada de capa do Diário da Manhã do dia 6 de maio de 1998



Fonte: Do autor

As informações publicadas na capa do *DM* no dia 6 de maio demonstram duas características no tratamento do acontecimento morte: a serialização do fato ao citar a notícia como o “caso de Sônia Rocha” e apresentação da autoridade policial como uma figura ambientada às páginas do periódico, especialmente à editoria de Segurança. A prática de dar nome ao caso (série de acontecimentos) faz parte do que Tavares (2012) chama de ritualização jornalística da morte.

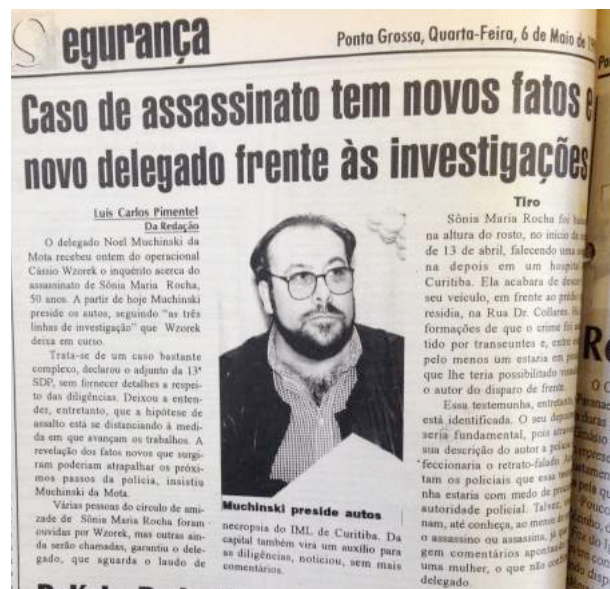
Na página interna da edição de 6 de maio, o *Diário da Manhã* abre a editoria de Segurança com a notícia sobre a morte da professora. Com o título “Caso de assassinato tem novos fatos e novo delegado frente às investigações”, a notícia apresenta, pela primeira vez, um aspecto factual para falar sobre o caso: o delegado havia assumido as investigações no dia anterior da publicação, fato que dá início ao texto.

A reportagem é ilustrada por uma foto do “novo delegado” e classifica o assassinato da professora como um “caso bastante complexo”, além de informar que a autoridade policial teria “deixado a entender” que a hipótese de assalto, adotada no começo das investigações, começava a ser deixada de lado. Mesmo que saliente no título os “fatos novos” encontrados durante o trabalho policial, o texto informa que o delegado Noel Muchinski preferiu não revelar o teor das descobertas feitas até então.

Ainda segundo o *DM*, o delegado já havia interrogado várias pessoas do círculo de amizade de Sônia e, além disso, Muchinski afirmou que aguardava o envio de laudos da necropsia para avançar com as investigações. Com apenas uma retranscrição intitulada *O tiro*, o texto reconstrói a cena do crime e apresenta algumas informações sobre a “testemunha ocular” que já havia sido citada pelo *DM*.

Segundo a retranscrição publicada no *Diário da Manhã*, a testemunha possibilitaria às autoridades a confecção de um retrato-falado do “responsável por assassinar” Sônia Rocha. Usando artifícios linguísticos como “talvez, imaginam os policiais”, o texto publicado no *DM* ainda sugere que a testemunha poderia conhecer o responsável pelo crime e, por isso, teria medo em colaborar com as investigações.

Imagem 5 – Reportagem da página de Segurança do DM no dia 6 de maio de 1998



Fonte: Do autor

A notícia sobre o caso Sônia Rocha divide a primeira dobra da página interna do *Diário da Manhã* com um texto que é uma mistura de várias pequenas notas. Com o título “Homem morre atropelado” e cercado por uma linha-fina, o *DM* publica uma nota que reúne várias informações diferentes, como o atropelamento com óbito em uma rodovia que passa

por Ponta Grossa, um flagrante de violência doméstica, a prisão de um homem por porte ilegal de arma e o furto a residências em um bairro periférico da cidade.

A cobertura sobre o assassinato da professora ganha um novo hiato nas páginas do *Diário da Manhã*. Entre os dias 7 a 13 de maio de 1998, o crime não é citado no *DM* e a temática só volta a receber atenção no dia 14 de maio. Sem destaque na capa, o jornal reserva um dos abres das páginas da editoria de Segurança para noticiar o assunto.

Com o título “Investigadores mostram que Sônia Rocha pode ter sido morta por questão passionai”, a reportagem abre a página 26 da edição do *DM* do dia 14 de maio. Recorrendo ao quesito temporal (desta vez ao ‘aniversário’ de um mês do crime), o *DM* publica a reportagem que relata as descobertas das investigações do assassinato.

Novamente ilustrada por uma foto do delegado Noel Muchinski (fotos de Sônia Rocha não aparecem durante a cobertura do *DM*), a reportagem afirma que a autoridade estaria “prestes a solucionar o caso”. No entanto, o texto também argumenta que o que impedia a conclusão do inquérito era a ausência do depoimento da “testemunha ocular”, mencionada desde o começo das investigações.

Com o afastamento de questões factuais do caso (como a marca de um mês após o crime ou o fato de um novo delegado assumir as investigações), as reportagens publicadas pelo *DM* passam a ser ancoradas em questões da ordem analítica. Com o uso frequente de expressões como “teria sido”, “pode ter sido” e “talvez”, os textos são baseados em análises sobre o acontecimento para ressignificar a notícia diante do público.

Com um novo hiato na cobertura, o *DM* volta a tratar do caso no dia 21 de maio de 1998. Desta vez sem espaço na capa e em matéria secundária com o título de “Testemunha é localizada”, o *Diário da Manhã* informa sobre a localização da testemunha tida como “ocular e essencial” para a conclusão do caso de Sônia Rocha. Mais uma vez ilustrada com a foto do delegado Noel Muchinski, a notícia traz novas informações a respeito da testemunha do crime. Mesmo que o título indique que a testemunha foi localizada, no texto as informações são outras: a notícia informa que delegado já tinha conhecimento do nome da testemunha e esperava ouvi-la no próximo dia.

A notícia sugere que a testemunha poderia apresentar a autora do crime, focando no aspecto de que uma mulher seria responsável pelo assassinato de Sônia. Pela primeira vez no *Diário da Manhã* um suposto “triângulo amoroso” é citado na cobertura e, ainda na notícia publicada no dia 21 de maio de 1998, o *DM* informa que as autoridades teriam adotado a hipótese de vingança para solucionar o crime.

Em mais uma lacuna da cobertura, o caso da morte de Sônia Rocha só volta a ser citado no *Diário da Manhã* no dia 28 de maio daquele ano. Novamente com espaço na capa do jornal, o caso é noticiado tendo como base a motivação passional do crime. Com o título “Sônia pode ter sido vítima de crime passional”, a notícia ocupa a parte superior da capa do periódico.

No subtítulo, o jornal informa: “Investigações da Polícia começam a indicar possibilidade de ter havido um crime passional”. A informação da passionalidade já havia sido publicada pelo próprio *Diário da Manhã* e é novamente destacada. No entanto, na página interna da editoria de Segurança, os aspectos ressaltados são outros.

Imagem 6 – Capa do Diário da Manhã do dia 28 de maio de 1998



Fonte: Do autor

Na página interna o *DM* publica a última notícia sobre o caso Sônia Rocha durante o período de análise (o mês de junho de 1998 não foi encontrado no acervo). Com o título “Caso Sônia continua sendo investigado”, a reportagem ocupa o quadrante superior direito da página 26 e mais uma vez é ilustrada com a foto do delegado responsável pelas investigações – a legenda da foto traz apenas a palavra “Paciência”.

O texto começa com a informação de que “mais uma vez o delegado-adjunto Noel Muchinski pediu paciência ao ser perguntado sobre as investigações sobre a morte de Sônia Maria Rocha, 50 anos”. Na notícia, a fala da autoridade policial ressalta que a principal aposta naquele momento era de uma motivação passional do crime. A reportagem volta a citar o triângulo amoroso supostamente envolvido no crime. O texto ainda informa que, na medida que as investigações avançam sem solução do caso, o número de suspeitos cresce.

Composta apenas por uma retranscrição intitulada *Prédio*, o texto ainda informa que, pela primeira vez, os moradores do local em que Sônia morava seriam ouvidos pelas autoridades. O crime aconteceu em frente à entrada da garagem do imóvel e, por isso, o delegado acreditava que os moradores poderiam contribuir com as investigações. O *DM* apresenta

críticas claras à atuação policial – fato que não era rotineiro no posicionamento apresentado pelo jornal. Na retranscrição, o texto informa:

A questão da testemunha que se nega a admitir que viu o assassinato extrapolou as medidas, entendem alguns investigadores que o delegado destacou para o caso. O inquérito avoluma-se e a comunidade já pensa que a Polícia está andando em círculos. O mais interessante em tudo é o sigilo quanto aos nomes que circundam nas páginas do inquérito. A resposta do delegado é sempre a mesma. “A antecipação de informações podem atrapalhar as investigações” (PIMENTEL, Luís Carlos. Caso Sônia Rocha continua sendo investigado. **Diário da Manhã**, Ponta Grossa, 28 de maio de 1998, p. 26)

Interessante notar que a notícia recorre a suposta opinião da comunidade (citando a comunidade como um ente homogêneo) para apresentar uma crítica clara ao andamento das investigações. Ao informar que o “inquérito avoluma-se e a comunidade já pensa que a Polícia está andando em círculos”, a reportagem do *DM* critica a atividade policial, mesmo que essa crítica esteja escondida em um discurso, aparentemente, vindo de um coletivo.

A notícia publicada no dia 28 de maio é a última sobre o caso Sônia Rocha no *Diário da Manhã*. Nas publicações dos primeiros 60 dias posteriores, nota-se que, por vezes, o jornal desconsiderou questões factuais sobre o crime (como a data do atentado ou da morte de Sônia) para publicar informações sobre o assunto. No entanto, em outros casos, o *DM* também utilizou aspectos temporais para formatar o acontecimento morte no noticiário.

Em uma das situações, o gancho foi a presença de um novo delegado no comando das investigações do caso e em outro a notícia teve como mote o ‘aniversário’ de um mês do atentado. Quando não haviam aspectos factuais sobre a morte de Sônia compusessem as páginas do *DM*, o periódico apresentou análises sobre o acontecimento e também possibilidades sobre os desdobramentos das investigações, além de fazer cobranças públicas sobre a “inércia policial” na busca pela solução do assassinato.

A cobertura do caso Sônia Rocha também foi marcada pelo que Antunes (2012) chama de “atributos do morto”. Em algumas circunstâncias, o acontecimento da morte da professora foi levado ao noticiário tendo como impulso os atributos da vida pessoal da vítima. Principalmente quando as investigações das autoridades não apresentavam avanços, eram os atributos de Sônia que levavam o acontecimento a reaparecer e ser ressignificado no noticiário.

Outra característica da cobertura do *Diário da Manhã* é a presença de aspectos pessoais citados pelo jornal, mesmo sem ser o foco das reportagens. A possibilidade de um “triângulo amoroso”, além da hipótese do assassinato ter sido cometido por uma mulher são algumas das informações que compõem a leitura de mundo apresentada pelo jornal.

No entanto, nos dois meses (abril e maio de 1998) observados no *Diário da Manhã*, nota-se que o caso Sônia Rocha divide espaços com outros acontecimentos morte que passam pela ritualização (TAVARES, 2012) das práticas jornalísticas. Por isso, no tópico seguinte apresenta-se uma discussão sobre como outros acontecimentos desse tipo (além do caso Sônia Rocha) foram retratados nas páginas do *DM*.

3.2.3 Inusitado, inexplicável e banal como atributos da morte no Diário da Manhã

Durante os meses de abril e maio de 1998 nenhuma manchete do *Diário da Manhã* deu espaço para acontecimentos que envolvam a morte violenta ou seus desdobramentos. Nesse período, a maior parte das manchetes dizia respeito ao campo político, a atuação de atores sociais e políticos em busca de espaço, a movimentações econômicas e, em apenas duas ocasiões, a atividades do setor de segurança.

Notícias oriundas da editoria de Segurança só receberam manchetes em duas edições do *DM*, ambas no mês de abril de 1998. A primeira das manchetes foi publicada no dia 10 de abril com o título “Chefe de quadrilha é procurado a cinco anos” [sic]. O subtítulo da notícia informa: “Invanildo Sitorski tem mandado de prisão em Ponta Grossa, Curitiba, e em outras duas cidades de Santa Catarina. A quadrilha teria furtado nove F1000 de janeiro para cá”.

A manchete seguinte fornecida pela editoria de Segurança é publicada no dia 21 de abril, a mesma edição em que a morte de Sônia Rocha é noticiada. Com o título “Polícia sai às ruas para dar combate a ladrão e traficante”, a notícia trata de uma operação da Polícia Militar para conter o tráfico de drogas na cidade, especialmente em escolas e outras instituições de ensino.

Com presença reduzida nas manchetes do periódico, as informações da editoria de Segurança e os acontecimentos que tratavam de morte tinham um espaço cativo na capa do *Diário da Manhã*. Em praticamente todas as edições do *DM* em abril e maio de 1998, o jornal reservou uma chamada na parte superior da capa para as informações da editoria de Segurança.

Ao observar as chamadas da editoria publicadas na capa do *DM* durante o período e as reportagens que abriam a(s) página(s) dedicadas ao noticiário do setor policial, notou-se que o acontecimento morte era visto com alto valor noticioso na seleção de fatos realizada pelo *Diário da Manhã*. Em abril, por exemplo, das 23 edições coletadas, em nove delas, as chamadas reservadas à editoria de Segurança na capa citam a morte, falecimento ou mesmo tentativas de homicídio como aspectos ressaltados no título ou no subtítulo.

A notícia publicada no dia 1 de abril de 1998, por exemplo, traz o título “Rapaz mata menor, por causa de troco” [sic]. No subtítulo o jornal informa: “Menor foi comprar uma garrafa de pinga e, ao voltar, a desconfiança no troco acabou em morte”. Nessa chamada, algumas utilizações do acontecimento morte ficam explícitas no texto e na construção do discurso jornalístico apresentado pelo *Diário da Manhã*.

Tavares (2012), por exemplo, expõe conceitos de Sodré (1996) e Maffessoli (1990) para lembrar que o discurso noticioso contribui para enquadrar acontecimentos rotineiros e outros banais, fúteis e que fogem a lógica da sociedade em uma mesma visão de mundo minimamente coerente. No caso da morte noticiada pelo *DM* no dia 1 de abril esta é uma das facetas apresentadas no discurso oferecido pelo jornal.

Ao noticiar que um homem matou um adolescente por conta do valor de um troco, o discurso jornalístico do *Diário da Manhã* afirma que a série de acontecimentos banais (a compra de uma garrafa de pinga seguida do desentendimento sobre o valor do troco) acabaram em morte. A construção textual realça o caráter da morte dos desconhecidos – ao contrário de outras mortes, nessa ocasião o homem e o adolescente não tem os atributos pessoais inseridos na notícia e são, nesse sentido, apenas um homem e um adolescente, sem nome, idade ou profissão, por exemplo.

Na página interna da edição do *DM* do dia 1 de abril de 1998 a notícia recebe o título de “Discussão por causa de dinheiro acaba com morte de um menor em Ponta Grossa”. A reportagem abre a página 22 do *Diário da Manhã* e é ilustrada por uma foto de um policial militar que atendeu a ocorrência.

No texto, mesmo que o homem e o adolescente morto ganhem identificação com nome e idade, a reportagem tem como foco a descrição cronológica dos acontecimentos e a atuação das forças de segurança para prender o suspeito do crime. O aspecto banal da morte é ressaltado no lide da notícia, mas o restante do texto foca em informações mais formais com o uso de termos da própria linguagem policial³⁹ e dos jargões do setor.

A morte volta a aparecer na capa do *Diário da Manhã* no dia 3 de abril. Com o título “Faltam dados do crime de empresário”, o texto parece não relatar um acontecimento ligado a morte, mas no subtítulo o *DM* publica: “Polícia aguarda informações de Santa Catarina para esclarecer caso de empresário encontrado morto”. Dessa vez, mesmo que o título aposte em outro tipo de construção textual, a morte também é utilizada como valor noticioso.

³⁹ Nesse caso, termos do boletim de ocorrência (BO) parecem ter sido transcritos para a notícia. Expressões como “inquirições preliminares” são utilizadas sem maiores explicações ao público.

O fato de o empresário em questão ter morrido é o gancho para o *DM* publicar a reportagem – dessa vez o morto é qualificado pela profissão e com isso o discurso noticioso aciona o que Silva e Vogel (2012) chamam de padrões e acervos de temas constituídos na mente. A reportagem é ilustrada por duas fotos: uma do delegado responsável pela investigação e outra do veículo do empresário, onde ele foi encontrado morto.

Na página 22 da edição do dia 3 de abril de 1998, o *DM* abre a editoria de Segurança com a reportagem “Investigações da morte de empresário dependem de informações de Santa Catarina”. Dessa vez ocupando lugar central na construção textual do título, a morte do empresário Eriberto Estein ocorrida, de acordo com o texto, em novembro de 1997, ganha espaço central na notícia.

Composta por quatro retrancas (*Desovado, Horário, Outros casos e Corrida*), a reportagem tem como eixo central as investigações e na necessidade do delegado responsável de conseguir novas informações sobre o crime – nem todas as retrancas dizem respeito ao crime, a partir de *Outros casos* o relato é focado em outros acontecimentos que não a morte de Eriberto.

O texto relata, de forma cronológica, os acontecimentos anteriores à morte do empresário Eriberto e faz indagações sobre o assassinato do empresário:

Eriberto Estein, naquele dia, saiu de Balneário Camboriú, às 8 horas, com destino a Blumenau, onde participaria de uma reunião de negócios. Abasteceu a caminhão, conforme nota fiscal encontrada no carro pelos policiais. É bastante intrigante [sic] o fato de às 13 horas o seu corpo aparecer em Ponta Grossa. No mínimo, quatro horas, sem paradas, demandariam para cumprir todo o trajeto. Os bandidos deveriam estar também com um veículo bastante eficaz em se tratando de velocidade. A questão, encerra o delegado, é que o caso de Eriberto Estein está ainda na estaca zero. (PIMENTEL, Luís Carlos. Investigação sobre morte de empresário depende de informações de Santa Catarina. *Diário da Manhã*, Ponta Grossa, 3 de abril de 1998, p. 22)

Sem aspectos factuais ou ganchos mais claros para publicar a notícia sobre a morte de Eriberto (a própria morte sem solução parece ser o quesito mais noticiável do acontecimento), o *DM* aposta na interpretação dos fatos para reapresentar o caso. Além disso, o texto do *Diário da Manhã* faz análises sobre o contexto do crime – algo semelhante com o que Antunes (2012) chama de “dramatização da morte em uma narrativa imagética e linguística”.

Na edição seguinte, a morte volta a ser explicada pelo *DM* através dos atributos do morto (ANTUNES, 2012) e pelos desdobramentos do próprio acontecimento. No dia 4 de abril de 1998 (sábado), o *Diário da Manhã* publica na capa: “Mulher que matou marido depõe na segunda”. O subtítulo da notícia informa: “Sônia Schaniuk, que teria matado o marido por

acidente, depõe na segunda-feira, contando sua versão”. Na página interna, a informação está no canto inferior direito da editoria de Segurança – espaço menos privilegiado da página. O texto tem como título “Mulher que teria matado o marido em acidente fala à polícia segunda-feira”. Nesse caso, a reportagem tem como foco o possível caso de traição como motivador do crime.

A morte retorna à primeira página do *Diário da Manhã* no dia 5 de abril, edição dominical do periódico. Ocupando a chamada na parte superior da capa, a notícia publicada pelo *DM* tem como título: “Mulher morre enforcada em basculante”. No subtítulo o caráter inusitado da morte é ressaltado: “Ao tentar entrar pela janela do quarto, na casa do ex-namorado, mulher se desequilibra e morre enforcada”.

Na página interna, a notícia sobre a morte da mulher na basculante ocupa espaço privilegiado. Na editoria de Segurança do *Diário da Manhã* do dia 5 de abril de 1998 as reportagens dividem espaço com um anúncio de ¼ na página – essa é a primeira vez, durante a análise, que um anúncio comercial é publicado na editoria. A reportagem tem como título: “Jovem morre asfixiada ao tentar pular janela da casa de um antigo namorado”.

Com o título ocupando duas linhas do canto superior esquerdo da página, a reportagem é ilustrada por uma foto da cena da morte: a imagem mostra a jovem pendurada no vitrô da casa e a legenda ressalta o caráter incomum do fato. A situação se assemelha ao que Tavares (2012) conceitua como o processo de inversão dos mídias: fazer das mortes incomuns acontecimentos aceitáveis e com consequências e desdobramentos minimamente cabíveis do ponto de vista racional.

Imagem 7 – Capa do Diário da Manhã da edição de 5 de abril de 1998



Fonte: Do autor

O texto da reportagem publicada no *DM* tem como foco as possíveis causas que levaram a jovem, identificada como Cleusa de Fátima Ferreira dos Santos, 23 anos de idade, a morrer enforcada na janela da casa de um ex-namorado. A notícia explora o caso

extraconjugal que a jovem morta manteve com o dono da residência e apresenta questionamentos sobre o motivo de Cleusa estar no local.

Sem espaço na capa, a morte da jovem volta a aparecer na cobertura do *DM* no dia 7 de abril de 1998 – a morte é registrada na manhã de sábado, 4 de abril, e os jornais não circulam na segunda-feira. A reportagem sobre o caso abre a segunda página da editoria de Segurança do *DM*. Com o título “Polícia começa a investigar a morte de mulher que se enforcou em basculante”, a reportagem é dividida em duas retrancas (*Declarações e Perícia*) e é ilustrada por duas fotos, uma delas, a maior, exhibe a cena da morte da jovem e a outra imagem é um retrato do delegado responsável pelas investigações.

No terceiro dia de cobertura sobre a morte da jovem, o *Diário da Manhã* muda a abordagem sobre o caso. Antes classificado como a “morte na basculante”, a vítima passa a ter nome e atributos (ANTUNES, 2012) exibidos no texto publicado na capa do *DM*. No dia 8 de abril de 1998, o *Diário da Manhã* publica na capa “Surtem contradições na morte de Cleusa”.

O título publicado na página do *DM* no terceiro dia de cobertura trata Cleusa como uma velha conhecida – assim como no caso Sônia Rocha, a pessoa morta parece ser incorporada ao discurso noticioso e se ambientar a ele, sendo tratada como uma personagem do retrato de mundo oferecido ao público. No subtítulo da notícia o *Diário da Manhã* informa: “Morte de mulher, asfixiada em basculante, começa a apresentar contradições pelos depoimentos” [sic].

Mesmo que tenha destaque na primeira página do *Diário da Manhã*, na editoria de Segurança a reportagem sobre a morte de Cleusa tem espaço secundário – a notícia que abre a editoria é “Mulher responde processo por registro ilegal e maus tratos a menor na prisão”. No canto superior direito da página e sem foto o *DM* publica: “Contradições no caso da mulher morta em janela”.

Enquanto na capa, a vítima é identificada pelo nome, na página interna Cleusa segue sendo qualificada como a “mulher morta em janela” – a aposta textual representa uma forma do jornal apresentar e nominar a morte, lembrando os leitores do acontecido. O caráter inusitado que cerca o caso da jovem é o gancho da reportagem e o texto aborda as primeiras contradições nos depoimentos tomados pelas autoridades, sendo dividido em duas retrancas (*Testemunhas e Laudos*).

A morte volta a ser registrada na editoria de Segurança do *Diário da Manhã* no dia 9 de abril de 1998. O abre da página é a reportagem “Mulher que matou o genro será interrogada de novo”. Ainda na página 25, o jornal publica uma notícia secundária, no canto

inferior esquerdo da página, com o título “Delegado ouve testemunha de homicídio”. Ainda nessa mesma edição do *DM* o acontecimento morte é relatado em mais uma oportunidade. Em outra página da editoria de Segurança, o *DM* publica uma notícia com o título “Polícia procura autor de dois homicídios na cidade”.

Nota-se que a morte era utilizada para compor o noticiário do *Diário da Manhã*. Seja ela violenta e/ou inusitada (como no caso da mulher encontrada morta em uma janela), ou os desdobramentos do acontecimento (autoridades em busca de um suspeito ou o acusado em julgamento), o óbito apareceu com frequência em locais privilegiados do jornal, mesmo que não integrasse as manchetes.

A série de notícias publicadas no *DM* que tratam de morte ou dos seus desdobramentos se assemelha ao que Vaz (2012) chama de “preparação para a morte”. O autor considera que os jornais apresentam discursos recorrentes sobre a morte como forma de preparar o homem comum para o destino final e salienta que quanto mais inusitada for, maior espaço e destaque a morte deverá receber no discurso noticioso.

O *Diário da Manhã* registra o primeiro hiato na cobertura dedicada aos acontecimentos morte entre os dias 9 e 12 de abril de 1998, período em que nenhum óbito violento é publicado na primeira página do periódico e na editoria de Segurança. O registro desse tipo de acontecimento é retomado no dia 14 de abril de 1998.

No espaço superior da capa o *DM* publica: “Castro registra assalto a banco e suicídio”. No subtítulo o texto segue: “Dois suicídios e um assalto à Caixa Econômica marcaram o final de semana no município de Castro”. A chamada apresenta dois aspectos diferenciados: primeiro, o fato de suicídios serem noticiados, e o segundo é o agrupamento de três acontecimentos distintos (dois suicídios e um assalto a banco) na mesma notícia.

A referência ao município de Castro, cidade a 40 quilômetros de Ponta Grossa, evidencia a tentativa do jornal em regionalizar a informação. Na página interna, a reportagem citada na capa é apenas uma notícia secundária na editoria de Segurança. Com o título “Assalto a banco e 2 suicídios em Castro”, a notícia relata o “final de semana agitado do setor policial” na cidade vizinha.

No entanto, a reportagem que abre a editoria de Segurança da edição de 14 de abril de 1998 também diz respeito a um acontecimento morte. Com o título “Ciclista morre horas depois de ser atropelado”, a notícia informa sobre o acidente registrado na região central de Ponta Grossa e que terminou com o óbito de um ciclista – a vítima chegou a ser socorrida e internada, mas não resistiu e morreu horas depois.

Em um novo hiato do registro da morte na capa do *Diário da Manhã*, o jornal só volta a publicar uma chamada na primeira página sobre o assunto no dia 5 de maio de 1998. Com o título “Rapaz que matou por causa de troco depõe”, a notícia diz respeito ao assassinato noticiado anteriormente pelo *DM* no dia 1 de abril. O subtítulo do texto informa: “Célio Jonak, que matou Marcelo Gonçalves por causa de 10 centavos, depôs no último dia 30”.

Mesmo que o caso esteja ainda na fase de investigação e coletas de depoimentos, o *Diário da Manhã* dá como certa a autoria do assassinato e o motivo fútil. Na página interna, a notícia da capa tem espaço secundário e leva o título: “Homicida é interrogado por delegado de plantão”.

Com o título da página interna e também da capa do jornal ressaltando que o crime foi motivado pela desavença quanto ao valor de um troco, as informações contrariam as titulações dedicadas pelo *DM*. Na reportagem publicada na página 29 do *Diário da Manhã*, o jornal informa que durante o interrogatório Célio teria afirmado que o assassinato foi motivado por vingança – a vítima, identificada como Marcelo, teria agredido gravemente o irmão de Célio cinco horas antes de ser assassinada.

Mesmo informando que a motivação do crime teria sido outra, o *DM* destaca no título da primeira página no quesito inusitado do acontecimento morte – nota-se que nesse caso o valor-notícia inusitado tem mais destaque que o próprio aspecto factual do crime. A preferência pelo caráter inesperado dos acontecimentos morte que ganham espaço na capa é notada nas páginas do *Diário da Manhã* ainda durante o mês de maio. Após um novo hiato, o *DM* volta a dar espaço ao acontecimento morte no dia 21 de maio de 1998.

Na edição de quinta-feira, o *DM* publica na capa colorida⁴⁰ a chamada: “Dono de boate é encontrado morto pela Polícia”. O subtítulo informa: “Há uma semana na cidade, sócio da ‘Alquimia’ se matou, deixando uma carta, em que pede desculpas”. O texto, mais uma vez, desvia o foco de uma situação de suicídio, normalmente não noticiada pelos veículos de comunicação⁴¹, e ressalta a posição social do morto, o “dono de casa noturna”, recém chegado na cidade, além de atentar para o caráter dramático da carta de despedida em que o empresário pede desculpas aos familiares.

⁴⁰ Essa é uma das duas únicas edições em dias de semana do *Diário da Manhã* que tem a capa colorida. Normalmente o periódico publica capas em cores apenas na edição dominical.

⁴¹ Em “O Suicídio”, Émile Durkheim (1977), discute o conceito e denomina o ato como uma manifestação individual de um fenômeno coletivo e cada sociedade estaria predisposta a fornecer um contingente determinado de mortes voluntárias.

A edição em que a morte do empresário é noticiada é a mesma em que o *DM* também informa sobre a localização de uma testemunha do caso Sônia Rocha. A informação principal da página de Segurança tem como título “Proprietário de casa noturna é encontrado morto” – mais uma vez os atributos do morto (ANTUNES, 2012) impulsionam a cobertura sobre os acontecimentos morte.

Imagem 8 – Capa do Diário da Manhã do dia 21 de maio de 1998



Fonte: Do autor

Na reportagem publicada na página interna do *Diário da Manhã*, o enfoque do texto recai sobre a posição social do morto (Ervino Burlinski Filho, 32 anos de idade, empresário e recém chegado ao município) e sobre a causa da morte (tiro de arma de fogo, registrado como suicídio). O texto é composto por três retrancas (*Carta*, *Desavença* e *Madrugada*). Na primeira das retrancas, a notícia relata o conteúdo da carta deixada pelo empresário (também exposto em imagem). Na segunda delas, o texto expõe informações obtidas em *off*: o dono da casa noturna teria afirmado aos funcionários que mataria um rapaz. Na terceira retranca o foco é a rotina da casa noturna e o momento em que o corpo de Ervino é localizado pelo sócio.

A cobertura sobre a morte de Ervino ilustra o uso dos “atributos do morto” (ANTUNES, 2012) como valores-notícia na seleção de um acontecimento. O jovem é qualificado, desde o início do texto, como empresário e dono de uma casa noturna, como se tais atributos tornassem o suicídio um acontecimento morte qualquer. Além disso, a carta deixada pelo empresário integra um dos componentes dramáticos valorizados na seleção do acontecimento ilustrando como tais quesitos eram utilizados como valores na produção noticiosa.

Outra mudança no padrão da cobertura do *Diário da Manhã* ligada ao aparecimento da morte enquanto acontecimento jornalístico é registrada na edição do dia 22 de maio de

1998. Nas edições anteriores, o *DM* publicou apenas uma chamada da editoria de Segurança na capa, mas na edição citada o jornal apresenta duas notícias oriundas do espaço reservado aos assuntos policiais.

Imagem 9 – Capa do Diário da Manhã do dia 22 de maio de 1998



Fonte: Do autor

A chamada que aparece na parte superior da capa traz o título: “Caminhonete D-20 é roubada no Centro”. O subtítulo da notícia informa: “A caminhonete D-20 placas AM-8200 foi roubada ontem na rua Tiradentes, por volta do meio dia”. Na parte inferior da primeira página, no quadrante inferior direito, está o acontecimento morte da edição. Em uma chamada com foto, o *Diário da Manhã* publica: “Taxista mata bandido”. O texto que acompanha a notícia informa: “Uma cena diferente da rotina dos assaltos a motoristas de praças se deu na madrugada de ontem, em que um dos motoristas assaltado reagiu e matou um dos dois assaltantes”.

A notícia sobre o taxista que reagiu e matou o assaltante é o ‘abre’ de uma das páginas da editoria de Segurança com o título “Assalto a taxista termina com morte de ladrão”, enquanto a notícia sobre o roubo da caminhonete aparece como uma nota secundária no canto inferior direito. A reportagem é ilustrada por duas fotos – a primeira delas mostra o assaltante morto dentro do táxi e a segunda exhibe duas armas apreendidas colocadas sobre o símbolo da Polícia Civil.

Enquanto na capa o discurso noticioso enfoca o acontecimento como algo que foge do cotidiano (a vítima que reage e mata o bandido), na página interna a notícia não faz menção à inversão de papéis citada na capa. O texto é dividido em cinco retrancas (*Corrida*,

GOE, Identidade, Primário e Na cidade) e tenta retratar em ordem cronológica os acontecimentos que terminaram em morte, entre eles os antecedentes criminais do assaltante morto, réu primário e sem passagens pela polícia.

Nesse caso, o personagem não é o morto, mas sim o taxista que reage e mata um dos assaltantes – o *DM* ainda ressalta o caráter incomum do caso ao noticiar que a vítima era “ficha limpa na Polícia” e o envolvimento com crime teria “espantado familiares próximos do morto”. Já na capa, o *Diário da Manhã* sugere o rompimento com o cotidiano provocado pelo acontecimento – o texto enaltece que cenas do tipo tendem a ter os personagens invertidos e salienta a inversão como valor-notícia na seleção do acontecimento.

A caracterização de personagens nos acontecimentos morte (VAZ, 2012) volta a aparecer na capa do *DM* no dia 26 de maio de 1998. Ocupando a chamada na parte superior da capa, o *Diário da Manhã* publica “Homem mata amante de 19 anos em motel”. No subtítulo da notícia o jornal informa: “Vera Lúcia Ságaís foi encontrada morta na manhã de domingo, num quarto de motel, com um tiro no pescoço”. O texto apresenta o enfoque na caracterização dos personagens (a amante e o homem casado) e dá destaque ao motel, o local do crime.

Nas páginas internas do *DM* a notícia tem um título incisivo: “Homem casado mata amante de 19 anos em motel com um tiro e foge pulando o muro”. O texto abre a página da editoria de Segurança e não é acompanhado de foto – mesmo que o título seja incisivo ao apontar um “homem casado” como autor da morte dentro do motel, a reportagem tem início com um termo que remete apenas a uma possibilidade.

A reportagem tem início com a hipótese de que Jeronimo Freitas, suspeito do crime, se apresentaria às autoridades. A informação é intermediada por um advogado, classificado na reportagem como um “respeitado criminalista”. Dividido em duas retrancas (*Encontro e Fugiu*), o texto informa ainda que Vera Lúcia e Jeronimo frequentavam o motel há pelo menos três anos, além de afirmar que o homem era casado, enquanto Vera Lúcia era solteira e representaria o papel da amante.

Já no dia seguinte, 27 de maio de 1998, o *DM* dá continuidade ao caso dedicando a chamada na parte superior da capa ao assunto. Com o título “Autor diz que crime do motel foi acidente”, o texto já localiza o acontecimento (crime do motel) e ressalta o caráter accidental do fato. No subtítulo o *DM* publica: “Jeronimo Freitas, acusado da morte da amante, no motel, alega que a arma disparou acidentalmente”.

Na página interna, a notícia sobre a morte de Vera Lúcia é a principal da editoria de Segurança e apresenta um título semelhante ao da capa, apenas com a inversão na ordem das

palavras: “Autor do crime do motel diz que tiro foi acidental”. A reportagem é ilustrada por uma foto do advogado e Jeronimo na entrada da delegacia e tem três retrancas (*Termo, Família e Arma*).

Também na edição do dia 27 de maio, o *DM* publica uma continuação da morte do dono de uma casa noturna. Intitulada como “Polícia investiga caso de suicídio de empresário”, a notícia ocupa parte do quadrante superior esquerdo da página do *Diário da Manhã* e é ilustrada pela foto da carta deixada por Ervino. O texto ressalta que o corpo do empresário não havia sido periciado e que os próprios familiares não acreditavam na versão de suicídio.

O último acontecimento morte registrado pelo *DM* durante o período analisado e com espaço na capa é publicado no jornal de 30 de maio de 1998. Com o título “Adolescente encontrada morta em piscina”, a notícia ocupa o espaço no canto superior da página e traz o subtítulo: “Amiga da vítima conta que Maria Ferreira foi afogada após ter sido embriagada com pinga e maconha”.

Na capa, mais uma vez, é o caráter inusitado da morte responsável por alavancar o acontecimento em um local de destaque na cobertura do *DM*. Na página interna, a reportagem sobre a morte de Maria Ferreira é o abre da editoria de Segurança e traz como título: “Menina de 13 anos tem morte suspeita em piscina”. O texto é ilustrado por uma foto da vítima e é dividido em três retrancas (*Vingança, Interrogado e Flagrante*).

A reportagem relata como a morte da garota havia sido motivada por vingança e ressalta o próprio papel do jornal na solução do crime. De acordo com a notícia, a testemunha do assassinato de Maria Ferreira reconheceu o suspeito do crime em uma foto publicada pelo próprio *Diário da Manhã* na semana anterior. A morte da adolescente teria sido uma vingança em uma disputa de gangues rivais por espaços de tráfico em Ponta Grossa.

A série de acontecimentos morte apresentados na cobertura do *DM* mostra que o fútil e o inusitado foram valores centrais ao alavancar a cobertura dos fatos. Além disso, o próprio mistério e a falta de definição dos casos por parte das autoridades foram aspectos ressaltados no noticiário das mortes violentas. Por fim, os atributos do morto (ANTUNES, 2012) também foram artifícios utilizados pelo *DM* na apresentação dos acontecimentos.

Outra abordagem do jornal na apresentação dos acontecimentos morte foi a ritualização desse tipo de fato nas práticas jornalísticas. Tavares (2012) sustenta que o discurso noticioso faz da morte um acontecimento idêntico e distinto ao mesmo tempo, ressaltando que o discurso das mídias explicam tais acontecimentos a partir de motivações e cenários minimamente racionais.

A dupla natureza do acontecimento morte aparece, por exemplo, quando o *DM* noticia a morte de Cleusa, a jovem que foi encontrada em óbito em uma janela. Inicialmente conhecida como a “mulher morta em basculante”, a vítima passa pela ritualização das práticas jornalísticas e começa a ser citada pelo nome nas páginas nos jornais, momento em que a cobertura do acontecimento morte extrapola o inusitado e o banal, tendo também como componente os atributos do morto (ANTUNES, 2012).

No caso da jovem encontrada morta no motel, também há o que Tavares (2012) chama da morte não como acontecimento novo, mas sim como uma repetição. Neste caso os papéis de amante e do marido que trai a esposa são prontamente acionados pelo discurso noticioso para ambientar o fato na cobertura do *Diário da Manhã*, ritualizando uma morte específica em um contexto mais amplo que engloba esse tipo de acontecer.

3.3 Características do Jornal da Manhã durante o caso Sônia Rocha

Em abril de 1998, o *Jornal da Manhã* circulava em versão *standard* e era impresso em preto e branco – não havia cores em nenhuma página do jornal. O periódico era vendido a R\$ 0,70 nos dias de semana e na versão dominical o preço era de R\$ 1. O *JM* apresentava divisões em editorias: Opinião, Política, Geral, Policial e Esporte. Para fins de análise, foram coletadas informações da manchete de cada edição, além das duas primeiras chamadas da editoria Policial publicadas na capa. São consideradas as duas primeiras chamadas as notícias da editoria encontradas na capa, levando em conta a leitura ocidental.

Imagem 10 – Capa do Jornal da Manhã do dia 1 de abril de 1998



Fonte: Do autor

A capa do *JM* era composta por uma manchete que ficava na primeira dobra do jornal. A primeira página ainda era composta por pelo menos outras duas fotos – a disposição dessas imagens variava de acordo com a edição. O cabeçalho do jornal ficava na parte superior da capa e a primeira página contava quase que exclusivamente com informações noticiosas e a aparição de anúncios publicitários era registrada na parte inferior da capa.

Nas páginas da editoria Policial, o *Jornal da Manhã* publicava uma coluna intitulada “Resenha” e que tinha como símbolo um par de algemas – o espaço era reservado a pequenas notas sobre o setor policial e ficava no canto superior esquerdo da página. A editoria de Policial normalmente tinha todas as notícias assinadas pelo repórter responsável. Na composição gráfica da página também era comum a utilização de ‘olhos’ e ‘linhas-finas’ para separar as notícias umas das outras. Quanto às fotos que compunham a página, o *JM* costumava publicar entre uma e duas fotos na editoria – por vezes a principal notícia da página poderia ser publicada sem foto, enquanto uma informação secundária era ilustrada por uma imagem.

Imagem 11 – Página da editoria Policial do JM do dia 24 de abril de 1998



Fonte: Do autor

3.3.1 O caso crime da Collares e os atributos de Sônia Rocha no *Jornal da Manhã*

A morte da professora Sônia Maria Rocha é registrada pelo *Jornal da Manhã* na edição do dia 14 de abril de 1998, um dia após o crime. Presente apenas na capa do periódico,

a notícia traz o título “Mulher leva tiro na garganta na região central” e parece ter sido inserida às pressas na edição – na página da editoria Policial não há nenhuma menção ao acontecimento.

A nota publicada pelo *JM* ressalta que a Polícia Civil iria instaurar um inquérito para investigar as circunstâncias do atentado cometido contra Sônia. A notícia também salienta que a vítima foi encontrada agonizando e rapidamente socorrida por membros do Corpo de Bombeiros. O texto informa ainda que o caso tinha características de uma tentativa de homicídio já que, aparentemente, nada havia sido levado da vítima.

A cobertura sobre o atentado sofrido por Sônia Rocha volta a compor o noticiário do *Jornal da Manhã* no dia 19 de abril de 1998, cinco dias após o crime. O jornal publica na primeira página uma chamada sem foto, no quadrante direito superior da página, com o título: “Civil quer retrato de suspeito”. Na editoria Policial a notícia sobre o caso é o abre da página e tem como título “Retrato falado mostrará principal suspeito de atentado” – a reportagem não é acompanhada de nenhuma foto. Já na linha de apoio, o *JM* informa: “Peritos do IC devem preparar até quarta-feira retrato falado do principal suspeito do atentado contra Sônia Maria Rocha”.

Com informações oficiais escassas sobre as investigações, a reportagem do *Jornal da Manhã* recorre a “informe extra-oficiais” [sic] para apresentar hipóteses sobre o caso. A notícia, por exemplo, informa extraoficialmente que os médicos que atenderam Sônia encontraram arranhões nos braços da vítima e, segundo a reportagem, tais ferimentos poderiam apontar que a professora tentou reagir.

O *JM* apresenta a cobertura inicial sobre o caso focada no rompimento do cotidiano ocasionado pelo acontecimento. O fato do atentado ter sido registrado no centro da cidade e ainda sob luz do dia são os aspectos ressaltados no noticiário para alavancar o fato ao status de notícia.

A cobertura sobre o caso Sônia Rocha só reaparece no *JM* no dia 6 de maio de 1998. Em uma chamada sem foto na capa, o *Jornal da Manhã* publica: “‘Crime da Collares’ completa hoje um mês sem solução”. No texto que acompanha a chamada, o *JM* informa: “Está marcada para hoje uma nova oitiva na sede da Subdivisão Policial, para oitiva de pessoas que possam contribuir com a polícia para solucionar o atentado sofrido, exatamente há um mês, por Sônia Maria Rocha”.

Nessa publicação do *JM* há um erro evidente na cobertura do periódico. Ao recorrer a um quesito temporal para recolocar o acontecimento no noticiário (o ‘aniversário’ de um mês do crime), o *Jornal da Manhã* erra a data do atentado. Sônia Rocha foi baleada no dia 13

de abril de 1998 e o crime só completaria um mês dali uma semana. Ainda na chamada publicada no dia 6 de maio de 1998, o *JM* dá uma nova nomenclatura ao acontecimento: o crime da Collares⁴².

O quesito temporal também foi utilizado pelo *DM* na cobertura do caso Sônia Rocha para reapresentar notícias sobre o crime. A aposta ressalta o paradoxo (ANTUNES, 2012; TAVARES, 2012) no tratamento da morte pelos mídias – o acontecimento segue se enquadrando em regras e aspectos próprios da vida em sociedade. De acordo com os autores, mesmo que a morte seja uma “excepcionalidade altamente ordinária” na cobertura jornalística, esse tipo de acontecimento é normalizado pelo próprio discurso noticioso, tornando-se, dessa maneira, um fato que ao mesmo tempo que rompe os outros acontecimentos cotidianos, também passa a integrar a série de fatos noticiados pelos mídias em um recorte de mundo altamente selecionado.

Além disso, enquanto o *DM* apostava em atributos do morto (ANTUNES, 2012) para apresentar o acontecimento como um fato relevante ao público, o *JM* opta por conceituar o fato a partir do local em que o crime foi registrado. Enquanto *Diário da Manhã* aposta em ressaltar hipóteses sobre o crime e sobre a vida da vítima, o *Jornal da Manhã* usa a localização do atentado como gancho das notícias.

Ainda na edição de 6 de maio de 1998, o *JM* noticia a morte de Sônia, informando apenas que alguns dias depois do atentado a professora havia morrido no hospital. Na editoria Policial, o *Jornal da Manhã* dedica o abre da página ao caso Sônia Rocha e insiste no engano da data do acontecimento. Com o título “Depois de um mês ‘Crime da Collares’ continua sem solução”, a reportagem é ilustrada por uma foto do delegado responsável pelas investigações, Noel Muchinski. Na linha de apoio, o *JM* informa: “Um mês depois do atentado que vitimou Sônia Maria Rocha, a Polícia continua à procura de uma testemunha-chave do caso”.

Começa a também aparecer no noticiário do *Jornal da Manhã* a presença de uma testemunha tida como fundamental para a solução do crime. Na reportagem do *JM*, o próprio delegado confessa que a não localização da testemunha deveria atrasar e, até possivelmente impossibilitar, a solução do caso. Além disso as autoridades também informam que haviam desistido da confecção de um retrato-falado do suspeito.

Com poucas informações oficiais sobre as investigações, o *JM* aposta também na apresentação de hipóteses sobre o crime. O texto principal da editoria de *Segurança* do dia 6

⁴² Na prática, a morte de Sônia Rocha ficou conhecida nos jornais da cidade por duas nomenclaturas distintas: Caso Sônia Rocha e Crime da Collares. Em cada uma delas o discurso noticioso destacou aspectos distintos do caso. Optamos por utilizar a nomenclatura “Caso Sônia Rocha” por entender que essa é a denominação que mais aparece nas coberturas, inclusive em períodos fora da análise.

de maio de 1998 tem uma retransmissão intitulada *Possível*. Nesse trecho o texto apresenta inúmeras possibilidades para a solução do crime, entre elas uma tentativa de assalto que teria provocado um disparo involuntário.

12 – Editoria Policial do JM do dia 6 de maio de 1998



Fonte: Do autor

Já no dia seguinte, 7 de maio de 1998, o *Jornal da Manhã* segue noticiando o caso. Com uma chamada sem foto na capa do periódico, o jornal informa sobre os desdobramentos das investigações com a notícia “Testemunhas do crime da Collares não comparecem”. Na página interna do *JM*, a notícia tem como título “Testemunhas do crime da Collares não aparecem para depor”.

Sem ser ilustrada por nenhuma imagem, a reportagem é a principal informação da editoria Policial e relata as dificuldades enfrentadas pelas autoridades para conseguir solucionar o caso. Mesmo com o não comparecimento das testemunhas, Noel afirma à reportagem do *JM* que seria “impossível ninguém ter presenciado o crime”. A morte de Sônia não é destacada pelo *JM* – o jornal apresenta o foco das reportagens na tentativa das autoridades em solucionar a situação e na gravidade do crime.

Com o não comparecimento das possíveis testemunhas e sem a prisão de suspeitos do atentado, o caso Sônia Rocha ou o crime da Collares, como também ficou conhecido nas páginas do *Jornal da Manhã*, some da cobertura do periódico. Sem aspectos factuais que possam credenciar o acontecimento como notícia e sem apostar no quesito misterioso ou em críticas contra as autoridades como aspectos noticiáveis, o *JM* só publica mais uma reportagem sobre o crime no período analisado.

Com um hiato na cobertura desde o dia 7 de maio, o *Jornal da Manhã* volta a publicar informações sobre o caso Sônia Rocha no dia 18 de junho de 1998. Em uma chamada sem foto na capa, o *JM* noticia: “Exumação pode responder dúvidas do caso Collares”. No texto que acompanha a chamada, o *Jornal da Manhã* informa: “A Polícia Civil

estuda a possibilidade de solicitar autorização judicial para exumar o corpo de Sônia Maria Rocha, assassinada com um tiro no pescoço, em circunstâncias ainda não esclarecidas, no dia seis de abril”.

Mais uma vez o *JM* erra ao informar sobre a data do crime e insiste em afirmar que o assassinato aconteceu no dia 6 de abril e não no dia 13, data do acontecimento. A chamada publicada na capa do *Jornal da Manhã* salienta que Sônia foi morta com um tiro no pescoço em “circunstâncias ainda não esclarecidas” e, pela primeira vez, informa sobre uma possível exumação do corpo da professora.

Na página interna, a notícia sobre o caso recebe espaço secundário na cobertura do *JM*. Com o título “Polícia pode pedir exumação do corpo”, o texto é acompanhado de uma retranca intitulada “Um crime e muitas hipóteses” – nesse trecho da notícia são apresentadas inúmeras possibilidades para o crime que matou Sônia Rocha. Na reportagem publicada pelo *JM* no dia 18 de junho de 1998, o jornal reapresenta várias informações sobre o caso e a construção textual sugere que, diante desse cenário, não haveria outra possibilidade a não ser a exumação do corpo da professora.

3.3.2 A valoração do acontecimento morte no Jornal da Manhã

Durante o período analisado (abril, maio e junho de 1998) outros acontecimentos morte compuseram a cobertura apresentada pelo *Jornal da Manhã*. Por isso, nesse item são analisadas as notícias sobre morte que o jornal apresentou com destaque na capa e nas páginas internas – foram observadas as manchetes, as chamadas da editoria Policial na capa e os ‘abres’ da mesma editoria que ressaltassem a morte ou seus desdobramentos.

O acontecimento morte e suas derivações só estiveram nas manchetes do *Jornal da Manhã* em uma oportunidade e, em outras duas ocasiões, as manchetes eram informações da editoria Policial, mas não diziam respeito ao acontecimento morte – o *JM* priorizava nas manchetes fatos ligados ao setor político e econômico, além de informações sobre o cotidiano no município.

O único caso em que a morte foi apresentada como manchete foi registrado no dia 24 de abril de 1998. Com o título “Adolescente morre em tiroteio da favela”, o *JM* dá publicidade a morte de um garoto de 16 anos, identificado apenas pelas iniciais. Ocupando apenas uma linha na capa do *Jornal da Manhã*, a manchete não é acompanhada de foto e tem como enfoque o local em que a morte ocorreu.

No texto que acompanha a manchete, o *JM* ressalta que uma briga de rua teria provocado a morte no Jardim Monte Carlo, bairro periférico de Ponta Grossa. De maneira confusa, o jornal informa ainda que a mesma briga também provocou a morte de um rapaz de 19 anos, identificado apenas por um apelido. Mesmo que a confusão tenha ocasionado duas mortes, o *JM* destaca o óbito do adolescente a partir do local do assassinato ao ressaltar aspectos da notícia ao público.

Mesmo que nas manchetes a presença do acontecimento morte seja rarefeita, na capa as mortes violentas apareciam com frequência no *Jornal da Manhã*. Já no dia 1 de abril de 1998, primeiro dia do período de análise, o *JM* publica em uma chamada sem foto: “Garoto de 16 anos é morto a tiro por causa de troco”. O acontecimento é o mesmo relatado no *Diário da Manhã* na mesma data e também tem como foco o caráter banal da motivação do crime.

Além da morte como banalidade e futilidade, o *Jornal da Manhã* também apresenta notícias que qualificam o acontecimento do ponto de vista estatístico. No dia 4 de abril de 1998 uma das chamadas na primeira página do *JM* tem como título: “Cai número de mortos em acidentes”. Sem recorrer aos atributos do morto (ANTUNES, 2012) ou a trivialidade da morte violenta (TAVARES, 2012), o periódico publica na página interna da editoria Policial a notícia “Número de vítimas fatais em acidentes cai 65%”.

Ilustrada por uma foto que exhibe um veículo destruído, a reportagem é a principal informação da editoria Policial no dia 4 de abril de 1998. Nesse caso, a morte é apresentada do ponto de vista estatístico e não elenca nenhum tipo de atributos dos mortos, apenas a quantidade de óbitos.

A morte está novamente presente na capa do *Jornal da Manhã* no dia seguinte. Na edição de 5 de abril de 1998, o *JM* publica “Garota morre ao tentar entrar em basculante”. A chamada sem foto na capa do periódico diz respeito do óbito de Cleusa de Fátima Ferreira dos Santos, encontrada morta em uma janela da casa de um ex-namorado. Essa é a única notícia sobre a morte publicada no *JM*. Já no *Diário da Manhã*, o acontecimento é ritualizado e amplamente discutido nas páginas do jornal.

Enquanto no *DM*, o caso de Cleusa, foi ligado aos aspectos inusitados da jovem ter morrido enforcada na janela da casa de um ex-namorado. No *Jornal da Manhã* o caso é noticiado com ênfase em que “ainda pairam dúvidas sobre as circunstâncias da morte”. Mesmo que tenha espaço na capa, na página interna da editoria Policial, a notícia sobre a morte da jovem é apenas uma nota no canto inferior direito da página.

A presença de acontecimentos morte na capa do *Jornal da Manhã* tem um hiato entre os dias 8 de abril e 5 de maio de 1998. A morte volta a receber espaço na cobertura do jornal

no dia 6 de maio. Com o título “Índio é morto a pauladas em bar”, o *JM* noticia a morte de um indígena no município de Cândido de Abreu, cidade na região dos Campos Gerais. A vítima identificada como Arvelino Rosa teria sido assassinada por motivos fúteis.

Na capa e na página interna do *JM*, o acontecimento é relacionado ao óbito do índio Galdino, em Brasília, morto queimado por jovens de classe média naquele mesmo ano. O acontecimento da morte de Galdino, fato que recebeu atenção por parte dos jornais de referência, é utilizado pelo *Jornal da Manhã* como artifício para explicar a situação (TAVARES, 2012; ANTUNES, 2012).

O lide da notícia informa:

Sem os requintes de perversidade que marcaram o assassinato do índio pataxó Galdino, em Brasília, há alguns meses – quando foi molhado por álcool e queimado vivo por um grupo de rapazes de classe média – a região dos Campos Gerais também tem seu caso de homicídio tendo como a vítima um indígena” (HAMPF, Edgar. Índio é morto a pauladas em bar de Cndido de Abreu. **Jornal da Manhã**, Ponta Grossa, 6 de maio de 1998, p. C-4)

Nesse caso, o *Jornal da Manhã* tematiza uma narrativa que apresenta imagens formadas nas mentes dos leitores (LIPPMANN, 2008; ANTUNES, 2012; TAVARES, 2012; SILVA E VOGEL, 2012) para discutir um caso semelhante. O discurso do jornal recorre ainda a um acontecimento que recebeu atenção nacional dos mídias para explicar a morte fútil de um indígena em uma cidade vizinha, argumentando que por mais inexplicável que essa morte seja, ela tem similaridades com outros acontecimentos.

Notícias sobre morte explicadas via estereótipos seguem compondo o noticiário do *Jornal da Manhã*. No dia 22 de maio, o *JM* publica: “Taxista reage e mata assaltante a tiro”. O acontecimento também foi registrado nas páginas do *DM*, mas no caso do *Jornal da Manhã* existem especificidades sobre a cobertura do crime. A informação é a principal notícia da editoria Policial daquela edição e apresenta como título: “Taxista reage e mata assaltante a tiro na Zona Norte”.

No dia seguinte, o *Jornal da Manhã* volta a publicar uma notícia sobre o crime e dedicar espaço na capa com o título “Assaltante morto tinha ficha limpa na Polícia”, o *JM* retoma o noticiário sobre o caso. Na página interna, a notícia é uma matéria terciária e recebe como título: “Assaltante de taxista fazia estreia no crime”. Dessa vez, Paulo Sérgio é apresentado como um “trabalhador comum de uma indústria da cidade”, sem registros de envolvimento no crime.

Os atributos do morto (ANTUNES, 2012) dessa vez aparecem no suíte da notícia. Enquanto nesse acontecimento, o *DM* havia apostado na inversão de papéis para ressaltar diante do público (a vítima reage e mata o bandido, invertendo a lógica do processo). No

Jornal da Manhã a inversão aparece no dia seguinte: o suposto bandido, morto durante um assalto, é ficha limpa na Polícia, fato que representaria o paradoxo da morte violenta.

No período analisado, o *JM* ainda publica outros três relatos de mortes violentas na primeira página e nas páginas internas. No dia 26 de maio de 1998, o periódico apresenta uma chamada sem foto com o título “Garota de 19 anos é morta a tiro em quarto de motel”. O caso é rapidamente suítado pelo *JM* e ressalta que a jovem era frequentadora assídua do local do crime, junto do amante.

Na página interna da editoria Policial, a notícia tem o mesmo título da capa e a ‘linha-fina’ informa: “Casal discute em frente ao motel na noite de sábado; na madrugada de domingo atendente encontra cadáver na suíte”. O fato de homem envolvido no caso ser casado e da vítima ser a amante não é explorado pelo *JM*, como havia sido pelo *Diário da Manhã*, mas no *Jornal da Manhã* o aspecto ressaltado da morte é o local (“quarto de motel”) e o caráter violento (“morta a tiro”).

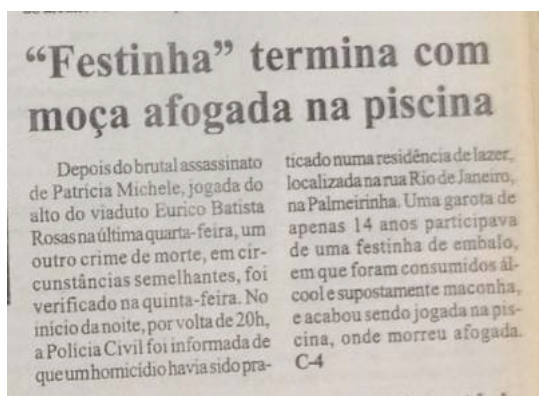
Ainda no mês de maio de 1998, dessa vez na edição do dia 30, o *Jornal da Manhã* volta a compor o noticiário com um acontecimento morte. Mais uma vez o fato envolvia a morte de uma garota e dessa vez a morte estava relacionado ao uso de drogas em uma possível festa. Com esses aspectos, o *JM* publica na capa da edição uma chamada sem foto “‘Festinha’ termina com moça afogada em piscina”. O texto que acompanha a chamada recorre a acontecimentos semelhantes para apresentar o fato⁴³,

Além de recorrer a outros acontecimentos morte para explicar o fato, a chamada publicada na primeira página do *Jornal da Manhã* afirma que a morte da jovem de apenas 14 anos de idade aconteceu em uma “festinha” embalada a álcool e “supostamente maconha”. A morte da garota é ressaltada diante das condições triviais em que foi registrada: em uma festa, cercada por amigos(as), a jovem foi empurrada na piscina e morreu afogada.

Essa notícia é a última no período analisado em que a morte é apresentada como acontecimento noticioso no *Jornal da Manhã*. Nota-se que a cobertura do *JM* aposta na morte como notícia em situações semelhantes ao *DM*, mas, ao contrário do *Diário da Manhã*, o noticiário do *JM* destacou menos os atributos do morto (ANTUNES, 2012) para apresentar notícias sobre mortes violentas.

⁴³ A morte de Patrícia Michele, nesse caso relacionada pela notícia da imagem 13, é citada apenas em uma nota da coluna policial do *Jornal da Manhã* e não aparece como notícia de destaque na cobertura do periódico.

Imagem 13 – Chamada sem foto publicada na capa do Jornal da Manhã no dia 30 de maio de 1998



Fonte: Do autor

Ao contrário dessa possibilidade, o *JM* utilizou com frequência determinadas referências a mapas mentais e estereótipos (LIPPMANN, 2008) para tentar explicar acontecimentos que tiveram motivações banais e pouco explicáveis do ponto de vista racional. Além disso, a morte só alcançou status noticioso de manchete em uma oportunidade no *JM* e isso aconteceu quando o óbito violento esteve ligado ao local periférico em que ele ocorreu: a favela.

Já a cobertura do Caso Sônia Rocha no *Jornal da Manhã*, mesmo que mais rarefeita quando comparada ao *Diário da Manhã*, ilustra alguns aspectos valorizados pelo jornal na formatação do acontecimento morte. Ancorado em questões factuais como a data do crime ou o ‘aniversário’ de um mês do assassinato, o *JM* realiza uma cobertura factual do caso.

A partir do momento em que os aspectos factuais e temporais do crime e das investigações se tornam ausentes, o *JM* também formata o acontecimento morte tomando como referência os atributos do morto. Outra característica presente no noticiário do *JM* é a referência ao rompimento do cotidiano provocado pelos acontecimentos com aspectos como o local e o horário do crime sendo ressaltados em diversas oportunidades.

3.4 A morte factual na página do DM e JM

A morte é tratada de forma factual por ambos os jornais. Tanto na cobertura do caso Sônia Rocha como no noticiário que contempla outros acontecimentos morte nas páginas do *Diário da Manhã* e *Jornal da Manhã* durante os meses analisados, o óbito violento foi reportado sem maiores explicações por parte do discurso noticioso.

Seja a morte que envolve questões passionais e amorosas (o marido casado que mata a amante no motel) ou em que assassinatos têm, aparentemente, motivos banais (um jovem

que mata o outro por conta do troco), esse tipo de acontecimento tem explicações rasas na cobertura jornalística. A complexidade e profundidade do acontecimento apontada por Pierre Nora (1979) é deixada de lado e, nesse sentido, o conceito se aproxima da ideia de pequena notícia.

Já quando a morte é relacionada a um lugar periférico, o próprio discurso noticioso apaga os atributos do morto (ANTUNES, 2012), como no caso do jovem assassinado em uma favela – o local periférico exibido na manchete parece desobrigar o noticiário de apresentar características da vítima, aspectos que impulsionaram a cobertura do jornal em outras oportunidades.

A cobertura baseada nos atributos do morto (ANTUNES, 2012) aparece quando a vítima da morte violenta está ligada a algum tipo de imagem formada na mente do público leitor (o empresário, a professora, o assaltante) ou mesmo para ocultar característica suicida do fato. O atentado contra a própria vida foi noticiado pelo *DM* em uma das oportunidades quando o discurso noticioso do jornal ressalta os atributos do morto para suavizar a natureza do óbito.

Outra característica notada no noticiário de ambos jornais é a percepção do acontecimento a partir do que Louis Quéré (2005) chama de dualismo do conceito. O autor lembra que o acontecer cotidiano registrado nas páginas dos jornais tem como características os desdobramentos para o passado e também para o futuro, aspecto notado no noticiário sobre morte em diversas oportunidades, principalmente quando o discurso noticioso tenta encontrar um paralelo para um acontecimento que, quando irrompe a realidade, tem um caráter aparentemente inexplicável.

O paradoxo da morte fica evidente no noticiário dos periódicos analisados. Tanto o *Diário da Manhã* como o *Jornal da Manhã* tentam fazer da morte violenta, banal e fútil um acontecer minimamente explicável do ponto de vista racional. Seja aproximando a morte de um índio de um acontecimento semelhante no que Quéré (2005) chama de dualismo temporal ou tentando enquadrar fatos inusitados em explicações plausíveis, o discurso noticioso do *DM* e do *JM* tenta fazer da morte violenta um acontecer aceitável diante de tantos outros fatos que compõe o recorte de mundo apresentado pelos diários.

3.5 O caso do Bruxo do Guaragi

A sequência de cinco mortes registrada em setembro e outubro de 1999 no Distrito do Guaragi, em Ponta Grossa, ganhou as páginas dos jornais da época sob a designação de caso do “Bruxo do Guaragi”. Os assassinatos em série foram rapidamente ligados à prática de

magia negra e satanismo – indícios localizados nas cenas dos crimes foram usados para sustentar a associação que, posteriormente, foi refutada pelo autor e nunca foi comprovada pelos laudos periciais.

Os assassinatos foram imputados a Osmir Correia Vieira da Cruz, inicialmente identificado pelas autoridades policiais como Valdemar Soares dos Santos após apresentar um documento falso. Negro, praticante do Candomblé e originário da cidade de Aquidauana em Mato Grosso do Sul, Osmir ficou conhecido por “Bruxo do Guaragi”, “Monstro do Guaragi” e “Negro Panda”. A cobertura do caso é a mais extensa do período de análise na pesquisa e foi feita pelos três jornais diários que circulavam em Ponta Grossa: *Jornal da Manhã*, *Diário dos Campos* e *Diário da Manhã*.

O suspeito foi preso seis dias após o primeiro corpo ser encontrado e durante as investigações as autoridades ligaram Osmir a, pelo menos, outros 15 assassinatos realizados em Araçatuba e Sorocaba, ambos municípios do interior de São Paulo. Durante a fase do inquérito policial, Osmir teria confessado às autoridades a autoria dos homicídios. No entanto, em juízo, ainda em dezembro de 1999, Osmir negou a confissão e afirmou ter sido o responsável por apenas um dos assassinatos, cometido contra o primo, um adolescente de 17 anos.

Os crimes supostamente cometidos por Osmir incluem a morte de um casal de agricultores, Claudio e Erotildes Kovalkevski, de 55 e 49 anos, respectivamente, além dos assassinatos de duas crianças moradoras do orfanato ‘Cidade dos Meninos’: Daniel Rodrigues Vaz, 9 anos, e Paulo César Mehrt de 8 anos. A quinta e última morte imputada a Osmir foi o assassinato do próprio primo, José Carlos Correia da Cruz Junior⁴⁴.

Osmir havia prestado depoimento à Polícia Civil no caso do desaparecimento do casal de agricultores registrado no dia 11 de setembro daquele mesmo ano – até então Osmir era identificado como Valdemar. O desaparecimento de Claudio e Erotildes deu início às investigações que terminariam com a localização de outros cadáveres. De acordo com a cobertura noticiosa, durante as investigações, as autoridades teriam qualificado o comportamento de Osmir como “duvidoso”.

O corpo do garoto Daniel foi o primeiro a ser encontrado em uma sexta-feira, 8 de outubro de 1999, nas proximidades de uma instalação férrea abandonada que Osmir utilizava como moradia. A cova também ficava próxima à Chácara Maravilha de propriedade do casal Claudio e Erotildes, local em que outros corpos seriam localizados.

⁴⁴ Durante as investigações o jovem também foi identificado como Junior Aparecido de Souza, mas em juízo a Justiça qualificou a vítima como José Carlos Correia da Cruz Junior.

As autoridades encontraram os corpos do casal de agricultores no sábado, 9 de outubro, em uma “cova rasa” a menos de 15 metros da sede da Chácara – pertences do casal Kovalkevski foram localizados dentro da estação de trem abandonada em que Osmir morava e fizeram dele o principal suspeito das mortes. A partir de então, a polícia passou a procura-lo e isso também teve repercussão na cobertura noticiosa.

Ainda na sexta-feira (8 de outubro), quando as autoridades encontraram o primeiro corpo, as suposições sobre rituais de magia negra ganharam força. Junto com o corpo de Daniel, os policiais localizaram penas de galinha e charutos – objetos prontamente relacionados a rituais satânicos – além de copos com sangue humano, hipótese refutada durante as investigações.

O quarto corpo foi localizado pela polícia na segunda-feira (11 de outubro) na região da linha férrea do bairro Cará-Cará – localidade próxima ao perímetro urbano do município de Ponta Grossa. O cadáver era do primo de Osmir, identificado como Júnior Aparecido dos Santos e posteriormente como José Carlos Correia da Cruz Junior, 17 anos.

Ao lado do corpo, os policiais também localizaram um bilhete remetido ao delegado que comandava as investigações – naquele momento, de acordo com o noticiário, o bilhete foi interpretado como uma “afrota e um desafio” pelas autoridades policiais. O próprio delegado, responsável pelas investigações, rebateu publicamente as informações do bilhete.

Ao encontrarem o quarto cadáver, as autoridades identificaram a vítima como primo do principal suspeito, Osmir, ainda nominado como Valdemar nas coberturas noticiosas. No bilhete deixado ao lado do corpo, Osmir afirmava que “teria feito Justiça com as próprias mãos” pela morte do casal Claudio e Erotildes – posteriormente a polícia definiu que a morte dos agricultores foi motivada por uma dívida de R\$ 70 e a declarações racistas supostamente feitas pelas vítimas. O bilhete também foi analisado pelas autoridades como uma espécie de álibi dos crimes já cometidos.

Após a localização do quarto corpo, as autoridades intensificaram a “caçada”, como denominavam os meios de comunicação, a Osmir (ainda tratado como Valdemar) e a “companheira” do suspeito que, supostamente, estaria grávida – a jovem tinha 17 anos na época do crime e era identificada na cobertura noticiosa apenas como K. A.

O então suspeito dos crimes foi preso na noite de uma quarta-feira, 13 de outubro de 1999, pelo Grupo de Operações Especiais (GOE) na companhia de K. A e de um sobrinho de 15 anos, identificado como P.C.C. O trio foi detido na Estrada Velha, via que dá acesso ao município de Castro, cidade vizinha de Ponta Grossa.

De acordo com a cobertura dos jornais, ao ser preso Osmir assumiu a autoria dos crimes – a morte do casal Claudio e Erotildes teria sido motivada por uma dívida de trabalho e por ofensas racistas feitas contra o autor do crime. Já o assassinato de Daniel Vaz foi justificado pelo suspeito ao afirmar que o garoto teria presenciado o crime contra casal que era proprietário da Chácara Maravilha. O homicídio de José Carlos Correia da Cruz Junior, primo de Osmir, teria acontecido após o adolescente de 17 anos ter realizado ameaças contra o próprio Osmir – Junior teria tentado empurrar o “Bruxo” de uma ponte.

Ainda durante a prisão, de acordo com o noticiário dos jornais estudados, Osmir também confessou a morte de Paulo César Mehrt de 8 anos – o garoto também era outra criança que havia desaparecido da Cidade dos Meninos. Durante os depoimentos às autoridades policiais, Osmir afirmou que matou Paulo após o garoto ter ouvido conversas sobre um assalto que ele planejava realizar na cidade de Curitiba, capital do Estado e distante 110 quilômetros de Ponta Grossa.

Ao ser preso, Osmir também confessaria aos policiais a autoria de cinco mortes realizadas em Sorocaba – semanas depois, o número de assassinatos subiria com outros cinco crimes supostamente cometidos por Osmir em Araçatuba. O suspeito afirmou que as mortes registradas no Guaragi não tinham ligação com a magia negra ou alguma prática religiosa, mas foram motivadas por questões fúteis e confirmou ainda ser praticante do Candomblé.

Uma semana após o primeiro corpo ser encontrado, Osmir já estava preso no “seguro”⁴⁵ da Cadeia Municipal Hildebrando de Souza. Os pais da adolescente denominada como “companheira de Osmir” afirmaram durante o depoimento que a jovem teria sido “sequestrada” após o “Bruxo” matar o antigo namorado da garota. Gládis Meris de Jesus, mãe da adolescente, foi ouvida pelo delegado responsável pelo caso no dia 19 de outubro de 1999 e afirmou que Osmir teria cometido outras 15 mortes em Sorocaba. Interrogado ainda no presídio Hildebrando de Souza, Osmir negou a autoria dos crimes às autoridades policiais – inclusive refutou a morte de uma criança de dois anos de idade que, segundo Gládis, teria sido morta porque “chorava demais”.

No dia 19 de outubro daquele ano, a Polícia Civil anunciou a conclusão dos primeiros laudos periciais sobre as cenas dos crimes supostamente cometidos por Osmir. No entanto, a cobertura dos jornais não revela nenhum aspecto dos documentos oficiais, apenas relata que os laudos seriam encaminhados à autoridade jurídica competente, mas não traz novas informações apresentadas pelos documentos.

⁴⁵ Gíria policial para denominar local de maior “segurança” do presídio.

Após um hiato de mais de um mês, os jornais retomam o noticiário sobre o caso na sexta-feira, 26 de novembro de 1999. Osmir teria sido agora também acusado de assaltos cometidos em Araçatuba. O delegado responsável pela investigação da série de mortes na região do Guaragi também pedia que os inquéritos fossem anexados ao processo.

Em um novo vazio da cobertura jornalística, Osmir volta a aparecer na página dos jornais na quarta-feira, dia 15 de dezembro de 1999. A data marca a primeira audiência em juízo com o suspeito da série de mortes registradas no Guaragi. Durante o depoimento prestado à magistrada Vania Maria da Silva Kremer, Osmir negou quatro das mortes e admitiu apenas ter assassinado o primo, José Carlos, e justificou o crime como um ato de legítima defesa após ser atacado pelo adolescente.

Durante a audiência pública em que Osmir prestou depoimento, magistrados demonstraram preocupação com a segurança do réu e também com a reação da população. Na oitiva, Osmir culpou o primo, Junior, pela morte das outras quatro vítimas encontradas na região do Guaragi. Também em juízo, Osmir afirmou que admitiu a autoria dos outros crimes temendo a integridade física da companheira que estava grávida.

Osmir foi acusado pelo Ministério Público do Paraná (MP-PR) pela autoria das cinco mortes registradas em Ponta Grossa. Mesmo negando a autoria de quatro dos cinco assassinados, o “Bruxo” foi levado à júri popular no dia 27 de março de 2001 e acabou sendo condenado a 55 anos e três meses de prisão. Menos de seis meses após a sentença, o Osmir foi encontrado morto em uma cela de uma unidade prisional em Curitiba.

3.5.1 Características do Diário dos Campos durante o caso do Bruxo do Guaragi

Durante o período de análise do caso em questão, o *Diário dos Campos* era impresso em formato *stantard* e com capa colorida – a primeira página tinha cores todos os dias da semana, enquanto o restante do jornal era impresso em preto e branco. O periódico voltou a circular em outubro de 1999 depois de um hiato de nove anos e, com isso, Ponta Grossa passou a contar com três periódicos diários.

Na época o *Diário dos Campos* era comercializado a R\$ 0,70 nos dias de semana e a R\$ 1 nas edições dominicais. Na capa, o *DC* também publicava informações sobre indicadores econômicos, tempo e sobre a própria edição, como a quantidade de páginas e os cadernos disponíveis.

Imagem 14 – Capa do Diário dos Campos do dia 3 de outubro de 1999



Fonte: Arquivo pessoal

Nas páginas internas, o *DC* apresentava divisão em editorias. O jornal tinha duas páginas na editoria de Opinião, outras duas eram ocupadas com notícias de Política e uma página para cada uma das editorias de Cidades, Geral, Esportes e Polícia. No espaço reservado aos assuntos policiais, foco da análise, eram raros os anúncios publicitários e, quando apareciam na página os anúncios eram calhaus do *Diário dos Campos*.

A página da editoria Polícia era composta por três notícias e ao menos duas delas acompanhadas de imagem – o ‘abre’ sempre era assinado pelo repórter e as notícias secundárias tinham a identificação da autoria feita apenas pelas iniciais. A página de Polícia era composta pelo Plantão DC – a coluna era preenchida por pequenas notas policiais e outros temas do setor.

3.5.2 A valoração da morte no Diário dos Campos

A cobertura do *Diário dos Campos* sobre a sequência de mortes registradas no Guaragi, distrito de Ponta Grossa, começa já no dia seguinte à localização do primeiro corpo. No início da cobertura, o jornal formata o acontecimento morte com alto valor noticioso e dedica uma manchete com foto no dia 9 de outubro de 1999. A edição do *DC* apresenta como manchete: “Criança é achada morta no Roxo Roiz”. No subtítulo o jornal informa: “Corpo do garoto estava enterrado ao lado de uma galinha preta, em um matagal, às margens da linha férrea”.

Na primeira informação publicada sobre o caso, o *Diário dos Campos* apresenta elementos que marcariam a tônica do noticiário sobre a série de assassinatos. Com a manchete ocupando parte considerável da primeira dobra do jornal, o *DC* usa a localização de Roxo Roiz, região do Guaragi, na construção textual. A notícia ressalta que uma criança morta foi encontrada já em uma cova ao lado de uma galinha preta e em um matagal – nesse caso, a construção de sentido é clara, ressaltando o caráter ‘duvidoso’ da morte e do ambiente em que o corpo foi localizado.

Imagem 15 – Capa do Diário dos Campos do dia 9 de outubro de 1999



Fonte: Arquivo pessoal

A notícia publicada na capa do *DC* ressalta que o corpo do garoto foi encontrado quando um casal de irmãos procurava os pais, também desaparecidos – nesse caso, os jovens buscavam pelo casal que também seria encontrado morto. A seleção do acontecimento morte recorre ao drama e a quesitos que remetem a aspectos misteriosos para apresentar o fato como notícia e a foto que acompanha a manchete ajuda a compor a narrativa linguística e imagética (SILVA e VOGEL, 2012) sobre o acontecimento morte – a imagem mostra um bombeiro usando máscara e cilindro de oxigênio durante o resgate.

Essa é a única notícia da editoria de Polícia na capa da edição do *Diário dos Campos*. Na página interna a informação tem espaço de destaque na página e recebe como título “Encontro de cadáver gera suspeitas”. A informação tem como valor-notícia o suspense e o drama e apresenta a possível identificação da vítima: Daniel Rodrigues Vaz. O ‘olho’

publicado ao lado da notícia informa: “Ao lado do corpo foi encontrada galinha preta morta” [sic].

Com enfoque em aspectos como a galinha preta morta ao lado do corpo, o matagal em que o cadáver foi encontrado e outras questões que geram suspense em torno do caso, o *DC* inicia a cobertura tendo como alvo o caráter único do acontecimento: o corpo de uma criança foi encontrado em uma cova rasa. Elementos como a galinha e as descrições do local do crime compõe o contexto de dúvida e tensão em que a notícia é exposta e, inclusive, ganham mais destaque do que a própria morte.

A primeira notícia publicada pelo jornal também expõe a identidade de Valdemar Santos como suspeito do crime – a identificação correta de Osmir, conhecido posteriormente como “bruxo”, só seria divulgada pelas autoridades no momento da prisão. A notícia informa também que Valdemar (nome real Osmir) havia sido ouvido pelas autoridades durante as investigações do sumiço do casal, iniciadas no mês anterior. A reportagem informa:

A filha Lisiane aposta no envolvimento de Santos [Osmir, o “bruxo”] no desaparecimento [do casal de agricultores] e na morte da criança encontrada, apoiada principalmente no fato dos móveis terem sido encontrados na residência de Santos. “As informações dele sempre foram desconstruídas”, relata Lisiane. (DA SILVA, Maria Gizele. Encontro de cadáver gera suspeitas. **Diário dos Campos**, Ponta Grossa, 9 de outubro de 1999, p. 10a)

A cobertura do caso continua no dia seguinte com uma nova manchete, desta vez sem foto. No dia 10 de outubro, edição dominical, o *Diário dos Campos* publica: “Novas mortes reforçam tese de ritual”. No subtítulo da manchete o *DC* informa: “Outros dois corpos foram encontrados a poucos metros de onde foi achado o cadáver de uma criança na sexta-feira”.

A manchete divide a primeira dobra da capa com uma foto-legenda sobre a movimentação comercial durante o dia das crianças. No texto, o jornal informa sobre a expectativa de vendas nas lojas e contribui para enquadrar o acontecimento morte registrado no Guaragi. Por mais impactante e chocante que as mortes em “possíveis rituais” sejam, o *DC* segue fornecendo informações sobre outros acontecimentos que compõe a lógica de fatos diários da vida cotidiana.

Com a ritualização do acontecimento morte em andamento no discurso noticioso, o *Diário dos Campos* aposta no caráter numérico das mortes (“outros dois corpos”) para afirmar que o caso é fruto de um ritual – por mais inexplicáveis que as mortes sejam até o momento, o jornal apresenta a hipótese da prática de um ritual satânico para reforçar o caráter dramático e

até mesmo sobrenatural dos óbitos. Osmir já é classificado como o principal suspeito do crime e é dado como foragido.

Até esse momento da cobertura também nota-se nas páginas do *Diário dos Campos* o que Pierre Nora (1979) chama de “sede dos mídias por acontecimentos”. Mesmo que a sequência de acontecimentos morte tivesse motivação desconhecida, o discurso noticioso proposto pelo *DC* apresenta hipóteses sobre o fato com o intuito de criar sentido definitivo no que Elton Antunes (2007) chama de apologia ao instante e ao imediatismo.

O texto que acompanha a manchete da edição de 10 de outubro de 1999 informa sobre a localização dos corpos do casal Claudio e Erotildes Kovalkevski, desaparecidos desde 11 de setembro daquele ano. A chamada ressalta ainda que os cadáveres foram encontrados pelos filhos do casal em uma cova nas proximidades da residência que os agricultores moravam. O *DC* informa ainda que a polícia encontrou junto com pertences de Osmir copos com sangue e “indícios de rituais satânicos”.

Mesmo sem especificar o que seriam os “indícios” de um ritual de satanismo, o *Diário dos Campos* aposta no caráter sobrenatural do acontecimento morte para dedicar alto valor noticioso ao fato – essa é a única notícia a ser suítada em duas manchetes seguidas no jornal durante o período analisado. Na página de Polícia, a informação sobre a localização dos corpos é o ‘abre’ da editoria.

Com o título “Família encontra corpos no Guaragi”, o *DC* menciona, pela primeira vez com destaque, a localização geográfica do acontecimento. A linha de apoio informa: “Corpos dos pais desaparecidos foram encontrados próximos à casa do principal suspeito” – a casa de Osmir, nesse caso, é uma estação ferroviária abandonada. A reportagem é ilustrada por duas imagens: a primeira, vertical, mostra bombeiros desenterrando os corpos de uma cova com a casa dos agricultores ao fundo e a segunda imagem, uma foto horizontal, exhibe um copo supostamente cheio de sangue. A segunda foto tem como legenda: “[Osmir] Santos armazenava sangue em oferenda a supostos rituais”.

Mesmo sem que as autoridades encontrassem Osmir, o “bruxo”, a cobertura do *Diário dos Campos* apresentava a série de acontecimentos morte como fruto de um ritual satânico e o suspeito como responsável pela prática. Enquanto na capa do *DC* enfoca o acontecimento, a partir da possibilidade de um ritual macabro, na reportagem que abre a página interna, o acontecimento é destacado pelo fato de os filhos terem localizado os corpos dos pais – o paradoxo e o drama envolto no acontecimento morte ficam evidentes (ANTUNES, 2012).

Na mesma página em que o *Diário dos Campos* publica a reportagem sobre as mortes no Guaragi, o jornal também exibe uma notícia secundária sobre o acontecimento morte. Com o título de “Cai índice de violência em setembro”, a informação é ilustrada por um infográfico que mostra as estatísticas de ocorrências atendidas pelo Batalhão da Polícia Militar – a informação parece um contrassenso no contexto de medo, pavor e satanismo exposto pelo discurso noticioso do *DC* ao noticiar as mortes no Guaragi na mesma edição.

Imagem 16 – Página da editoria de Polícia do DC do dia 10 de outubro de 1999



Fonte: Do autor

A cobertura do caso continua na edição de terça e quarta-feira (12 e 13 de outubro) – o *Diário dos Campos*, assim como os outros jornais, circulavam em uma edição para os dois dias da semana diante do feriado. A morte segue tendo alto valor noticioso na cobertura apresentada pelo jornal com a manchete: “Mortalidade infantil assusta na região”. A notícia diz respeito aos índices de mortalidade de Irati, cidade vizinha de Ponta Grossa.

Também na edição de 12 e 13 de outubro, o *Diário dos Campos* dá continuidade a cobertura sobre o caso em análise. Com uma chamada sem foto na capa, o *DC* publica: “PM descobre quarto cadáver em Roxo Roiz”. No texto que acompanha a chamada, o jornal informa:

Mais uma pessoa foi encontrada morta na manhã de domingo na região do Guaragi. Ao lado do corpo de Júnior Aparecido de Souza, 16 anos, estava um bilhete endereçado ao delegado Noel Muchinski Mota. O assassino informava que havia feito “Justiça com as próprias mãos”. Júnior era primo de Valdemar dos Santos, principal suspeito da morte de uma criança e de um casal na localidade de Roxo

Roiz. Esse é o quarto cadáver encontrado na região em três dias. (PM descobre quarto cadáver no Roxo Roiz. **Diário dos Campos**, Ponta Grossa, 12 e 13 de outubro de 1999, p. 1)

Na chamada de capa do *DC* o caso ganha mais um elemento dramático: ao lado de um novo cadáver, a polícia encontra um bilhete endereçado ao delegado responsável pelas investigações. No discurso apresentado na capa, o jornal também ressalta que com a localização do corpo do adolescente de 16 anos de idade já eram, ao todo, quatro cadáveres encontrados na região em apenas três dias – nesse caso a morte “nova”, aparece “de novo” no que Tavares (2012) chama de ritualização da morte violenta nas páginas dos jornais.

Na editoria Policial a notícia sobre a série de mortes no Guaragi é a principal informação da página. Com o título “Mais uma morte levanta suspeitas”, o *Diário dos Campos* ressalta a preocupação causada pela continuidade de mortes (“Mais uma morte”) em uma região interiorana da cidade. No subtítulo o jornal informa: “Quarto corpo foi encontrado na manhã de domingo e sugeria ser o do autor do crime” [sic].

No subtítulo, o *DC* menciona o bilhete deixado ao lado do corpo e informa, de maneira subentendida, que o conteúdo do bilhete deixaria a entender que o adolescente morto seria o responsável pelos outros três assassinatos. A reportagem é ilustrada por duas imagens: a primeira mostra o cadáver, já coberto, em meio a uma plantação de eucalipto, local em que o corpo foi localizado, e a segunda foto traz o detalhe das penas de galinhas que comprovariam a prática de rituais satânicos.

A reportagem do *Diário dos Campos* tem como enfoque a busca das autoridades por Valdemar dos Santos (Osmir, o “bruxo”). A localização do quarto corpo é apenas o gancho para que o jornal relate a busca pelo suspeito, informando ainda que as autoridades teriam certeza de que Valdemar era responsável pela série de assassinatos e o bilhete encontrado ao lado da quarta vítima, nesse sentido, seria uma tentativa de despistar os investigadores.

Em uma matéria secundária, publicada ao lado direito da reportagem principal, o *DC* informa: “‘Pode ser um psicopata’, diz advogado criminalista”. A notícia tem como único entrevistado o advogado Edson Stadler, “pesquisador do satanismo há quase um ano”. Stadler afirma que a principal possibilidade era que Valdemar fosse um psicopata e apresenta explicações técnicas sobre a prática do satanismo.

O texto publicado pelo *DC* ressalta que o advogado trabalhou em um caso semelhante em Guaratuba, litoral do Paraná, reforçando o caráter de especialista de Edson para apresentar considerações sobre os assassinatos no Guaragi. No final da notícia, o *Diário*

dos Campos informa: “O advogado teme pela segurança do município. ‘A situação é de risco’, resume”.

Mais uma vez a necessidade dos mídias, nesse caso do *Diário dos Campos*, por acontecimentos para serem discutidos e contextualizados no discurso noticioso fica evidente (NORA, 1979). O próprio Pierre Nora (1979) lembra que o ideário popular, via cobertura noticiosa, reproduziu nos fatos cotidianos que impulsionam a cobertura noticiosa o melodrama, o medo e o mistério que juntos compõe as características próprias do que o autor considera como acontecimento moderno.

Mesmo que na capa o acontecimento tenha perdido espaço, deixando de ser manchete da edição, o caso segue tendo alto valor-noticioso para o *DC*. Nesse caso, o acontecimento morte é tematizado por aquilo que foge à naturalidade do mundo (TAVARES, 2012) e que oscila entre o previsível e o imprevisível. A série de mortes no Guaragi passa ser enquadrada pelo jornal como um fato chocante que mobiliza explicações fora do campo racional, evidenciando a ritualização das mortes no discurso jornalístico mas também dando pistas de uma abordagem que valoriza os aspectos psicológicos do fato em questão.

Paulo Bernardo Vaz (2012) lembra que a morte é o único acontecimento de que podemos ter conhecimento apenas diante da experiência do outro. O autor defende que a cobertura jornalística, como nesse caso o noticiário do *DC*, oferece aspectos que fazem com que o leitor identifique na morte violenta um acontecimento que o assusta em sua vida ordinária em um retrato de mundo que fala da morte violenta com grande frequência.

No quarto dia de cobertura do *Diário dos Campos*, o acontecimento morte perde valor noticioso e dessa vez aparece na capa apenas em uma chamada título, no quadrante inferior esquerdo. Com o título “‘Bruxo’ pode estar na região”, o *DC* dá continuidade ao noticiário sobre o caso na edição de 14 de outubro de 1999 e adota, pela primeira vez, o codinome bruxo ao se referir sobre as mortes no Guaragi – o uso da expressão “bruxo” deixa claro o tom sobrenatural adotado pelo *DC* na cobertura.

Na página interna a notícia sobre o caso é a principal informação da editoria e a reportagem recebe como título “Foragido pode estar em subestação”. A notícia é ilustrada por uma imagem do delegado responsável pelas investigações falando ao celular e, na linha-fina, o *DC* informa: “Políciais rastreiam linha-férrea em direção a Teixeira Soares em busca de ‘Bruxo de Guaragi’”[sic].

Sem nenhum ‘novo’ acontecimento morte para impulsionar a cobertura, a reportagem do *Diário dos Campos* tem como foco a busca empreendida por policiais a partir de informações anônimas de que o suspeito continuaria na região. A localização de Santos (o

primeiro nome do “bruxo” não é citado na notícia) é tida como fundamental para solução da série de assassinatos.

O jornal apresenta informações sobre o passado do suspeito, numa inversão do conceito de Antunes (2012) de atributos do morto – nesse caso não são os atributos do morto que fazem do acontecimento notícia, mas sim os atributos e características do suspeito pelas mortes reforçam o valor noticioso do acontecimento. O discurso do *DC* expõe passagens do passado de Osmir como possíveis explicações para o ocorrido no Guaragi – tal estratégia iria se intensificar nos dias seguintes.

A reportagem publicada no dia 14 de outubro de 1999 informa que o “bruxo” era um andarilho que tinha como origem a cidade de Aquidauana, em Mato Grosso do Sul. Logo abaixo da notícia principal o *DC* publica uma informação secundária com o título: “Andarilhos praticam furtos na região”. A informação tem como fontes moradores do Guaragi que relatam crimes constantemente praticados por andarilhos e é ilustrada pelo retrato de um dos agricultores – o entrevistado afirma estranheza com os assassinatos em um local tido como “tranquilo”.

A ligação semântica entre as notícias é clara: após entrevistar moradores da região em que os assassinatos foram registrados e apresentar informações sobre o passado do “bruxo”, o *DC* dá voz a agricultores que também reclamam de uma série de furtos e outros delitos. A legenda da imagem que ilustra a notícia deixa clara a ligação contextual: “Morador teme pela segurança na localidade após série de mortes”.

Além de ser explicada por aspectos que fogem da ordem ordinária e racional, a série de mortes no Guaragi passa a também dialogar com problemas da vida cotidiana. O noticiário começa a exibir o que Silva e Vogel (2012) chamam de “ligações com a realidade ordinária” e, para além de ser explicada pelo que foge da lógica racional, a série de mortes é contextualizada a partir das problemáticas mais próximas.

O noticiário sobre o caso do “Bruxo” do Guaragi segue na edição de 15 de outubro de 1999. Em uma chamada com foto que ocupa parte considerável do quadrante superior da primeira página, o *Diário dos Campos* informa: “Bruxo” admite 10 homicídios. A notícia relata a prisão de Osmir (identificado corretamente pela primeira vez) e exibe o suspeito acompanhado de dois policiais.

O texto que acompanha a chamada na capa do *Diário dos Campos* afirma que ao ser preso, Osmir confessou outros cinco assassinatos cometidos em São Paulo. A chamada também relata a localização de mais um corpo no Guaragi. O *DC* ainda informa que “apesar das evidências”, Osmir negava o envolvimento com rituais satânicos, aspectos amplamente

utilizados pelo jornal até aquele momento da cobertura – o “bruxo” foi “capturado” ao lado de uma jovem de 17 anos, grávida, que seria sua “companheira” e de outro primo, esse com 15 anos.

Imagem 17 – Chamada de capa do Diário dos Campos no dia 15 de outubro de 1999



Imagem: Do autor

Na página interna o foco da reportagem também é a confissão de Osmir e a notícia tem como título: “Andarilho confessa 10 homicídios”. A informação é ilustrada por uma imagem de Osmir e ao fundo aparecem os emblemas da Polícia Civil. A linha-fina que acompanha a reportagem informa: “Ex-interno da Febem matou casal no Roxo Roiz para vingar dívida e diz que vai pagar por crimes”.

O discurso noticioso deixa clara a construção textual em torno do suspeito. Ao contrário de outros casos em que são os atributos do morto (ANTUNES, 2012) que agem como valor noticioso para fazer do acontecimento morte uma notícia, nesse caso são os atributos do acusado que fazem do fato parte do noticiário, inclusive, com destaque no retrato de mundo apresentado pelo *Diário dos Campos* – ao citar que Osmir é ex-detento da Febem (Fundação para o Bem Estar do Menor) em São Paulo, o jornal sugere a relação entre o passado do “bruxo” e os crimes que teriam sido cometidos por ele.

A notícia tem como enfoque os atributos da vida pregressa de Osmir – o texto parece explicar a série de assassinatos tendo como base o passado do suspeito. A inversão do conceito de Antunes (2012) exhibe uma tentativa de explicar, através da trajetória de vida do “bruxo”, a série de acontecimentos – o passado é exposto como elemento explicativo após o próprio Osmir negar a prática de satanismo.

A reportagem publicada pelo *DC* no dia 15 de outubro ressalta aspectos banais e macabros do acontecimento morte – as informações teriam sido obtidas em uma entrevista coletiva concedida pelo próprio Osmir. O ‘olho’ da notícia expõe uma fala do “bruxo”: “Se eu sentisse prazer em matar eu cobraria por isso”. A declaração de Osmir teria sido dada quando os jornalistas questionaram o suspeito sobre a motivação dos crimes.

Em um box da reportagem, publicado do lado direito da página, o *DC* reforça a utilização de aspectos do passado de Osmir como explicativos da série de mortes. O ‘box’ tem como título “Trajetória do criminoso é averiguada” e apresenta como gancho a localização da quinta vítima, identificada como Paulo Merehet, garoto também ex-interno de um orfanato na região.

O ‘box’ também traz declarações de Osmir sobre os crimes que ele teria realizado em Sorocaba e ressalta as explicações apresentadas pelo suspeito. Além disso, o texto relata o “bruxo” como figura central da cobertura ao apresentar opiniões do suspeito sobre assuntos diversos, entre eles a “existência de Deus e do diabo”, a “condição política do Brasil” e a “fé no futuro”.

A cobertura passa a exibir Osmir como um personagem central do acontecimento. Primeiro contextualizado pelo caráter sobrenatural que cercavam os óbitos, depois apresentado diante de explicações baseadas no passado do “bruxo”, o acontecimento morte começa a apresentar o próprio personagem como aspecto central. Esse processo é considerado por Alsina (2009) uma das possibilidades diante da construção cultural do acontecimento na prática jornalística – caso o fato não tenha um personagem central em questão, o próprio acontecimento pode criar tal figura.

Com a prisão de Osmir e a descoberta da autoria da série de mortes no Guaragi, a cobertura sobre o caso passa a se dissolver nas páginas do *Diário dos Campos* – sem novas mortes, o jornal baseia o noticiário sobre o caso em outros aspectos. Já no dia seguinte, 16 de outubro de 1999, uma notícia sobre o “bruxo” volta a compor a página de Polícia do *DC*.

Sem espaço na capa, o *Diário dos Campos* publica uma notícia secundária sobre o caso. Com o título de “Polícia apura passado de “Bruxo””[sic], o *DC* reapresenta informações sobre o caso tendo como gancho jornalístico a preocupação das autoridades em esclarecer questões sobre o passado de Osmir. A cobertura sobre o caso no *DC* é retomada no dia 19 de outubro, com espaço na primeira página. Na capa o *Diário dos Campos* informa: “Polícia ouve os familiares de homicida”. Publicada em formato de chamada sem foto na capa, a notícia informa sobre o depoimento da mãe da “amásia” de Osmir – o “bruxo” passa ser

acusado de também ter assassinado o ex-namorado da companheira, então grávida de oito meses.

A sequência da cobertura do *Diário dos Campos* sobre o caso do “Bruxo” do Guaragi é marcada pelo esvaziamento do acontecimento morte – nesse caso a série de mortes. Formatado inicialmente com grande valor noticioso pelo jornal (o assunto ocupou duas manchetes seguidas, além do espaço na capa durante a primeira semana), o acontecimento perde espaço gradativamente.

No dia 20 de outubro de 1999, o *Diário dos Campos* publica apenas uma nota sobre o assunto. Sem espaço na capa, a informação abre a coluna Plantão DC e tem como título: “Bruxo” do Guaragi presta depoimento – a nota informa sobre um novo depoimento de Osmir. Sem espaço na capa, o DC segue publicando notícias sobre o caso no dia seguinte: 21 de outubro de 1999. A informação é o abre da editoria Polícia e traz como título “Osmir nega autoria de quatro mortes”. A reportagem é ilustrada por um retrato de Osmir e na linha de apoio o jornal informa: “O homicida Osmir Cruz afirmou ontem em depoimento que agora o problema é da polícia”.

Com o esvaziamento do caráter noticioso do acontecimento morte, em outubro de 1999 o *Diário dos Campos* publica apenas pequenas notas sobre o caso. No dia 22, por exemplo, o DC publica uma notícia no pé da página com o título “MP libera menor do caso Roxo Roiz” – a notícia informa sobre a liberação do primo de Osmir. Outra nota é publicada pelo jornal no dia 29 do mesmo mês. A informação abre a coluna Plantão DC e é intitulada “Prazo da prisão de Osmir acaba dia 13” – a nota diz respeito ao fim do período de prisão temporária do “bruxo”.

A última notícia publicada no *Diário dos Campos* sobre o caso ainda no mês de outubro representa uma tentativa de contextualizar o acontecimento morte. A informação aparece na editoria de Cidades em uma reportagem especial com o título de “Tragédia não altera rotina na Cidade dos Meninos”. A notícia tem como foco os hábitos do orfanato de que duas vítimas do “bruxo” fugiram antes de serem mortas e ilustra, mais uma vez, como a morte passa a dialogar com outros aspectos da vida cotidiana (SILVA e VOGEL, 2012; TAVARES, 2012).

A reportagem relata que, mesmo após a “descoberta da morte de dois ex-internos que chocou os moradores do Guaragi”, os hábitos da instituição seguiam os mesmos. Nesse caso o acontecimento morte não é necessariamente o foco da notícia, mas o fato é utilizado como forma de construção de um retrato de mundo por parte do DC (LIPPMANN, 2008).

Mesmo sem novidades nas investigações do caso, as mortes no Guaragi e o estereótipo criado em torno do “bruxo”, principal suspeito do crime, seguem compondo a cobertura do *Diário dos Campos* em tentativas apresentadas pelo jornal de contextualizar o acontecimento – tais ocasiões são registradas de forma esparsa. Na edição de 2 e 3 de novembro de 1999, por exemplo, o *DC* publica uma foto-legenda na primeira página em que cita a série de mortes no Guaragi.

A notícia ocupa parte do quadrante inferior esquerdo da página e exibe uma foto de uma estação ferroviária abandonada. Após a palavra MEDO, grafada em caixa alta, o texto que acompanha a imagem informa:

Depois da tragédia em Roxo Roiz, no Distrito do Guaragi, onde cinco pessoas foram assassinadas por andarilhos, os moradores temem que estações abandonadas às margens da estrada de ferro (foto) virem antros de bandidos. O medo da comunidade é justificado. Uma das casas abrigou o matador Osmir Correia da Cruz e seu grupo por vários meses. Na sede do Distrito são seis os imóveis abandonados. (MEDO. **Diário dos Campos**, Ponta Grossa, 2 e 3 de novembro de 1999, p.1)

Com o acontecimento morte extrapolando as páginas da editoria de Polícia do *DC*, o caso passa a ser utilizado como elemento contextual de outras problemáticas. A questão das estações ferroviárias abandonadas tem no acontecimento em questão e no próprio “Bruxo” um agravante: o local, fruto de um possível descuido da empresa responsável pelo serviço, havia servido como “antros de bandidos”.

Oportuno ressaltar que o discurso noticioso do *Diário dos Campos* cria uma hipótese que o próprio jornal confirma: o medo da comunidade com as estações abandonadas é justificado. Nesse caso a série de mortes registradas no Guaragi é utilizada como fator explicativo de outros problemas do mundo ordinário – as mortes, justificadas primeiro pelo caráter sobrenatural do satanismo e depois pelo passado de Osmir, passam a explicar (e não mais serem explicadas) ações e medidas tomadas na vida prática e ordinária em sociedade, nesse caso a manutenção de estações ferroviárias em desuso.

A utilização do caso do “Bruxo” do Guaragi como fator explicativo e/ou motivador de problemas do mundo ordinário e racional, sejam eles o esquema de segurança em um orfanato ou a problemática causada pelo abandono de estações ferroviárias, mostra como o acontecimento morte é ritualizado nas práticas jornalísticas. Algo inicialmente explicado pelo caráter sobrenatural começa a ter ligações com fatos ordinários da vida social. Além disso, a contextualização da morte realizada pelo *DC* mostra como tal acontecimento é alvo de um

paradoxo (TAVARES, 2012): primeiro apresentada a partir de explicações fora do campo racional, a morte passa a integrar motivações e explicativas dos problemas mundanos⁴⁶.

Após um hiato de quase três semanas, a cobertura do caso volta a compor o noticiário do *Diário dos Campos* no dia 20 de novembro de 1999. Com uma chamada sem foto no quadrante superior esquerdo, o *DC* noticia: “Menor de Roxo Roiz é julgado na sexta-feira”. O texto na capa o jornal noticia a previsão de que a Justiça sentencie a pena do primo de Osmir, liberado anteriormente – o garoto é suspeito de participar da morte das duas crianças que haviam fugido da Cidade dos Meninos e é a única notícia publicada sobre o caso no *Diário dos Campos* durante o mês de novembro.

O caso só volta a ser relatado no *DC* em duas oportunidades, ambas no mês de dezembro de 1999. Em uma notícia publicada no pé na página e sem espaço na capa, o *Diário dos Campos* retoma a cobertura do caso no dia 15 de dezembro. Com o título “Andarilho depõe hoje na primeira Vara Criminal”, o jornal informa sobre o primeiro depoimento de Osmir no inquérito judicial que apurava as circunstâncias das mortes no Guaragi – a notícia é ilustrada com um retrato do “Bruxo” que dessa vez já não é mais o “praticante de feitiçaria”, mas sim apenas um andarilho.

Na edição do dia seguinte, 16 de dezembro de 1999, o *DC* publica a última notícia sobre o caso no período analisado. A informação recebe uma chamada sem foto na capa com o título “Cruz nega envolvimento com os assassinatos no Roxo Roiz”. O texto que acompanha a notícia qualifica Osmir como “andarilho” e informa que ele só havia assumido a autoria das mortes para livrar a “amásia” da prisão. Na página interna a notícia sobre o caso também tem espaço secundário.

Sem foto, o *DC* publica “Andarilho nega homicídios e culpa menores” – oportuno evidenciar que as referências aos rituais satânicos e mesmo o vocativo “bruxo” somem da cobertura do *Diário dos Campos* no final do período de análise. A notícia publicada pelo jornal na editoria de Polícia informa que, durante o depoimento, Osmir negou a autoria das mortes e incriminou os dois primos, um deles assassinado pelo próprio “bruxo”.

Nos três meses de análise fica claro o esvaziamento do acontecimento em questão na cobertura do *Diário dos Campos*. O jornal inicia o noticiário sobre as mortes no Guaragi destacando aspectos misteriosos e macabros ligados ao caso e, a partir do momento em que o

⁴⁶ O fenômeno em questão também pode ser explicado a partir da “lógica pendular” da noticiabilidade. Para saber mais sobre o tema ver: SILVA, Marcos Paulo da. A construção cultural da narrativa noticiosa: noticiabilidade, representação simbólica e regularidade cotidiana. 2013, 243f. Tese (Doutorado em Comunicação Social). Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social. Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), 2013.

próprio suspeito nega o envolvimento com o satanismo, o discurso do jornal deixa de lado tais aspectos e se concentra no passado do “bruxo”. Além disso o próprio vocativo “bruxo” parece soar exagerado na sequência da cobertura, principalmente quando os laudos periciais refutam a prática de ritual satânico durante a morte.

Fica evidente a ritualização da morte (ANTUNES, 2012) no discurso noticioso do *DC*. Primeiro exposta como algo que teria como explicação questões fora do campo racional, em um momento posterior a série de mortes do Guaragi passa a ser utilizada e ritualizada como um acontecimento explicável e ordenável via discurso noticioso – a morte, nesse sentido, varia entre a extravagância e a normalidade cotidiana quando exposta aos leitores (VAZ, 2012) e se enquadra na lógica pendular da noticiabilidade (SILVA, 2013).

O noticiário observado no *Diário dos Campos* também deixa claro a padronização da cobertura dedicada ao acontecimento morte. Primeiro alvo de grande valor noticioso pelo periódico (o acontecimento ocupou duas manchetes seguidas), o fato passa a perder espaço na cobertura na medida em que os quesitos sobrenaturais elencados como foco do noticiário se esvaziam ao mesmo tempo que as motivações da morte passam a ter explicações fúteis.

No entanto, assim como o caso Sônia Rocha, as mortes no Guaragi também dividiram o noticiário com outros acontecimentos do tipo. Mesmo tendo monopolizado o noticiário sobre as mortes violentas publicadas no *Diário dos Campos* durante a primeira semana de análise, inclusive extrapolando os limites da editoria de Polícia e repercutindo em outros espaços no jornal, o caso do “Bruxo” do Guaragi foi acompanhado de outras tipificações da morte no *DC* e este é o foco do próximo tópico.

3.5.3 Modelos do acontecimento morte na cobertura do *Diário dos Campos*

Durante os meses de outubro, novembro e dezembro de 1999, o noticiário do *Diário dos Campos* foi composto por outras mortes violentas que integraram locais de destaque nas páginas do jornal. Nas manchetes, o *DC* privilegiava temas ligados à vida política, movimentação financeira e ações do terceiro setor, no entanto também foram publicadas manchetes dedicadas ao acontecimento morte e aos seus desdobramentos.

Na edição dos dias 17 e 18 de outubro, o *Diário dos Campos* publicou como manchete a notícia “Mau tempo causa tragédia na BR 376”. A informação é acompanhada de uma foto que mostra um veículo destruído e o subtítulo da manchete informa: “Um morreu e quatro ficaram feridos em acidente ocorrido na tarde de ontem”. O acontecimento é ressaltado a partir do caráter trágico do acidente que tirou a vida de uma pessoa e feriu outras quatro gravemente.

Na página interna o acontecimento morte em questão é a principal notícia da editoria de Polícia. Com o título de “Carro cai sobre Gol e provoca morte”, o *DC* informa sobre o acidente registrado na rodovia. No subtítulo o jornal noticia: “Veículo do DER deu quatro voltas no ar, invadiu a pista e caiu sobre Gol, fazendo cinco vítimas” [sic]. Neste caso, o acontecimento morte é ressaltado diante do caráter inusitado e surpreendente que envolvem o acidente.

A segunda manchete do *DC* no período analisado que se refere ao acontecimento morte é publicada na edição dos dias 2 e 3 de novembro. Com o título “Região tem final de semana violento”, a valoração do jornal recorre ao caráter numérico das mortes (e da soma dos óbitos) para apresentar o fato enquanto notícia. No subtítulo o *Diário dos Campos* informa: “Seis pessoas perderam a vida em tragédias ocorridas entre sábado e a madrugada de ontem nos Campos Gerais”.

Assim como havia acontecido no *Diário da Manhã* durante o caso Sônia Rocha, o *DC* regionaliza os acontecimentos ao somar óbitos registrados na região com intuito de reforçar o valor noticioso do relato. O texto que acompanha a manchete na capa agrupa vários tipos de mortes violentas na mesma notícia: um assassinato a facadas, um homicídio cometido com arma de fogo, dois afogamentos, duas mortes causadas por acidentes de trânsito e um suicídio.

Oportuno notar que, assim como no *Diário da Manhã*, o acontecimento suicídio, normalmente não noticiado, é publicado pelo *Diário dos Campos* no agrupamento de mortes que compõe a manchete como se o coletivo de mortes desconsiderasse as questões éticas que cercam a prática jornalística. Também é possível ressaltar que nesse caso o discurso noticioso do jornal apaga as diferenças entre as vítimas e deixa de lado os atributos do morto (ANTUNES, 2012) tendo como foco o aspecto estatístico das mortes registradas⁴⁷. Os atributos do morto são apagados e deixados de lado em prol da valorização numérica e estatística do óbito em uma outra faceta da ritualização da morte nas práticas jornalísticas – o morto, antes personagem, passa a ser só um número que compõe um dado da realidade.

Na editoria de Polícia da edição de 2 e 3 de novembro, o *DC* dá destaque a informação publicada na manchete. Se na capa o foco é a estatística da morte enquanto acontecimento jornalístico, na página interna o destaque é novamente direcionado aos atributos do morto (ANTUNES, 2012). Com o título “Ex-presidiário é morto a facadas”, o

⁴⁷ Nesse caso, a narrativa do jornal também apresenta uma “desumanização” dos envolvidos, apagando as características e atributos pessoais das vítimas.

Diário dos Campos apresenta a reportagem que reúne todas as mortes exibidas na manchete e dá destaque ao assassinato de um ex-detento.

As duas primeiras manchetes publicadas pelo *DC* sobre a morte violenta no período se encaixam no que pode-se chamar de acontecimento modelo. O jornal exhibe a morte qualificada como trágica e registrada em acidentes de trânsito e também aposta no agrupamento de óbitos em uma mesma notícia no esforço estatístico de apresentar o fato integram “tipos ideais” de mortes presentes na cobertura dos jornais e no retrato de mundo apresentado por esses veículos (ANTUNES, 2012; VAZ, 2012; SILVA E VOGEL, 2012).

No entanto a terceira manchete dedicada pelo *DC* ao acontecimento morte e seus desdobramentos representa um tipo de diferente de recorte e valorização do fato. No dia 12 de novembro de 1998 o *Diário dos Campos* apresenta como manchete a notícia: “Marcão admite dois crimes e afirma ter medo da morte”. A informação domina a primeira dobra e é acompanhada de uma imagem do personagem do acontecimento de costas e com o rosto coberto por uma toca.

Imagem 18 – Capa do *Diário dos Campos* do dia 12 de novembro de 1998



Fonte: Do autor

Com a tarja “exclusivo” publicada acima da manchete, fica clara a valorização da notícia por parte do *DC*. A informação ocupa uma página inteira no conteúdo interno do jornal. No subtítulo o *Diário dos Campos* informa: “Sem armas e sem parada fixa, Marcos Antonio de Oliveira, 21 anos, desafia a polícia, que está à sua caça”. O texto publicado na primeira página destaca que Marcão é responsável por “escapadas surpreendentes” das autoridades, sendo considerado um dos principais assaltantes de Ponta Grossa.

Ainda na capa, o *DC* lista a série de crimes dos quais Marcão é acusado. A odisseia do rapaz contra as autoridades sendo registrada nas páginas da editoria de Polícia há alguns meses e Marcão havia se tornado peça integrante do noticiário do setor policial. Ao destacar que o assaltante temia pela morte, o *DC* apresenta uma fala em que Marcão se defende: “Todo preto que assalta dizem que sou eu”. Mesmo sem tratar da morte de maneira específica, a manchete foi destacada por ilustrar uma fuga no padrão do *Diário dos Campos*, como também do jornalismo de referência em geral⁴⁸.

Durante o período de análise, as informações publicadas na capa do *Diário dos Campos* priorizaram dados relativos ao meio político e movimentações financeiras – esse mesmo padrão também aparece nos outros dois jornais estudados no caso “Bruxo do Guaragi” – e quando a morte foi valorizada enquanto acontecimento, o fato esteve ligado a um tipo de acontecimento modelo ou representava um rompimento do cotidiano. No entanto, na manchete publicada no dia 12 de novembro de 1999, o *DC* apresenta uma inversão nos valores utilizados na seleção de acontecimentos para a primeira página.

Dessa vez, um personagem da periferia ganha destaque na capa do periódico – até então assuntos e personagens ligados aos bairros periféricos de Ponta Grossa só haviam tido espaço no noticiário de maneira pejorativa ou quando ligados à violência. Tratado como celebridade do crime, a morte é apontada, de maneira subliminar, como o destino final de Marcão (“assaltante caçado pela Polícia”) e o óbito do rapaz seria, de fato, noticiado pelo jornal dias seguintes mas, desta vez, com menos destaque do que a entrevista exclusiva.

3.5.4 Características do Jornal da Manhã no noticiário do Bruxo do Guaragi

Durante a cobertura dos casos “Sonia Rocha” e “Bruxo do Guaragi”, a estrutura do *Jornal da Manhã* apresentou mudanças. O periódico continuava circulando em formato gráfico *standard* e com cores na capa de algumas edições. Nas páginas internas, a principal alteração diz respeito à divisão de editorias: a página com a nomenclatura de *Polícia* havia deixado de existir e com isso o *JM* passou a publicar apenas a editoria de Cotidiano, além das remanescentes páginas de Política, Esporte e Economia.

⁴⁸ Sobre o discurso midiático como mantenedor do status quo, tendo como foco o Jornalismo Policial, ver: Varjão, Suzana. Micropoderes, macroviolências. EDUFBA, 2008.

Imagem 19 – Página da editoria de Cotidiano do Jornal da Manhã de outubro de 1999



Fonte: Do autor

A editoria de Cotidiano era a mais numerosa do *JM* (chegava a ter mais de quatro páginas em apenas uma edição), mas seguia concentrando as informações do setor policial em apenas uma das páginas, normalmente a primeira – para fins de análise só foram coletadas informações da página que continha notícias do setor de segurança. Essa página do *Jornal da Manhã* era composta por um cabeçalho na parte superior, ao lado eram publicadas informações de telefones úteis e uma pequena notícia, acompanhada de foto.

Ainda compunham a página uma coluna chamada “Resenha” em que, assim como no Plantão DC, eram reunidas pequenas informações sobre as atividades dos órgãos de segurança. A editoria de Cotidiano abria o segundo caderno do *Jornal da Manhã* – no primeiro caderno ficavam as editorias de Política e Economia. Na capa, o periódico seguia as mesmas características básicas já verificadas durante a cobertura do Caso Sônia Rocha e continuava sendo vendido na banca por R\$ 1 nos dias de semana. Já na edição dominical, o *JM* era comercializado a R\$ 1,50.

3.5.5 A morte violenta explicada a partir do sobrenatural no JM

A cobertura do Caso do “Bruxo do Guaragi” no *Jornal da Manhã* começa no dia 9 de outubro de 1999, um dia após a localização do primeiro corpo. O *JM* dedica alto valor noticioso ao caso ao publicar a manchete com foto “Criança é sacrificada em feitiçaria”. Na

capa a manchete é acompanhada por duas fotos: a primeira exhibe o trabalho de um bombeiro no resgate de um corpo e a segunda mostra, em detalhe, o cadáver enrolado em um saco plástico.

Na primeira informação publicada pelo caso, o *JM* dá como certo que o acontecimento é fruto de um sacrifício durante um ritual de feitiçaria. Na chamada que acompanha a manchete, a construção textual apresenta o nome da possível vítima, tida como desaparecida de um orfanato da cidade, e realça características do local em que o corpo foi localizado:

Sobre a cova havia duas ou três galinhas pretas estranguladas e vestígio de sangue humano. Cenas assim são bastante comuns em rituais de magia negra com o sacrifício de crianças. O suspeito é um feiticeiro conhecido pelo apelido de “Preto” (Criança é sacrificada em feitiçaria. **Jornal da Manhã**, Ponta grossa, 9 de outubro de 1999, p. 1)

Durante o primeiro dia da cobertura o acontecimento morte é tematizado pelo discurso do *Jornal da Manhã* a partir de quesitos que fogem da ordem do real (VAZ, 2012). Além de sugerir que a cena em que o corpo de Daniel Rodriguez Vaz foi encontrado se assemelha aos rituais de magia negra em que crianças são sacrificadas, o *JM* qualifica o suspeito como feiticeiro e conhecido como “Preto” – fica clara a ligação do texto aos mapas mentais estabelecidos (SILVA e VOGEL, 2012).

A notícia sobre o caso abre uma das páginas da editoria de Cotidiano com o título “Menor morto em ritual de magia negra”. O *JM* informa sobre a localização do corpo na região do Guaragi durante o dia anterior. Na linha de apoio, o *Jornal da Manhã* ressalta o caráter sobrenatural do acontecimento e o rompimento com o cotidiano: “Sobre a cova rasa havia galinhas pretas estranguladas. Descoberta choca Guaragi”. A reportagem tem como foco a localização do primeiro corpo, registrada no dia anterior.

Na página interna do *JM*, o acontecimento é ligado ao rompimento do cotidiano e ao caráter macabro e incerto que cerca a morte (TAVARES, 2012). Ao ressaltar aspectos como as galinhas encontradas em volta da cova e os copos supostamente cheios de sangue humano, o noticiário do *Jornal da Manhã* constrói o contexto para apresentar o acontecimento morte ancorado em explicações que fogem da racionalidade, entre elas o roteiro de um filme de terror⁴⁹.

⁴⁹ Em “Missa Negra para o bruxo do Guaragi”, Victor Folquening (2006) apresenta considerações do tipo sobre a cobertura do caso. Para o autor, o noticiário sobre o crime se assemelhou a um “roteiro de filme de terror”.

Imagem 20 – Editoria de Cotidiano do JM no dia 9 de outubro de 1999

Menor morto em ritual de magia negra

Sobre a cova rasa havia galinhas pretas estranguladas. Descoberta choca Guaragi

Mário Martins
Da Redação

O corpo encontrado no final da tarde de ontem às margens de uma ferrovia da Sul Atlântica, na localidade de Roca Rota, nesta cidade, pode ser do menino Daniel Rodrigues Vaz, 9, que fugiu recentemente da Casa do Caminho, uma instituição de amparo e recuperação de crianças localizada no Distrito de Guaragi. Daniel residia no Jardim Pontagrossense. O seu desaparecimento foi comunicado em primeiro de setembro à Polícia Civil pelo pai João Maria Vaz. Algumas pessoas que acompanhavam o trabalho de resgate e que viram o corpo, o reconheceram como sendo dele.

INDÍCIOS

Não havia brecha e nem mesmo investigações a respeito deste caso. A Polícia Civil estava empenhada naquela região para elucidar o desaparecimento do casal Claudio Miguel Kowalewski e Enéide Kowalewski, ocorrido no dia 11 de setembro. Os dois sumiram da Chácara Maravilha, onde residiam, sem dar explicações o que despertou desconfianças aos familiares. Sumiram também todos os móveis da casa e pertences pessoais dos idões.

Lisiane e Lourival, filhos do casal, residem em Ponta Grossa, mas desde o desaparecimento percorrem Guaragi atrás de informações sobre os pais. Ela, inclusive, não desiste e Enéide tem sido assediado por Valdemar Soares dos Santos, conhecido por "Peto". Foi este homem, afirma, que no dia do sumiço de seus pais passou as primeiras informações à Polícia relatando que um "estranho" havia aparecido na chácara com um caminhão, carregou a mudança e transportou o casal para um lugar incerto. "Ele estava tentando despistar", acrescenta.

As suspeitas de Lisiane ficaram mais reforçadas com os últimos acontecimentos. No domingo passado ela reuniu familiares e amigos próximos, para a realização de buscas em Guaragi. Depois de visitar das algumas localidades, todos foram para Roca Rota onde Valdemar, apontado como forte suspeito, estava morando com a esposa e outros dois sobrinhos, na antiga estação da Rede Ferroviária. Valdemar, por várias vezes tentou impedir que as pessoas vasculhassem a área. Alega-se que havia muito animal peçonhento naquele local e desaconselhava as buscas.

CORPO

Os filhos do casal retornaram ontem e imediatamente não encontraram Valdemar. Vasculharam internamente a estação e no sótão encontraram roupas, maquiagem, utensílios domésticos, uma gata, além de afetos da família dos Kowalewski. Os dois foram admitidos com a descoberta. Lourival decidiu visitar ao redor, andou cerca de 150 metros pela ferrovia e olhou para o interior da mata. A terra acida sobre a ramagem lhe chamou a atenção.

"Peguei uma pá e comecei a escavar. De repente acabei a cabeça e desloquei alguns centímetros fora da cova", contou. Lourival voltou correndo para a estação e comunicou com a mãe que havia

achado o corpo. "Foi o único que fosse o nosso pai e chamamos a Polícia", disse. Os policiais Luiz Carlos e Tito da 1ª DP, e o perito Moisés Marchesinski, do Instituto de Criminalística, chegaram ao local por volta das 17h45. Por telefone os policiais comunicaram a delegada. Neri Muchinski da Mesa e pediram a presença de uma guarnição do Corpo de Bombeiros.

SURPRESA

Até esse momento todos achavam ter localizado o corpo de Claudio e por conta disso continuavam as buscas na tentativa de localizar o cadáver de Enéide, que imaginava-se que tivesse sido enterrado nas imediações. Contudo, a surpresa surgiu quando soldados do Corpo de Bombeiros anunciaram ter retirado da cova o corpo de uma criança de aproximadamente 9 anos. Sobre a cova havia duas ou três galinhas pretas estranguladas e vestígios de sangue humano. Cenas macabras são comuns em rituais de magia negra com o sacrifício de animais. Surgiu então a possibilidade de que a vítima vivia no dormitório Daniel, que estava na Casa do Caminho. A descoberta chocou os moradores.

O investigador Luiz Carlos disse que "a identificação oficial poderia ser feita apenas pelos pais do menino". "Eles vão ser chamados neste sábado para dar o auto de reconhecimento no necrotério do Instituto de Medicina Legal", explicou. A Polícia e o Corpo de Bombeiros voltaram hoje para Roca Rota. Enquadrados policiais vão desenvolver investigações voltadas à localização do principal suspeito, os bombeiros desenvolverão patrulhas na tentativa de localizar os corpos de Claudio e Enéide que possivelmente tenham sido mortos e enterrados na região. Há ainda, uma outra criança desaparecida em Guaragi.

Engastamento

Pista fechada resta só a principal causa do incêndio ocorrido no final da tarde de quinta-feira. O corpo foi encontrado pela esposa e dois filhos dentro do quarto do casal. No local foi encontrado um rancho de madeira e um grande quantidade de aparelhos. A vítima residia em Roca Rota de Roca, em Teixeira Soares.

Suicídio

Por razões desconhecidas Almirante da Silva, 43, cometera suicídio no final da tarde de quinta-feira. O corpo foi encontrado pela esposa e dois filhos dentro do quarto do casal. No local foi encontrado um rancho de madeira e um grande quantidade de aparelhos. A vítima residia em Roca Rota de Roca, em Teixeira Soares.

Feriado

Quem pretende viajar, para aproveitar o feriado, deve, antes de tudo, refugiar a segurança do patrimônio. Coloque um cão de guarda no quintal e tranque bem as portas e janelas. Com um pouco de cuidado, tudo ficará bem.

Morte

Vítima do acidente de trabalho, João Carlos Veiros, 25, morreu guardado em um dos hospitais da cidade. Vítima do acidente ocorreu no dia 29 de setembro quando estava servindo em uma fiação em Ponta da Sul. Uma das acionadas caiu sobre a sua cabeça. A informação é do plantão da 1ª DP.

Prostituição

Fonte: Do autor

No segundo dia da cobertura do caso, o acontecimento morte segue sendo selecionado com alto valor noticioso pelo JM. Em uma nova manchete publicada no dia 10 de outubro de 1999, o jornal informa: "Festival macabro deixa três mortos". Acompanhada de duas fotos (uma mostra o bombeiro dentro de uma cova e outra detalha o local denominado como "altar" em que os copos com sangue foram localizados), a manchete reúne a morte do dia anterior com a localização de outros dois corpos para apresentar o acontecimento como um "festival macabro".

Nesse momento, a cobertura expõe o que Pierre Nora (1979) chama de "fome de acontecimentos" por parte dos mídias. Assim como do DC, a chamada de capa publicada pelo *Jornal da Manhã* também apresenta como certa a origem e motivação da série de mortes no Guaragi – tais conclusões são abandonadas, pouco a pouco, com o andamento das investigações se aproximando do "efeito pendular" da noticiabilidade citado por Silva (2013). Nora (1979) lembra que a atuação dos mídias vive da ocorrência de acontecimentos e, além disso, da formulação do que o autor chama de história imediata a partir desses acontecimentos cotidianos.

No texto que acompanha a principal notícia da edição, o *Jornal da Manhã* informa a localização dos corpos dos dois agricultores dados, até então, como desaparecidos e reforça a tese de que as mortes integrariam um "ritual satânico" e um "festival macabro":

Os cadáveres [Erotildes e Claudio], em adiantado estado de putrefação, encontravam-se enterrados em uma mesma cova nos fundos da antiga estação ferroviária do Roxo Roiz. Os dois, a exemplo do menino encontrado morto no mesmo local na tarde de sexta-feira (8), teriam sido sacrificados em um ritual de magia negra. Essa possibilidade ficou mais forte com o arrombamento da porta de uma das repartições da estação em desuso, onde foram encontrados, segundo definiram os policiais, “oferendas ao demônio”. Havia copo com sangue humano, cigarros e alimentos espalhados em um pequeno altar. Havia resquícios de sangue também em uma pena de alumínio e na lâmina de uma faca de cozinha. (Festival macabro deixa três mortos. **Jornal da Manhã**, Ponta Grossa, 10 de outubro de 1999)

Mesmo que o próprio discurso do noticioso do *JM* considere uma “possibilidade” de as mortes terem sido resultado de um sacrifício em um “ritual de magia negra”, os títulos e manchetes publicados pelo *Jornal da Manhã* nos dois primeiros dias de cobertura dão como certo que os acontecimentos resultam de ações que fogem da racionalidade e passam a ser explicadas por situações para além do campo mundano – nesse caso as mortes (já no plural) deixam o status de ordinárias e passam a compor o campo do extraordinário e, por vezes, macabro (ANTUNES, 2012), além do discurso do jornal que compõe a história imediata (NORA, 1979) com conclusões precipitadas.

Na página interna, a cobertura sobre o caso é a principal notícia da editoria Cotidiano. Com o título “Encontrados outros dois corpos em Guaragi”, a reportagem não é ilustrada por imagens e tem como foco a narrativa sobre a localização do casal de agricultores. Na coluna *Resenha*, o periódico publica uma pequena nota sobre o enterro da primeira vítima – a criança havia sido enterrada no dia anterior. Curioso notar que o enterro da primeira vítima passa quase despercebido e ganha apenas um pequeno espaço no noticiário do *JM*.

Também na edição do dia 10 de outubro, o *JM* publica uma notícia secundária. Intitulada como “Número de ocorrências cai 13,63%”, a informação diz respeito a queda no índice de criminalidade em Ponta Grossa e em cidades vizinhas – assim como no *Diário dos Campos*, a notícia parece um contrassenso diante do cenário de medo e terror apresentado pelos dois jornais nas respectivas edições.

O terceiro dia de cobertura do caso segue no *Jornal da Manhã* no dia 12 de outubro de 1999. Mais uma vez o acontecimento é tematizado com alto valor noticioso e recebe a manchete da edição. Com o título ““Bruxo” pode ter matado outra criança”, o *JM* segue com a cobertura baseada em possibilidades. No subtítulo que acompanha a manchete o jornal informa: “Toda a Polícia da cidade caça Valdemar Soares dos Santos, o “bruxo” de Guaragi. No domingo mais um corpo foi encontrado”.

Imagem 21 – Capa do JM do dia 12 de outubro de 1999



Fonte: Do autor

Neste caso, o acontecimento morte ganha desdobramentos no discurso noticioso do jornal. Tendo a morte como acontecimento monstro (NORA, 1979), a cobertura jornalística se alimenta de outros fatos constituem a ritualização da morte (tida ainda como inexplicável do ponto de vista racional) registrada no Distrito do Guaragi.

Ainda na capa, além da imagem que mostra “vestígios encontrados pela polícia” na cena do crime, a manchete também é acompanhada por um retrato de Valdemar (Osmir) em detalhe – a notícia do *JM* afirma que o rapaz é “caçado pelas autoridades”. O texto publicado na primeira página noticia a localização do corpo do primo do “bruxo” – o garoto de 17 anos teria, segundo a notícia, “participado do ritual satânico” no qual o casal de agricultores e uma criança haviam sido vítimas.

Com o estereótipo do “bruxo” incorporado ao discurso, o *JM* apresenta a série de mortes (nesse momento já são quatro óbitos confirmados) como fruto de práticas satânicas e de magia negra. Desse modo, os estereótipos “bruxo” e “feiticeiro” passam a compor as reportagens publicadas e serem usados como atributos que cercam o acontecimento morte e fazem dele um fato mais valioso para o jornal (SILVA e VOGEL, 2012; ANTUNES, 2012).

A editoria de Cotidiano do *JM* da edição de 12 de outubro de 1999 tem como principal notícia a continuidade da cobertura sobre o caso. Com o título de “Sobrinho de feiticeiro é assassinado”, o jornal noticia a localização do corpo de Junior Aparecido de Souza, “morto com requintes de crueldade” – tido como sobrinho de Valdemar (Osmir), o adolescente era, na verdade, primo do suspeito.

Oportuno notar que durante a cobertura do caso Sônia Rocha, analisado anteriormente, os delegados que comandam as investigações tinham papel central, muitas

vezes sendo eles mesmos os personagens da notícia. Já na análise do noticiário sobre a série de mortes no Guaragi, a presença das autoridades é quase protocolar, já que tais fontes⁵⁰ aparecem de forma secundária e sem o mesmo destaque do caso da morte da professora.

Fica evidente o caráter dual do acontecimento que tanto pode gerar um personagem no novo discurso noticioso, como ser criado por uma figura já conhecida pelos leitores (ALSINA, 2009). O autor espanhol defende que o acontecimento jornalístico pode tanto compor o noticiário a partir da ação de uma figura ou personalidade já estabelecida, como pode criar a figura em questão – no caso do “Bruxo” o noticiário não só cria o personagem, como imputa a ele características fora do campo racional, abusando do valor-notícia drama.

Tal diferença na aparição do delegado também pode ser explicada diante da própria natureza do acontecimento jornalístico. Enquanto a morte da professora ficou marcada como um crime nunca esclarecido, as mortes no Guaragi compuseram um tipo de acontecimento morte cercado de características que impulsionaram a cobertura do fato e fizeram com que o acontecimento em questão variasse entre as explicações sobrenaturais e ordinárias.

No *Jornal da Manhã*, a cobertura sobre o caso tem continuidade na edição de 14 de outubro. Dessa vez sem ocupar a manchete do periódico, a notícia segue tendo destaque na primeira página. Em uma chamada com foto, o *JM* publica: “‘Bruxo’ matou cinco pessoas no Guaragi”. O texto que acompanha a chamada informa sobre a prisão de Osmir, identificado pelo verdadeiro nome pela primeira vez.

Inserida às pressas na edição⁵¹, a notícia muda parte da disposição editorial do periódico e pela primeira e única vez fatos ligados ao setor policial ocupam duas páginas da editoria de Cotidiano. Na primeira delas, o *JM* abre a página com a reportagem “Sumiço de criança preocupa família” – a notícia tem como fontes os pais de um garoto desaparecido, Paulo Mereht, criança que seria encontrada morta logo após a prisão de Osmir.

Na segunda página da editoria de Cotidiano, o *JM* abre a página com a reportagem “PM prende o “bruxo” do Guaragi” e na linha-fina o jornal informa: “Serial killer confessou ter matado cinco pessoas. Prisão aconteceu à noite na estrada velha de Castro”. Mais uma vez o estereótipo de matador em série é exaltado para apresentar Osmir e a notícia é ilustrada por um retrato do suspeito – o acontecimento é ressaltado por imagens já formadas na mente do leitor (VOGEL e SILVA, 2012).

⁵⁰ Em “Segurança Pública e Jornalismo – desafios conceituais e práticos no século XXI”, Ricardo Bedendo (2013) discute a utilização de fontes oficiais na cobertura jornalística do setor de segurança.

⁵¹ Durante a coleta, notou-se que a notícia foi inserida de última hora no periódico diante do horário do acontecimento (já se passava das 22h quando o fato foi registrado) e também das mudanças provocadas na diagramação das páginas.

A notícia qualifica Osmir como um “homem de cor” e apresenta as primeiras indagações sobre o passado do “bruxo”. O texto lembra que o suspeito é ex-interno da Febem e relata a maneira como Osmir teria matado cada uma das vítimas. O discurso do *JM* aposta na adjetivação para relatar a prisão e as ações do “bruxo” ao qualifica-lo como “diabólico” e “macumbeiro”.

Mesmo que Osmir tenha negado a prática de rituais satânicos ou sacrifícios durante os assassinatos, o *JM* seguiu apostando na apresentação de tipificações como “bruxo” e “macumbeiro” para dar sentido à série de mortes no plano extraordinário (ANTUNES, 2012; VAZ, 2012). Além disso, o discurso noticioso do *Jornal da Manhã* recai em expressões racistas e preconceituosas, como quando o jornal conceitua Osmir como um “homem de cor”.

A cobertura do *JM* sobre o caso continua na edição de 15 de outubro de 1999. Mais uma vez ocupando a manchete do periódico, dessa vez sem foto, o jornal publica: “Bruxo” confessa 10 assassinatos”. A notícia relata as primeiras informações sobre os depoimentos prestados por Osmir e começa a apresentar o passado do “bruxo” como fator explicativo da série de mortes no Guaragi. No subtítulo que acompanha a manchete, o *JM* publica: “Lista do “bruxo” Osmir aumenta; até agora mais de cinco mortes foram confirmadas”.

Com a prisão do principal suspeito dos crimes, a cobertura do *JM* passa a ser baseada nos dados estatísticos das mortes (os assassinatos cometidos no Guaragi somam-se a outras mortes registradas no interior de São Paulo). No conteúdo da página interna, o *Jornal da Manhã* deixa clara a intenção de fazer do passado de Osmir uma espécie de explicação para os acontecimentos registrados em Ponta Grossa em mais uma inversão do conceito de atributos do morto (ANTUNES, 2012).

No abre da editoria de Cotidiano da edição, o *JM* publica: “Bruxo” confessa outras cinco mortes. Na linha de apoio que acompanha o título, o jornal informa: “Escolado na Febem, de São Paulo, assassino também responde por roubo e tráfico de drogas”. A construção textual evidencia a intenção de fazer do passado do suspeito uma espécie de justificativa diante do acontecimento morte que, por vezes, não consegue ser explicado na lógica racional (VAZ, 2012).

O texto relata as primeiras informações obtidas em depoimentos, além de apresentar detalhes dos locais de cada um dos assassinatos. Ainda na mesma página da editoria de Cotidiano, o *JM* publica uma notícia secundária: “Condenação mínima do “bruxo” seria de 51 anos”. Acompanhada da foto de uma advogada, a notícia apresenta explicações técnicas da fonte sobre a possível pena de Osmir.

A partir desse momento, o caso começa a passar pelo que se chama de esvaziamento do acontecimento jornalístico e do efeito pendular da noticiabilidade (SILVA, 2013). Sem novas informações relevantes sobre o crime e com o esgotamento do caráter dramático e sobrenatural do fato, a notícia passa a perder espaço na cobertura do *Jornal da Manhã*.

No dia 16 de outubro de 1999, o *JM* publica, sem espaço na capa, a reportagem “Bruxo é suspeito de outros crimes” – a informação é o abre de uma das páginas da editoria de Cotidiano. A notícia ‘requeenta’ dados obtidos ainda durante o depoimento de parentes da “companheira” de Osmir. Com a negativa do “bruxo” sobre a autoria de outros crimes e com o principal personagem do acontecimento negando o ato de feitiçaria, o *JM* passa a focar o noticiário apenas em aspectos factuais.

No dia 19, o periódico publica informações obtidas com os primeiros passos da investigação e informa: “Primo de “bruxo” ajudou a matar menino Daniel”. A notícia não tem espaço na capa e relata que um dos primos de Osmir, preso com ele dias antes, havia confessado a participação na morte de uma das crianças. A reportagem classifica o adolescente como dono de “uma frieza incrível” durante as confissões.

Na página interna, a notícia sobre o caso é o ‘abre’ de uma das páginas da editoria de Cotidiano. Com o mesmo título da capa, a linha de apoio da reportagem informa: “Testemunha ocular da morte do casal de idosos, o menino Daniel foi morto por estrangulamento no Roxo Roiz”. A informação é ilustrada por uma imagem de Daniel, primeira vítima localizada, e tem como foco o passado de Osmir como justificativa para a série de crimes.

Na edição seguinte, 20 de outubro de 1999, o *JM* também registra de forma protocolar o enterro de um dos primos de Osmir. Em uma nota publicada no pé da página, o jornal informa: “Primo de “bruxo” é enterrado no Vicentino”. Assim como o *Diário dos Campos*, o *Jornal da Manhã* também registra em um espaço de pouca visibilidade o enterro do garoto, evidenciando como os desdobramentos de alguns acontecimentos mortes ganham destaque e outros integram as mortes socialmente aceitas (VAZ, 2012) e ficam ofuscadas em meio aos inúmeros acontecimentos diários.

No restante do mês de outubro e novembro não foram registradas mais notícias sobre o caso do “Bruxo” do Guaragi publicadas no *Jornal da Manhã*. A única exceção foi registrada no dia 18 de novembro daquele ano. Na edição desse dia, o *JM* publica a manchete: Civil desmonta quadrilha “estadual”. Mesmo que aparentemente o caso não tenha ligação com os assassinados registrados no Guaragi, a notícia publicada logo abaixo na capa apresenta a

ligação entre os casos. Em uma chamada título, o *JM* informa: “Pais de Kovalkevski foram assassinados pelo “bruxo” Osmir”.

A chamada e a manchete são, nesse caso, sobre o mesmo assunto. Equipes da Polícia Civil haviam prendido o integrante de uma quadrilha de furtos de carros que atuava em várias cidades no Paraná. O suspeito preso era Lourival Kovalkevski, filho do casal de agricultores supostamente mortos por Osmir. Na página interna, a prisão do membro da quadrilha é a principal notícia de uma das páginas da editoria de Cotidiano e um box trata apenas do parentesco de Lourival com as vítimas do “bruxo”.

Neste caso, o acontecimento morte registrado no Guaragi não só se desdobra para o passado e o futuro, como afirma Quéré (2005), como serve de contextualização para fatos que não tem ligação com a morte em si. Lourival apareceu no noticiário inicialmente como o responsável por encontrar o primeiro dos corpos na região do Guaragi e, em um segundo momento, aparece no jornal algemado e a ligação com o “bruxo” não é esquecida pelo discurso do *JM*, ajudando a integrar a chamada história imediata (BARBOSA, 2012).

O caso volta ao noticiário do *Jornal da Manhã* apenas no dia 15 de dezembro de 1999. Sem espaço na capa, a reportagem abre uma das páginas da editoria de Cotidiano e traz como título: ““Bruxo de Guaragi depõe em juízo”. Na linha de apoio que acompanha o título, o *JM* informa: “Osmir Aparecido da Cruz, acusado pelo assassinato de cinco pessoas em Ponta Grossa, será ouvido hoje no fórum”.

O depoimento de Osmir ao Judiciário é o gancho da reportagem publicada pelo *JM*. A notícia reapresenta informações da série de assassinatos, além de acrescentar dados sobre o comportamento de Osmir dentro da cadeia (“detento de comportamento calmo que passa o dia jogando baralho”) e sobre a expectativa de que ele negasse todos os assassinatos em juízo. A reportagem é ilustrada por um retrato do “bruxo” e volta a expor falas do suspeito obtidas na coletiva de imprensa logo após a prisão em outubro daquele mesmo ano.

A última notícia sobre o caso registrada no *JM* durante o período de análise foi publicada no dia seguinte, 16 de dezembro. Sem espaço na capa e publicada no pé da página de Cotidiano, o *JM* apresenta uma notícia intitulada ““Bruxo” é interrogado no Fórum”. A notícia é ilustrada por uma foto que mostra Osmir, acompanhado de dois policiais, na entrada do Fórum e tem enfoque factual: o texto relata o depoimento de Osmir que, em juízo, negou a autoria de todos os crimes e afirmou que só havia confessado os assassinatos após sofrer tortura.

Com o início do processo judicial, o noticiário sobre o caso do “Bruxo” do Guaragi desaparece das páginas do *JM*. Após ser pautado com grande valor noticioso pelo periódico

na semana inicial da cobertura, o caso variou entre angulações baseadas em aspectos que estavam fora do campo racional (TAVARES, 2012; VAZ, 2012) e tematizações feitas partir dos atributos do passado do “Bruxo”, ilustrando mais uma vez o efeito pendular da noticiabilidade citado por Silva (2013).

Com o esvaziamento discursivo noticioso dessas duas hipóteses diante da negativa do próprio Osmir, o noticiário sobre as mortes no Guaragi passa a ter como aspectos de seleção características factuais ligadas as investigações e enterro das vítimas. Com o encerramento de fatos novos no caso, o valor noticioso do acontecimento se esvazia até o desaparecimento das notícias sobre o “Bruxo” do Guaragi nas páginas do *Jornal da Manhã*.

No entanto, o esvaziamento do valor noticioso do acontecimento morte em questão aconteceu diante da concorrência do fato com outros acontecimentos diários na composição do noticiário do jornal. A análise dos acontecimentos mortes que tiveram destaque na cobertura do *JM* durante os três meses analisados e tematização dedicada a tais fatos são expostas no tópico seguinte.

3.5.6 A morte trágica e cotidiana nas páginas do JM

Durante os três meses de cobertura analisados no *Jornal da Manhã*, temas ligados ao setor de Segurança Pública e às atividades dos órgãos de segurança tiveram espaço considerável nas manchetes do jornal. Das mais de 80 manchetes coletadas no período, 24 delas tratavam de temas que vinham da página de Cotidiano e diziam respeito, especificamente, ao setor policial – esse número não leva em conta as outras quatro manchetes publicadas sobre o “Caso do Bruxo do Guaragi”.

Além do grupo de notícias da página de Cotidiano que, por vezes, ganhava o status noticioso de manchete, o *Jornal da Manhã* também costumava tematizar com alto valor noticioso informações do setor político e econômico – temas dessa natureza eram, costumeiramente, os mais presentes nas manchetes. No entanto, nesse trecho da análise a preocupação é compreender quais os acontecimentos morte que ganharam o status noticioso de manchete durante o período analisado no *JM* e principalmente como tais fatos foram tematizados no noticiário.

O primeiro acontecimento morte a ser formatado com alto valor noticioso pelo jornal no período é a manchete publicada no dia 17 de outubro de 1999. Com o título “Acidente mata um e deixa quatro feridos”, a notícia é acompanhada por duas fotos e ocupa boa parte do quadrante superior da capa do *JM*. No subtítulo da manchete, o *Jornal da Manhã* informa:

“Foi na manhã de sábado, na pista Ponta Grossa/Curitiba. Um veraneio destruiu um Gol ocupado por três pessoas”.

A narrativa verbal e imagética (SILVA e VOGEL, 2012) do *JM* sobre o acontecimento morte é destacada pela legenda que acompanha uma das imagens publicadas na capa. No texto, o jornal ressalta que um dos veículos tinha se transformado em uma “bola de metal retorcida” e ainda informa sobre a retirada do corpo das ferragens. Neste caso, o caráter acidental (RODRIGUES, 1993) do acontecimento morte fica evidente.

Imagem 22 – Capa do JM no dia 24 de outubro



Fonte: Do autor

A manchete publicada pelo *JM* integra o chamado acontecimento modelo na tematização da morte nas páginas dos jornais – acidentes de grandes proporções e que causaram morte(s) são fatos que interessam para o retrato de mundo oferecido pelos periódicos estudados. Além disso, o *JM* também viria a publicar outros tipos de acontecimento modelo durante o período.

A morte volta a ter espaço na manchete do *JM* no dia 4 de novembro de 1999 e apresenta o acontecimento a partir de um recorte que privilegia a violência e também o caráter periférico do local em que o óbito foi registrado. Com o título “Matança na Coronel Cláudio continua”, o periódico publica uma manchete sem foto sobre a morte de um rapaz em um bairro periférico de Ponta Grossa. No texto que acompanha a manchete, o jornal informa:

Outro grupo criminoso instalado na favela da Coronel Claudio, formado por usuários de substâncias entorpecentes, está sendo responsabilizado pelo massacre e morte do estudante Claudinei Aparecido Pedroso, 18. O crime ocorreu na tarde da última segunda-feira (1) em um arroio às margens da rua Manoel Marques, naquela região. O garoto foi ferido com tiro de espingarda cartucheira e sofreu pelo menos oito perfurações no abdome [sic]. “A vida tem sido muito cruel. Há muito sofrimento e não sei mais o que fazer”, reclamava Maria Ribeiro das Dores, 46, mãe de Claudinei. (Matança na Coronel Cláudio continua. **Jornal da Manhã**, Ponta Grossa, 4 de novembro de 1999, p. 1)

O texto da manchete deixa evidente a construção textual de um acontecimento trágico fruto da violência urbana. Ao recorrer a termos como “massacre” e “matança” e expor a fala da mãe da vítima, o discurso do *JM* apresenta o acontecimento morte em questão a partir da ótica do drama. A manchete ilustra o caráter factual da cobertura sobre a morte violenta e urbana aplicada pelos jornais.

A morte na periferia é apresentada como um acontecimento a mais que compõe o rol dos acontecimentos cotidianos e não tem exposto o caráter de rompimento da realidade sugerido em outros fatos semelhantes. Mesmo que o discurso do *Jornal da Manhã* dramatize e ressalte o caráter violento da morte, o acontecimento em si compõe o que Vaz (2012) chama das mortes socialmente aceitas, ao contrário do assassinato da professora Sonia Rocha, por exemplo, morta na região central da cidade e não em um bairro periférico – no caso de Sonia a inquietação causada pelo fato é tematizada pelo jornal em diversas oportunidades.

Ainda no mês de novembro, o *JM* publica outras duas manchetes sobre acontecimentos morte. A primeira delas recorre ao caráter estatístico dos fatos para dar sentido a ocasião (KATZ, 1993). Na edição do dia 9 de novembro o *Jornal da Manhã* apresenta como manchete a notícia “Final de semana violento deixa seis mortos” – o artifício de valorização do fato é o mesmo das ocorrências anteriores em outros jornais.

A manchete aposta no aspecto estatístico do acontecimento para apresentar a situação como algo relevante diante do público. No subtítulo que acompanha a notícia na capa, o *JM* informa: “Em Ponta Grossa homem foi morto a machadadas no San Marino. Crime aconteceu domingo a noite”. No texto publicado logo abaixo da manchete, o jornal apresenta um resumo da série de mortes e destaca, cada uma delas, a partir de características específicas do acontecimento:

A região viveu um final de semana violento. Em Imbituva um adolescente morreu em frente a uma igreja ao acidentarse com uma moto Honda. Ele estava sem capacete e não teria autorização dos pais para pilotar. Em Irati, um casal de namorados afogou-se em uma cachoeira às margens da BR-153. Os dois passeavam na companhia de amigos. Outro afogamento aconteceu no Recanto dos Papagaios, em Palmeira. Em Ponta Grossa o Instituto Médico Legal registrou duas mortes: um rapaz morreu em um desastre na Balduino Taques e um homem de 54 anos foi morto a golpes de machado pelo próprio vizinho. O assassino momentos antes do

crime decepou a cabeça de um animal que pertencia à vítima. (Final de semana violento deixa seis mortos. **Jornal da Manhã**, Ponta Grossa, 9 de novembro de 1999, p. 1)

O texto que acompanha a manchete ilustra a estratégia discursiva do *JM* de reunir fatos que não tem ligação entre si para apresentar o cenário de violência. Ao reunir mortes dispersas, o jornal contribui para o que Vaz (2012) chama de preparação do homem comum para a morte – o autor considera que os jornais dão, diariamente, lições sobre morte para que o homem comum se habitue com o destino final.

Do ponto de vista da seleção noticiosa, a escolha também é explicada pelo caráter estatístico do acontecimento. Ao reunir várias mortes que isoladas teriam um valor noticioso inferior, o *JM* agrupa os fatos em uma só informação para compor um retrato de mundo e, ao contrário de outros acontecimentos mortes, em que são os atributos do morto (ANTUNES, 2012) que impulsionam a cobertura, nesse caso esses aspectos estão diluídos na morte estatística.

Além disso, a manchete do *JM* também ressalta o caráter cruel e dramático de um dos acontecimentos que compõe o chamado “final de semana violento” retratado na notícia de capa. O “assassinato a machadadas” também é o fato destacado na notícia que abre uma das páginas de Cotidiano da edição – nesse caso o caráter dramático do assassinato impulsiona o fato no discurso noticioso.

Outra manchete do *Jornal da Manhã* durante o período de análise que trata do acontecimento morte é publicada na edição de 11 de novembro de 1999. Sem acompanhamento de foto, o *JM* publica “Overdose mata suspeito de atentado” como principal notícia da edição. No subtítulo da chamada o jornal informa: “Corpo foi encontrado dentro de um apartamento. Rapaz havia espancado e roubado namorada, que é advogada” [sic]. A notícia informa sobre a morte de Maurício Rickle, ponta-grossense que havia sido encontrado morto em Itajaí e era suspeito de agredir a namorada – o caso havia composto o noticiário do *JM* nos meses anteriores.

Assim como na cobertura sobre o caso do “Bruxo do Guaragi” e seus desdobramentos, o acontecimento toca questões do passado e do futuro (QUÉRÉ, 2005). Nesse caso a morte de Maurício, tido como suspeito de uma agressão contra a namorada, é noticiada levando em conta atributos da vítima (advogada) e as circunstâncias da morte (overdose). Ambos aspectos compõe o retrato de mundo oferecido pelo *JM* a partir do acontecimento morte e contribuem para que o jornal enquadre o fato no discurso noticioso.

Em dezembro de 1999, o *JM* publica outras duas mortes que integram as manchetes do periódico sobre o assunto. A primeira delas é o destaque da edição de 10 de dezembro e tem como título: “Droga motivou assassinato na Estação”. A informação diz respeito as investigações da Polícia Civil sobre um crime cometido no mês anterior. No subtítulo que acompanha a manchete, o *JM* informa: “Rapaz morto em frente à Estação Saudade, mês passado, teria dívida de R\$ 15, por causa de drogas, com traficantes” [sic].

No texto que acompanha a manchete, o *JM* ressalta o caráter fútil e cruel que motivou o acontecimento morte ao noticiar que o assassinato de Dione Rodrigues, 22 anos, catador de papel, aconteceu em um “confronto” que envolveu entre 9 a 12 homens e teria como motivação uma dívida de R\$ 15. O relato compõe o que Vaz (2012) chama da morte violenta e urbana publicada pelos jornais na composição dos acontecimentos cotidianos – dessa vez, o óbito provocado por uma dívida com membros do tráfico e apresentado pelo jornal no retrato da violência urbana.

A última manchete publicada pelo *Jornal da Manhã* durante o período analisado que trata do acontecimento morte é a principal notícia da edição de 14 de dezembro. Com o título “Gestante é esfaqueada e baleada”, o *JM* publica uma manchete sem foto que informa sobre o atentado contra uma adolescente de 17 anos de idade, grávida de cinco meses. No texto que acompanha a manchete, o jornal dá indícios do contexto do fato e apresenta hipóteses sobre o acontecimento:

Possivelmente sob efeito de álcool e droga, um rapaz espancou, esfaqueou e deu tiros em uma adolescente de 17 anos de idade e grávida de cinco meses. A violência gratuita aconteceu no loteamento São Marcos, na estrada de Alagados, domingo pela manhã, e chocou a comunidade. Claudemir Rodrigues, 21, autor da brutalidade, encontra-se preso. Isabel Aparecida Martins, a vítima, está internada e corre risco de vida. (Gestante é esfaqueada e baleada. **Jornal da Manhã**, Ponta Grossa, 14 de dezembro de 1999, p. 1)

Mesmo sem se referir a morte de maneira literal, a manchete foi destacada do grupo de notícias analisado no *Jornal da Manhã* por ilustrar um caso extremo de violência. Além disso o fato é relatado como um acontecer que rompe o cotidiano e é tematizado como algo que também foge da série de acontecimentos que compõe a vida em sociedade (SILVA, 2014d).

Diante das manchetes e notícias sobre morte destacadas durante o período no *JM*, nota-se que esse tipo de acontecimento conquistou maior valor noticioso quando vários óbitos foram agrupados. A morte também recebeu maior valorização noticiosa quando ligada a aspectos da violência urbana ou a locais periféricos. O assassinato de uma professora registrado no centro da cidade foi exposto pelo *JM* como um fato inquietante e que mobilizou

a comunidade, já a morte de um jovem em um bairro periférico é apresentada pelo caráter dramático, como se a morte na periferia fosse socialmente aceita, diferentemente de um assassinato na área nobre.

Além disso, o *JM* também apresentou como manchete o acidente enquanto modelo de acontecimento morte. O óbito provocado em acidentes de trânsito classificados, na maioria das vezes, como “tragédias” e acompanhados de imagens que exibem carros e corpos destroçados, compondo uma narrativa imagética e linguística (SILVA e VOGEL, 2012) comum quando o assunto é a morte violenta.

3.5.7 Características do Diário da Manhã durante o caso do Bruxo do Guaragi

Entre o caso “Sônia Rocha” e os crimes do “Bruxo do Guaragi”, o *Diário da Manhã* apresentou mudanças na disposição gráfica em comparação a cobertura do assassinato de Sônia Rocha. O jornal deixou de circular em formato tabloide e adotou o tamanho *standard*, semelhante ao padrão dos periódicos concorrentes, com capa em cores em todos os dias. Assim como o *DC* e o *JM*, o *Diário da Manhã* apresentava divisões em editorias: Opinião, Política, Economia, Geral, Esporte e Polícia.

Já na primeira página, o periódico apresentava o cabeçalho, na parte superior da capa, e informações sobre o tempo e a cotação do dólar. As notícias eram separadas com linhas-finas e ao menos três fotos compunham a capa. Por conta da mudança no tamanho da página (de tabloide para *standard*), a extensão dos títulos também mudou em relação ao caso anterior.

Imagem 23 – Capa do Diário da Manhã em 3 de outubro de 1999



Fonte: Do autor

Na editoria de Segurança, ao contrário do que foi notado no *DC* e no *JM*, o *Diário da Manhã* publicava publicidades de empresas e instituições, além dos tradicionais calhaus e anúncios de missas de sétimo dia e falecimentos. Também diferentemente dos outros dois jornais, o *DM* não publicava uma coluna com pequenas notas do setor policial.

3.5.8 Explicações e significações das mortes no Guaragi na cobertura do Diário da Manhã

O *Diário da Manhã* é o terceiro e último periódico analisado durante a cobertura do caso do “Bruxo do Guaragi”. O jornal segue o mesmo padrão de cobertura dos concorrentes, *Diário dos Campos* e *Jornal da Manhã*, formatando a série de mortes com alto valor noticioso durante os primeiros dias e ritualizando o acontecimento (TAVARES, 2012) em explicações que também variam entre aspectos que fogem do plano racional e estão ancorados em questões da esfera sobrenatural e religiosa.

A cobertura com alto valor noticioso feita pelo *DM* tem como exemplo a presença do caso em cinco manchetes seguidas – durante os cinco primeiros dias do noticiário, o *Diário da Manhã* apresentou o acontecimento morte como a notícia mais importante da edição. A primeira das manchetes é publicada no dia 9 de outubro de 1999 e tem como título “Criança pode ter sido sacrificada em ritual”.

Baseada na suposição de um ritual de magia negra que terminou em sacrifício humano, a notícia é acompanhada de duas fotos na capa, uma delas mostra os bombeiros no resgate do primeiro corpo e a segunda exhibe cigarros e copos que o jornal informa estarem cheio de sangue humano, aspecto nunca comprovado pelos laudos periciais. No texto que acompanha a manchete, o *DM* reforça que diante dos “indícios”, as autoridades acreditavam que o corpo localizado era de uma criança vítima de um sacrifício em uma sessão de magia negra.

Assim como nos concorrentes *DC* e *JM*, o *Diário da Manhã* inicia a cobertura citando hipóteses (“pode ter sido”) e utiliza informações sobre a cena do crime para acionar imagens na mente do leitor ao usar termos como “sacrifício” e “magia negra” para tentar contextualizar a localização do primeiro corpo. A única informação divergente até o momento diz respeito a quem encontrou o corpo: ao contrário dos outros jornais, o *DM* afirma que o cadáver foi localizado pelas autoridades.

Tendo como chapéu a expressão “Magia Negra”, na página interna a notícia sobre o caso é o abre da editoria e recebe o título: “Polícia desenterra corpo no Guaragi”. A notícia é o abre da página de Segurança e é ilustrada por três imagens: uma delas mostra o resgate do

primeiro corpo, a segunda é um retrato do casal desaparecido e a terceira a residência dos agricultores.

Enquanto o texto da capa apresenta hipóteses sobre o acontecimento morte, a reportagem da página interna dá como certo alguns aspectos sobre o fato com a utilização de expressões textuais como “não há mais dúvidas” e “não restam outras alternativas”, ao apontar Valdemar (Osmir, o “Bruxo”) como responsável pelo assassinato. Além disso, o *DM* dá como certa a morte do casal Claudio e Erotildes, até aquele momento tidos como desaparecidos.

Imagem 24 – Capa do Diário da Manhã do dia 10 de outubro de 1999



Fonte: Do autor

Nesse caso a “fome por acontecimentos” descrita por Pierre Nora (1979) fica evidente e o *Diário da Manhã* apresenta um discurso noticioso que não só cria acontecimentos do ponto de vista midiático (ALSINA, 2009; KATZ, 1993), como antecipa fatos futuros, entre eles a morte do casal de agricultores. A cobertura sobre o caso segue no dia seguinte, 10 de outubro, em uma manchete, novamente acompanhada de foto e que ocupa parte da primeira dobra da capa do periódico.

Até esse momento da análise, nota-se a preferência dos três jornais na utilização de fotos dos “copos com sangue humano”, além da citação recorrente das “galinhas pretas degoladas” e do suposto altar. Imagens como essa estiveram presentes na cobertura do *DM*, mas também no *Diário dos Campos* e no *Jornal da Manhã* e parecem representar uma preocupação do discurso jornalístico em provar com imagens um aspecto que foge do campo racional e que é utilizado, em diversas oportunidades, para oferecer uma cobertura focada no “satanismo”, na possibilidade de “sacrifícios” e na prática da “magia negra”.

No *Diário da Manhã*, a cobertura segue nas páginas internas e a editoria de Segurança tem como principal reportagem a notícia: “Polícia encontra casal desaparecido”. A informação é ilustrada por duas fotos, a principal mostra o resgate dos corpos e a desolação dos parentes das vítimas, já a segunda exhibe uma panela com “penas de galinha usadas em rituais”, segundo a legenda. Mais uma vez a preferência por imagens que comprovem aspectos do fato que fogem do campo racional é evidenciada.

A cobertura sobre o caso no *Diário da Manhã* continua na edição seguinte, dia 12 de outubro de 1999. Em outra manchete, novamente ilustrada com foto, o *DM* publica: “Matador em série faz sua quarta vítima”. A notícia é acompanhada na capa de uma foto de policiais em uma linha férrea e a legenda explica que as forças de segurança do município estavam mobilizadas para capturar o “Bruxo”, chamado também de “o Negão”, na cobertura do *DM*.

O texto que acompanha a manchete informa sobre a localização de mais um corpo, dessa vez o cadáver do primo de Valdemar (ainda identificado de maneira incorreta no noticiário) e apresenta pela primeira vez o estereótipo de “matador em série” – no *JM* a utilização do termo seria feita em inglês, como *serial killer*. Ainda na capa o *Diário da Manhã* deixa claro o tom da cobertura:

Mais um corpo foi encontrado ontem pela polícia, em crime que tem ligação com as mortes em série ocorridas na localidade do Roxo Roiz, Distrito de Guaragi. Desta vez o adolescente Júnior Aparecido de Souza, 17 anos, acabou morto a facadas e ainda teve uma corda enrolada no pescoço. Ao lado dele, o assassino deixou um bilhete ao delegado que cuida do caso, Noel Muchinski, explicando que matou o menor para fazer justiça com as próprias mãos. Esta, que é a quarta vítima descoberta pela polícia, era primo de Valdemar Soares dos Santos, o “Negão”, principal suspeito pelas mortes e que está foragido. Desde sexta-feira, a polícia vem se deparando com achados macabros. Primeiro, uma criança enterrada na Chácara Maravilha, morte em suspeita de ritual de magia negra. No sábado, pela manhã, o casal Cláudio e Erotildes foram desenterrados de uma valeta a 15 metros da casa de Valdemar. Ontem equipes de policiais iniciaram uma caçada a “Negão” naquela região. (Matador em série faz sua quarta vítima. **Diário da Manhã**, 12 de outubro de 1999, p.1)

Diante do cenário de medo e tensão criado no noticiário com as hipóteses sobre rituais, práticas de satanismo e magia negra (termos distintos utilizados para fazer referência as circunstâncias das mortes), o óbito do primo de Osmir retratado no *DM* não é simplesmente “mais um corpo”, mas sim uma morte que confirma o caráter do “Bruxo” como um matador em série. Interessante ressaltar como o noticiário posiciona alguns acontecimentos na ordem dos aconteceres diários: alguns óbitos são representados apenas como “mais uma morte”, enquanto outros aparecem como fatos que rompem os aconteceres ordinários e promovem uma ruptura na ordem e no próprio *status quo*.

Na página interna da editoria de Segurança, a notícia sobre a descoberta de mais um corpo no Guaragi é a principal informação da página. Com o título “Assassino faz mais uma vítima”, a reportagem é ilustrada por duas imagens: a primeira mostra o conteúdo do bilhete deixado pelo “Bruxo” e a segunda policiais na “caçada ao principal suspeito”.

A quarta manchete consecutiva do *DM* sobre o caso é publicada na edição do dia 14 de outubro de 1999. Inserida às pressas no jornal, a informação não é acompanhada de foto e é publicada apenas na capa – não existem referências sobre a notícia na página de Segurança do periódico. Com o título “Polícia Militar prende assassino do Guaragi”, a manchete informa sobre a prisão de Osmir, identificado corretamente pela primeira vez.

O texto que acompanha a principal notícia do *DM* na capa é extenso e apresenta um resumo do caso com informações sobre a identificação de cada uma das vítimas e a maneira como teriam sido mortas. Os dados do jornal qualificam Osmir como o “assassino de cinco pessoas no Guaragi”, contabilizando as quatro mortes já registradas e outro assassinato que teria sido confessado pelo “Bruxo” durante a prisão.

Diante da presença da notícia apenas na capa, o *DM* ainda informa: “Na próxima edição, você acompanha reportagem completa sobre a prisão do assassino”. Nesse trecho fica claro que os acontecimentos morte no Guaragi foram serializados e ritualizados pelo jornal (TAVARES, 2012; ANTUNES, 2012; ANTUNES, 2007) e, além de compor uma problemática real dos órgãos de segurança, também integram uma narrativa midiática e jornalística que compõe o retrato de mundo oferecido pelo jornal.

No subtítulo da manchete, o *Diário da Manhã* informa: “‘Monstro’ de Guaragi confessa autoria de cinco mortes, todos por motivos fúteis, sem ligação com seu credo religioso”. Mesmo que Osmir tenha negado que os assassinatos tenham motivação religiosa, nesse caso o “credo do suspeito” era tratado pelo jornal a partir de termos como ritual, sacrifício e magia negra, o discurso noticioso do *DM* apresenta outro termo para qualificar Osmir.

Tratado como “monstro” nas páginas do *Diário da Manhã*, a denominação do “Bruxo” demonstra também a incapacidade do discurso noticioso em explicar de modo racional as mortes. Com a negativa do próprio suspeito diante das explicações religiosas e sobrenaturais usadas nos primeiros dias da cobertura, o *DM* aposta no vocativo “monstro” para denominar Osmir diante do público – nesse caso o discurso jornalístico, referência na criação do acontecimento diante do imaginário público, aposta em outra terminologia para conseguir dar significação aos acontecimentos morte (VAZ, 2012) que, até aquele momento, eram explicados por aspectos para além do campo racional.

Ainda na edição do dia 14 de novembro, o *Diário da Manhã* publicou uma notícia secundária sobre o caso. Com o título “Laudos do Guaragi saem amanhã”, a informação não era ilustrada por fotos e apresentava dados sobre as investigações. Os laudos anunciados no título do *DM* tratavam do líquido encontrado em copos na cena do crime – ao contrário do que a cobertura apontou naquele momento, o líquido presente nos copos não era sangue humano.

A quinta e última manchete do *Diário da Manhã* sobre o caso é publicada no dia 15 de outubro de 1999. Com o título ““Monstro” do Guaragi confessa mais mortes”, o *DM* dá sequência ao noticiário sobre as investigações. Ocupando parte da primeira dobra da capa, a manchete é acompanhada de três fotos. O texto do subtítulo, publicado acima da manchete, afirma: “Em Roxo Roiz, ele não usou armas e nem matou em rituais; usou a força das mãos para estrangular suas vítimas”.

Ao abandonar o vocativo “Bruxo”, o *Diário da Manhã* adota o termo “Monstro” para se referir a Osmir. Diante a opção textual e também de construção de sentido que cerca o termo (VAZ, 2012; ANTUNES, 2012), o jornal começa a apresentar características que parecem tentar justificar o uso do substantivo. Ao informar que Osmir não havia usado armas, mas sim as próprias mãos para asfixiar as vítimas, a narrativa noticiosa empregada pelo *DM* retira (e até nega) o caráter sobrenatural das mortes, apostando na explicação da “maldade humana” para contextualizar os acontecimentos diante do público.

A tentativa de apresentar aspectos que ao menos contextualizem a série de mortes também esteve presente em outras coberturas, além da realizada pelo *Diário da Manhã*. Seja a partir de explicações que tinham como base aspectos do campo irracional (o sacrifício, o ritual, o satanismo), práticas religiosas (macumba, magia negra e satanismo) e até o passado do suspeito (ex-interno da Febem, detento experiente), as coberturas apresentaram aspectos que tentavam apresentar alguma significação ao acontecimento.

Na página interna, a prisão do “monstro” é a única notícia da editoria de Segurança da edição de 15 de outubro e ocupa toda a página, acompanhada de três fotos. Com o título de ““Monstro” matou mais cinco”, a reportagem apresenta informações sobre a série de crimes supostamente cometidos por Osmir em Ponta Grossa, além de outros cinco assassinatos realizados pelo “monstro” no interior de São Paulo. Nesse caso, o acontecimento morte passa a ter o caráter estatístico ressaltado no discurso do jornal (“mais cinco mortes”).

Imagem 25 – Capa do DM na edição de 15 de outubro de 1999



Fonte: Do autor

O *DM* publica um box na reportagem com o título: “CIC de Sorocaba vem a PG”. A notícia relata a presença de investigadores da cidade do interior de São Paulo para averiguar as confissões supostamente realizadas por Osmir. O passado do principal suspeito das mortes no Guaragi seria o aspecto que movimentaria o restante da cobertura do jornal.

Na edição do dia 16 de outubro, o *DM* dá continuidade a cobertura do crime com uma notícia que abre a editoria de Segurança do jornal, mas não recebe espaço na capa. A informação é intitulada “Agentes de Sorocaba vêm a PG” [sic] e informa sobre a presença de policiais de outro Estado na cidade para a investigação do crime. A notícia é ilustrada por uma foto da companheira de Osmir e do primo dele, encontrados juntos do “monstro” – como retrata menores, a imagem exhibe um tarja preta na altura dos olhos do primo e da “companheira” do “bruxo”.

No dia 16 de outubro de 1999, o *Diário da Manhã* não traz informações factuais sobre o caso. Disputando espaço com outro acontecimento morte que ocupa a manchete do jornal (esse aspecto será debatido no tópico seguinte), o caso do “Monstro do Guaragi” é utilizado apenas como um acontecimento tido como contextual e explicativo em uma reportagem especial publicada pelo *DM*.

Em uma página nomeada como “Especial”, o *DM* publica uma reportagem sobre investigações baseadas em provas técnicas, inclusive exames de DNA, classificados como “atividades de primeiro mundo”. A reportagem tem como entrevistado um perito que

trabalhava naquele momento na investigação das mortes no Guaragi e é ilustrada por uma imagem que ocupa todo o quadrante superior e mostra o resgate dos corpos.

Nessa situação nota-se um novo paradoxo e desdobramento do acontecimento morte nas páginas do jornal. Primeiro tido como um fato fruto de práticas religiosas e em um segundo momento explicado a partir da “monstruosidade de Osmir”, o acontecimento morte se desdobra (QUÉRÉ, 2005) e passa a explicar coisas do mundo rotineiro e até mesmo científico.

O desdobramento do acontecimento morte (QUÉRÉ, 2005) e as explicações mais racionais do fato, também notadas na cobertura do *Diário dos Campos*, mostram como o discurso jornalístico apresenta variações na tematização para conseguir apresentar, de modo minimamente compreensível para o leitor, explicações sobre um acontecimento que havia rompido a normalidade aparente.

Ainda no mês de outubro de 1999, o *Diário da Manhã* publica apenas mais três notícias sobre o caso, ilustrando o esvaziamento do valor noticioso da série de mortes no Guaragi – inicialmente o fato havia mobilizado cinco manchetes do periódico em dias sequenciais. No dia 19, por exemplo, o *DM* publica uma reportagem que abre a editoria de Segurança e tem como título “Há suspeita de uma 11^a vítima” – a notícia informa sobre a possibilidade de Osmir ser o autor de outros crimes no interior de São Paulo.

Na edição do dia seguinte, novamente com espaço na capa, o periódico suíta a mesma informação, tendo como base o depoimento da mãe da companheira de Osmir. A notícia novamente abre a página da editoria de Segurança e apresenta como título “Osmir fez 11 vítimas em Sorocaba”. A última notícia sobre o acontecimento morte em questão publicada no *Diário da Manhã* aparece na edição do dia 21 de outubro.

Com o título “Assassino de Guaragi nega ter cometido outras mortes”, o *DM* publica uma notícia secundária com informações do depoimento dado por Osmir ao delegado responsável pelas investigações em que o “monstro” negava ter cometido assassinatos no interior de São Paulo. Diante do esvaziamento do valor noticioso do acontecimento e do esgotamento das possibilidades de tematização do assunto, o *DM* só volta a noticiar o caso a partir de questões factuais.

Após um hiato de quase um mês, o *Diário da Manhã* retoma o noticiário sobre o caso no dia 19 de novembro. Em uma reportagem que abre a editoria de Segurança, mas não recebe espaço na primeira página, o jornal apresenta informações sobre a expectativa de que os laudos fossem entregues. Com o título “Criminalística entrega laudos” e tendo como

chapéu a expressão “Caso Guaragi”, a notícia informa sobre o fato do delegado ter recebido os laudos periciais, no entanto não apresenta informações sobre o teor dos documentos.

No dia 26 de novembro, o *Diário da Manhã* retoma o noticiário sobre o caso. Com o título “Osmir tem crimes em Araçatuba”, o *DM* apresenta informações obtidas durante as investigações e deixa de lado os vocativos “bruxo” e “monstro” – a reportagem é a principal notícia da editoria de Segurança. O abandono pontual do uso de termos pejorativos é um padrão na cobertura sobre o caso.

Com o afastamento do noticiário de questões ligadas ao caráter dramático e sobrenatural que cercavam o acontecimento, cada um dos periódicos apresentou atributos distintos caracterizar o fato enquanto notícia e também identificar Osmir. Seja apresentando o passado do “Bruxo” como motivador, ressaltando o caráter fútil dos assassinatos ou a monstruosidade do suspeito, os noticiários analisados buscaram aspectos que fizessem do acontecimento relevante no retrato de mundo apresentado.

Com um novo hiato no noticiário sobre o caso, o *Diário da Manhã* retoma a cobertura sobre o assunto em duas oportunidades no mês de dezembro de 1999. Na primeira delas, o *DM* publica uma notícia secundária, acompanhada de foto e sem espaço na capa, na edição do dia 15 daquele mês. A nota tem como título “Justiça ouve hoje o ‘Monstro’” e novamente recorre ao vocativo para qualificar Osmir ao noticiar o primeiro depoimento em juízo do suspeito.

Na edição do dia seguinte, 16 de dezembro, o caso volta a aparecer na capa do *Diário da Manhã*. Em uma chamada com foto, o jornal publica: “Osmir nega a maioria das mortes em Guaragi” – a imagem ocupa parte considerável da primeira página e mostra o suspeito descendo de uma viatura a caminho do depoimento. No texto que acompanha a notícia na capa, o *DM* informa sobre o processo jurídico.

Na página interna, o jornal abre a editoria de Segurança com a reportagem que recebe o título de “Osmir assume apenas uma morte” – nesse caso o jornal deixa claro que das 11 mortes que chegou a ser “acusado” por testemunhas e que ganharam respaldo no discurso noticioso, o “monstro” assumiu a autoria de “apenas uma delas”. A reportagem é ilustrada por uma foto que mostra Osmir, já dentro do Fórum, algemado e escoltado por dois policiais.

3.5.9 A morte acidental e fútil no Diário da Manhã

A presença das notícias sobre o “Monstro do Guaragi” em cinco manchetes consecutivas no *Diário da Manhã* ilustra a importância e o alto valor noticioso aplicado pelo jornal ao acontecimento morte em questão. Na análise do tratamento editorial e a tematização

feita pelo *DM* em outras oportunidades, nota-se que, exceto as notícias sobre o caso estudado, em apenas uma ocasião a morte alcançou status noticioso de manchete no jornal durante os meses de outubro, novembro e dezembro de 1999.

As notícias de destaque do *Diário da Manhã* tratavam de temas do setor político, econômico e de aspectos ligados ao cotidiano da cidade, mas raramente diziam respeito a algo que remetesse à violência ou a morte, especificamente. A presença de figuras políticas durante o período estudado era frequente nas notícias de destaque do periódico – o então prefeito de Ponta Grossa, Jocelito Canto, por exemplo, aparece nominalmente em 15 das 78 manchetes⁵² publicadas pelo *DM* no período.

Diante desse cenário de alta valorização do acontecimento político (QUÉRÉ, 2005) em detrimento de fatos ligados ao setor da segurança pública ou à morte, especificamente, apenas uma manchete publicada durante esse período no *Diário da Manhã* trata de um fato que terminou em óbito. No dia 17 de outubro de 1999, o jornal apresenta como principal notícia da edição: “Veraneio “voa” na Kaiser e motorista morre na hora”.

A informação é acompanhada de duas fotos na primeira página e destaca a gravidade do acidente registrado em uma rodovia que corta Ponta Grossa. Um dos veículos, segundo a notícia, teria “voador” e atingido outro carro que trafegava na pista contrária – o motorista da “veraneio”, causador do acidente, morreu na hora. As imagens publicadas na capa mostram detalhes da destruição provocada pela batida e reforçam o caráter imagético e acidental que cerca a morte (SILVA e VOGEL, 2012; RODRIGUES, 1993).

Essa é a única ocasião em que a morte ganha status de manchete durante o período analisado. Em outras duas edições, o *DM* dedica a principal notícia da edição a informações do setor policial e nesse caso o foco é a ação de órgãos da segurança pública no combate a criminalidade ou a queda em índices da violência urbana. Em outros espaços da capa, como chamadas sem foto e fotos-legenda, a morte também foi assunto raro no *DM* durante o período analisado.

Na edição de 11 de novembro, por exemplo, o jornal publica uma chamada com foto a notícia “Mortes nos trilhos somam 6 vítimas”. O texto informa sobre um levantamento realizado sobre os óbitos em linhas ferroviárias que passam por Ponta Grossa e usa como gancho um acidente registrado naquela semana. Nesse caso, a morte é tematizada tanto pelo ponto de vista estatístico como pela explicação contextual sobre o problema social e urbano

⁵² O número de manchetes publicadas em cada um dos jornais no período de análise varia de acordo com as edições dos periódicos e números disponíveis no arquivo. Em alguns casos, os dias de recesso adotados em cada um dos jornais e isso também influencia no número de edições coletadas.

que as linhas de trem em áreas urbanas causavam – explicações mais contextuais sobre a morte são pontuais não só no *DM* como nos outros jornais.

A outra chamada que trata do acontecimento morte durante o período em análise é publicada na capa do *Diário da Manhã* no dia 23 de novembro de 1999. Em uma chamada-título, o *DM* publica: “Fim de semana deixa vítimas na estrada”. Na editoria de Segurança a notícia é publicada no pé da página e reúne várias mortes registradas em rodovias da região dos Campos Gerais, área que inclui Ponta Grossa, para ressaltar o valor do acontecimento enquanto notícia.

Nesse caso a coletivização da morte e o caráter estatístico do acontecimento mais uma vez estão presentes no noticiário. Além disso, em casos como esse em que a morte é tratada no plural e a notícia reúne circunstâncias diferentes (assassinatos, acidentes de trânsito, latrocínios e por vezes até suicídios) os atributos do morto (ANTUNES, 2012) são apagados em prol da coletivização dos óbitos dos sujeitos.

3.6 A ritualização jornalística das mortes no Guaragi

Diante da cobertura apresentada pelo *Diário dos Campos*, *Jornal da Manhã* e *Diário da Manhã* sobre as mortes em série no Guaragi nota-se que o acontecimento morte é altamente valioso para o retrato de mundo oferecido pelos jornais. Seja apostando nos aspectos sobrenaturais, a partir de discussões de práticas religiosas ou tendo como base o passado do suspeito, os três periódicos apresentaram ampla cobertura sobre o caso do “Bruxo do Guaragi”.

Com pequenas diferenças nas informações apresentadas ao público, *JM*, *DM* e *DC* tematizaram o acontecimento morte, ressaltando aspectos que cercavam o fato, muitas vezes dedicando maior importância as circunstâncias do óbito do que propriamente à morte. Com isso, um “andarilho”, “bruxo”, “macumbeiro” e “monstro”, conhecido também como “negão” e “negro panda”, ganhou espaço no noticiário e além de ser retratado como um indivíduo de alta periculosidade, teve o passado amplamente noticiado nos dias seguintes a prisão.

No começo do noticiário, os três jornais apresentaram questões como a possibilidade de sacrifício, rituais satânicos e os aspectos encontrados nas cenas do crime para impulsionar a cobertura sobre o crime – no *DM*, o caso ocupou as manchetes de cinco edições consecutivas. Com a negativa do próprio suspeito de que as mortes haviam sido consumadas em rituais ou sessões de magia negra, os jornais apresentaram outros aspectos para tentar explicar, de maneira razoável, o acontecimento aos leitores.

Após uma ampla atenção dedicada pelos três jornais diários, o acontecimento passa por um esvaziamento do valor noticioso até desaparecer da cobertura – se aproximando do efeito pendular da noticiabilidade proposto por Silva (2013). Ainda durante a cobertura, os jornais também fizeram do caso do Bruxo do Guaragi algo que tinha articulações com problemas da vida ordinária e cotidiana, evidenciando como a morte variou entre o inexplicável, o macabro e o ordinário.

Mesmo com a negativa de Osmir sobre as mortes terem acontecido em sessões de magia negra, rituais satânicos, macumbas ou qualquer outra denominação apresentada pelos jornais sobre o crime, termos como “Bruxo” e “Monstro” seguem compondo o noticiário de alguns periódicos, como se os jornais recorressem constantemente, a estereótipos.

Por fim, a ritualização das mortes no Guaragi nas páginas dos três jornais ilustra uma tentativa da narrativa de encontrar um referencial para acontecimentos que, em um primeiro momento, compõe aspectos para além da compreensão racional, depois passam a ser explicados pela “monstruosidade humana” e por fim aparecem como fatos que compõe a série de problemas cotidianos e ordinários.

3.7 A morte da modelo Agda e a possibilidade de um crime sexual

A morte da modelo⁵³ Agda Fátima Rocha aconteceu na madrugada de domingo (18) para segunda (19) de setembro de 2011. O corpo da jovem foi encontrado pela mãe, Rosali Aparecida Lima, deitado e coberto na cama em que Agda costumava dormir no Núcleo Pimentel, bairro periférico de Ponta Grossa. A porta dos fundos da casa da modelo estava arrombada e o corpo da jovem apresentava hematomas, principalmente na região do rosto e braços – os aspectos da agressão foram posteriormente confirmados por laudos das autoridades responsáveis.

Segundo as investigações da Polícia Civil e do Ministério Público (MP), Agda e Jean Carlos de Oliveira Pinto, condenado como autor do crime, se conheceram na noite do assassinato em um barzinho na região central da cidade. Os dois foram apresentados por uma amiga em comum e depois Jean Carlos ofereceu uma carona à Agda e a jovem que a acompanhava. Inicialmente o vendedor teria deixado Agda em casa, levado a outra jovem também em casa e depois retornado à moradia da modelo.

Ao voltar à casa de Agda, Jean teria arrombado a porta dos fundos da residência e invadido o local – segundo o Ministério Público, o vendedor tinha como intuito violentar

⁵³ As páginas dos jornais retrataram Agda como modelo, ainda que ela trabalhasse como atendente em uma loja de shopping e atuasse como modelo esporadicamente.

sexualmente a jovem. Até o julgamento, o rapaz sustentou a versão de que ele e a jovem teriam tido relações sexuais consentidas e de que a morte de Agda teria sido causada por um mal súbito – a jovem, segundo argumentou Jean, estaria embriagada e entrou em óbito após se engasgar com o próprio vômito.

A morte da jovem causou comoção e recebeu ampla cobertura dos dois periódicos que circulavam em Ponta Grossa – *Jornal da Manhã* e *Diário dos Campos*. No dia posterior ao crime, os dois jornais deram espaço privilegiado a cobertura do caso. Jean foi preso na terça-feira (20) enquanto trabalhava em uma loja de eletroeletrônicos e a cobertura do caso foi intensa nos dias que se seguiram.

Jean foi inicialmente encaminhado para o presídio Hildebrando de Souza, mas acabou sendo vítima de um atentado dentro da cadeia e teve que ser isolado do convívio com outros presos. Dias após o atentado, os agentes penitenciários encontraram na cela do então suspeito um celular. Jean foi julgado no dia 16 de abril de 2013 e foi condenado a 22 anos de prisão – o rapaz foi apontado como culpado pelos crimes de estupro e homicídio. Em agosto do mesmo ano, Izaías Mateus Rosa, então com 23 anos, foi preso acusado de estupro – o rapaz era policial militar e irmão de Jean, a presença de ambos na mesma unidade prisional causou revolta nos presos e ‘requeitou’ a cobertura dedicada pelos mídias.

3.7.1 Alterações na estrutura do Jornal da Manhã durante o caso Agda

Com uma diferença de mais de uma década entre o caso do Bruxo do Guaragi (1999) e a morte da modelo Agda Fátima Rocha (2011), a estrutura dos jornais analisados na pesquisa apresentou mudanças significativas. No caso do *Jornal da Manhã*, o periódico continuava circulando em formato *standard* e com capa colorida⁵⁴ – a primeira página tinha anúncios publicitários frequentes, tanto na parte superior como na inferior. Também haviam mudanças na diagramação e na apresentação visual das notícias.

Em termos da organização em editorias, o *JM* apresentou alterações relevantes para a pesquisa. Além de continuar com as editorias de Opinião e Política, o periódico extinguiu definitivamente a página chamada Polícia e os assuntos do setor policial eram publicados na página de Cotidiano, normalmente temas do setor policial estavam concentrados na mesma página. Além disso, o *JM* tinha editorias que eram publicadas em dias específicos, como Safra (agronegócio), Urbe (cultura) e Autos (suplemento automotivo) – o periódico era vendido por R\$ 2,50.

⁵⁴ Durante a análise anterior do caso Sônia Rocha, apenas a capa do *JM* era colorida, enquanto as outras páginas eram preto e branco – em 2011 havia páginas coloridas na parte interna do jornal.

Na editoria de Cotidiano, as notícias principais de cada página traziam a assinatura do repórter. Além dos ‘abres’ e das notícias secundárias, na editoria de Cotidiano o *Jornal da Manhã* também publicava colunas, como o Giro Policial (local reservado a aglutinar várias pequenas informações do setor de segurança) e a coluna Dois Minutos, também destinada a pequenas notas desse mesmo setor, mas com informações regionais.

Na página interna, o *JM* deixou de publicar o chapéu acima do título e essa ferramenta visual passou a compor a mesma linha do título, separado apenas por um colchete e, quando a página era colorida, pela cor da letra. Desse modo, em algumas situações a palavra designada como chapéu e essencial para a compreensão do título e por isso foi coletada e integrada a tabela do apêndice.

3.7.2 As facetas da dramatização da morte da Agda no JM

A cobertura sobre a morte de Agda no *Jornal da Manhã* tem início no dia 20 de setembro de 2011. Tematizada com alto valor noticioso pelo periódico, a notícia é a manchete da edição e tem como título: “Rapaz é preso ao estuprar e matar modelo”. A informação é ilustrada por quatro imagens publicadas em um retângulo preto, localizado no centro da primeira página.

O texto que acompanha a manchete qualifica Jean Carlos de Oliveira Pinto, 23 anos de idade, como um “atendente de loja” que é “acusado de ter estuprado e matado a modelo Agda Fátima Rocha” na madrugada no dia anterior. A notícia informa que Jean invadiu a casa de Agda com o intuito de cometer o crime e o discurso jornalístico do *JM* denomina o caso como um “assassinato que teve repercussão nacional”.

No discurso apresentado na capa, o *Jornal da Manhã* recorre a tipificações que tem ligação com os repertórios da audiência (SILVA e VOGEL, 2012). Jean, o acusado, é qualificado como um atendente de loja (o rapaz havia sido preso durante o trabalho em uma loja de eletrodomésticos) enquanto a vítima, Agda, é apresentada como modelo, mesmo que não trabalhasse no ramo com frequência e na prática tivesse outra profissão que era a de atendente de loja.

Nas páginas internas do *Jornal da Manhã*, o acontecimento abre uma das páginas da editoria de Cotidiano. Com o título de “Violência - Acusado de morte de modelo é preso em PG”, o *JM* apresenta Jean como acusado e Agda a partir da referência de modelo. Na linha de apoio o periódico informa: “Agda de Fátima Rocha foi encontrada morta pela mãe, na manhã

de ontem. Autor do crime teria tentado forçar relações sexuais com a vítima quando ela supostamente caiu e morreu”.

Imagem 26 – Capa do JM do dia 20 de setembro de 2011



Fonte: Do autor

Ilustrada por uma imagem que mostra funcionários do Instituto Médico Legal (IML) retirando o corpo da modelo do local da morte, a reportagem tem como aspecto factual a apresentação de Jean Carlos realizada pela Polícia Civil. A notícia informa que o suspeito teria tentado invadir a casa de Agda pelos fundos para forçar a jovem a manter relações e tem como fontes parentes da modelo, vizinhos e um delegado. O *JM* também reforça o caráter dramático do caso ao relatar que o corpo de Agda foi encontrado pela mãe – a jovem estava coberta, com as mãos sobre o tórax, como se estivesse dormindo.

Com o roteiro do crime já definido e diante da confissão de Jean, a sequência da cobertura do acontecimento morte se basearia nos desdobramentos do caso e também em pontos polêmicos sobre a morte de Agda. Já na apresentação feita pela Polícia Civil, Jean Carlos afirmou que teria ido à casa da modelo com o consentimento dela e garantiu que as relações sexuais eram consensuais – Jean sustentava que a morte de Agda havia sido causada por um mal súbito sofrido pela jovem durante o ato sexual.

A morte da modelo volta a ser noticiada no *JM* no dia 22 de setembro de 2011. Na capa a notícia é registrada com uma chamada-título: “CASO AGDA – AUTOR DO CRIME É ESPANCADO DENTRO DA CELA”. Na página interna do jornal, a reportagem abre uma das páginas da editoria de Cotidiano e tem como título: “Vingança – Presos tentam matar assassino de Agda”.

Imagem 27 – Página da editoria de Cotidiano do JM do dia 20 de setembro de 2011



Fonte: Do autor

Já na segunda publicação sobre o caso, o *JM* expõe de maneira clara o valor dramático que cerca a notícia e também a inversão de valores do caso. Com Jean Carlos sendo levado para a Cadeia Pública, o linchamento do suspeito (tido como “assassino”) faz com que o jornal retome a cobertura do caso. Na reportagem, o *JM* também exhibe o paradoxo que envolve a situação ao relatar a chegada e a ‘recepção’ de Jean na unidade prisional:

Fontes ouvidas pelo **Jornal da Manhã** relatam que Jean Carlos foi deixado no “seguro” – no jargão policial é o local onde são deixados os presos acusados de estupro – e mesmo assim sofreu agressão física. “Nem mesmo este tipo de bandido tolerou o que ele fez com a moça e o atacaram para mata-lo. Isso só não aconteceu porque os carcereiros agiram muito rápido”, descreve um policial que pediu para não se identificar. Nesse setor, segundo afirma, existiria cerca de 70 presos. (MARTINS, Mario. Presos tentam matar assassino de Agda. **Jornal da Manhã**, 22 de setembro de 2011, p. 7A, grifo do autor)

A notícia publicada pelo *JM* amplia o sentimento de comoção que cerca a morte da modelo e expõe uma informação obtida em *off* com um funcionário do setor carcerário. Além da repercussão causada pelo caráter dramático do óbito de Agda, a revolta contra o “assassino” também estava presente atrás das grades. A narrativa ressalta que mesmo preso no “seguro”, Jean Carlos quase havia sido assassinado, apresentando uma inversão clara nos papéis: antes tido como “assassino”, Jean passou para a figura de “vítima”.

Já integrando o noticiário como “Caso Agda”, a cobertura sobre a morte da modelo segue na edição do *JM* do dia seguinte, 23 de setembro de 2011. Novamente registrada em formato de chamada-título na capa, o *Jornal da Manhã* informa: “CASO AGDA – ACUSADO DE CRIME SUSTENTA MORTE POR ASFIXIA”.

Na página interna, o suíte sobre o acontecimento é destaque da editoria de Cotidiano. A notícia tem o mesmo título da capa e no subtítulo o *JM* informa: “O acusado do crime de Agda disse ao seu advogado de defesa que ela teria se asfixiado com refluxo e caído no chão. Segundo ele, havia consenso na relação e ambos estavam embriagados”. A reportagem é novamente ilustrada pelo retrato de Jean com o rosto coberto e é acompanhada de um box intitulado: “Advogado prefere debater na Justiça”.

Com Jean preso e sem novidades sobre as investigações do caso, o *JM* aposta na fala dos advogados de defesa e de acusação para reapresentar o acontecimento morte como notícia. A reportagem expõe as explicações preliminares de Jean, apresentadas pelo advogado do suspeito, sobre a noite do crime – aspectos como a embriaguez de ambos e a relação sexual consensual são os fatores destacados na notícia. Já o contraditório da informação é feito pelo advogado que representava a família da modelo e que aparece, na reportagem, desqualificando as explicações do suspeito.

Ao contrário dos casos do “Bruxo” do Guaragi e da morte da professora Sônia Rocha, em que o acontecimento morte esteve acompanhado de quesitos como o mistério e explicações fora do campo racional, a morte da modelo Agda já começou a ser noticiada com um enredo pronto: as autoridades haviam prendido um suspeito que confessou ter estado com a garota, mas apresentou uma explicação accidental para a morte da modelo.

A partir das explicações accidentais de Jean e da construção discursiva na trajetória do suspeito (tentativa de assassinato do suspeito já dentro da cadeia), o *JM* continua angulando o caso nos dias seguintes. Na edição de 24 de setembro de 2011, o periódico noticia os desdobramentos da morte da modelo, dessa vez dando espaço para a defesa apresentada pelos familiares de Jean.

Sem espaço na capa e em uma notícia secundária na página de Cotidiano, o *JM* publica: “Família sai em defesa de Jean”. A informação é ilustrada por uma imagem da irmã de Jean, Kelen Rosa, e o chapéu da notícia é: “Morte de modelo em PG”. A reportagem tem como foco a apresentação do suspeito do assassinato da modelo como um “rapaz simples, humilde e trabalhador”. Dessa vez não são mais os atributos do morto (ANTUNES, 2012) que impulsionam a cobertura, como já havia acontecido no começo do noticiário, mas sim a história de vida do suspeito:

“O Jean não é esse monstro que tão falando por aí”, resume Kelen Rosa, irmã de Jean Carlos de Oliveira Pinto, acusado da morte da modelo Agda Fátima Rocha. Ela diz estar sofrendo muito com todo o caso, e não acredita que seu irmão tenha matado Agda. Segundo ela, o laudo do IML deve ser aguardado, assim como a conclusão das investigações, já que ele é apenas um acusado até o momento e diz temer a integridade física do irmão. Caso tenha errado, a irmã reconhece que ele deve pagar, mas dentro da lei. (Família sai em defesa de Jean. **Jornal da Manhã**. 24 de setembro de 2011, p. 6 A)

Diante do clima de comoção causado pela morte da modelo, acontecimento que também repercutiu em outros espaços do noticiário⁵⁵, o *JM* apresenta uma notícia que tem como única fonte a irmã de Jean Carlos. Com o intuito de “humanizar” o rapaz, o *Jornal da Manhã* abre espaço para o relato de uma familiar do suspeito de matar Agda – a humanização das fontes é uma das ações mais clássicas na caracterização de personagens que compõe o noticiário e é frequentemente utilizada na tipificação do mundo realizada pelos jornalistas (TUCHMAN, 1978).

A aposta na humanização e dramatização do acontecimento morte segue na edição de 25 de setembro do *Jornal da Manhã*. Sem espaço na capa, o *JM* dedica um dos abres da editoria de Cotidiano para noticiar o caso. Com o título “Caso Agda – “Ele judiou até o fim”, diz mãe de modelo”, o jornal segue apostando nas características dramáticas que cercam o fato para dedicar alto valor noticioso a cobertura da morte.

A notícia é ilustrada por três fotos que mostram a modelo Agda em um ensaio, Jean em um retrato $\frac{3}{4}$ ao ser preso e os advogados que representam a família da jovem durante uma reunião. Na linha-fina que acompanha a notícia, o jornal dá destaque a outra declaração da mãe da modelo: “Jean foi um covarde. Judiou muito dela e a fez sofrer intensamente antes de matá-la. A Justiça dos homens, e a Justiça de Deus, o farão pagar por esta monstruosidade”.

Com o discurso composto por questões emocionais e dramáticas, valores-notícia amplamente utilizados na apresentação da morte enquanto relato midiático, o *Jornal da Manhã* dessa vez apresenta a versão da mãe de Agda sobre a morte da modelo. Com Jean preso e sem poder dar novas declarações sobre o caso, além da falta de novidades das investigações até aquele momento, o *JM* passa a inserir outros personagens na história, nesse caso a mãe de Agda, Rosani Aparecida de Lima.

⁵⁵ A repercussão do caso da modelo Agda nas páginas de Opinião dos periódicos *Jornal da Manhã* e *Diário dos Campos* foi analisada em um artigo apresentado à disciplina “Mídia e formação da Opinião Pública”. O texto debatia, à luz de discussões sobre debate público, opinião pública e esfera pública, o embate sobre a morte da modelo que extrapolaram as páginas dedicadas ao noticiário policial para também repercutir em outros espaços do jornal, principalmente as páginas de Opinião.

Imagem 28 – Reportagem publicada na edição de 25 de setembro de 2011 do JM



Fonte: Do autor

Em uma reportagem que apela para questões familiares, ao mesmo tempo em que expõe as explicações tidas como “fúteis” expostas pelo suspeito para a morte de Agda, o *Jornal da Manhã* apresenta um texto em que a mãe da modelo fala sobre a vida que ela e a filha tinham juntas, além de dar voz e espaço para os pedidos de justiça feitos por Rosani – nos dias seguintes a mãe de Agda voltaria a aparecer no noticiário nessa mesma condição.

Após quatro dias sem apresentar notícias sobre o Caso Agda, o *Jornal da Manhã* volta a tematizar o acontecimento com alto valor noticioso na edição de 29 de setembro. Em uma manchete sem foto, o *JM* noticia: “MORTE DA MODELO – SEM LAUDOS, ACUSADO DO CRIME PODE SER SOLTO”. No subtítulo da manchete, o jornal informa sobre a possibilidade de Jean Carlos ter a liberdade provisória decretada pela Justiça, já que não haviam laudos que provassem a culpa do rapaz.

Imagem 29 – Manchete da edição do JM do dia 29 de setembro de 2011



Fonte: Do autor

Com o noticiário sobre o acontecimento retomando o aspecto factual, o *JM* dá sequência à cobertura do caso informando sobre a possibilidade de Jean Carlos ser solto. Oportuno notar que mesmo sem que o rapaz seja formalmente acusado pelo Ministério Público (MP), o periódico usa o termo “acusado” em diversas oportunidades. Na página interna a notícia sobre o caso abre uma das páginas de Cotidiano.

Na página interna, a reportagem sobre o caso recebe o mesmo título dedicado ao relato na capa. A notícia expõe a visão do advogado de Jean que apresentava uma versão de que como não haviam laudos técnicos e periciais que comprovassem a morte violenta de Agda, não seria cabível que Jean continuasse preso. Qualificado também como “vendedor acusado do assassinato”, o suspeito é apontado como réu primário e sem antecedentes criminais e também na vida social.

A reportagem é ilustrada por uma foto que mostra peritos da Polícia Científica dentro da casa de Agda, local em que ela foi encontrada morta. Entre as fontes consultadas estão o advogado de Jean e também o delegado responsável pelas investigações – a autoridade policial sustentava que o inquérito seria finalizado naquele dia (29 de setembro) e então encaminhado ao Ministério Público (MP) para que o órgão estudasse a oferta à Justiça de uma denúncia formal contra Jean.

Diante do esgotamento das possibilidades de dramatizar e humanizar o acontecimento em questão, além do esvaziamento dos fatos sequentes, o *JM* passa a usar movimentações do campo jurídico e também das investigações para apresentar o acontecimento como notícia ao leitor. A abordagem se assemelha ao que Tavares (2012) chama da ritualização da morte: esse tipo de acontecimento, quando visto com interesse pelos mídias e pela audiência, passa a ser tematizado e pautado a partir de efeitos retóricos, até que seu valor noticioso se esvazie por completo ilustrando o efeito pendular da noticiabilidade (SILVA, 2013).

Registrada em uma chamada sem foto na capa, o *JM* segue noticiando o caso na edição do dia 30 de setembro de 2011. A notícia sobre o caso Agda é a principal reportagem de uma das páginas de Cotidiano do *JM* e recebe como título: “Caso Agda – Fato novo pode mudar o rumo das investigações”. No subtítulo o *Jornal da Manhã* informa: “Acusado pela morte de Agda Rocha, Jean Carlos de Oliveira Pinto alega ter realizado ligações para serviços de emergência na madrugada do dia 19. Polícia irá ouvi-lo outra vez.

Ilustrada por uma imagem que mostra a viatura do IML na frente da casa da modelo, a reportagem tem como gancho uma nova declaração de Jean. O suspeito teria afirmado ao advogado de defesa, personagem central no noticiário sobre o caso, que ao ver Agda sofrer o

mal súbito, teria ligado para o serviço de emergência na tentativa de salvar a jovem. O defensor de Jean garantia que tal ação mostraria a intenção do rapaz em evitar a morte da modelo.

A notícia também traz um box intitulado “Delegado descarta reconstituição”, em que a Polícia Civil, responsável pelas investigações, refutava a possibilidade de realizar uma reconstituição do crime. Com os desdobramentos do acontecimento impulsionando o noticiário (QUÉRÉ, 2005), o *JM* passa a compor os relatos sobre o caso em uma disputa entre o advogado de defesa de Jean e o delegado, em um novo desdobramento do acontecimento morte.

O *JM* segue noticiando o caso em uma foto-legenda publicada na edição de 1 de outubro que tem como título “MORTE DE AGDA GERA PROTESTO” e exhibe familiares e amigos da modelo em um ato realizado no bairro em que a jovem morava. O fato é, na realidade, uma reação a publicação realizada anteriormente pelo *JM* que ventilava a possibilidade de Jean ser solto por falta de provas técnicas.

A notícia publicada na capa do *JM* no dia 1 de outubro de 2011 mostra que os mídias não só são intérpretes dos fatos, como criam os próprios acontecimentos para expor diante da audiência ⁵⁶ (ALSINA, 2009). Diante da cobertura apresentada pelo periódico e da possibilidade de que Jean fosse solto, familiares da modelo Agda se mobilizaram e criaram um novo fato no caso a partir da possibilidade ventilada pelo jornal.

Junto do protesto realizado pelos amigos e familiares de Agda, o *JM* também apresenta um aspecto novo nas investigações. A notícia é a principal informação da página de Cotidiano e tem como título: “Crime – Denúncia levou PM à casa de Agda”. Na linha-fina, o periódico informa sobre a presença de uma viatura na frente da casa da modelo após o recebimento de uma denúncia anônima.

A informação foi registrada no inquérito da Polícia Civil enviado ao Ministério Público (MP) e foi utilizada para ressignificar a cobertura sobre o caso. A presença de viaturas da PM na frente da casa de Agda na noite em que ela foi encontrada morta – o aspecto inquietante é que a ligação com a denúncia de estupro teria sido realizada do celular da própria Agda, encontrado no carro de Jean no momento da prisão do suspeito.

Com a investigação já no plano jurídico, o *JM* fica dois dias sem publicar informações sobre o caso – outras angulações e dramatizações sobre o acontecimento já haviam sido realizadas anteriormente. No dia 5 de outubro de 2011, o *Jornal da Manhã* volta

⁵⁶ A teoria do Agenda-Setting e a abordagem da agenda dos mídias tratam a possibilidade de maneira mais específica.

a noticiar o caso em uma chamada sem foto na capa. Com o título “MP DEVE DENUNCIAR JEAN ATÉ SEXTA-FEIRA”, o periódico informa sobre a previsão de que o órgão envie uma denúncia formal à Justiça nos próximos dias.

Usando como gancho a “indignação da família de Agda”, o jornal apresenta informações sobre a atuação do Ministério Público na confecção da denúncia. Na página interna, a notícia recebe o título “Caso Agda – Promotor pode oferecer a denúncia até sexta”. Na linha fina que acompanha a reportagem, o *JM* confirma a aposta na polêmica sobre uma suposta concessão de liberdade a Jean: “Ontem, Polícia Civil encaminhou ao Fórum o levantamento no local do crime. Família de Agda está indignada com os rumores sobre concessão de liberdade ao suspeito”.

A construção textual apresentada nas páginas do *JM* deixa claro a repercussão de um fato criado e ventilado pelo próprio jornal: a possível concessão de liberdade provisória a Jean Carlos. Diferentemente de outros casos em que os atributos do morto (ANTUNES, 2012), o passado do suspeito ou aspectos sobrenaturais que envolviam o(s) crime(s) eram utilizados para alavancar a cobertura, no caso da morte da modelo Agda questões e angulações dramáticas sobre o acontecimento, a disputa entre os advogados, promotores e delegados impulsionaram o acontecimento na cobertura.

O *Jornal da Manhã* continua o noticiário sobre o caso no dia 8 de outubro de 2011. Em uma chamada-título publicada em um retângulo negro, o periódico informa: “JEAN ASFIXOU AGDA E A MATOU COM CHUTES E MURROS NA CABEÇA”. Nota-se que nessa altura da cobertura Agda e Jean são personagens estabelecidos no noticiário do *JM* e não precisam de explicações mais aprofundadas. Na página interna, a notícia é a principal informação de uma das páginas da editoria de Cotidiano.

Com o título “Massacre – Jean sufocou Agda e a matou com chutes e socos”, o *JM* noticia o conteúdo da denúncia oferecida pelo Ministério Público. Na linha de apoio da notícia, o periódico informa: “JM teve acesso ao documento do MP que apresenta à Justiça a acusação contra o vendedor Jean Carlos de Oliveira Pinto pela prática de homicídio e estupro contra Agda”.

Novamente usando o tramite judicial para ritualizar o acontecimento morte nas páginas do jornal, o *JM* apresenta uma reportagem que tem como base o documento da denúncia e esmiúça o modo como Agda teria sido morta. Nesse caso específico os aspectos cruéis que teriam cercado o assassinato da modelo são utilizados para tematizar o acontecimento morte como um fato ainda relevante diante do público.

A ritualização da morte (ANTUNES, 2012) da modelo na cobertura do *Jornal da Manhã* passa pelas explicações e angulações diversas sobre o fato que variam entre a dramatização realizada a partir da fala de familiares da vítima e do suspeito até os desdobramentos e refutações das afirmações de acusação e defesa. Além disso, a disputa entre personagens da acusação e defesa e o rito judicial foram outros aspectos utilizados no discurso noticioso do *JM* para tematizar o fato diante do público.

Na edição do dia 11 de outubro de 2011, o *JM* publica uma chamada título na capa e informa: “CASO AGDA – MÉDICA DO IML CONFIRMA MORTE POR AGRESSÃO”. A notícia é o ‘abre’ de uma das páginas de Cotidiano do periódico e tem como título: “Caso Agda – Parecer do IML contraria alegações de Jean”. Usando novamente como fonte a denúncia oferecida pelo MP, o *JM* lembra que as afirmações de Jean Carlos, apresentadas pelo advogado que representa o rapaz, seriam falsas. O próprio *Jornal da Manhã* havia dado espaço privilegiado aos aspectos expostos por Jean Carlos sobre a morte de Agda em que o rapaz garantia que a modelo havia sido vítima de um mau súbito, morrendo de asfixia.

Na reportagem, Jean Carlos, novamente representado pelo advogado, apresenta uma nova versão para justificar o laudo do IML: os hematomas no corpo de Agda teriam sido fruto de um “ato sexual selvagem”. Mais uma vez o tramite das investigações leva o acontecimento morte em questão a se tornar notícia e os aspectos mais ressaltados na reportagem dizem respeito à maneira como Agda teria sido morta. Os desdobramentos do campo jurídico e da investigação seguiriam fazendo da morte da modelo um acontecimento relevante para o noticiário do *JM*.

Na edição de 15 de outubro, o *JM* publica na capa uma chamada com foto intitulada: “CASO AGDA – JUSTIÇA NEGA LIBERDADE DE JEAN CARLOS”. A imagem que acompanha a notícia na primeira página mostra Jean tentando esconder o rosto durante a prisão. A notícia diz respeito ao pedido de liberdade provisória apresentado pelo advogado do rapaz que havia sido rejeitado pela Justiça.

A reportagem do *JM* é o abre de uma das páginas de Cotidiano e apresenta os próximos passos da defesa do suspeito. Com o *habeas corpus* negado em primeira instância, o advogado afirmava que iria recorrer ao Tribunal de Justiça, em Curitiba. O representante legal de Jean insistia na hipótese de que não haviam provas concretas contra o rapaz e que os laudos do IML mostravam apenas “marcas do sexo selvagem e consentido” entre Jean e Agda e não comprovariam o homicídio.

A cobertura do *JM* sobre o caso acontece de maneira novelesca. Marcada por novos capítulos, dramas, reviravoltas e descobertas, o noticiário do *Jornal da Manhã* sobre a morte

da modelo Agda é apresentado e ressignificado a partir de desdobramentos que cercam a morte, seja a comoção da família ou as circunstâncias e dados obtidos pelas investigações. Nessa cobertura novelesca, Jean Carlos e Agda tem papeis bem definidos de culpado e vítima, respectivamente.

De maneira subliminar, os fatores ligados ao possível caso de estupro, apontado pela família da modelo, ou do “sexo selvagem e consentido”, ressaltados pelo representante legal de Jean, cercaram a contextualização da morte de Agda. Além do processo legal e da dramatização do fato a partir da visão de familiares, a morte da modelo também foi noticiada em um cenário que aspectos morais compunham o contexto do acontecimento e a apresentação do fato ao público.

Após um hiato de duas semanas na cobertura, o *JM* volta a publicar uma notícia sobre o caso no dia 31 de outubro de 2011. Em uma chamada título na capa, o jornal informa: “CASO AGDA – JUSTIÇA MARCA INTERROGATÓRIO DE JEAN CARLOS”. Novamente o rito judicial é o gancho para a retomada da publicação e nesse caso Jean Carlos, agora acusado de matar Agda, seria ouvido em juízo pela primeira vez.

Na página interna, a reportagem é ilustrada por uma foto de Jean e abre a editoria de Cotidiano. Com enfoque na data para a audiência de instrução (18 de novembro de 2011), a notícia tem como fonte o promotor do MP, o advogado da família de Agda e o representante legal de Jean. O texto reapresenta informações sobre o crime, entre elas as alegações de ambas as mortes sobre como Agda teria morrido.

Em um novo hiato na cobertura, o *JM* só volta a publicar informações sobre o caso na edição dos dias 6 e 7 de novembro. Em uma chamada com foto na capa do periódico, o *JM* informa: ‘EU NÃO MATEI AGDA’, DIZ JEAN. No chapéu, o jornal publica a palavra “EXCLUSIVO”. No texto que acompanha a chamada, o periódico informa: “Repórteres do Jornal da Manhã entram no Presídio Hildebrando de Souza para entrevistar Jean Carlos de Oliveira Pinto, 23. Ele chora, afirma não ter matado a modelo Agda e pede perdão à mãe da moça”.

No caderno interno do *JM*, a notícia é o ‘abre’ de uma das páginas da editoria de Cotidiano. Com o mesmo título da capa, a reportagem é ilustrada por três fotos do acusado e exhibe uma das poucas alternativas de dramatização ainda não apresentadas pelo *Jornal da Manhã*: uma entrevista com Jean Carlos. Algemado, o rapaz é o personagem de uma entrevista formato pergunta e resposta.

Imagem 30 – Reportagem publicada na edição do JM dos dias 6 e 7 de outubro de 2011



Fonte: Do autor

Apostando em expor frases de efeito de Jean, o *JM* faz do acusado um personagem central da cobertura sobre o crime – assim como no caso do “Bruxo do Guaragi”, os acontecimentos produzidos e tratados no discurso noticioso também criam personagens (ALSINA, 2009). No caso de Jean, inicialmente tido como um “atendente de loja”, passa a ter espaço central no retrato de mundo oferecido pelo jornal no contexto da morte da modelo Agda.

A entrevista exclusiva com Jean realizada dentro do presídio é a última angulação dramática apresentada pelo *JM*. Ainda no mês de novembro de 2011, o jornal publica uma notícia secundária e com espaço na capa sobre o acusado. Com a chamada-título “CASO AGDA – JEAN CARLOS TINHA CELULAR NA CELA”, o periódico registra a última notícia sobre o crime durante o período analisado na edição de 25 de novembro.

A informação ocupa espaço secundário na página de Cotidiano e recebe o título: “Em vistoria, Polícia encontra celular de Jean Carlos”. Sem ser ilustrada por fotos, a notícia informa sobre a realização de uma operação ‘pente fino’ na ala em que Jean estava preso, local reservado aos acusados de crimes sexuais. A delegada responsável pela operação afirma que diante do conteúdo das mensagens era possível afirmar que o celular pertencia ao acusado de matar a modelo Agda.

A última notícia sobre o acontecimento no *JM* ilustra como o fato teve seus desdobramentos utilizados na cobertura jornalística (QUÉRÉ, 2005). Categorizado inicialmente como um “atendente de loja e réu primário”, figura estranha à cobertura de eventos policiais, a presença de Jean no noticiário se tornou frequente e o rapaz chegou a ser apresentado em locais de destaque durante as abordagens realizadas pelo *Jornal da Manhã*.

A análise da cobertura oferecida pelo *JM* mostra como o periódico usou a morte da modelo enquanto acontecimento jornalístico a partir de outros fatos que cercavam o óbito. Fosse a movimentação do processo judicial ou a percepção de familiares e amigos sobre o crime, o *Jornal da Manhã* ressignificou o acontecimento em diversas oportunidades, ritualizando a morte nas páginas do jornal (ANTUNES, 2012).

Outra aposta do *JM* foi tematizar a morte de Agda a partir de uma abordagem psicológica e da comoção social (VAZ, 2012). Utilizando a fala de familiares da modelo e também de Jean Carlos, o *Jornal da Manhã* fez da morte em questão um acontecimento noticiado em capítulos, entre eles a prisão do suspeito, a repercussão de familiares da vítima e de Jean, a disputa judicial e até os detalhes da morte apontados nos laudos.

Além disso, mesmo que não tenham sido o foco das reportagens, aspectos morais ligados a possibilidade de uma relação sexual entre suspeito e acusado sempre estiveram no contexto da cobertura. Palavras como “estupro” e expressões como “sexo violento” ou “sexo selvagem” compuseram as explicações apresentadas pela defesa e acusação, remetendo a imagens formadas no repertório cultural da audiência (SILVA e VOGEL, 2012).

3.7.3 A cobertura factual do acontecimento morte no JM

Durante os meses de setembro, outubro e novembro de 2011, o *Jornal da Manhã* ofereceu uma cobertura factual sobre o acontecimento morte. O Caso Agda disputou espaço com outras mortes violentas, entre elas acontecimentos que foram classificados como “tragédias” e também com outros óbitos que ganharam espaço no noticiário diante da violência empregada ou do status social dos envolvidos, seja a vítima ou o suspeito.

A primeira notícia sobre morte no período analisado é registrada na capa da edição de 2 de setembro de 2011. Em uma chamada sem foto, o *JM* publica “VIOLENCIA – ADOLESCENTE MATA RAPAZ COM FACADAS NO PESCOÇO E TÓRAX”. A notícia é publicada ao lado de outra informação do setor policial que relata a prisão de um empresário suspeito por pedofilia.

Com a brutalidade sendo utilizada como valor noticioso na seleção do acontecimento morte, o mesmo critério segue sendo apresentado pelo *JM* na edição de 3 de setembro. Em uma nova chamada sem foto, o *Jornal da Manhã* informa: “BRUTAL – FUGITIVO DE PG É ASSASSINADO COM 30 TIROS”. No texto que acompanha a chamada, o jornal informa sobre a morte de Márcio Cleper de Oliveira, ex-detento de uma unidade prisional de Ponta Grossa, morto no município vizinho em uma ação supostamente vingativa.

Nas duas primeiras mortes violentas registradas no *JM*, nota-se que o caráter brutal do uso da violência foi tematizados para apresentar os relatos como notícia ao leitor. Sem apresentar atributos do morto (ANTUNES, 2012) ou apostar em abordagens psicológicas (VAZ, 2012), o periódico noticia os casos ressaltando os assassinatos, fruto da violência urbana, na perspectiva que o próprio Vaz (2012) chama dos retratos no noticiário sobre “a morte que nos assusta”.

A primeira das tipificações para formatar a morte ao público aparece no *JM* na edição de 4 e 5 de setembro de 2011. Em uma chamada título na capa, o *JM* informa: “TRAGÉDIA – ACIDENTE COM CAMINHÃO DEIXA UMA PESSOA MORTA”. A informação recebe espaço secundário no caderno de Cotidiano e apresenta a primeira das tipificações na tentativa de qualificar o acontecimento morte diante do leitor.

Expressões como “tragédia” e “acidente” são utilizadas com frequência, não só pelo *JM* mas também na cobertura de outros jornais, na tentativa de qualificar mortes cotidianas e violentas não como o mesmo acontecimento, mas sim enquanto um fato diferenciado que merece atenção do leitor – a lógica accidental (KATZ, 1993) do acontecimento morte se torna evidente. Na edição do dia seguinte, 6 de setembro de 2011, o *Jornal da Manhã* apresenta um relato sobre a morte violenta, dessa vez a notícia é ligada à prática de magia negra.

Na primeira página, o *JM* publica uma chamada com foto intitulada: “JOVEM PODE TER SIDO MORTA EM RITUAL DE MAGIA NEGRA”. Novamente recorrendo a expressões como “pode ter sido” para criar hipóteses e conjunturas sobre o acontecimento, o periódico segue com a cobertura sobre a morte violenta. No texto que acompanha a chamada, o *Jornal da Manhã* informa: “Cleiriane Batista, 21 (foto), morava na região do bairro da Nova Rússia e estava desaparecida há uma semana. Hediondo crime é investigado pela Polícia Civil”.

Classificando o crime apenas como “hediondo”, sem citar nada que remeta a magia negra, o *JM* destaca o acontecimento na capa, mas na página interna a morte em questão é apenas uma notícia publicada no pé da página de Cotidiano. O relato traz como título “Polícia acredita que morte de jovem pode ter relação com magia negra” e afirma que as investigações apontavam para a prática em questão, principalmente pelo fato do couro cabeludo da vítima ter sido arrancado e queimado em uma fogueira.

Além da apresentação do acontecimento morte pelo que choca (VAZ, 2012), nota-se o uso diferente dos valores-notícia na composição da página interna e na capa do periódico. Enquanto na capa a notícia tem espaço na primeira dobra e ainda é ilustrada por uma foto da

vítima, na hierarquização dos acontecimentos da página interna de Cotidiano, a morte de Cleiriane acabou sendo relatada em um espaço com pouca visibilidade e sem foto.

Nos espaços de maior privilégio editorial, o *Jornal da Manhã* seguia dando destaque a assuntos do campo político e econômico durante os meses de setembro, outubro e novembro de 2011. No período analisado, além da manchete publicada sobre o Caso Agda, apenas outros dois acontecimentos morte foram destacados como as notícias principais de uma edição. O primeiro desses acontecimentos é publicado na edição dos dias 7 e 8 de setembro.

Em uma manchete com foto, o *JM* informa: “ACIDENTE COM TREM DEIXA DOIS MORTOS”. A notícia é ilustrada com uma foto que mostra um carro de passeio destruído e no texto que acompanha a manchete o jornal volta a recorrer a tipificações sobre a morte violenta:

TRAGÉDIA - DUAS MULHERES MORRERAM NA TARDE DE ONTEM EM UM ACIDENTE OCORRIDO NA ENTRADA DA VILA BORATO, EM PONTA GROSSA, O CARRO DELAS TEVE PROBLEMAS MECÂNICOS SOBRE A FERROVIA E ACABOU SENDO ATINGIDO POR UM TREM (ACIDENTE COM TREM DEIXA DOIS MORTOS. *Jornal da Manhã*, Ponta Grossa, 7 e 8 de setembro de 2011)

Novamente tipificada a partir do caráter acidental e trágico, a morte ganha destaque na primeira página do jornal, sendo eleita como a notícia mais importante da edição. Importante lembrar que, nesse caso, a seleção do acontecimento em questão como manchete também leva em conta o uso da imagem do fato na composição da narrativa linguística e imagética sobre o acontecimento morte (SILVA e VOGEL, 2012).

Na página interna, o *JM* dedica um dos abres da editoria de Cotidiano para a notícia. A reportagem, além de relatar as circunstâncias do acidente, problematiza a questão sobre a insegurança provocada por linhas férreas que cruzam áreas urbanas e populosas de Ponta Grossa. Além de apresentar relatos dos familiares das vítimas, indignados e abalados com a situação, a notícia também dá espaço para lideranças comunitárias que cobram soluções para o problema. Essa é uma das oportunidades pontuais durante os três meses de coleta em que a morte violenta, publicada com destaque pelo *JM*, ganha contextualização e não se restringe apenas ao caráter factual.

A segunda manchete ligada ao acontecimento morte publicada pelo *JM* é publicada na edição do dia seguinte: 9 de setembro de 2011. Dessa vez sem ser acompanhada por uma foto, a manchete relata uma morte suspeita registrada no interior da principal delegacia da cidade. Nessa edição, o *JM* apresenta como principal notícia: “Corregedoria apura morte de menor na 13ª SDP”.

No texto que acompanha a notícia na capa, o *Jornal da Manhã* informa sobre a morte de um adolescente de 16 anos e deixa claro a crise criada pelo acontecimento:

INVESTIGAÇÃO – RAPAZ DE 16 ANOS MORRE EM CELA DA 13ª E DELEGADOS NÃO SABEM EXPLICAR AS CIRCUNSTÂNCIAS EM QUE SE DEU O ÓBITO. FAMÍLIA QUEIXA-SE DA FALTA DE INFORMAÇÕES, SECRETÁRIO DE SEGURANÇA MANDA CORREGEDORIA APURAR O CASO. (Corregedoria apura morte de menor na 13ª. **Jornal da Manhã**, 9 de setembro de 2011, p.1)

A morte de um adolescente dentro de uma cela é tematizada pelo *JM* a partir do quesito de ruptura provocado pelo acontecimento. Sem identificar o garoto e nem os familiares, o *Jornal da Manhã* informa que o adolescente havia sido detido na madrugada do dia anterior, após envolvimento no furto de uma carteira. Contrariando as regras estipuladas pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), o jovem de 16 anos foi algemado e colocado dentro de uma cela da delegacia.

Na página interna, o *JM* dedica um dos abres do Cotidiano para o assunto e com o título “Intrigante – Corregedoria irá investigar morte na 13ª”. A notícia é ilustrada por uma foto do velório do jovem e a reportagem apresenta como fontes policiais, delegados, familiares e representantes de entidades da área dos Direitos Humanos. Nesse caso fica evidente como a morte em circunstâncias suspeitas reverbera em outras esferas sociais e faz do acontecimento um fato relevante para o jornal.

Durante o período de análise, esses dois casos foram os únicos em que a morte recebeu destaque e foi problematizada pelo *Jornal da Manhã*. Nas outras oportunidades, o acontecimento morte foi relatado a partir de atributos do morto (ANTUNES, 2012), do caráter acidental do acontecimento (KATZ, 1993) ou das circunstâncias violentas que provocaram o óbito, colaborando para a formação de uma narrativa imagética e textual sobre a violência urbana (SILVA e VOGEL, 2012) que mantém o *status quo* e faz da morte periférica algo socialmente aceito enquanto a morte de pessoas proeminentes em locais movimentados é tida como um fato que rompe a série de acontecimentos diários.

Além disso, a própria cobertura da morte da modelo Agda disputou o espaço das páginas internas com outros acontecimentos morte retratados no noticiário do *JM*. Na edição de 25 e 26 de setembro de 2011, por exemplo, o *JM* apresenta uma entrevista com a mãe de Agda e, nessa mesma edição, apresenta uma chamada-título na capa: “CORPO DE GAROTA É ENCONTRADO EM BAIRRO DE PG”.

Na página interna, a notícia é intitulada “Mulher é morta com pedrada na cabeça na zona rural de PG”. O relato informa sobre a localização de um corpo de uma jovem,

possivelmente uma garota de programa, morta com uma pedrada. Ao contrário de Agda e também de Sônia Rocha, essa morte é registrada de maneira tímida no noticiário – a vítima não é identificada pelo nome e nem pelos aspectos da vida pessoal⁵⁷, compondo mais uma das mortes tidas como cotidianas e aceitáveis socialmente (VAZ, 2012).

Na edição de 27 de setembro, o *JM* publica uma notícia que foge do padrão dos informes rotineiros sobre mortes violentas. Em uma reportagem que abre uma das páginas de Cotidiano, o jornal informa: “VIOLÊNCIA – ONG SUSPEITA DE RELAÇÃO ENTRE ASSASSINATOS BRUTAIS”. A notícia reapresenta o caso da morte publicada no dia anterior, ligando a morte da garota de programa ao óbito de uma mulher que “teria sido morta durante um ritual de magia negra”, publicado na edição de 6 de setembro.

A reportagem do *Jornal da Manhã* apresenta o posicionamento de uma ONG da área dos Direitos Humanos sobre os dois assassinatos. Os ativistas defendiam que, diante do fato das duas vítimas serem garotas de programas, os homicídios poderiam ter ligação. A notícia apresenta dados que contextualizam o cenário de violência contra a mulher em Ponta Grossa e discute os avanços do Poder Judiciário no julgamento de crimes passionais, especialmente os que tem como vítimas mulheres.

O relato é o único no período analisado que usa como gancho um acontecimento morte para discutir um problema mais amplo: a violência contra a mulher. No restante do período analisado, o *Jornal da Manhã* segue noticiando a morte a partir dos atributos do morto (ANTUNES, 2012), do caráter acidental do acontecimento (KATZ, 2012), de imagens sobre a violência urbana e rotineira (SILVA e VOGEL, 2012) e do aspecto psicológico que envolve o conceito (VAZ, 2012).

Na edição de 28 de setembro, o *JM* apresenta na capa uma chamada com duas fotos, intitulada: “REPÓRTER ZECA SOFRE PARADA CARDÍACA E MORRE EM CASA”. Mesmo que não trate de uma morte violenta, a notícia ganha destaque a partir da atuação do morto em questão: Zeca era repórter policial e personagem conhecido no setor. Nesse caso, são os atributos e a vida pregressa do morto que fazem do fato em questão um acontecimento noticiável.

A cobertura sobre a morte violenta e acidental segue na edição de 4 de outubro de 2011. Em uma chamada título publicada na capa e com espaço secundário na página interna, o *JM* noticia: “CORONEL MORRE AO ATROPELAR CAVALO”. O relato informa sobre

⁵⁷ A notícia ilustra uma discussão realizada por Robert Darnton sobre as notícias que “cabiam” na prática jornalística. Ver mais em: DARNTON, Robert. Jornalismo: toda notícia que couber a gente publica. In: O beijo de Lamourette: Mídia, cultura e revolução. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 76-109.

um acidente automobilístico registrado na BR-277 que acabou com a morte de um coronel da PM – dessa vez são as circunstâncias da morte e os atributos da vítima que fazem do acontecimento um fato relevante para o jornal.

Durante o período de análise, grande parte dos acontecimentos morte noticiados no *JM* foi retratada a partir da ótica da brutalidade, do trágico e/ou do accidental – oportuno ressaltar que esses fatos foram noticiados de forma factual pelo periódico, cabendo continuação do noticiário apenas em situações específicas, quando a morte extrapolava o caráter factual e, por vezes, reverberava em outras esferas sociais além dos órgãos de segurança.

Nos meses de setembro, outubro e novembro de 2011 o *Jornal da Manhã* apresentou uma sequência de três notícias sobre a morte de uma professora em um acidente de trânsito. O primeiro relato foi publicado na edição dos dias 25 e 26 de outubro em uma foto-legenda na capa, intitulada: “TRAGÉDIA – CARRO MATA PROFESSORA NA CALÇADA” – a notícia é ilustrada por uma foto do local do acidente.

Na página interna, a reportagem é um dos abres da editoria de Cotidiano e tem como enfoque as circunstâncias da morte: a professora havia sido atropelada na calçada enquanto realizava uma caminhada na região central de Ponta Grossa, levada com vida para o hospital ela não resistiu e morreu. A notícia informava sobre a possibilidade do condutor do carro responsável pela colisão estar participando de um racha no momento do incidente – ele havia fugido do local.

Já na edição do dia seguinte, 27 de outubro, o *JM* publica uma nova chamada com foto na capa: “ATROPELAMENTO – ENGENHEIRO SERÁ INDICIADO POR MORTE”. Com o falecimento da professora, o *JM* suita o caso a partir da apresentação do responsável pelo acidente – interessante notar que tanto o motorista como a vítima são, nesse caso, apresentados ao leitor a partir de suas profissões, engenheiro e professora, respectivamente, e não pelos nomes ou atributos pessoais e os relatos noticiosos apresentam apenas aspectos factuais, deixando de lado a dramatização e humanização.

No terceiro e último dia de cobertura sobre o caso, o *JM* apresenta outro aspecto do acontecimento morte: as ameaças entre familiares da vítima e do suspeito. Em uma nova chamada com foto na capa, o *Jornal da Manhã* informa: “IRMÃO DE ATROPELADOR FAZ GRAVE AMEAÇA NO FACEBOOK”. O relato informa sobre as ameaças realizadas pelo irmão do engenheiro, dessa vez intitulado atropelador, em uma rede social.

A morte da professora em um acidente de trânsito, supostamente registrado durante um racha, é uma das notícias apresentadas pelo jornal sobre a morte violenta que superam o

registro factual, recebendo atenção por parte do periódico em três edições seguidas. Para isso o *JM* apresenta os envolvidos a partir das profissões (professora e engenheiro) e dá continuidade ao noticiário com disputas e embates para além da morte, mostrando como o acontecimento morte reverbera em outras esferas da vida social.

3.7.4 Estrutura do Diário dos Campos na cobertura da morte da modelo Agda

Mesmo após um período de mais de uma década entre a última cobertura analisada no *Diário dos Campos* (Bruxo do Guaragi, 1999), o jornal não apresentava modificações significativas na estrutura editorial e gráfica. O periódico seguia sendo impresso em formato *standard*, com a capa colorida e era comercializado na banca por R\$ 2, circulando em seis edições semanais, de terça a domingo.

Nas páginas internas, a composição gráfica e também de editorias era a mesma: o *DC* continuava com as páginas de Opinião, Política, Geral, Economia, Polícia e Esporte, além dos suplementos ‘Find’ (caderno de cultura) e páginas intituladas Agronegócio e Imóveis. Na página de Polícia, espaço de interesse da análise, as propagandas eram raras, a notícia principal era assinada pelo repórter e as demais eram identificadas a partir das iniciais – além das informações publicadas em notas na coluna “Breves”.

3.7.5 A morte de Agda a partir da ideia do potencial de audiência no DC

A cobertura do *Diário dos Campos* sobre o caso da morte da modelo Agda é menos extensa que o noticiário sobre o crime no *Jornal da Manhã*. O *DC* começa a noticiar o caso no dia seguinte ao acontecimento, com direito a espaço na capa. O periódico publica uma chamada com foto na primeira página, intitulada “MODELO É ASSASSINADA EM PG”. O texto que acompanha a imagem informa sobre a morte de Agda e já apresenta Jean Carlos como “acusado do assassinato”. O *DC* ressalta ainda o fato do crime ter sido cometido na casa da vítima.

Com a primeira página composta por estereótipos que retratam Jean e Agda, respectivamente, nas posições informadas (ele, o “acusado”, aparece algemado, enquanto ela, a modelo, é retratada em uma foto pousada durante um ensaio), o acontecimento morte também é destaque na página interna do *Diário dos Campos*. A notícia ocupa parte significativa da editoria de Polícia e a reportagem é intitulada: “Rapaz é preso acusado de assassinar modelo”.

Imagem 31 – Chamada com foto publicada na capa do *DC* na edição de 20 de setembro de 2011



Fonte: Do autor

A notícia é ilustrada por três imagens: a primeira delas mostra equipes do IML retirando o corpo de Agda da cena do crime, a outra, sobreposta a foto da retirada do corpo, é um retrato de Agda e a terceira imagem mostra Jean, algemado. Na linha de apoio, o *Diário dos Campos* informa: “Segundo a polícia, vendedor de 23 anos arrombou a casa da moça, no Núcleo Pimentel, com o intuito de estuprá-la, mas a vítima reagiu e acabou sendo morta”. O *DC* apresenta já na primeira notícia aspectos que comporiam o contexto da cobertura, como a possibilidade da jovem ter sido vítima de um abuso sexual por parte de Jean.

Com o *DC* utilizando estereótipos para apresentar o caso ao público, como o uso do substantivo “modelo” para se referir à Agda, ainda desconhecida dos leitores, a cobertura sobre o acontecimento segue na edição do dia 21 de setembro de 2011. Sem espaço na capa e registrada apenas em uma notícia secundária na página de Polícia, o *Diário dos Campos* informa: “Corpo da modelo Agda Rocha é sepultado”.

Esse é o primeiro desdobramento direto do acontecimento morte nas páginas do *DC* – o enterro de Agda é noticiado a partir de quesitos dramáticos e recursos de “humanização”, como a utilização de falas da mãe da modelo. O enterro da jovem é apenas o gancho para que o periódico apresente os primeiros dados sobre as investigações, além da versão do suspeito que afirmava estar mantendo relações sexuais com a modelo quando ela caiu, bateu a cabeça e morreu. Já na edição seguinte, 22 de setembro, o *DC* registra em uma nota na coluna ‘Breves’

a agressão sofrida por Jean dentro do presídio Hildebrando de Souza – no concorrente esse fato foi alvo de uma reportagem e o enterro de Agda foi noticiado em outro espaço.

Com uma cobertura factual sobre a morte da modelo Agda, o *Diário dos Campos* segue noticiado o caso na edição de 25 e 26 de setembro de 2011, no entanto o noticiário é retomado a partir de um ângulo incomum até o momento. Em uma chamada sem foto na primeira página, o *DC* informa: “MORTE DE MODELO É RECORDE DE ACESSO”. No texto que acompanha a chamada, o *Diário dos Campos* informa: “Assassinato da modelo Agda gerou enorme repercussão. Com mais um caso ontem, já são 8 mulheres mortas em 2011. Especialistas comentam”.

A chamada na capa do *DC* mescla aspectos da agenda do próprio jornal a partir do potencial de audiência da morte como acontecimento jornalístico⁵⁸ com uma contextualização do problema social da violência contra a mulher. Na página interna do jornal, a temática ocupa todo o espaço da editoria de Polícia e no título o jornal informa: “Caso Agda chama atenção do público”.

Nessa altura da cobertura, o assassinato de Agda já é considerado um “caso” pelo *DC* e passa a compor a serialização e ritualização do acontecimento morte nas páginas do jornal (ANTUNES, 2012). Na linha de apoio o periódico informa: “Nenhum crime gerou tanta repercussão quanto a morte de Agda Rocha. Especialistas discutem aspectos psicológicos e midiáticos”. Ainda em um ‘olho’ publicado na reportagem, o jornal informa: “Leitores se identificaram com a forma de vida da modelo Agda Rocha”.

Mesmo que Agda tenha sido apresentada ao público apenas após o assassinato, o jornal garante que os leitores haviam se identificado com a “forma de vida da modelo” – a jovem não era uma personagem que compusesse o noticiário do *DC* antes do crime. A reportagem publicada no *Diário dos Campos* na edição de 25 e 26 de setembro traz ainda dados do número de assassinatos cometidos contra mulheres em Ponta Grossa durante 2011, além de explicações culturais e até midiáticas sobre o “recorde de acesso” da notícia sobre o crime – a estratégia discursiva também deixa transparecer uma aposta na autopromoção do *DC*.

⁵⁸ Durante a definição do objeto da dissertação, um artigo foi produzido sobre o potencial da morte como acontecimento jornalístico diante da audiência. O texto apresenta dados coletados com o programa *Google Analytics* sobre as notícias mais consumidas do portal aRede (arede.info) e apresenta um debate sobre o acontecimento morte somado aos valores proximidade geográfica e violência nas notícias mais consumidas do portal.

Imagem 32 – Página da editoria de Polícia do DC do dia 25 e 26 de setembro de 2011



Fonte: Do autor

A página dedicada ao tema é ilustrada por uma foto de Jean, novamente de rosto coberto e algemado, além de gráficos que mostram as notícias mais acessadas do site do *DC* – em primeiro lugar nos acessos, aparece a notícia sobre o assassinato da modelo. Nesse caso, fica clara a intenção do *Diário dos Campos* de apresentar o caso a partir de dois quesitos: o primeiro deles é do interesse sobre o assassinato e o segundo é a problematização da violência contra a mulher. A morte de Agda é exposta como algo que irrompe os acontecimentos cotidianos e, mais que isso, é vista com interesse e preocupação por especialistas e pelo público.

Além disso, o noticiário sobre a morte de uma jovem a partir da indignação do público diante do crime e da identificação dos leitores com o “a forma de vida da modelo”, faz do acontecimento algo que deixa de ser socialmente aceito ou mesmo de compor a série de mortes retratadas de forma episódica. Durante o período de análise, nota-se que a morte de outras mulheres também foi registrada no noticiário, mas sem a mesma repercussão e apelo – os acontecimentos não traziam características dramáticas como o Caso Agda. Com isso a morte da modelo passa a compor a série de relatos que não só extrapolam o espaço das mortes violentas, reverberando, por exemplo, nas páginas de Opinião do *DC*, como também é vista como um acontecer que interfere na própria agenda do periódico.

Após romper o cotidiano apresentado nas páginas do jornal e reverberar como potencial de audiência diante dos leitores do *Diário dos Campos*, a morte só é retratada nas páginas do periódico em mais uma oportunidade durante o mês de setembro. Na edição do dia 30 daquele mês, o *DC* publica uma notícia no pé de página e sem espaço na capa: “Falta de provas pode inocentar Jean Carlos”.

Sem espaço privilegiado, o relato informa, de maneira sucinta e episódica, que a falta de laudos periciais poderia levar o Poder Judiciário a conceder a liberdade provisória do suspeito. A cobertura sobre o caso segue na edição seguinte, 1 de outubro de 2011. Em uma nota na coluna “Breves”, o *DC* informa: “Passeata homenageia modelo Agda”. Personagem já consolidada no noticiário, Agda é homenageada por parentes e familiares que “pedem paz” em uma manifestação pelo bairro em que a modelo morava.

Oportuno notar que, ao menos em uma oportunidade, a morte da modelo foi apresentada na cobertura do *Diário dos Campos* como mote para discussões mais amplas sobre a violência, seja ela a brutalidade cometida contra a mulher ou o alto índice de homicídios registrado no bairro em que Agda era moradora, região periférica de Ponta Grossa. Nesse caso a morte extrapola o campo factual da violência urbana ou de um assassinato apenas como “mais uma morte” (VAZ, 2012), para servir como aspecto factual que motiva outras discussões mais amplas.

Na edição de 4 de outubro, o *DC* volta a publicar uma notícia sobre a morte de Agda na primeira página. Em uma chamada sem foto na capa, o jornal informa: “Jean pode ser solto até sexta”. Também já tido como integrante do noticiário, o suspeito de matar Agda é apresentado como “acusado do homicídio”, mesmo que a Justiça ainda não tivesse recebido a denúncia. A notícia publicada pelo *Diário dos Campos* informa sobre a possibilidade da defesa de Jean conseguir a liberdade provisória do rapaz.

O *Diário dos Campos* dedica a primeira e única manchete ao caso na edição de 8 de outubro de 2011. A notícia é baseada em um laudo do IML que comprovaria as circunstâncias da morte da modelo. Com espaço privilegiado na primeira dobra, o laudo é reproduzido ao lado de uma foto da vítima e o *DC* parece querer reafirmar o caráter verídico das informações expostas sobre o acontecimento morte.

A manchete da edição recebe o título: “AGDA FOI ESTUPRADA E ASSASSINADA, DIZ LAUDO”. No texto que acompanha a manchete, o jornal afirma: “DOCUMENTO É CONCLUSIVO E DERRUBA TESE APRESENTADA PELA DEFESA”. Mesmo que apresente como “conclusivo” o documento do IML, o jornal deixa

claro que a informação é oriunda do documento e não do próprio jornal ao usar a expressão “diz laudo”.

Imagem 33 – Capa do DC no dia 8 de outubro de 2011



Fonte: Do autor

O texto que acompanha a manchete ressalta o caráter violento em que Agda teria sido morta, informando que os laudos apontavam para o fato da jovem ter sido inicialmente estuprada e depois asfixiada. O *DC* também informa que o Ministério Público (MP) havia oferecido oficialmente a denúncia contra Jean Carlos pelos crimes de estupro e homicídio qualificado.

Após um hiato significativo nas páginas do jornal, o caso de Agda é impulsionado à posição de manchete. A seleção noticiosa do acontecimento morte ao posto de notícia mais importante da edição do *Diário dos Campos* parece levar em conta a força documental da informação (um laudo do IML) e as características da morte violenta, além de ter como quesito de contexto o possível abuso sexual e o “modo cruel” em que a morte de Agda teria acontecido.

Na página da editoria de Polícia, o *Diário dos Campos* também dedica espaço privilegiado para o assunto. A notícia sobre o caso é a principal informação da editoria dedicada aos assuntos policiais e recebe como título: “Laudo aponta que Agda foi estuprada e morta”. O texto apresenta considerações do delegado responsável pelo caso sobre a morte da modelo e relata em detalhes a maneira como a jovem teria sido violentada e morta. A reportagem do *DC* é ilustrada por uma imagem do delegado responsável pelas investigações, além de fotos de Jean e Agda. O caráter documental do laudo parece possibilitar ao *DC*

apresentar hipóteses e até mesmo reconstruir a cena e a dinâmica do crime na reportagem, além de negar a versão apresentada pelo próprio Jean.

Com a morte da modelo Agda sendo tematizada desde o início da cobertura do *DC* a partir de bagagens culturais do leitor (SILVA e VOGEL, 2012), além dos aspectos violentos ressaltados no noticiário do *Diário dos Campos*, o periódico publica apenas mais duas notícias sobre o caso nas edições de 18 e 19 de novembro de 2011 – o hiato mostra como o jornal optou por um noticiário sobre a morte da modelo baseado em fatos factuais, mesmo após enaltecer o potencial de audiência da morte em questão.

Na edição de 18 de novembro, o *DC* publica uma chamada-título na capa: “CASO AGDA TEM AUDIÊNCIA HOJE”. Na página interna de Polícia, o jornal traz uma notícia secundária: “Jean fica cara a cara com testemunhas”. A informação publicada pelo jornal tem como foco o fato do acusado ter que expor a hipótese de “sexo violento” seguido de morte ao juiz diante de testemunhas, entre eles peritos do IML e parentes de Agda.

A última notícia publicada no *Diário dos Campos* sobre a morte da modelo compõe a edição de 19 de novembro. Em uma foto-legenda na capa, o *DC* informa: “JEAN CARLOS É INTERROGADO NO FÓRUM”. Na página interna a notícia novamente tem espaço secundário e informa sobre o depoimento de Jean prestado em juízo – o rapaz seguia sustentando a hipótese de “acidente durante um ato sexual selvagem” como causa da morte de Agda.

Com uma cobertura mais enxuta e menos dramatizada do que o *Jornal da Manhã*, o *DC* pauta o caso da morte de Agda a partir de tipificações que cercam a vítima e o suspeito, Jean Carlos. Sem apostar na dramatização e humanização do relato como o concorrente, o *Diário dos Campos* faz dos laudos técnicos do IML uma ferramenta para ressaltar o acontecimento morte enquanto algo relevante ao leitor após um hiato na cobertura.

Outra abordagem que fugiu ao padrão notado até aqui foi a tematização da morte violenta a partir do interesse público e do potencial de audiência. Ao exibir dados dos acessos da notícia sobre a morte da modelo no site, o *Diário dos Campos* tentou reafirmar a importância coletiva do assunto diante da sociedade. Nessa mesma ocasião, o jornal também apresenta comentários de especialistas (tanto da Comunicação como da área da Psicologia) para discutir a repercussão da morte da modelo.

3.7.6 A morte enquanto notícia de destaque no DC

Durante a cobertura do assassinato da modelo Agda, o *Diário dos Campos* apresentou outras mortes violentas que compuseram o noticiário, inclusive em espaços de

destaque. No entanto, cabe ressaltar que as mortes apresentadas pelo *DC* no noticiário se encaixam nos chamados “modelos do acontecimento morte”. Ou seja, alguns dos enquadramentos e formatações apresentadas pelo *DC* já haviam sido registradas em outros jornais e em outros períodos.

Na edição de 7 e 8 de setembro de 2011, o *Diário dos Campos* publica a manchete: “TREM ATINGE CARRO E CAUSA DUAS MORTES”. Nesse caso, o mesmo acidente que havia sido noticiado na capa do *Jornal da Manhã* também ganha espaço no *DC* e recebe o status de manchete. Acompanhada de uma foto que mostra um carro de passeio destruído, a notícia tem como foco o caráter accidental e trágico do fato (KATZ, 1993) que terminou com duas mortes e, mesmo que qualifique o acesso ao bairro como “perigoso”, o *DC* não problematiza a questão.

Também de maneira semelhante ao *Jornal da Manhã*, a morte é novamente alçada ao espaço de manchete na edição de 9 de setembro de 2011. Desse vez sem ser acompanhada por foto, o *DC* publica: “JOVEM MORRE DENTRO DA 13^a”. No subtítulo da manchete, o *Diário dos Campos* informa: “Garoto de 16 anos foi apreendido na noite de quarta-feira e morreu na madrugada de ontem. Causa seria overdose ou agressão”.

Mesmo se seja elencada como manchete da edição do *Diário dos Campos*, a notícia apresenta apenas um relato factual da morte do adolescente, sem citar nenhum desdobramento do óbito e apenas apresentando possibilidades para as causas da morte. Ao contrário do *JM*, em que o acontecimento morte foi formatado a partir do posicionamento dos órgãos competentes e da dramatização realizada com os depoimentos de parentes da vítima, no *DC* a notícia é tematizada apenas a partir de uma abordagem factual, aspectos que acompanham grande parte das mortes violentas e cotidianas que compõem o retrato de mundo oferecido não só pelo *Diário dos Campos*, mas por outros jornais estudados.

A morte volta a ganhar destaque como manchete na edição do *Diário dos Campos* no dia 18 de outubro de 2011. Em uma manchete sem foto, o *DC* publica: “HOMEM É MORTO A TIRO NO TERMINAL”. A notícia relata a morte de um rapaz em uma briga dentro do Terminal Central de Ônibus – o crime teria sido cometido em uma disputa por território na venda de drogas na cidade.

A manchete publicada pelo *DC* remete ao debate sobre mortes cotidianas (TAVARES, 2012) e que são conformadas pelo discurso midiático em relação aos óbitos que apresentam uma ruptura nos acontecimentos diários (SILVA, 2014d) e apresentados como integrantes da normalidade. O assassinato de um jovem em uma disputa por espaço no tráfico de drogas, registrado em um dos locais mais movimentados da cidade, é visto como um

acontecimento relevante para o jornal, principalmente a partir da ideia da “morte que nos assusta” (VAZ, 2012).

A opção da cobertura noticiosa de silenciar mortes registradas nas áreas periféricas da cidade enquanto outros acontecimentos similares, quando registrados nas regiões centrais, é notada não só no *Diário dos Campos* como nos outros periódicos estudados. Quando a morte violenta não era acompanhada de outro aspecto que pudesse se associar a um valor-notícia na construção do acontecimento no discurso noticioso (fosse o drama ou a brutalidade, por exemplo), o óbito era registrado de forma protocolar, sem maiores contextualizações.

A última manchete do *Diário dos Campos* que se encaixa no modelo de acontecimento morte destacado pelos mídias é publicada na edição de 10 de novembro de 2011. Sem ser acompanhada por foto, o texto informa sobre duas colisões fatais na BR-376, rodovia que corta Ponta Grossa e tem como título: “ACIDENTES DEIXAM MAIS TRÊS MORTES NA BR-376”.

A principal notícia da edição do *Diário dos Campos* reúne dois acidentes em apenas uma informação e apresenta a morte a partir do caráter estatístico, além do modelo de representação do óbito violento que retrata o acontecimento a partir do caráter acidental (KATZ, 1993), principalmente se tais fatos gerarem imagens impactantes que compoñham a primeira página do periódico⁵⁹.

3.8 Significações da morte de Agda nas páginas do Jornal da Manhã e Diário dos Campos

A morte da modelo Agda representou um acontecimento que mobilizou o interesse dos dois jornais diários da Ponta Grossa. Mesmo que a cobertura no *Jornal da Manhã* seja relativamente maior que a do concorrente, *Diário dos Campos*, é possível afirmar que ambos dedicaram alto valor noticioso ao acontecimento, mesmo que em edições e intensidades distintas. O noticiário proposto pelos diários também se baseou em aspectos diferentes ao apresentar e reapresentar o caso no retrato de mundo oferecido aos leitores.

Inicialmente noticiado a partir da violência envolvida na morte da jovem, o caso passou a requerer outras significações por parte do discurso noticioso de cada um dos jornais. Com a sequência da cobertura, tanto o *JM* como o *DC* tiveram que apresentar outros aspectos do acontecimento ao dedicar alto valor noticioso ao relato. Fossem características dramáticas

⁵⁹ A presença de imagens que retratam violência na capa dos jornais diários de Ponta Grossa é o objeto da dissertação de Andressa Kaliberda (Policia em Pauta: Análise dos critérios de noticiabilidade das chamadas com foto agendadas nas capas do Jornal da Manhã e Diário dos Campos em 2014), defendida em 2015.

que cercavam a morte da modelo, o processo judicial do processo ou o interesse do público pelo crime na perspectiva do potencial da audiência, os periódicos apostaram em outros aspectos além morte para fazer do acontecimento uma notícia de destaque.

Mesmo que não fosse o foco das reportagens, a possível violência sexual seguida de morte ou o “sexo selvagem” que terminou óbito, abordagens apresentadas respectivamente por acusação e defesa, estiveram presentes no contexto que levou o acontecimento a receber atenção por parte dos mídias – o aspecto moral e ético que envolvia o caso ficou mais evidenciado nas discussões registradas nas páginas da Opinião do *DC* e do *JM*, inclusive com discussões sobre o papel do feminismo e o aumento no número de crimes cometidos contra a mulher.

A análise da ritualização da cobertura jornalística da morte da modelo mostra também como esse tipo de acontecimento pode ser retratado a partir de uma série de ênfases e tematizações. No caso do crime cometido contra Agda, a discussão sobre o fato variou entre a retratação de um acontecimento socialmente reprovado e até mesmo condenável dentro da vida carcerária a um assassinato visto a partir da lógica contextual e mais ampla da violência contra a mulher.

Outro aspecto que marcou a ritualização da morte de Agda nas páginas do *DC* e do *JM* foi a tipificação imediata feita entre vítima e suspeito. Desde o primeiro dia de cobertura, Agda foi retratada como a “modelo”, mesmo que trabalhasse em uma loja de shopping e tivesse feito apenas dois trabalhos como modelo, enquanto Jean Carlos ganhou as páginas do jornal como o “atendente de loja” – a única tentativa de humanização da figura de Jean Carlos foi registrada no *JM* em uma notícia secundária.

Ao expor Agda como modelo e Jean na figura de um atendente de loja, ambos os jornais passam a recorrer aos mapas mentais formados no repertório da audiência (SILVA e VOGEL, 2012) e também a estereótipos sobre os dois termos. A comoção causada pelo crime e a repercussão nacional do caso fizeram de Agda e Jean⁶⁰ personagens conhecidos do noticiário, ao ponto do *DC* publicar que os leitores haviam “se identificado com a forma de vida da modelo”, mesmo que só tivessem conhecido Agda após o assassinato.

⁶⁰ Jean Carlos foi inicialmente condenado a 22 anos de prisão. No ano seguinte, a defesa do réu recorreu ao Tribunal de Justiça do Paraná (TJ-PR) e conseguiu diminuir a pena para 18 anos e seis meses. Em 2017, o jovem seguia cumprindo a pena na Cadeia Pública Hildebrando de Souza em Ponta Grossa.

3.9 Mortes inexplicáveis para o discurso noticioso⁶¹

Deuceni Amaral matou os dois filhos na noite do dia 9 de julho de 2012 em Palmeira, cidade a 40 quilômetros de Ponta Grossa. O crime foi registrado em um sítio em que Deuceni morava com os filhos e com o padrasto das crianças na localidade de Santa Bárbara – o assassinato foi rapidamente desvendado pela Polícia Civil. Deuceni chegou a ligar para a polícia afirmando que teria sido assaltada, mas a voz dela foi reconhecida pela avó das crianças e a mãe admitiu a autoria dos crimes.

Os assassinatos dos dois filhos de Deuceni foram registrados por volta das 22h. A avó das crianças que, posteriormente, reconheceria a voz de Deuceni no telefone feito à Polícia, foi a primeira a notar a falta dos netos, mas acabou sendo ferida com uma facada nas costas e caiu desacordada. O menino, Felipe Amaral, tinha 10 anos e a garota, Ana Maria Amaral Voichcoski, tinha 7 anos na época do crime (julho de 2012).

Deuceni contou aos policiais que convidou os filhos para “brincar de esconde-esconde” na área externa da casa antes de mata-los usando uma barra de ferro e um punhal. Posteriormente, Deuceni afirmou que após o crime, lavou os objetos para retirar o sangue das mãos e ainda deu uma pedrada na própria cabeça para tentar forjar um álibi – os artefatos utilizados no crime foram encontrados pela perícia no tanque da residência.

Ao confessar o crime, a mulher afirmou que estava “cansada” de viver com dificuldades financeiras e queria se mudar da localidade – de acordo com os relatos dos jornais, Deuceni e a família viviam em condições de extrema pobreza. O padrasto das crianças estava em casa no momento dos assassinatos, mas foi inocentado de qualquer participação no crime. Os corpos dos filhos de Deuceni foram localizados em uma mata nas proximidades da casa.

A mãe admitiu a autoria do crime ainda no começo da madrugada da terça-feira (10), dia seguinte aos assassinatos. Deuceni foi encaminhada para a 13ª Subdivisão Policial de Ponta Grossa (13ª SDP-PG) e, após prestar depoimento ao delegado de plantão, a mulher foi levada ao presídio Hildebrando de Souza e continuava em custódia até abril de 2017.

A cobertura do crime foi realizada pelo *Jornal da Manhã* e pelo *Diário dos Campos* e recebeu espaço na capa e na editoria de Polícia (ou de Cotidiano, no caso do *Jornal da Manhã*) no dia seguinte ao crime. Ambos os jornais dedicaram espaço privilegiado ao caso na

⁶¹ Com a proximidade temporal entre a cobertura dos assassinatos em Palmeira e da morte da modelo Agda, *Diário dos Campos* e *Jornal da Manhã* não apresentaram mudanças gráficas ou editoriais. Diante disso, o tópico inicial na análise de cada caso em que as características dos periódicos eram apresentadas foi descartado já que tanto *DC* como *JM* seguiam com o mesmo formato do ano anterior.

edição de quarta-feira (11) mas, nos dias seguintes, a cobertura diminuiu até sumir das páginas dos jornais.

Em 14 de agosto de 2014, Deuceni foi julgada no Fórum Estadual de Palmeira. Representada por um defensor público, a mulher acabou condenada pelo assassinato dos dois filhos e recebeu uma pena de 38 anos de reclusão em regime fechado. Durante o julgamento, o Fórum de Palmeira ficou lotado e teve que ter a segurança reforçada pelas autoridades.

O advogado da acusada apresentou um recurso ao Tribunal de Justiça do Paraná (TJ-PR), mas a apelação foi rejeitada. Ainda durante as investigações, a mulher chegou a ser submetida a um exame de sanidade mental, após pedidos dos advogados, mas os resultados não apontaram qualquer tipo de distúrbio. O objetivo do pedido era, segundo a cobertura da imprensa, que Deuceni pagasse a pena em um Hospital Psiquiátrico.

As autoridades tiveram que transferir Deuceni de Ponta Grossa para Castro, cidade também na região dos Campos Gerais – a decisão foi tomada após outras presas ameaçarem a mulher de morte e iniciarem um motim para tentar feri-la. A mulher tentou fugir em uma oportunidade – Deuceni integrou o grupo de oito detentos que conseguiu escapar da Cadeia Pública da de Castro no dia 25 de julho de 2016, mas acabou recapturada horas depois.

3.9.1 O caso da “mãe assassina” nas páginas do Diário dos Campos

A cobertura dos assassinatos cometidos por Deuceni Amaral em 2012, na cidade de Palmeira, município na região dos Campos Gerais, representa o caso analisado mais vazio do ponto de vista noticioso. Entre a cobertura dos acontecimentos morte discutidas na pesquisa, o caso da “mãe assassina” é o com menor volume de informações publicadas nos jornais diários de Ponta Grossa.

No *Diário dos Campos*, o noticiário do assassinato das duas crianças cometidos por Deuceni é extremamente factual. Na edição de 11 de julho de 2012, o *DC* publica uma chamada com foto na capa: “MULHER MATA OS DOIS FILHOS”. O texto que acompanha a chamada informa sobre a forma como Deuceni teria matado os filhos (“a golpes de barras de ferro e facadas”), além de ressaltar que a mãe teria atraído as crianças para o matagal com a desculpa de “brincar de esconde-esconde”.

A construção do acontecimento a partir do inexplicável fica clara na formulação textual do *Diário dos Campos*. Ao ressaltar o modo como a mãe teria matado os filhos e a maneira pela qual as crianças haviam sido ‘atraídas’ para um matagal a partir de uma brincadeira, o *DC* deixa claro o caráter inaceitável da morte – nesse caso a ritualização

jornalística (ANTUNES, 2012) não consegue apresentar a morte em questão como algo socialmente aceito e o caso varia entre o inaceitável e o inexplicável. O discurso jornalístico parece não ter opções para explicar o acontecimento em questão e com isso os desdobramentos da morte não são expostos.

Imagem 34 – Capa do Diário dos Campos da edição de 11 de julho de 2012



Fonte: Do autor

Na página da editoria de Polícia, o *DC* dá espaço privilegiado para o caso. Com o título “Mulher confessa ter matado os dois filhos”, o jornal publica uma reportagem ilustrada por três imagens: além de um retrato de Deuceni, o *Diário dos Campos* exhibe uma foto da retirada dos corpos e uma imagem que mostra a faca que teria sido utilizada no assassinato. Na linha de apoio, o periódico informa: “Mãe, de 25 anos, admitiu ter assassinado as crianças – de dez e sete anos – usando barra de ferro e punhal. Crime foi cometido na noite de segunda-feira”.

A reportagem qualifica o assassinato como um “crime chocante” e afirma que até os policiais que atenderam a ocorrência, acostumados com as “atrocidades do ser humano”, ficaram abismados com a situação. A notícia do *Diário dos Campos* informa que Deuceni teria admitido que havia premeditado a morte das crianças e narra a maneira como a mãe caiu em contradição com a chegada dos policiais militares, além de informar que Deuceni não teria “demonstrado arrependimento”.

Com o acontecimento morte não encontrando referências no plano racional e sem possíveis interpretações a partir do plano sobrenatural ou de quesitos misteriosos como já visto em outros casos, a cobertura se restringe a aspectos estritamente formais, demonstrando uma dificuldade do discurso jornalístico em ritualizar o acontecimento. Em outros casos analisados, a morte foi retratada no noticiário a partir de características que fugiam do plano racional e eram interpretadas na lógica sobrenatural, como é o caso do Bruxo do Guaragi.

No caso em que a mãe mata os dois filhos, admite o crime logo em seguida e não mostra arrependimento após o fato, o discurso jornalístico se vê limitado na interpretação e tematização da morte que fica na área do chocante, mas sem maiores (re)significações. O assassinato das duas crianças parece estar para além de um esclarecimento possível a partir narrativa dos jornais ou mesmo das explicações que variam entre a morte ordinária e a extraordinária (VAZ, 2012).

Na cobertura de outros casos estudados, o discurso jornalístico utilizou explicações que variavam da morte rotineira e ordinária, tida como aceitável, principalmente quando registrada na periferia, ao óbito inaceitável e que envolvia pessoas de notoriedade social. No caso de Deuceni, a mãe que assassina os dois filhos durante uma brincadeira de esconde-esconde, o assassinato tem uma motivação tão banal e ao mesmo tempo inexplicável que praticamente não existem desdobramentos do acontecimento morte no *DC*.

O caso só volta a compor o *DC* em uma oportunidade durante o período de três meses da coleta. Na edição de 20 de julho, o *Diário dos Campos* publica uma chamada sem foto na capa: “POLÍCIA CONCLUI INQUÉRITO DA MÃE ASSASSINA”. No texto que acompanha a chamada na capa, o jornal informa: “Deuceni Amaral confessou ter assassinado os dois filhos, em Palmeira, no início do mês. Ela foi indiciada por homicídio duplamente qualificado. Polícia descarta a possibilidade de Deuceni sofrer de problemas mentais”.

Já na chamada da capa o *DC* descarta uma das únicas possibilidades do caso ser reapresentado ao público em espaço de destaque: um possível problema mental por parte de Deuceni. Na editoria de Polícia, a notícia recebe o espaço secundário e tem mesmo título da primeira página – o delegado responsável pelo inquérito sustentava que Deuceni não tinha problemas mentais, enquanto o advogado da mãe garantia que ela não estava em condições mentais e emocionais adequadas.

Enquadrando o acontecimento morte a partir de questões basicamente factuais (o crime a solução do inquérito), o *DC* encerra a cobertura dos assassinatos em Palmeira sem realizar desdobramento diante do fato. O roteiro do noticiário sobre o acontecimento também segue a natureza do próprio fato: com solução rápida por parte das autoridades e sem aspectos

que possam gerar dramatizações, o noticiário do *DC* foca justamente na retirada das características humanas de Deuceni (“não apresentou arrependimento”) para noticiar o fato.

No entanto, durante os três meses de acompanhamento da cobertura do *Diário dos Campos*, a morte compôs outros locais de destaque no noticiário, inclusive com acontecimentos que mobilizaram a cobertura do periódico. No próximo tópico a análise será voltada a composição rotineira do acontecimento morte, seja ele um fato socialmente aceito e noticiado de maneira protocolar ou retratado como algo que irrompe a realidade e causa desdobramento em outras esferas da vida em sociedade.

3.9.2 A tragédia e a morte anunciada no cotidiano das páginas do DC

Durante os meses de julho, agosto e setembro de 2012, o noticiário do *Diário dos Campos* foi composto quase que diariamente por mortes violentas – algumas delas alçaram espaços de maior privilégio no retrato de mundo oferecido pelo jornal, enquanto outras receberam um tratamento de menor visibilidade⁶². A primeira das notícias a receber grande destaque é publicada na edição de 17 de julho.

Em uma manchete com fotos que ocupa toda a primeira dobra do periódico, o *DC* informa: “ESTUDANTES DO PARÁ MORREM EM RODOVIA DOS CAMPOS GERAIS”. A notícia é ilustrada por três imagens que mostram o ônibus em que as vítimas estavam destruído e o resgate realizado pelos bombeiros. No texto que acompanha a manchete na capa, o *DC* dá um panorama ao leitor sobre a gravidade do acidente:

Acidente aconteceu na PR-090, entre Pirai do Sul e Ventania, no início da manhã de ontem. Quarenta e duas pessoas ficaram feridas. Dez morreram. Ônibus saiu de Belém (PA) e seguia em direção a Curitiba, onde os jovens participaram de um curso. Segundo informações da polícia, o condutor do ônibus teria batido na traseira de um caminhão, perdido o controle, tombado e despencado em ribanceira. No total, 29 feridos foram encaminhados a hospitais de Ponta Grossa, Pirai do Sul e Castro. Passageiros com ferimentos leves seguiram viagem até Curitiba. Sete corpos foram encontrados dentro do ônibus. Três deles foram lançados para fora do veículo. IML trabalha na identificação dos corpos. (ESTUDANTES DO PARÁ MORREM EM RODOVIA DOS CAMPOS GERAIS, *Diário dos Campos*, 17 de julho de 2012, p. 1)

Diante da gravidade do fato e do número de mortes, o acontecimento é a notícia de maior destaque na editoria de Polícia. Com o título “Acidente com ônibus mata 10 estudantes”, o *DC* abre a página e relata quais seriam as circunstâncias que teriam causado o

⁶² Esse período de análise coincidiu com a disputa eleitoral de 2012. Diante disso, grande parte das manchetes de ambos os periódicos eram dedicadas ao setor político e a divulgação de resultados eleitorais, entre outros acontecimentos costumeiros dessa fase.

acidente, inclusive informando versões conflitantes sobre o que teria causado a colisão. O jornal também publica uma lista com o nome dos feridos e dos mortos, ressaltando que a informação era de “interesse público”.

Retratada a partir do termo “tragédia”, as mortes que ganham as páginas do *Diário dos Campos* na edição de 17 de junho de 2012 ilustram um recorte recorrente nos jornais estudados. Quando a morte deixava de ser única e acontecia de maneira acidental ou chocava, de alguma maneira, a opinião pública, o discurso noticioso apresentava o fato a partir de termos como “tragédia” ou “comoção”.

Silva e Vogel (2012) lembram que em inúmeras oportunidades o discurso noticioso oferece ao leitor a oportunidade de experimentar o acontecimento morte a partir da visão do outro. No caso do acidente que terminou com mais de 10 mortes na PR-090, o *DC* apresenta depoimentos de familiares e sobreviventes para esmiuçar os detalhes da tragédia e também usa desdobramentos do acontecimento morte, como a identificação das vítimas e a recuperação dos feridos, na tematização inicial do fato.

Em outras três oportunidades durante o período de análise um acontecimento morte ocupou a manchete do *Diário dos Campos*. A primeira delas é registrada na edição de 31 de julho e é a única que não diz respeito a uma morte violenta, mas sim a um óbito registrado em outras circunstâncias. Nessa edição o *DC* publica: “PG REGISTRA 3ª MORTE POR GRIPE SUÍNA”. A manchete é publicada durante o surto da Gripe A e o acontecimento é formatado a partir do fato causador da morte.

Em setembro de 2012, o *Diário dos Campos* publica duas manchetes que tratam de morte violenta. A primeira delas é a notícia principal da edição de 5 de setembro e traz como título: “SEGURANÇA É MORTO DURANTE ASSALTO A POSTO”. O relato expõe a morte de um segurança de um posto de gasolina como um “evento preocupante” e que mostraria “o nível de insegurança da cidade” – o *DC* apresenta dados sobre o aumento dos assaltos contra postos de combustível, além de destacar depoimentos de empresários do setor, preocupados com a situação.

Oportuno notar que, nesse caso, a morte violenta de um segurança que trabalhava em um posto de combustível é formatada a partir da lógica empresarial e do medo de assaltos a esse tipo de estabelecimento, em detrimento a história particular da vítima. Nessa manchete do *DC*, o morto é um personagem de uma história mais ampla que engloba o temor dos empresários e também dos funcionários do setor, minimizando o caráter dramático do personagem representado pelo “segurança que tinha esposa e deixou dois filhos”, segundo o texto que acompanha a manchete.

O último dos acontecimentos morte a ganhar destaque na cobertura do *Diário dos Campos* é publicado na edição seguinte: 7 e 9 de setembro de 2012. Em uma manchete sem foto, o jornal informa: “FERIADÃO COMEÇA COM MORTE EM RODOVIA DE PG”. A notícia diz respeito ao primeiro óbito registrado nas rodovias que cortam a cidade durante o feriado da Independência – os jornais costumavam publicar, sempre após aos feriados, o registro da quantidade de mortes e acidentes na região, em um esforço de apresentar a morte pelo caráter estatístico.

Além das manchetes publicadas no período, o *Diário dos Campos* também ocupou lugares de destaque com mortes violentas. Ao todo foram 13 chamadas na capa que diziam respeito a óbitos violentos ou a desdobramentos do fato e, algumas delas, ilustram tipificações pouco rotineiras por parte dos jornais, outras podem ser entendidas como tematizações comuns da morte nas páginas tanto do *DC* como do *JM*.

A primeira das retratações típicas da morte violenta e urbana é registrada já na edição dos dias 1 e 2 de julho de 2012, primeiro dia da análise. Em uma chamada título publicada no canto inferior direito da capa, o *DC* informa: “PM MATA BANDIDO EM TROCA DE TIROS”. A notícia é o abre da editoria de Polícia e relata o suposto confronto que terminou com a morte de João Mário Freitas dos Santos – um box publicado junto a reportagem traz como título “Homem tinha extensa ficha criminal” e apresenta o “histórico de João na relação com os órgãos de segurança”.

A informação publicada no *DC* ilustra a morte cotidiana e rotineira, fruto da violência urbana nas páginas dos jornais, apresentando o passado da vítima como um elemento que compõe o contexto do acontecimento. Na edição seguinte (3 de julho) o *Diário dos Campos* apresenta a chamada-título da capa: “CAI O NÚMERO DE MORTES VIOLENTAS”.

O relato, semelhante ao publicado em outras oportunidades, tanto no *DC* como no *JM*, traz dados estatísticos da criminalidade que resultou em mortes, em um claro esforço das autoridades em apresentar uma diminuição dos números de homicídios e latrocínios no município – notícias com esse enfoque são comuns na tematização da morte violenta (ou nesse caso a diminuição dela) a partir do caráter estatístico, apagando as características dos mortos (ANTUNES, 2012) ou mesmo as dramatizações e lições de vida apresentadas a partir desses óbitos (VAZ, 2012).

O noticiário sobre a morte violenta integra as páginas do *Diário dos Campos* nos dias seguintes. Na edição de 17 de julho de 2012, o *DC* publica: “RAPAZ É ASSASSINADO EM

TELÊMACO”⁶³ – a notícia é publicada na mesma edição em que o periódico informa sobre as 10 mortes no acidente com o ônibus de estudantes do Pará. Nesse caso, mesmo estando na capa, o relato sobre o assassinato em Telêmaco Borba, cidade na região dos Campos Gerais, é uma notícia de pé de página no *DC*.

Além da morte episódica, o *Diário dos Campos* também noticiou a violência urbana a partir da lógica do inusitado. Na edição dos dias 22 e 23 de julho de 2012, o *DC* publica uma chamada-título na capa: “BALEADO NA CABEÇA SOBREVIVE”. Mesmo presente na primeira página, a informação ocupa espaço de uma notícia terciária na editoria de Polícia e relata o atentado cometido contra dois jovens novamente em Telêmaco Borba – nesse caso os dois haviam sido baleados na nuca e ambos sobreviveram.

Os casos haviam sido registrados no dia anterior e, em tese, não tinham ligação entre si – a única coincidência era que as duas vítimas “tinham antecedentes criminais”. O que une os dois fatos no noticiário é a localização geográfica (Telêmaco Borba) e a semelhança no tipo de ferimentos (ambos haviam sido baleados na nuca e sobrevivido). O próprio discurso noticioso do *Diário dos Campos* deixa transparecer o tom de surpresa da notícia ao informar que “mesmo atingidos de uma maneira fatal, as vítimas sobreviveram e passam bem”.

A morte violenta voltaria a ocupar as páginas do *Diário dos Campos* em locais de destaque mais de duas semanas depois. Dessa vez se referindo ao rito judicial do acontecimento morte como desdobramento do fato, o *DC* publica: “‘ASSASSINO DO CLUBE’ VAI A JÚRI”. A notícia diz respeito ao julgamento de um crime que ficou conhecido nas páginas do *DC* como “assassinato do clube” e nesse caso o vocativo é transferido também para o acusado, chamado de “assassino do clube” – notícias sobre o julgamento de casos que haviam recebido destaque do noticiário eram frequentes, não só no *DC* como nos outros jornais estudados.

A tematização típica da morte violenta e acidental nas páginas dos jornais reaparece no noticiário do *Diário dos Campos* na edição de 25 de agosto de 2012. Em uma chamada com foto na primeira página, o jornal informa: “ACIDENTE MATA TRÊS DA MESMA FAMÍLIA”. A notícia é acompanhada de uma foto que mostra o local da colisão e o atendimento aos sobreviventes.

Na página interna, o acidente com três vítimas fatais também é o destaque da editoria de Polícia e a narrativa noticiosa do *DC* qualifica o fato como um “trágico acidente” – entre as vítimas estavam duas mulheres e uma criança. A ligação familiar dos mortos é usada pelo

⁶³ Telêmaco Borba é uma cidade na região dos Campos Gerais localizada a 140 quilômetros de Ponta Grossa.

jornal para ressaltar o caráter dramático que envolve o fato e as três mortes – o relato é mais uma das notícias que apresenta a morte acidental e trágica a partir de um alto valor noticioso.

O *Diário dos Campos* volta a dedicar espaço a morte violenta na capa do jornal na edição do dia 28 de agosto. Em uma chamada sem foto, o jornal publica: “PAI DE LUTADOR MORRE”. O texto que acompanha a notícia relata a morte de Holando Pinheiro da Silva, pai do lutador de MMA, Wanderlei Silva – nesse caso não é a notoriedade do morto que impulsiona o acontecimento ao status de notícia de destaque, mas sim a notoriedade do filho da vítima.

O acidente que terminou com a morte de Holando, pai de Wanderlei, é retratado em uma notícia de pé de página na editoria de Polícia e compõe mais uma das mortes ocasionadas por acidentes no trânsito, dessa vez destacada a partir do caráter de notoriedade de um familiar próximo da vítima. O valor notoriedade é tão evidente na apresentação desse acontecimento que o lide da notícia na página interna afirma que “Wanderlei Silva, famoso lutador de MMA, deve passar alguns dias na cidade após a morte de seu pai, Holando” – a construção textual evidencia o funcionamento da notoriedade na seleção e apresentação do fato.

Ainda durante setembro, último mês da análise, o *Diário dos Campos* publicaria outras seis chamadas na capa sobre o acontecimento morte, apresentando o fato a partir do caráter acidental (colisões de trânsito com óbito), mortes socialmente aceitas e não questionadas (óbitos provocados em supostos confrontos com as autoridades) e em uma das oportunidades o foco da notícia não é propriamente a morte, mas sim uma tentativa de assassinato cometida pela mãe contra o próprio filho.

Em uma chamada com foto publicada no canto superior esquerdo da capa na edição de 22 de setembro de 2012, o *DC* noticia: “Mãe tenta matar criança de um ano”. Acompanha de uma foto que mostra a suspeita algemada e de costas, o *DC* informa no texto publicado junto da notícia: “Um bebê foi vítima de maus tratos ontem em PG. Depois de bater no rosto da criança, a mãe jogou a filha. Em seguida, teria pego a menina pelo pescoço e ameaçado matá-la. Não bastasse, correu para fora de casa, com a criança, e ainda na rua, espancou a pequena”.

A construção textual do *Diário dos Campos* evidencia a inversão de valores inerentes ao acontecimento (a mãe tenta matar a própria filha) e apresenta termos como “não bastasse” e vocativos como “pequena” para salientar o caráter indefeso da vítima – nesse caso a morte não é o fim, mas apenas um possível destino da criança caso as agressões continuassem. Na

editoria de Polícia, a notícia é o ‘abre’ da página e também tem como foco a “crueldade da mãe”.

A última notícia sobre a morte violenta ou seus desdobramentos no período analisado é registrada na edição de 23 e 24 de setembro de 2012. Em uma chamada título na capa, o *DC* publica: “MAIORIA DOS HOMICÍDIOS OCORRE NO CENTRO”. Na página da editoria de Polícia a informação recebe o mesmo título e na linha de apoio o jornal informa: “Pesquisas do Grupo de Estudos Territoriais da UEPG apontam que nenhuma das vítimas mora na área central, mas sim, na periferia” [sic].

A reportagem do *Diário dos Campos* tem como foco o estudo de um geógrafo que pesquisou 79 inquéritos que investigavam homicídios registrados em Ponta Grossa durante os anos de 2011 e 2012, período em que, segundo o jornal, 124 assassinatos haviam sido cometidos na cidade. A reportagem tem como gancho o fato de todas as vítimas dos assassinatos cometidos na região central de Ponta Grossa morarem em bairros periféricos.

Mesmo que pontual, a contextualização do *Diário dos Campos* ilustra o equívoco por parte da cobertura da morte violenta realizada pelos jornais diários de Ponta Grossa, nesse caso não só o *DC* como os outros periódicos estudados. Mesmo que ressaltada por acontecer em um local na região central, a morte violenta registrada nas áreas mais movimentadas da cidade e que ganhava notoriedade no retrato de mundo oferecido pelos jornais envolvia moradores da periferia, os mesmos que, quando perdiam a vida em locais distantes do centro urbano, tinha a morte relatada de maneira protocolar.

A análise mostra que em várias ocasiões no noticiário o acontecimento morte foi retratado de maneira episódica e factual quando cometido na periferia da cidade e quando envolvesse personagens sem status social ou notoriedade. Em contrapartida exhibe também uma tendência de destacar a morte como um acontecimento que irrompe a realidade quando ela implicasse vítimas notórias ou casos que pudessem ser dramatizados pelo noticiário, como a cobertura do Caso Agda (2011) ou da morte de Sônia Rocha (1998).

Durante os meses de julho, agosto e setembro de 2012 do *Diário dos Campos*, nota-se que a morte violenta seguiu sendo formatada, quando possível, em tematizações recorrentes desse tipo de acontecimento, como o acidente trágico, a morte de um notório ou de um familiar, o confronto entre bandidos e policiais ou a morte fruto da violência urbana e tida como cotidiana.

Em alguns casos, quando a morte fugia desses padrões ou haviam aspectos que exibissem o paradoxo desse conceito nas páginas dos jornais (como a mãe que tenta matar a filha), o acontecimento era retratado com destaque e dramatizações, mas a cobertura seguia

sendo factual e, em oportunidades pontuais, foram notadas contextualizações sobre a causa e o efeito da morte violenta para a sociedade.

3.9.3 Os assassinatos maternos nas páginas do Jornal da Manhã

Os assassinatos de duas crianças em Palmeira, município na região dos Campos Gerais, receberam uma cobertura estritamente factual do *Jornal da Manhã*. Ao contrário de outros casos que mobilizaram vários ângulos e explicações no discurso noticioso do *JM*, os crimes que teriam sido cometidos por Deuceni foram noticiados apenas uma vez e o acontecimento morte não teve desdobramentos.

Imagem 35 – Capa do Jornal da Manhã na edição de 11 de julho de 2012



Foto: Arquivo do autor

A única notícia sobre o caso publicada é a manchete da edição de 11 de julho de 2012. Acompanhada de uma foto de Deuceni com o símbolo da Polícia Civil ao fundo, a notícia traz como título: “MULHER É PRESA ACUSADA DE MATAR OS DOIS FILHOS”. Na legenda da foto, o jornal classifica o caso como um “dos crimes mais brutais registrados na região dos Campos Gerais”, ilustrando a chamada “sede dos mídias por acontecimentos históricos” (NORA, 1979).

Noticiado como um acontecimento que choca pela “brutalidade”, o caso é o ‘abre’ de uma das páginas da editoria de Cotidiano na edição do *JM* do dia 11 de julho de 2012. Com o título “Brutalidade – Mulher assassina os dois filhos”, o *Jornal da Manhã* informa que Deuceni teria apresentado duas versões distintas para a morte dos filhos, antes de confessar o crime, e também detalha o modo como a mãe teria matado as crianças, usando uma faca e uma barra de ferro após chamá-las para brincar de “esconde-esconde”.

Em um box publicado junto à reportagem, o *Jornal da Manhã* informa sobre as possíveis motivações de Deuceni. Com o título “Matei para fugir da pobreza”, o jornal apresenta declarações do delegado responsável pelo caso sobre as motivações apresentadas pela suspeita.

Usando expressões como “brutalidade” e “extrema violência”, o *JM* expõe a “impossibilidade de defesa” das crianças diante da ação de Deuceni. Sem ter aspectos dramáticos para explorar como havia feito em outros casos e com a explicação para o crime para além das possibilidades argumentativas do discurso jornalístico, o *JM* publica apenas uma reportagem sobre os assassinatos durante os três meses de análise.

Compondo as mortes que nos assustam (VAZ, 2012) pela brutalidade empregada e pela própria futilidade e falta de explicações que pudessem motivar um roteiro na cobertura jornalística ou mesmo um noticiário feito em capítulos (serialização), como é o caso da morte da modelo Agda, o noticiário sobre os crimes em Palmeira tem apenas um relato publicado no *Jornal da Manhã*.

Sem opções para possíveis dramatizações sobre o caso, como a falta de um aparente arrependimento por parte de Deuceni e a ausência de familiares da criança também nos tradicionais pedidos de justiça, a cobertura sobre o caso se torna factual. A morte das crianças só voltaria ao noticiário durante o julgamento do caso e em oportunidades em que Deuceni, já condenada, fugiu da cadeia e acabou recapturada.

No entanto, durante os meses de julho, agosto e setembro de 2012, outras mortes violentas ocuparam espaços de destaque no noticiário do *Jornal da Manhã*. Fatos tematizados a partir de abordagens típicas da morte violenta fizeram parte do retrato de mundo oferecido pelo *JM* aos leitores nesse período e o jornal contribuiu para o “o discurso contínuo sobre a morte” (VAZ, 2012) retratado nas coberturas jornalísticas.

3.9.4 A tragédia rotineira nas páginas do Jornal da Manhã

Durante julho, agosto e setembro de 2012, o *Jornal da Manhã* apresentou notícias constantes sobre a morte violenta na capa e nas páginas internas. Além de quatro acontecimentos do tipo que foram alçados ao posto de manchete, outros 23 chamadas que citavam diretamente mortes violentas foram publicadas na primeira página. Além disso, o “*continuum* da morte” (VAZ, 2012) apresentado pelo *JM* privilegiou a morte violenta e as imagens chocantes na apresentação desse tipo de acontecimento (KALIBERDA, 2015).

Entre as manchetes publicadas sobre a morte violenta, a primeira delas é a principal notícia da edição de 17 de julho de 2012. Em uma manchete sem verbo e que traz apenas uma expressão numérica, o *JM* publica: “DEZ MORTOS E 29 FERIDOS”. Publicada em letras brancas sobre um fundo preto, a notícia e outras mortes violentas ocupam toda a primeira dobra e parte da segunda e, abaixo da manchete, o *JM* publica apenas a palavra “TRAGÉDIA”.

Imagem 36 – Capa da edição do JM de 17 de julho de 2012



Imagem: Arquivo do autor

Tematizado a partir do caráter trágico e estatístico da morte (dez estudantes), o acontecimento também tem espaço privilegiado na página da editoria de Cotidiano. Ocupando toda a dobra superior da página, a reportagem tem como título “Tragédia – Acidente com ônibus deixa 10 mortos”. A notícia é ilustrada por três fotos publicadas no cabeçalho da página e outra junto a matéria, abaixo do título – todas as imagens mostram o “cenário de destruição da tragédia”.

Imagens de morte (SILVA e VOGEL, 2012) publicadas no *Jornal da Manhã* e no *Diário dos Campos* eram utilizadas nos retratos de mundo oferecidos por cada um dos periódicos, principalmente junto de termos como “tragédia” – as imagens parecem reafirmar a gravidade dos acontecimentos relatados no discurso jornalístico e, principalmente, o caráter de rompimento com a realidade apresentado por tais fatos, servindo também como provas da realidade relatada por cada um dos noticiários.

No *Jornal da Manhã*, o noticiário sobre o acidente com o ônibus de estudantes segue mobilizando o discurso do periódico. Na edição seguinte no dia 18 de julho, o *JM* noticia em uma chamada sem foto: “TRAGÉDIA COM ÔNIBUS – AVIÃO DA FAB LEVARÁ MORTOS PARA BELÉM”. A chamada dá continuidade a cobertura do acidente e relata o envio dos corpos para a cidade de origem da maioria dos estudantes mortos – a notícia também é o abre de uma das páginas da editoria de Cotidiano.

No terceiro dia de cobertura sobre o caso, o periódico publica uma chamada com foto na capa intitulada: “CORPOS CHEGAM EM BELÉM DO PARÁ”. A imagem mostra a retirada dos estudantes mortos no acidente do avião e o texto que acompanha a foto ressalta que a “tragédia provocou comoção nacional”. A notícia encerra a ritualização desse acontecimento morte nas páginas do *Jornal da Manhã*.

Primeiro apresentado a partir do caráter accidental e trágico, tendo nas imagens do resgate publicadas no *JM* aspectos que reforçavam o quesito trágico que envolvia o acidente, o acontecimento morte posteriormente é ritualizado nas páginas do periódico. Após a publicação da capa com imagens que compunham o tom dramático (VAZ, 2012) que envolvia o fato, o *Jornal da Manhã* apresentou desdobramentos baseados no envio dos corpos e na chegada das vítimas em Belém.

A segunda manchete registrada no período a tratar da morte foi publicada na edição de 31 de julho de 2012. Assim como o concorrente *Diário dos Campos*, o *JM* elenca como a notícia mais importante da edição: “‘GRIPE A’ CAUSA 3ª MORTE EM PG”. A informação é publicada durante o surto do vírus na região Sul do Brasil e apresenta, além do relato da morte de um paciente, indicações para que os leitores pudessem evitar o contágio.

A terceira manchete publicada especificamente sobre o acontecimento morte é elencada como a notícia mais importante da edição de 25 de agosto de 2012. Mais uma vez acompanhada de uma imagem que mostra um carro destruído, a notícia informa: “ACIDENTE NA BR-376 MATA TRÊS PESSOAS”. O texto relata o acidente registrado no trecho urbano da rodovia e que causou a morte de três pessoas, todas da mesma família, e deixou outras duas vítimas com ferimentos, apenas um bebê de seis meses de idade escapou ileso.

Mais uma vez a partir do caráter accidental do acontecimento (KATZ, 1993), o *Jornal da Manhã* faz de um “grave acidente de trânsito” a notícia mais importante da edição. Com o enfoque dramático ressaltado pelo fato das três vítimas serem da mesma família e o fato de ter entre os sobreviventes uma criança de apenas seis meses de idade, o *JM* também oferece espaço privilegiado ao fato em questão nas páginas internas da editoria de Cotidiano.

A última manchete publicada pelo *Jornal da Manhã* sobre o acontecimento morte no período analisado é eleita a notícia mais importante da edição de 26 de setembro. Em uma manchete sem foto, o *JM* informa: “Homicídios explodem em PG”. A notícia é baseada em dados do setor de Homicídios da Polícia Civil sobre o número de assassinatos cometidos na cidade durante o primeiro semestre do ano.

Além das manchetes, notícias eleitas como as mais importantes de cada edição, o *Jornal da Manhã* também dedicou outros espaços de destaque a morte violenta. Entre as 23 chamadas (com foto, sem foto e chamadas-títulos) que tratavam de acontecimentos do tipo, nota-se um padrão: mortes provocadas em acidentes de trânsito eram publicadas em chamadas com foto.

As imagens de carros destruídos acompanhadas de expressões como “Tragédia”, “Trágico”, “Violência no trânsito” ou do nome da rodovia ou região em que o acidente havia sido registrado integraram o repertório utilizado pelo *JM* na apresentação da morte em rodovias – expressões do tipo foram usadas em seis notícias publicadas na primeira página do *JM* durante a análise.

Para além do óbito trágico e violento, acompanhado de imagens que exibiam carros despedaçados, o *Jornal da Manhã* também tematizou o acontecimento morte a partir de outros repertórios da audiência (VOGEL e SILVA, 2012). Além do acompanhamento do rito judicial de casos que ficaram conhecidos nas páginas do jornal (tendo como gancho julgamentos, depoimentos e novas decisões do Poder Judiciário), o periódico também tematizou a morte a partir da atuação dos órgãos de segurança, dos atributos do morto e dos familiares. A morte foi notícia, acompanhada da atuação dos órgãos de segurança pública, na edição de 14 de agosto de 2012. Em uma chamada com foto na primeira página, o *JM* informa: “PM intensifica blitz para reduzir mortes”. O texto que acompanha a imagem apresenta informações das atividades do 1º Batalhão de Polícia Militar na tentativa de “reverter o quadro de mortes nas ruas e estradas” – o texto parece uma resposta a constante presença de mortes violentas causadas no trânsito de Ponta Grossa e região durante o período estudado.

Já os atributos dos mortos e de familiares próximos foram notados como aspectos ressaltados do acontecimento em algumas ocasiões. A primeira delas é notada na edição de 28 de agosto em uma chamada com foto na capa do *Jornal da Manhã*. Acompanhado do chapéu “TRAGÉDIA NA REGIÃO”, o periódico publica: “Pai do lutador Wanderlei Silva morre em acidente de carro”. Nesse caso, a vítima (Holando Pinheiro da Silva, pai do lutador) tem a morte destacada a partir do status do filho – a mesma estratégia foi utilizada no *Diário dos*

Campos. Como tem atributos que o diferenciam de outras vítimas fatais dos vários acidentes de trânsito em Ponta Grossa e região noticiados pelo *JM*, Holando é apresentado ao leitor a partir da notoriedade familiar, deixando de lado os aspectos envolvidos no acidente ou os atributos do próprio morto.

A notoriedade volta a ser utilizada como elemento de seleção e apresentação do acontecimento morte em destaque na edição do dia seguinte, 29 de agosto de 2012. Em uma chamada com foto publicada no quadrante superior direito, o *JM* noticia: “Acidente mata chefe de gabinete de deputado”. Acompanhada de uma imagem que mostra o carro em pedaços, reforçando a narrativa imagética da morte (SILVA e VOGEL, 2012), o periódico informa sobre o óbito de Valdecir Farias da Silva, chefe de gabinete de um deputado estadual.

Além da notoriedade e da narrativa imagética utilizada ao noticiar a morte violenta nas estradas, o *JM* também apresentou outros desdobramentos desse tipo de fato. Na edição do dia 11 de setembro o jornal publica: “BATIDA ENTRE CARROS PROVOCA A MORTE DE BEBÊ”. O texto informa sobre o acidente entre dois veículos de passeio que terminou com o óbito de um bebê de 18 meses e, mesmo que apareça na capa, na página interna a informação é publicada em uma notícia de pé de página. Os óbitos causados no trânsito também foram noticiados a partir dos atributos das figuras envolvidas no incidente. Na edição de 20 de setembro, por exemplo, o *JM* publica: “CARRO DA PM MATA DUAS MULHERES EM CIDADE DA REGIÃO”. A notícia informa sobre a morte de duas pessoas em um acidente envolvendo uma viatura da Polícia Militar que estaria, possivelmente, em perseguição momentos antes da colisão.

O *Jornal da Manhã* ainda recorreu a outros mapas mentais da audiência (VOGEL e SILVA, 2012) para formatar o acontecimento morte enquanto notícia. A edição de 22 de agosto, o periódico publica uma chamada com foto: “QUEDA DE AVIAO MATA INSTRUTOR DE AERoclube”. A imagem que acompanha a notícia na capa mostra o avião, carbonizado, após cair de bico – nesse caso o caráter incomum da queda do avião e da gravidade que envolvem o fato são suficientes para apresentar o acontecimento como notícia ao leitor. Por fim, durante os meses analisados, o periódico também tematizou a morte violenta e urbana que já havia composto o noticiário em outros momentos. Na edição do dia 2 de agosto, o *JM* publica “HOMENS INVADEM CASA E EXECUTAM JOVENS A TIRO” – o crime teria sido cometido por uma dívida de R\$ 5. Já na edição publicada nos dias 26 e 27 de setembro de 2012, o jornal informa: “NETO MATA O AVÔ A GOLPES DE FOICE NA ZONA RURAL”. Nesse caso o parentesco entre vítima e agressor e o modo brutal em que a morte teria acontecido são ressaltados no texto que acompanha a notícia na primeira página.

3.10 Os limites e as possibilidades do discurso jornalístico sobre a morte

O último caso analisado no *Diário dos Campos* e no *Jornal da Manhã* dá exemplos dos limites do próprio discurso jornalístico em fazer de um acontecimento morte notícia, mas também ilustra inúmeras abordagens que fazem dos óbitos violentos parte do retrato de mundo diário oferecido aos leitores. O caso de Deuceni, mãe que matou os dois filhos em Palmeira, é exemplo dessa relação dual da morte com o discurso noticioso.

O crime registrado factualmente na página de ambos os jornais choca pela brutalidade e pelo fato da mãe matar os próprios filhos, sem mostrar arrependimento ou mesmo apontar qualquer tipo de distúrbio mental. No entanto, do ponto de vista noticioso, o acontecimento foi rapidamente esvaziado de valor no noticiário – mesmo que chocante, o caso foi já noticiado com a solução das autoridades e a confissão da mãe. A lógica da cobertura se aproxima da ação pendular da noticiabilidade (SILVA, 2013).

Sem nenhum parente para reverberar nas páginas dos jornais com pedidos de justiça, tradicionais em casos de comoção, ou mesmo possibilitar a dramatização do acontecimento morte e ritualiza-lo no discurso noticioso, os assassinatos em Palmeira são rapidamente esquecidos e deixados de lado no retrato de mundo oferecido pelo *Diário dos Campos* e *Jornal da Manhã*.

No entanto, a própria ausência do caso por mais tempo nas páginas dos dois jornais apresenta uma outra faceta da ritualização da morte: os limites do discurso jornalístico em fazer da morte extraordinária (VAZ, 2012; TAVARES, 2012) e aparentemente vazia de qualquer sentido ou motivação algo que interesse ao leitor. Com a negação da hipótese de que Deuceni sofresse de distúrbios mentais, os assassinatos se tornaram ainda mais inexplicáveis diante da tematização apresentada pelos jornais.

Em coberturas que muitas vezes apresentaram a morte a partir da experiência do outro e de aspectos psicológicos que envolviam o óbito (VAZ, 2012), a falta de qualquer parâmetro de referência sobre o acontecimento fez com que o caso em questão fosse prontamente esquecido noticiário – o discurso dos jornais evita tratar do que não consegue tematizar ou, ao menos, contextualizar para o leitor.

Por outro lado, durante os meses de julho, agosto e setembro de 2012 notou-se inúmeras apresentações da morte violenta enquanto acontecimento jornalístico. Fosse ela fruto de um “trágico acidente”, de uma “tragédia no trânsito” ou da própria violência urbana, a morte figurou com frequência no retrato de mundo dos jornais, ilustrando o que Vaz (2012) chama de “lições diárias sobre a morte para que o leitor suporte a vida”.

CONCLUSÃO

O resultado dessa pesquisa é fruto de dúvidas, questionamentos e curiosidades teóricas que nasceram dentro da redação e foram lapidadas em um processo científico. O objeto do trabalho e a abordagem mudaram substancialmente durante o período de amadurecimento da perspectiva de análise aqui apresentada e isso é fruto do debate e do processo crítico, inerentes à atividade acadêmica.

A transformação de um questionamento que nasceu na prática jornalística e se tornou um problema de estudo foi marcada por inúmeras etapas. A primeira delas foi o amadurecimento do próprio problema em questão – a ideia inicial era estudar crimes de impacto social, situações que haviam mobilizado a sociedade a opinião pública e, diante disso, exigido movimentos da narrativa jornalística, sejam eles movimentos da lógica pendular da noticiabilidade (SILVA, 2013) ou mudanças e adaptações na forma como os jornais falam sobre a morte violenta.

Com as discussões nas disciplinas do curso de mestrado e também dos debates durante as orientações, notou-se que todos os casos de impacto inicialmente selecionados tratavam de um aspecto em comum: a morte. Os crimes escolhidos de maneira quase que aleatória, tinham em comum a morte violenta como acontecimento que dava início a coberturas jornalísticas e gerava vários desdobramentos no noticiário.

A partir dessa constatação, buscou-se uma abordagem para estudar a morte violenta como um aspecto importante para o Jornalismo e cotidianamente presente nas páginas dos jornais, em portais de notícia, nas imagens exibidas pela TV e também na notícia radiofônica, além de se fazer presente na literatura sobre valores-notícia e acontecimento. Com isso, uma segunda visão do objeto apresentou um debate sobre a morte como um valor-notícia presente no processo de seleção noticiosa.

No entanto, durante a análise dos casos notou-se que, do ponto de vista da construção da narrativa noticiosa e do retrato de mundo oferecido pelos jornais impressos de Ponta Grossa, a morte era um acontecimento tipicamente pautado e, mais que isso, ritualizado. Diante dessa constatação, a abordagem apresentada privilegiou a ritualização da morte nas páginas dos jornais, mas não só o óbito violento e de repercussão, como também aquele que compõe a série de acontecimentos cotidianos e é, muitas vezes, relatado sem maiores movimentos da narrativa jornalística.

Com a observação de jornais diários de Ponta Grossa em quatro casos (Bruxo do Guaragi, 1998; Sônia Rocha, 1999; Mãe mata os filhos em Palmeira, 2011; e o Caso da

Modelo Agda, 2012), notou-se que a morte, especialmente o óbito violento, é um acontecimento ritualizado pela prática jornalística a partir de uma série de apostas discursivas e narrativas imagéticas – o óbito fruto de violência compõe os acontecimentos cotidianos e, mesmo quando interfere nos fatos rotineiros, deles também passa a fazer parte, sendo ritualizado e colocado em uma ordem minimamente lógica no noticiário.

Integrante assídua do retrato de mundo apresentado pelos jornais, a morte violenta compõe o noticiário em locais diferentes. Hora retratado com destaque e como algo que irrompe a regularidade cotidiana, o óbito violento por vezes também é noticiado de maneira protocolar e passa a compor os acontecimentos cotidianos, sem maior alarde ou repercussão. Nesse sentido, a morte violenta faz parte da série de acontecimentos tidos como cotidianos e esperados, e se a morte violenta e cotidiana se torna tão normal, se faz necessário o uso de gradações para selecionar e elencar os óbitos que ganham as páginas dos jornais.

O óbito violento não é apenas noticiado nas páginas dedicadas aos assuntos policiais, mas também reverbera em outros espaços do jornal. A morte repercute na opinião pública, passa a causar efeitos nas demais esferas da vida social, demanda posicionamentos de várias instituições. Por vezes, ainda é vista como algo que causa indignação, comoção e requer pedidos de justiça por parte dos familiares das vítimas, como também pode cair rapidamente no esquecimento público e passar a compor a série de acontecimentos tidos como rotineiros ou mesmo incompreendidos diante da narrativa jornalística.

O acontecimento morte e suas variações são representados pelo discurso jornalístico e a partir dele passam a compor um retrato de mundo socialmente compartilhado, sendo fruto também da cultura profissional e de um contexto social e cultural da época. Nas páginas dos jornais e na ordenação proposta pelo discurso jornalístico, a morte pode variar entre o sobrenatural e o misterioso, fruto da violência urbana e rotineira ou oriunda de um crime passional e que gera comoção social.

Tais construções e significações em torno da morte são constituídas no discurso noticioso e fazem parte da ritualização da morte nas páginas dos jornais. Seja ela banal, fútil ou trágica, a morte violenta é um acontecimento amplamente utilizado pelo Jornalismo na composição de um retrato de mundo oferecido aos leitores e, mais que isso, passa a ser referenciada no noticiário a partir de fatos que compõem a vida em sociedade.

Para além de falar constantemente sobre óbitos violentos, a narrativa jornalística faz do acontecimento morte um fato carregado de significado na vida em sociedade, com pontos de referência em várias outras esferas cotidianas. Em uma espécie de narrativa constante sobre a morte, os jornais a apresentam como um fato rotineiro e passível de explicação por

parte do discurso jornalístico e, mais que isso, muitas vezes noticiado em capítulos, como foi o caso da cobertura da morte da modelo Agda e da série de mortes no Guaragi.

A morte, por si só, não interessa aos jornais sem outros elementos que façam desse acontecimento uma história dramática. Sejam os atributos do morto (ANTUNES, 2012), a notoriedade da vítima ou de seus familiares, a violência empregada no assassinato, as imagens produzidas pelo fato conceituado como “trágico” ou mesmo a futilidade que teria ocasionado o óbito, esse tipo de acontecimento é sempre acompanhado de aspectos para além da morte. O óbito violento, por si só e diante do paradoxo carregado pelo conceito “morte”, é apenas o início da possibilidade de uma atenção e possível cobertura jornalística.

A morte que não causa empatia com o público tende a não ganhar destaque no discurso jornalístico e acaba por ocupar espaços de menor visibilidade. Para galgar locais privilegiados, a morte tem que ser relacionada a repertórios da audiência (VOGEL e SILVA, 2012), seja pela atribuição dos envolvidos (a modelo, o vendedor, o assessor de deputado, o pai do lutador) ou, algumas vezes, por denominações que tentam explicar o que, aparentemente, não tem explicação (o bruxo, o feiticeiro, o macumbeiro).

Quando a morte extrapola explicações racionais, o discurso jornalístico aposta em contextualizações feitas a partir de referências ao plano extraordinário e que, muitas vezes, se parecem com roteiros de filme de terror (FOLQUENING, 2006). E quando, mesmo assim, a morte não pode ser explicada à audiência como algo ao alcance da significação oferecida pela narrativa jornalística, os jornais não retratam o acontecimento (ou quando retratam o fazem com menor visibilidade) diante da impossibilidade de conceituá-la em um retrato de mundo que ordena os mais diferentes acontecimentos.

No caso do crime cometido pela mãe que mata os filhos em Palmeira, por exemplo, a explicação de pobreza extrema, miséria e falta de oportunidades como circunstâncias que motivaram os homicídios não prosperam no noticiário – o caso tem a cobertura mais pontual entre as coberturas analisadas no trabalho. Por outro lado, a morte da garota Isabella Nardoni⁶⁴, registrada em 2008 em São Paulo, teve ampla cobertura da mídia brasileira. Guardadas as devidas proporções e questões específicas de cada uma das situações, no caso Nardony o pai e a madrasta também teriam sido responsáveis pela morte da criança, de acordo com o Ministério Público.

⁶⁴ Para saber mais sobre a cobertura do caso Isabella Nardoni, ver: TEIXEIRA, Marieli Rangel. **As propriedades do jornalismo sensacionalista: uma análise da cobertura do caso Isabella Nardoni**. Dissertação de Mestrado em Comunicação. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2011.

Diante dessas significações sobre a morte violenta, a análise de, ao todo, mais de 600 edições divididas nos periódicos *Diário dos Campos*, *Jornal da Manhã* e *Diário da Manhã* ofereceu informações suficientes para a percepção de um ritual da narrativa jornalística sobre esse tipo de acontecimento. Além disso, o acompanhamento de casos, divididos ao longo de 14 anos, forneceu pistas sobre a mudança na apresentação das notícias no jornalismo impresso em Ponta Grossa.

Fruto da prática jornalística estabelecida, a ritualização da morte enquanto acontecimento valioso aos jornais mostra como os retratos de mundo oferecidos pelos periódicos selecionam e relatam tais fatos de forma diferente. Alguns óbitos violentos ganham destaque diante de outros fatos rotineiros e cotidianos, acumulando valores-notícia e sendo alvo de dramatizações retratadas nas coberturas, ao mesmo tempo que outras mortes foram noticiadas de forma protocolar e em espaços de menor destaque.

A construção cultural (ALSINA, 2009) do acontecimento morte nas páginas dos jornais e a ritualização desse tipo de fato no noticiário foram notadas a partir de tipificações que ficaram evidentes durante o período analisado (1998-2012). A morte violenta foi retratada a partir do fútil e do inusitado (a mulher morta no vitrô, o rapaz assassinado por conta do troco) e também ganhou as páginas dos jornais a partir do caráter trágico e da comoção (a família morta em um acidente de carro, os estudantes vítimas de uma tragédia no trânsito).

Notícias sobre morte foram acompanhadas, frequentemente, de imagens que mostravam carros destruídos, familiares em prantos ou vítima e assassino de lados opostos como se rivalizassem no noticiário. Imagens que ressaltassem o drama em torno do acontecimento tiveram, durante todo o período, espaço de destaque nas páginas dos jornais estudados, ressaltando o caráter imagético da narrativa sobre a morte (VOGEL e SILVA, 2012).

Com a análise dos casos apresentados e de um acompanhamento de três meses em cada jornal (considerando a data em que o fato aconteceu), notou-se nos crimes selecionados para análise a apresentação de casos “vazios” e “cheios” do ponto de vista noticioso. Tal diferenciação foi notada justamente a partir do noticiário apresentado pelos periódicos e pela natureza do acontecimento morte de cada um dos casos – a divisão de casos “vazios” e “cheios” é um padrão na cobertura de cada um dos jornais, já que não há grandes discrepâncias na extensão do noticiário de cada um dos periódicos. A separação entre caso “cheio” e “vazio” foi um padrão observado na cobertura dos jornais – os dois casos tidos como “cheios” tiveram as mesmas características nos diários estudados e o mesmo se aplica aos dois casos classificados como “vazios” do ponto de vista noticioso.

Considerou-se casos “vazios” os acontecimentos que tinham, diante da lógica apresentada pela cobertura dos próprios periódicos, pouco valor noticioso e por isso receberam uma cobertura mais curta e esparsa – as tabelas em apêndice, com as notícias sobre os casos em negrito, dão um panorama de como o noticiário sobre alguns acontecimentos foi esporádico. O assassinato da professora Sônia Rocha, registrado em 1998, foi avaliado na pesquisa como um caso “vazio”, mas, mesmo assim, se manteve na cobertura a partir de outros aspectos ligados ao acontecimento, como o mistério e notoriedade da vítima.

Já os crimes considerados como casos “cheios” do ponto de vista noticioso foram aqueles que repercutiram com mais frequência na cobertura jornalística, ganhando espaços privilegiados e aparecendo no noticiário com mais assiduidade. Além disso, os casos “cheios” também reúnem acontecimentos que mobilizaram o noticiário e, por vezes, fizeram com que o acontecimento morte reverberasse em outras editorias e páginas dos jornais. Entre os casos analisados os crimes do Bruxo do Guaragi em 1998 e a morte da modelo Agda, em 2011, são considerados casos “cheios” do ponto de vista noticioso.

A divisão foi proposta a partir da natureza do acontecimento em questão e da cobertura do próprio caso. O assassinato de Sônia Rocha, por exemplo, foi alvo de um noticiário escasso de informações e fatos novos, mas teve a continuidade baseada no mistério e na notoriedade da vítima – durante os anos seguintes, à morte da professora continuou sendo citada a partir do mistério sobre o crime e de novos inquéritos abertos, tornando-se uma espécie de referência de crimes sem solução.

Por outro lado, os assassinatos de duas crianças cometidos pela própria mãe em Palmeira tiveram uma cobertura extremamente pontual nos jornais analisados. O acontecimento por si só teve um desenrolar curto – na mesma edição em que noticiaram a localização dos corpos, os jornais também já informavam sobre a prisão e confissão da mãe, a suposta autora do crime.

Enquanto no primeiro caso classificado como “vazio” do ponto de vista noticioso a cobertura se estendeu e teve desdobramentos a partir da própria falta de solução do crime, no segundo caso do tipo o noticiário dos dois jornais impressos de Ponta Grossa (*Jornal da Manhã* e *Diário dos Campos*) foi extremamente pontual. Diante do observado nos jornais, pode-se elencar algumas ponderações sobre a cobertura factual das mortes em Palmeira.

A primeira delas está na falta de comparativos ou mesmo explicações sobre o acontecimento – o fato da mãe matar os dois filhos e não apresentar remorso após confessar o crime pareceu não encontrar pontos de referência no noticiário ou nos repertórios da audiência (VOGEL e SILVA, 2012), além de se assemelhar às notícias que não “cabem” nos

moldes da narrativa jornalística (DARNTON, 1990). Com isso, nota-se que quando a morte foge do alcance explicativo do Jornalismo, o discurso apresentado aos leitores tende a não se prolongar como um acontecimento importante do ponto de vista noticioso.

Além disso, ao ser presa, Deuceni, a mãe, afirmou às autoridades que teria cometido o crime por “não aguentar mais a miséria” – a declaração é apresentada na primeira notícia publicada sobre o caso em cada um dos jornais. A mãe morava com os filhos e o marido em uma região rural de Palmeira e a família vivia da agricultura de subsistência – oportuno ressaltar que esse é o único caso apresentado em que o crime acontece em uma cidade vizinha e não em Ponta Grossa, especificamente.

Com a cobertura pontual sobre os assassinatos cometidos por Deuceni em Palmeira contra os próprios filhos, nota-se que a pobreza, enquanto elemento dramatizador ou mesmo de contextualização das mortes, não interessou aos jornais. *JM* e *DC* não deram publicidade ao velório e enterro das vítimas, por exemplo – tais acontecimentos posteriores foram amplamente noticiados em outras situações, principalmente quando as vítimas tinham algum tipo de notoriedade, fosse ela anterior ao crime ou mesmo uma notoriedade concedida pelo discurso jornalístico, como o caso da modelo Agda (ALSINA, 2009).

Por outro lado, quando a morte é vista como algo que irrompe a série de acontecimentos rotineiros e altera a normalidade do encadeamento dos fatos cotidianos (SILVA, 2013), preocupando outras esferas da vida em sociedade, como foi o caso do assassinato de Sônia Rocha, a própria vítima passa a compor uma personagem frequente do noticiário. Além do caso Sônia Rocha, durante o período de análise existiram vários outros personagens que se tornaram nomes frequentes nas coberturas dos jornais analisados após serem vítimas ou acusados de mortes violentas.

Oferecendo uma espécie de lição diária sobre a vida e a morte (VAZ, 2012) em cada nova edição, os jornais fazem do óbito violento, por vezes, uma “morte nova” e que comove, revolta e reverbera em outras esferas da vida em sociedade. No entanto, o óbito violento é tematizado apenas como “mais um” e compõe os acontecimentos cotidianos que não representam uma ruptura da ordem social estabelecida anteriormente (SILVA, 2013) e desse modo passam a integrar fatos que não rompem a realidade rotineira, mas sim dela fazem parte.

Diante da divisão apresentada de casos “cheios” e “vazios” do ponto de vista do valor noticioso, os acontecimentos tidos como “cheios” foram noticiados pelos jornais com mais frequência, espaço e visibilidade, estando presentes em mais edições e conquistando locais privilegiados nos retratos de mundo oferecidos aos leitores. A cobertura das mortes no Guaragi, por exemplo, registrada em 1998 e que acabou na criação da figura do “bruxo”,

monopolizou parte do noticiário nos três jornais diários que circulavam em Ponta Grossa no período, ocupando cinco manchetes seguidas do *Diário da Manhã*, por exemplo.

A partir de explicações que extrapolam o plano racional e cotejam questões da ordem religiosa e paranormal, a série de mortes no Guaragi mobilizou o noticiário dos três periódicos ocupando locais de destaque. Com explicações que variavam entre a bruxaria, a macumba, a brutalidade humana até chegar ao passado do “bruxo” e seus atributos, os periódicos fizeram dos acontecimentos mortes e seus desdobramentos fatos de interesse do noticiário com um discurso de discriminação implícita com as religiões de matrizes africanas.

Fosse utilizando a magia negra ou mesmo a trajetória do “bruxo”, Osmir, para apresentar a série de mortes como um relato que havia rompido a série de acontecimentos cotidianos e seguia tendo relevância, a narrativa apresentada pelos jornais procurou referências para falar dessas mortes. O discurso noticioso procurou fazer desses acontecimentos algo compreensível, inclusive servindo de referência para outros problemas ordinários, como o abandono de estações ferroviárias.

Mesmo que por vezes fossem retratadas a partir do paradoxo da morte extraordinária e sobrenatural e de ideias formadas no repertório da audiência (VOGEL e SILVA, 2012), os acontecimentos registrados no Guaragi durante o ano de 1998 foram apresentados no noticiário a partir de uma narrativa que, após ressaltar o rompimento da regularidade da vida cotidiana, também fez desses fatos algo que integrasse a série de fatos rotineiros, ilustrando o efeito pendular da ideia de noticiabilidade (SILVA, 2013).

Noticiados inicialmente como fruto de práticas sobrenaturais e até mesmo “pactos satânicos”, os assassinatos passaram, pouco a pouco, a serem explicados pela “monstruosidade” de Osmir, o “bruxo”, até que as tematizações sobrenaturais se esvaziassem. Com isso, a ritualização do acontecimento morte nas páginas dos jornais fez do caso do Bruxo do Guaragi algo que foi explicado inicialmente a partir do extraordinário até chegar as contextualizações que diziam respeito aos problemas da vida ordinária.

O outro caso tido como “cheio” do ponto de vista noticioso mobilizou os periódicos *Jornal da Manhã* e *Diário dos Campos* durante os meses de setembro, outubro e novembro de 2011. A morte da modelo Agda e a prisão do vendedor Jean Carlos, suspeito do crime, movimentaram o noticiário durante o período analisado, oferecendo significações e estratégias narrativas utilizadas para relatar o acontecimento morte nas páginas dos jornais.

A morte de Agda, resultado de um crime sexual na visão da família da vítima e fruto de um acidente durante o “sexo selvagem” na perspectiva da defesa do acusado, repercutiu em outras esferas da vida social, motivando pedidos de justiça por um lado e explicações

sobre a vida do suspeito de outro. Para além das investigações policiais e do próprio trâmite jurídico, a morte de Agda teve como elemento contextual questões morais.

Mesmo que não fosse o foco das reportagens publicadas no *DC* e *JM*, a relação sexual (consensual para uns, fruto de um abuso para outros) levou o acontecimento a reverberar para além da página dedicada aos assuntos policiais. Representantes de entidade civis, sociedades não governamentais, estudiosos e juristas ocuparam espaços de debate para discutir as circunstâncias da morte da modelo e seus efeitos na vida em sociedade.

A cobertura do caso Agda exemplificou também como a morte violenta pode se tornar um episódio valioso aos meios de comunicação diante do drama e das características dos envolvidos. Apresentada a partir do substantivo “modelo” desde a primeira notícia sobre o caso, Agda deixou de ser uma jovem anônima, moradora de uma região periférica de Ponta Grossa, para ser vista como uma personagem do noticiário. Do mesmo modo, Jean Carlos teve o passado e o presente expostos na cobertura e, assim como Agda, se tornou personagem frequente nas páginas dos jornais. Cada um dos personagens teve o papel destacado a partir do próprio discurso noticioso e da atuação da Polícia e da Justiça.

Além de fazer de Agda e Jean nomes frequentes no noticiário, o discurso jornalístico também deu sequência à cobertura da morte da modelo a partir do trâmite jurídico e dos documentos fornecidos pela investigação policial e técnica. Laudos do Instituto Médico Legal (IML) e denúncias oferecidas pelo Ministério Público Estadual (MPE) fizeram a morte da modelo retornar ao noticiário em local de destaque – os documentos foram estampados na capa do jornal, como se ressaltassem o aspecto real e cruel em que Agda teria sido morta.

Durante a análise dos quatro casos, notou-se que a morte violenta foi rotineiramente noticiada nos três jornais estudados. Fosse a partir do registro factual de incidentes frutos da violência urbana, ressaltando os atributos do morto ou de seus familiares ou mesmo apresentando uma morte como um acontecimento que fugia à série de acontecimentos cotidianos e provocava reações em vários campos sociais, a morte violenta foi presença constante no noticiário dos jornais impressos de Ponta Grossa, sendo sempre acompanhada de outro aspecto, fosse o drama, a notoriedade ou outro tipo de significação que cercava a morte.

Ao analisar como a narrativa jornalística retrata essas outras mortes registradas no período de análise, notou-se padrões na prática discursiva do Jornalismo em falar sobre a morte. Quando registrado em regiões centrais da cidade ou locais nobres do município, o óbito ganha destaque, seja pela localização, pela circunstância da morte ou pela notoriedade da vítima. Já quando o óbito acontece em locais periféricos, se não houvessem questões

dramáticas que cercassem o fato, ele tendia a ser noticiado de forma protocolar e sem destaque, compondo a regularidade dos fatos cotidianos.

No *Diário dos Campos*, por exemplo, a manchete na edição de 18 de outubro o jornal deu destaque à morte de um homem no Terminal Central de ônibus de Ponta Grossa – nesse caso o foco não era a dramatização do acontecimento a partir do depoimento de familiares, mas sim a localização do assassinato e a “preocupação” causada pelo avanço da disputa pelo tráfico de drogas na região. A localização geográfica fez desta morte, outra hora vista como cotidiana e digna de menor espaço, ser alçada a notícia de maior relevância na edição – durante o mesmo período, vários assassinatos em disputas de tráfico foram registrados em espaços menos privilegiados dos periódicos.

Já no *Jornal da Manhã*, a morte de uma pessoa sem notoriedade social só foi manchete quando apresentada a partir de aspectos dramáticos que cercavam o acontecimento. Na edição de 4 de novembro de 1998, o *JM* publica como manchete: “Matança na Coronel Claudio continua”. A notícia relata a morte de um jovem de 18 anos de idade, caracterizado como estudante. O próprio discurso noticioso apresentado pelo periódico ressaltava que o rapaz era “honesto” e por isso o assassinato, registrado em uma briga de gangues, era tido como “inadmissível”.

Os dois exemplos mostram que a morte de anônimos só foi selecionada como manchete quando acompanhada de outros aspectos – o óbito violento, fruto de conflitos urbanos, sozinho não é notícia de destaque e não “cabe” no noticiário que abriga esse tipo de relato (DARNTON, 1990). Fosse o local em que o fato ocorreu ou quesitos dramáticos ligados ao acontecimento morte, a seleção desse tipo de fato como notícia de destaque nunca aconteceu sem ser acompanhado por outros aspectos.

Para o *Diário dos Campos*, *Jornal da Manhã* e *Diário da Manhã*, a representação da morte violenta no retrato de mundo oferecido ao leitor tinha distinções claras. A morte periférica era vista como um fato que não era merecedor de destaque e isso só tendia a ser revertido quando o caso envolvesse questões dramáticas – durante o período de análise situações pontuais foram destacadas no noticiário rotineiro. Por outro lado, o óbito registrado em regiões nobres e centrais era noticiado em espaços privilegiados e ressaltando como o fato interrompeu o fluxo diário de acontecimentos (SILVA, 2014c).

O período de análise também permitiu notar expressões e estratégias narrativas e imagéticas (VOGEL e SILVA, 2012) utilizadas na representação da morte violenta. O óbito categorizado como “trágico”, “surpreendente”, “intrigante” e “dramático” compôs boa parte do período estudado e, muitas vezes, recebeu espaços de destaque. A expressão tragédia, por

exemplo, esteve presente em 14 chamadas de capa que tratavam sobre o acontecimento morte durante o período analisado, enquanto o termo “acidente” foi registrado em outras 33 notícias sobre a morte violenta publicada na primeira página.

Além disso, se tal acontecimento fosse acompanhado de imagens que ilustrassem a morte, seja ela um carro destruído ou a cena do crime, com vestígios de um assassinato, a lógica do discurso noticioso destacava tal fato diante dos inúmeros acontecimentos diários retratados pelos periódicos. As manchetes que tratavam de morte eram, rotineiramente, acompanhadas imagens chocantes.

Nas mais de 600 edições analisadas notou-se uma tendência do ritual jornalístico em destacar acidentes de trânsito que acabassem em morte, principalmente se eles fornecessem fotos chocantes. Na edição de 25 de agosto de 2012, o *JM* publicou a manchete: “ACIDENTE NA BR-376 MATA TRÊS PESSOAS”. A notícia era acompanhada de uma imagem do acidente, com destroços do carro e detalhes do socorro – estratégias narrativas do tipo foram frequentes na apresentação do óbito violento em locais de destaque na capa e nas páginas internas.

Por fim, conclui-se que a morte violenta sempre se fez presente no noticiário dos três jornais estudados enquanto um acontecimento de valor noticioso, como já aponta a literatura (SILVA, 2014d; TRAQUINA, 2005; WOLF, 2010), entretanto cabe ressaltar que apenas a violência como atributo da morte não fazia desse acontecimento notícia de destaque. O óbito oriundo da violência foi retratado com assiduidade no período analisado e, por vezes com destaque na capa e nas páginas internas. De fato, o que mudou nos 14 anos de distância temporal entre os casos analisados foi o ritual jornalístico e os termos utilizados pelo discurso noticioso aos óbitos que ganharam as páginas dos jornais.

Expressões utilizadas para narrar acontecimentos mortes que ganharam o status de notícia no final dos anos 1990, como “homicida” e “menor”, foram deixados de lado⁶⁵ e o noticiário passou a usar terminologias utilizadas no processo jurídico, com algumas exceções. Com essa alteração, indivíduos antes classificados como “assassinos”, passaram a ser nominados como suspeitos ou outras terminologias semelhantes aquelas usadas nos inquéritos policiais e processos que tramitavam na Justiça.

⁶⁵ A mudança nas expressões utilizadas no noticiário sobre a morte nas páginas dos jornais também pode ser problematizada a partir da profissionalização das redações do interior do Brasil e dos resultados desse processo. Durante a definição do objeto da dissertação, um dos casos que seria analisado foi retirado do *corpus* por representar um período pré-industrial do Jornalismo praticado em Ponta Grossa e nos Campos Gerais. Esse caso foi estudado em um artigo à parte.

Além disso, o padrão do discurso jornalístico utilizado ao retratar a morte mudou durante o período estudado – no entanto, cabe ressaltar que o óbito violento sempre esteve acompanhado de algum tipo de valoração ou significação quando recebia atenção da cobertura midiática. Nos primeiros casos analisados ainda no final dos anos 1990, esse tipo de acontecimento, por inúmeras vezes, foi retratado a partir do caráter fútil ou banal (o rapaz morto por causa do troco, a mulher morta no vitrô).

Já no período de análise das edições dos jornais em 2011 e 2012, esse tipo de representação deixou de ser publicada nos jornais e a morte, quando dramatizada e alvo de uma cobertura extensa, foi apresentada em capítulos (a prisão, a acusação, a resposta do acusado, os posicionamentos de familiares, o velório e outros desdobramentos). A morte, nesse sentido, teve muitas vezes um noticiário novelesco, alimentado por novos fatos que cercavam o óbito violento.

Tal mudança no padrão da narrativa sobre o acontecimento morte mostra alterações na prática jornalística, mas também no ambiente social e cultural da audiência – a hipótese do estudo é de que esses dois condicionantes estão imbricados. O Jornalismo passou, gradativamente, a seguir termos consensuais sobre o status dos sujeitos (o suspeito, acusado e condenado), além de deixar de ressaltar a futilidade que muitas vezes cercava óbitos violentos ou, pelo menos, sem dar destaque a esse tipo de acontecimento.

As alterações da significação da morte diante da audiência não representam apenas mudanças da prática jornalística, mas nos valores sociais e culturais vigentes em cada época e, consequentemente, na concepção de vida cotidiana (SILVA, 2013). Notícias sobre “maridos ciumentos” que batiam nas mulheres (agressões que por vezes quase terminavam em morte) eram publicadas sem maior alarde no final da década de 1990, como se fizessem parte dos acontecimentos socialmente aceitáveis, já no começo da segunda década dos anos 2000 a mesma violência contra a mulher provocou debates mais amplos nos periódicos.

Alsina (2009) ressalta que a construção do acontecimento é, antes de tudo, um processo cultural, estabelecendo uma relação mútua entre as práticas jornalísticas em apresentar relatos diários sobre a série de acontecimentos rotineiros e os valores culturais vigentes. Com isso, o acontecimento morte também teve as representações alteradas com as transformações sociais e profissionais ocorridas entre 1998 e 2012 e que refletiram nas narrativas publicadas nos jornais.

Nesse mesmo sentido, a morte se mostrou uma “velha conhecida do Jornalismo” (OLIVEIRA, 2005) e foi assunto frequente no retrato de mundo oferecido pelos jornais de Ponta Grossa no período estudado. E, ao ser (re) apresentada quase que diariamente como um

fato digno de ser notícia, a morte violenta foi ritualizada de diferentes maneiras pelo discurso noticiosos dos três jornais estudados e se tornou um fato que integrou o noticiário quase que diariamente, fosse compondo a série de acontecimentos da regularidade cotidiana ou perturbando os fatos rotineiros e esperados.

Com isso, os jornais *Diário dos Campos*, *Diário da Manhã* e *Jornal da Manhã* fizeram da morte um fato rotineiro e quando não puderam explicá-lo de maneira racional, apostaram em questões que fugiam do plano natural. A morte compôs o discurso jornalístico em constantes e seguidas lições sobre a morte e sobre a vida e teve diferentes valorações no discurso noticioso (VAZ, 2012).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTUNES, Elton. **Temporalidade e produção do acontecimento jornalístico.** *Em Questão* 13.1, 2007.
- _____, Elton. **Notícias depois da morte: visibilidade e ausências no Jornalismo.** In: BERGER, Christa; HENN, Ronaldo; MAROCCO, Beatriz. *Jornalismo e acontecimento: diante da morte.* Florianópolis: Insular, V.3, 2012.
- ALSINA, RODRIGO MIQUEL. **A construção da notícia;** Tradução de Jacob A. Pierce. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- BEDENDO, Ricardo. **Segurança Pública e Jornalismo: desafios conceituais e práticos no século XXI.** Florianópolis: Insular, 2013.
- BARBOSA, Marialva. **O acontecimento contemporâneo e a questão da ruptura.** *Semiosfera – Revista de Comunicação e Cultura*, Ano 2, nº 1, maio de 2002.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão.** Oeiras: Celta Editora, 1997, 1997.
- DARNTON, Robert. Jornalismo: toda notícia que couber a gente publica. In: **O beijo de Lamourette: Mídia, cultura e revolução.** São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 76-109.
- DIJK, Van. **La noticia como discurso: comprensión, estructura y producción de la información** (trad. de Guillermo Gil). Barcelona: Paidós, 1990.
- FOLQUENING, Victor. **Missa Negra para o bruxo do Guaragi.** In: *Cadernos da Escola de Comunicação*, Unibrasil, Curitiba, 2006.
- GALTUNG, Johan; RUGE, Mari Holmboe. **The structure of foreign news the presentation of the Congo, Cuba and Cyprus Crises in four Norwegian newspapers.** *Journal of peace research*, v. 2, n. 1, p. 64-90, 1965.
- GUERRA, Josenildo Luiz. Uma discussão sobre o conceito de valor-notícia. In: SILVA, Gislene, SILVA, Marcos Paulo da, FERNANDES, Mario Luiz (org.) **Crítérios de noticiabilidade – problemas conceituais e aplicações.** Florianópolis: INSULAR, 2014, p. 39-49.
- GANS, Hebert J. **Deciding What's News: A Study of CBS Evening News, NBC Nightly News, Newsweek and Time.** New York, Vintage Books, 2004.
- GOLDING, P.; ELLIOTT, P. **Making the news.** Londres: Longman, 1979
- MIRANDA, José A. Bragança. **O acontecimento como invenção necessária da história: José A. Bragança de Miranda.** *Trajectos, Revista de Comunicação, Cultura e Educação.* 6 Ed, primavera de 2006.

MOLOTCH, H; LESTER, M. **As notícias como procedimento intencional: acerca do uso estratégico de acontecimentos de rotina, acidentes e escândalos**. In: TRAQUINA, Nelson (org.). *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. 2. ed. Lisboa, Portugal: Ed. Vega, 1999.

NORA, Pierre. **O Regresso do Acontecimento**. In *Fazer História*. Lisboa, Edições Bertand, 1977.

KALIBERDA, Andressa. **A polícia em pauta: análise dos critérios de noticiabilidade das chamadas com foto agendadas nas capas do Jornal da Manhã e Diário dos Campos em 2014**. Dissertação (Mestrado em Jornalismo), Universidade Estadual de Ponta Grossa, Paraná.

KATZ, Elihu. **O acontecimentos mediáticos: o sentido de ocasião**. In: TRAQUINA, Nelson (org.). *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. Lisboa: Vega, 1993.

OLIVEIRA, Madalena. **Olhando a morte dos outros**. 4º SOPCOM: “Repensar os Media: Novos Contextos da Comunicação e da Informação” (2005): 1952-1962.

LIPPMANN, Walter. **Opinião pública**. Vozes, 2008.

QUÉRÉ, Louis. **L’espace public comme forme et comme événement. In: Prendre place. Espace public et culture dramatique**. Colloque de Cérizy. Paris: Ed. Recherches. 1995. p. 93-110.

_____, Louis. **Entre facto e sentido: a dualidade do acontecimento**. Revista Trajectos 6 (2005): 59-75.

REBELO, José. **Apresentação**. In: Trajectos – revista de comunicação, cultura e educação. Lisboa: Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa. Nº 6, Primavera de 2005.

RODRIGUES, Adriano Duarte. **O acontecimento**. In: TRAQUINA, Nelson (org.). *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. Lisboa: Vega, 1993.

TRAQUINA, Nelson. Teorias do Jornalismo. **A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis: Insular, 2005. SILVA, Gislene. **Para pensar critérios de noticiabilidade**. Revista de estudos de Jornalismo e Mídia, p. 95 a 107, 2005.

TAVARES, Frederico de Mello Brandão. **A cotidianidade do morrer na vida noticiosa: ambiguidades de um acontecimento jornalístico diário**. In: BERGER, Christa; HENN, Ronaldo; MAROCCO, Beatriz. *Jornalismo e acontecimento: diante da morte*. Florianópolis: Insular, V.3, 2012.

TEIXEIRA, Marieli Rangel. **As propriedades do jornalismo sensacionalista: uma análise da cobertura do caso Isabella Nardoni**. Dissertação de Mestrado em Comunicação. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2011.

TUCHMAN, Gaye. **La produccion de la noticia – Estudio sobre la construcción de la realidad**. México: Free Press, 1978.

VAZ, Paulo Bernardo. **Lições de morte nos jornais**. In: BERGER, Christa; HENN, Ronaldo; MAROCCO, Beatriz. **Jornalismo e acontecimento: diante da morte**. Florianópolis: Insular, V.3, 2012.

SANTOS, José Manuel. **Da perca do mundo à sociedade dos (mega) acontecimentos**. Revista Trajectos 6, p. 77-83, 2005.

SILVA, Gislene. Para pensar critérios de noticiabilidade. In: SILVA, Gislene, SILVA, Marcos Paulo da, FERNANDES, Mario Luiz (org.) **Critérios de noticiabilidade – problemas conceituais e aplicações**. Florianópolis: INSULAR, 2014d, p. 51-70.

SILVA, Marcos Paulo da. **A construção cultural da narrativa noticiosa: noticiabilidade, representação simbólica e regularidade cotidiana**. 2013, 243f. Tese (Doutorado em Comunicação Social). Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social. Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), 2013.

_____, Marcos Paulo da. Seleção noticiosa, critérios de noticiabilidade e valores notícia. In: SILVA, Gislene, SILVA, Marcos Paulo da, FERNANDES, Mario Luiz (org.) **Critérios de noticiabilidade – problemas conceituais e aplicações**. Florianópolis: INSULAR, 2014a, p. 71-85 a.

_____, Marcos Paulo da; **Cotidiano e noticiabilidade na imprensa sul- matogrossense; interfaces entre jornalistas, assessores e público**. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Foz do Iguaçu, 2014b.

_____, Marcos Paulo da. Perspectivas históricas da análise da noticiabilidade. In: SILVA, Gislene, SILVA, Marcos Paulo da, FERNANDES, Mario Luiz (org.) **Critérios de noticiabilidade – problemas conceituais e aplicações**. Florianópolis: INSULAR, 2014c, p. 25-38.

SOUSA, Jorge Pedro. **Elementos de jornalismo impresso**. Letras Contemporâneas, 2005.

_____, Jorge Pedro. **Tobias Peucer: Progenitor da Teoria do Jornalismo**. Revista Estudos em Jornalismo e Mídia. Universidade Federal de Santa Catarina, v. 1, n. 2, 2004.

SCHUDSON, Michael. **Discovering the news: a social history of American newspapers**. New York: Basic Books, 1978

VOGEL, Daisi; SILVA, Gislene. Imagens de morte na primeira página. In: BERGER, Christa; HENN, Ronaldo; MAROCCO, Beatriz. **Jornalismo e acontecimento: diante da morte**. Florianópolis: Insular, V.3, 2012.

PONTE, Cristina. **Media e acontecimentos (com) sentidos**. Traçjetos–Revista de Comunicação, Cultura e Educação. Lisboa 6 (2005).

PADILHA, Sonia. **Valores-notícia no webjornalismo**. Artigo apresentado na 10ª edição do encontro nacional dos pesquisadores em Jornalismo (SBPJOR) em 2012.

ZAMIN, Ângela Maria. **Nos jornais, um típico acontecimento atípico: o caso angostura em diários latino-americanos de referência.** (2012), Tese – Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicações de Massa.** São Paulo, Editora WMF Martins Fontes, 2010.

GLOSSÁRIO

Abre de página: Principal reportagem de cada página, levando em conta a leitura ocidental (de baixo para cima, da esquerda para direita). Consideramos o abre de cada página a principal notícia publicada na editoria e com isso classificamos as demais informações como notícias secundárias e terciárias, respectivamente.

Calhau: Propaganda institucional do próprio veículo de comunicação. Costumeiramente usada para ocupar espaços vazios nas páginas.

Chamada com foto: Texto publicado na primeira página do jornal acompanhado de uma imagem.

Chamada sem foto: Texto publicado na primeira página do jornal sem o uso de imagem.

Chamada título: Notícia publicada na primeira página do jornal apenas com o título, sem o acompanhamento de um subtítulo ou imagem.

Dobra inferior: Segunda dobra da página, incluindo os quadrantes inferior direito e esquerdo.

Dobra superior: Primeira dobra da página, incluindo os quadrantes superior direito e esquerdo.

Foto-chamada: Imagem publicada na primeira página do jornal acompanhada apenas de uma legenda. Normalmente remete a uma notícia publicada nas páginas internas.

Gancho: Fato novo que leva determinado acontecimento a se tornar notícia ou mesmo retornar ao noticiário.

Linha de apoio: Texto que acompanha o título, pode estar acima ou abaixo da titulação da notícia tem como objetivo complementar o sentido e as informações expostas no título.

Linha-fina: Recurso gráfico utilizado para separar textos de uma página. Normalmente é utilizado na diagramação ao diferenciar visualmente uma notícia da outra.

Manchete: Principal informação de determinada edição do jornal. Para fins de análise consideramos que uma edição tem apenas uma manchete.

Notícia secundária: Informação publicada abaixo do abre de cada página, em local secundário.

Notícia terciária: Informação publicada abaixo de uma notícia secundária, tem espaço e destaque inferiores.

Off: Denominamos em *off* as informações obtidas com fontes que não foram reveladas ao público.

Olho: Ferramenta de diagramação que destaca uma pequena frase com letras maiores que a do texto principal. É usada para destacar informações tidas como importantes.

Retranca: Espécie de subtítulo utilizado dentro do próprio texto da notícia. Normalmente uma retranca apresenta um assunto específico e uma notícia pode contar com mais de uma retranca.

Subtítulo: Considera-se subtítulo o texto que acompanha um título na capa. Construção textual curta, tem como objetivo explicar e complementar o título publicado na primeira página.

Suitar: Ato de dar sequência a uma determinada notícia, suitar o acontecimento.

Suíte: Sequência no noticiário de terminado periódico. Dar continuidade à cobertura de determinado acontecimento.

APÊNDICE A – Tabela de coleta de dados

Caso Sonia Rocha
Diário da Manhã – Abril de 1998

Edição	Manchete da edição	Chamada da editoria de Polícia na capa	Abre da editoria de Polícia (p. 1)	Abre da editoria de Polícia (p. 2)
1/04	Chuva abre erosão na estrada do Alagados	Rapaz mata menor, por causa de troco	Discussão por causa de dinheiro acaba com morte de um menor em Ponta Grossa	PM prende responsáveis por assalto a taxistas
2/04	Câmara aprova doação de terreno à Beaulieu	Polícia apresenta traficante de cocaína	Traficante que atuava na região é apresentado	
3/04	Prefeitura recupera estragos	Faltam dados do crime de empresário	Investigações sobre morte de empresário dependem de informações de Santa Catarina	Registado mais um furto de caminhonete F-1000
4/04	Prefeitura retira famílias de áreas de risco na Cipa	Mulher que matou marido depõe segunda	Siate atende s a picada de aranha em dia considerado movimentado	Campana nos colégios continuará, afirma delegado
5/04	Catadores começam a trabalhar	Mulher morre enforcada em basculante	Jovem morre asfixiada ao tentar pular janela da casa de um antigo namorado	
7/04	ACIPG adere à campanha do voto daqui		Polícia começa a investigar a morte de mulher que se enforcou em basculante	Furto qualificado lidera ocorrências na cidade
8/04	Batavo muda de mão. Agora é Parlamat	Surgem contradições na morte de Cleusa	Mulher responde processo por registro ilegal e maus tratos a menor na prisão	
9/04	Licitação dos mini-ginásios sai em 30 dias	Banestado da UEPG é assaltado novamente	Mulher que matou o genro será interrogada de novo	Três elementos armados assaltam posto do Banco do Estado instalado na UEPG
10/04	Chefe de quadrilha é procurado há cinco anos	Estradas apresentam risco de s	Situação precária prejudica trânsito nas rodovias	Polícia procura chefe de quadrilha que furtou caminhonetes F-1000 na cidade
12/04	Jocelito distribui ovos de Páscoa para 6 mil pessoas	Motorista fura barreira e acaba preso	Motorista ultrapassa barreira policial mas é autuado pelos agentes à paisana	
14/04	Novas indústrias devem alavancar economia local	Castro registra assalto a banco e suicídios	Ciclista morre depois de ser atropelado	
15/04	Motoristas aproveitam falta de fiscalização	Polícia reforça policiamento nas escolas	Patrulhas auxiliam policiamento escola da PM	
16/04	Plauto faz desafio a Mongruel	Polícia procura testemunha de atestado	Polícia procura mãe de menino de 4 anos e indícia responsável por maus tratos	Mulher sofre atentado no Centro de Ponta Grossa
17/04	Cohapar promove desfavelamento	Motorista abandona Palio próximo a blitz	Caminhão desgovernado quase atinge residência	Polícia Civil barra roubo de veículos
18/04	Mudança da Vicente Machado já tem ganhador de concorrência		Delegado contorna invasão à Delegacia de Imbituva	5 Cia da Polícia Rodoviária recebe novas viaturas e mais 85

				patrulheiros
21/04	Juiz declara insolvência de Irajá Vargas	Casal de jovens é baleado durante assalto	Assaltantes quebram vitrine e furtam roupas de uma loja no Shopping Mitai	
23/04	Polícia sai as ruas para dar combate a ladroes e traficante	Mulher baleada no pescoço morreu na terça	Assaltante atira contra vítima e consegue escapar	Polícia Militar realiza operação com mais de cem homens nas ruas de PG Obs: abaixo há a nota: Mulher baleada acaba morrendo no Hospital
24/04	Catadores do lixo ganham cestas básicas	Ladrões desafiam Polícia e levam F-1000	Polícia chega ao autor do homicídio na última quinta-feira em briga de bar	
25/04	PMDB faz festa para ter Requião candidato	Menores voltam a assaltar supermercados	Campos Gerais apresentam maior índice do PR de infrações contra o meio ambiente	
26/04	Requião anuncia que será o candidato das críticas e propostas	Caso Sônia Rocha continua sem solução	Investigações em torno da mulher baleada no Centro devem mudar de rumo	
28/04	Prefeitura paga 50% da dívida com a Vega	Mulher baleada durante briga de vizinhos	BR-476 está em obras e interdita tráfego para veículos pesados no quilômetro 200	
29/04	Receita e Prefeitura vão fiscalizar “picaretas”	Polícia persegue ladrões e recupera F-1000	Polícia recupera F-1000 após perseguição e tiroteio na estrada	
30/04	Douglas é aclamado presidente da ACIPG		Síndico que cortou fornecimento de gás é indiciado pela Polícia	

Diário da Manhã – Maio de 1998

Edição	Manchete da edição	Chamada da editoria de Polícia na capa	Abre da editoria de Polícia (p. 1)	Abre da editoria de Polícia (p. 2)
01/05	Município doa terreno para Vila Rural	Travesti procurado por tentativa de homicídio dribla a Polícia	Polícia procura travesti suspeito de tentativa de homicídio contra um rapaz	Rapaz acaba preso por porte ilegal de arma
02/05	<i>Não há edição por conta do feriado</i>			
03/05	População inocenta Jocelito de escândalo de fevereiro	Falsos eletricitas dão o golpe no São José	Dupla de eletricitas aplica golpe no São José	entre caminhão e Logus deixa motorista com traumatismo na PR-090
05/05	Autoridades tentam salvar Montesul	Rapaz que matou por causa de troco depõe	Moradores alertam para perigo na estrada de ferro	Homicida é interrogado por delegado de plantão

06/05	Contribuintes devem R\$ 12 milhões à Prefeitura	Muchinski assume caso de Sonia Rocha	Caso de assassinato tem novos fatos e novo delegado frente às investigações	Homem morre atropelado
07/05	Lerner entrega obras	Wzorek diz que falta pessoal na Polícia Civil	Investidores lesados pedem a prisão de Irajá Vargas	Polícia Civil reclama de falta de investimento para aliviar falta de pessoal e estrutura
09/05	Beaulieu inicia obras dentro de 3 semanas	Frentistas apagam fogo e evitam explosão	Frentistas apagam fogo em questão de segundos para salvar posto de gasolina	Golpistas tentam enganar golpistas e aposentados
10/05	Douglas assume Acipg	Baluta contesta prisão preventiva de Irajá	O escritório do advogado Jairo Baluta divulga nota sobre o caso “Irajá Vargas”	
12/05	Djalma confia na vitória da oposição	Dupla de assaltantes cai na rede da Polícia	<i>Obs: Página do arquivo está danificada, rasgada ao meio</i>	
13/05	Fiscais multam lojas que invadem passeio	Andarilho já atacou cinco donas de casa	Localizado andarilho que vem atacando donas de casa	
14/05	Mato Grosso convida Montesul	Irajá Vargas trata hipertensão em Curitiba	Motorista atropela pedestre e desaparece do local	Investigadores mostram que Sônia Rocha pode ter sido morta por questão passiona
15/05	Receita ameaça cortar anistia de inadimplentes	Polícia ronda bares que atendam menores	Polícia reinicia trabalho nas escolas da cidade	Andarilho que ataca mulheres na região é apresentado por PMs à 13 SDP
16/06	Pedágio em Curitiba custará R\$ 5,50	Banco denuncia derrame de notas falsas	Rapaz é preso com 40 gramas de maconha próximo ao Colégio da vila 31 de Março	Continua investigação sobre o caso da mulher que matou o amásio da sua filha
17/05	Copel projeta sete usinas no Rio Tigabi	Dona de casa dá voz de prisão a despuadorado	<i>Página da editoria Policial não está disponível nessa edição</i>	<i>Página da editoria Policial não está disponível nessa edição do DM disponível no acervo</i>
19/05	Proger já criou 72 empresas na cidade	Centro de desintoxicação abre em agosto	entre carro e trem interrompe o transito na Avenida Monteiro Lobato	Som alto irrita homem que tenta matar rapaz
20/05	Plauto defende coligação inteira	Ex-funcionário rouba três mil de mercado	Fiesta causa envolvendo outros veículos	1 BPM desencadeará operação rastro com blitzes diárias nos bairros da cidade
21/05	Cidade ganha 7 ambulâncias	Dono de boate é encontrado morto pela Polícia	Proprietário de casa noturna é encontrado morto	Testemunha é localizada
22/05	Lerner lança aqui o “Paraná 12 meses”	Taxista mata bandido	Assalto a taxista termina com morte de ladrão	Morador resiste a prisão e acaba sendo autuado em flagrante na Vila Hilgemberg
24/05	<i>A capa da edição não está</i>	<i>A capa da edição não está</i>		PM faz patrulhamento ostensivo-

	<i>disponível no acervo</i>	<i>disponível no acervo</i>		preventivo durante jogo entre Atlético e Irati, hoje
26/05	Conselho investiga como a cidade trata suas crianças	Homem mata amante de 19 anos no motel	Homem casado mata amante de 19 anos no motel e foge pulando o muro	Técnico agride árbitro e partida do JEM
27/05	Jocelito tem vaga no secretariado	Autor diz que crime do motel foi	Autor do crime no motel diz que tiro foi acidental	Motorista acusado de atropelamento com uma vítima fatal se apresenta ao delegado
28/05	Dalton agradece e Jocelito procura novo secretário	Sônia pode ter sido vítima de crime passionai	Operação Rastelo diminui a violência na cidade	Caso Sônia continua sendo investigado
29/05	Efapi tem início hoje	Segurança nos bancos será fiscalizada	Polícia investiga morte de jovem de 16 anos no viaduto	Policiais da Furtos e Roubos prendem arrombador durante Operação Bairros
30/05	Gasoduto chega em 99	Adolescente encontrada morta em piscina	Menina de 13 anos tem morte suspeita em piscina	Surge nova versão para morte no Motel

Caso Sônia Rocha

Jornal da Manhã – Abril de 1998

Edição	Manchete da edição	Chamada da editoria de Polícia na capa	2 chamada da editoria de Polícia na capa	Abre da editoria de Polícia (p. 1)
1/04	Professores inativos terão direito a voto na eleição da Reitoria	Garoto de 16 anos é morto a tiro por causa de troco	Polícia tenta conter ação de traficantes	Polícia vigia escolas para impedir ação de traficantes
2/04	Vereadores aprovam lei de doação de terreno para Beaulieu com 4 emendas	Traficante é preso após seis meses de perseguição		Em 10 dias, Polícia apreende 500 gramas de cocaína
3/04	Deputado propõe regionalização do Orçamento Estadual	Polícia tira de circulação outro ladrão de carro	Escola pede apuração de casos envolvendo tráfico	Polícia retira de circulação mais um ladrão de automóveis
4/04	BB quer negociar R\$ 60 mi em dívidas rurais	Cai número de mortos em acidentes	Nova carteira impede fraude e adulteração	Número de vítimas fatais em acidentes cai 65%
5/04	Pavimentação de ruas terá pouca influência no preço de lotes	Identificados dois ladrões de veículos	Garota morre ao tentar entrar por basculante	Polícia identifica dupla que roubava automóveis
7/04	Começa primeira terraplanagem na nova fase industrial da cidade	Choque mata dois e fere três gravemente	Ladrão é morto na troca de tiro com policiais	Assaltante é morto em troca de tiros com policiais
8/04	Prefeitura vai construir nova rodoviária	Ladrões furtam em PG mais uma pick up F-1000	Presa mulher acusada de maltratar filho adotivo	Presa mulher acusada de maltratar filho adotivo
9/04	Banestado da UEPG é assaltado de novo			Posto do Banestado da UEPG é novamente assaltado

10/04	Mercado Municipal continua abandonado	Identificadas quadrilhas especializadas em F-1000		Identificadas duas quadrilhas especializadas em F-1000
12/04	Prefeitura vai controlar imigração de baixa renda	Embriaguez ao volante causa novos acidentes		Mostra de material bélico marca Semana do Exército
14/04	Prefeito sofre de apendicite aguda e é operado às pressas	Mulher leva tiro na garganta em rua central		Congestionamento faz viagem PG – Curitiba demorar
15/04	<i>Capa da edição não está disponível no arquivo</i>	<i>Capa da edição não está disponível no arquivo</i>	<i>Capa da edição não está disponível no arquivo</i>	Polícia faz arrastão para afastar ladrões de colégios
16/04	Governo decide multar RodoNorte pelos engarrafamentos da páscoa	PG tem 4 veículos furtados e 2 tentativas em 48 horas		Ponta Grossa sofre nova onda de furto de veículos
17/04	Obras do esgoto de Olarias começam em maio	Polícia fecha saídas da cidade para conter furtos		Polícia fecha saídas da cidade para conter furtos
18/04	Projeto de Curitiba vence concurso de revitalização da Vicente Machado	Polícia mantém fechadas as saídas de Ponta Grossa		Polícia mantém fechadas as saídas de Ponta Grossa
19/04	Microempresas terão que recolher ISS	Civil quer retrato do suspeito		Retrato falado mostrará principal suspeito de atentado
21/04	Patrimônio de Irajá só paga 50% das dívidas com credores	Operação da Polícia reduz furto de veículos a zero		Furto de veículos cai a zero, mas arrombamentos voltam
23/04	Reitoria já tem dois candidatos e hoje sai o terceiro concorrente	Exército explode granada encontrada no Rio Verde	PM desloca efetivo para coibir crimes	PM coloca todo efetivo para coibir crimes no centro
24/04	Adolescente morre em tiroteio na favela	Mais uma F-1000 é furtada		Ladrões suspendem trégua e mais uma F-1000 é furtada
25/04	Loteamento San Martin continua sem estrutura	Liberação de meia pista atrasa viagem na PR-151	Ladrões furtam dois tratores de fazenda	Só o policial na rua não evita crimes, diz comandante
26/04	Funcionário de carreira vai fazer o controle de gastos da Prefeitura	Nova operação bairros retira marginais das ruas	Patrulha Rodoviária terá sistema de socorro urgente	Volta da operação bairros retira marginais das ruas
28/04	Bando com metralhadora leva R\$ 30.000 do HSBC em Arapoti	Poste cai e interdita meia pista	Cinco pessoas fogem da cadeia em Ortigueira	Presos espancam vigias e fogem da cadeia de Ortigueira
29/04	Moradores da Vila Real pedem solução para os alagamentos	Frustrada tentativa de furto de outra F-1000	Polícia prende perigosos fugitivos do Educandário	Ação policial frustra tentativa de furto de outra F-1000
30/04	Fábrica de massas da Sadia começa a produzir em agosto	Operação centopeia combate o crime organizado na região		Operação especial combate crime na região

Jornal da Manhã – Maio de 1998

Edição	Manchete da edição	Chamada da editoria de Polícia na capa	2 chamada da editoria de Polícia na capa	Abre da editoria de Polícia (p. 1)
3/05	Banestado começa a vender a Impar	Assaltante de taxista é preso na Vila Cipa	Obs: Existe um anuncio de meia página do Governo Municipal e Estadual sobre o dia do trabalhador	Assalto contra pizzeria termina em tiroteio e prisão
5/05	Tarifa de ônibus deve ficar em R\$ 0,75	Civil faz barreira e prende homem com coca	Dupla é presa após fugir da vítima	Civil faz barreira na 151 e prende homem com maconha e coca
6/05	Passagem de ônibus sobe 15% amanhã	“Crime da Collares” completa hoje um mês sem solução	Índio é morto a pauladas em bar	Depois de um mês, crime da Collares continua sem solução
7/05	Município abandona Estação Saudade	Dois postos são assaltados na região central de PG	Testemunhas do crime da Collares não comparecem	Testemunhas do crime da Collares não aparecem para depor
8/05	Lerner diz que PG já recebeu R\$ 127 milhões	Ladrões ocupam casa e espancam moradora	Juiz decreta prisão preventiva de Irajá	Setembrino decreta prisão preventiva de Irajá Vargas
9/05	Ponta Grossa pede na Justiça barracões da Conab	PM aponta principal suspeito de assalto ao Banco Banestado		PM aponta principal suspeito de assalto ao Banestado
10/05	Município renegocia dívida de R\$ 12 milhões com o INSS	Irajá Vargas não está foragido, diz advogado	Em “arrastão”, oito suspeitos são presos	Irajá Vargas não está foragido, garante advogado
12/05	Mutuários entram na Justiça contra cobrança do IPTU	Posto e taxistas são assaltados por dupla		Civil apresenta responsáveis por assaltos a Farmácia
13/05	Representantes do povo são obrigados a pagar INSS	Civil volta com operações nas rodovias e nos bairros	Governo reforça segurança para reduzir criminalidade	Polícia volta a fazer barreiras e Operação Bairros
14/05	Jocelito quer acabar com impasse	Polícia “monitora” carros preferidos pelos ladrões		Polícia “monitora” carros preferidos pelos ladrões
15/05	Lerner demite legista do IML de Ponta Grossa	Combate ao tráfico e ação nos bairros voltam nessa sexta	Ladrões preferem roubar F 1000 no meio da semana	Combate ao tráfico e operação nos bairros voltam hoje
16/05	Lauro afirma que está sendo vítima de armação política	Rapaz é flagrado vendendo maconha perto de colégio	Número de criminalidade reduz pela metade esse ano	Criminalidade cai a menos da metade de 97 para 98 Obs: Existe uma matéria secundária, na página, sem destaque na capa, com o título: “Delegado ouve novamente testemunhas”
17/05	Investimento da índia pode	Polícia quer ajuda para		Polícia quer ajuda da comunidade

	salvar mil empregos da Montesul	conter furtos		para conter furtos
19/05	Prefeitura vai devolver dinheiro do IPTU	Polícia volta aos bairros para conter arrombamentos	Acidentes deixam um morto e quatro feridos	Polícia volta aos bairros para conter arrombamentos
20/05	Pais mantinham filha em cárcere privado	Tribunal rejeita liminar e não relaxa prisão de Irajá	Grupo especial da PM mostra novas armas	Família mantinha menina de cinco anos em cárcere privado
21/05	Polícia prende irmã de Silvana Felipe	Vendedor de carros foge e provoca tumulto em feirão		Irmã de Silvana Felipe é presa por apropriação indébita
22/05	Confusão marca visita de Lerner a PG	Taxista reage e mata assaltante a tiro	Baluta pode deixar caso Irajá	Taxista reage e mata assaltante a tiro na Zona Norte
23/05	Começa hoje a maior competição estudantil de PG	Assaltante morto tinha ficha limpa na Polícia		Polícia faz operação conjunta para combater criminalidade
24/05	Reformas estimulam pedidos para aposentadoria em Ponta Grossa	<i>Não há editoria de Polícia nessa edição</i>	<i>Não há editoria de Polícia nessa edição</i>	<i>Não há editoria de Polícia nessa edição</i>
26/05	Onde estão os médicos do Hospital da Criança?	Garota de 19 anos é morta a tiro em quarto de motel		Garota de 19 anos é morta a tiro em quarto de motel
27/05	Prefeito muda secretariado e demite diretora de hospital	Favelado rouba farelo de trem na Zona Norte	Autor confirma versão de acidente à Polícia	Favelados roubam farelo de trem na Zona Norte
28/05	Vereadores aprovam R\$ 200 mil para a Efapi	Ladrões e arrombadores são presos na operação Bairros	Em menos de um mês Polícia apreende 26 armas ilegais	A edição do arquivo não traz a página da editoria de Polícia
30/05	Secretaria de Saúde é recusada pela segunda vez	Crime do motel não foi acidente, diz advogado	“Festinha” termina com moça afogada em piscina	Operações combinadas garantem queda na criminalidade
31/05	Efapi começa hoje com mais de 200 expositores	Desconhecido joga garota de viaduto	Porteiro diz que Irajá está em Curitiba	Finais de semana concentram acidentes e agressões

Jornal da Manhã – Junho de 1998

Edição	Manchete da edição	Chamada da editoria de Polícia na capa	2 chamada da editoria de Polícia na capa	Abre da editoria de Polícia (p. 1)
02/06	Gubert aceita pedido de Canto e assume secretaria de Saúde	Grupo espanca PM e gestante em Carambeí		Policial Militar e gestante são espancados por grupo em Carambeí
03/06	Juiz mantém ordem de prisão contra Irajá	Trio é detido após arrombar loja em Avenida	Furto de Pick-ups cai 60% com monitoramento da PM	Furto de Pick-ups cai 60% com monitoramento
04/06	Jocelito decide se filiar ao PRN	Defesa fiscaliza transporte de cargas perigosas em PG	Falso médico vende 4 litros de água por R\$ 450	Transporte de cargas perigosas tem fiscalização em PG
05/06	Merhy continua na Reitoria	Feira tem índice zero de		

		crimes até agora		
06/06	PS atendeu 43 mil pessoas em 98	Trio assalta banco na Nova Rússia	Falsos policiais presos em Irati	Assaltantes levam R\$ 6 400 de Itaú da Nova Rússia
07/06	Periferia sofre com falta de pontes, passarelas e viadutos	Polícia encontra chassis de fuscas roubados	Assaltantes levam até sistema de segurança	Rio servia para desova de chassis de fuscas roubados
09/06	Atendimento no PS e no Hospital da Criança continuam precários	Segurança de pedágios começa hoje na região	Mais um posto é assaltado em PG	Nova operação Bairros consegue ampliar raio de operação
10/06	Restituição do Imposto de Renda começa a ser feita na segunda-feira			Preso suspeito de diversos arrombamentos em PG
11/06	München/98 começa a ser organizada	Trecho urbano da BR-376 coordena acidentes		Trecho urbano da BR-376 coordena acidentes
13/06	HC deixa de fazer consultas	Caminhão atropela funcionários que pintavam ponte na BR-376	Maconha é entregue “via aérea” na região	Caminhão desgovernado atropela funcionários na BR-376
14/06	Nova lei reduz obrigatoriedade de licitações nos órgãos públicos	Região volta a registrar assalto contra caminhões		Combate contra arrombadores deve aumentar para as férias
15/06	BNDS financiará nova rodoviária			Avião que despejou maconha em Palmeira é do Paraguai
17/06	A partir de hoje somente médicos do Estado atendem no Hospital da Criança	Garotos arrombam casa do vizinho que os alimentava	PM recupera Fiat e captura assaltantes	Adolescentes arrombam casa de vizinho que os alimentava
18/06	Mau cheiro incomoda moradores da região do arroio da Madureira	PF investiga conexões regionais do tráfico	Exumação pode responder dúvidas do Caso Collares	PF investiga conexão regional do “voo da maconha” Obs: Logo abaixo o JM publica: “Polícia pode pedir exumação do corpo”
19/06	Independente do traçado Ponta Grossa garante ramal do gasoduto Brasil-Bolívia	Água na pista provoca grave acidente na Monteiro Lobato	Dupla é flagrada com Golf roubado	Suspeitos são flagrados com Golf roubado na Zona Norte
20/06	Santa Bárbara ganha escola da campanha de Amor a Ponta Grossa	Ladrões levam R\$ 7 000 do Bradesco em Castro	Polícia já tem dois suspeitos	Dupla armada rouba R\$ 7 mil do Bradesco em Castro

21/06	Ex-viciada quer alertas jovens sobre o perigo das drogas e AIDS	Polícia intercepta ladroes em fuga e recupera carros	Ponta Grossa registra 53 furtos de veículo esse ano	Polícia intercepta ladroes em fuga e recupera carros
23/06	Pedágios da RodoNorte devem arrecadar R\$ 8 milhões ao mês	Escola volta a ser arrombada	Bando ataca e espanca homem	Em arrastão grupo de operações especiais encontra crack
24/06	Lauro deixa o Governo e Simone Canto assume o turismo	Marginal pede água antes de arrombar	Arrombadores são reconhecidos	Adolescentes arrombadores são reconhecidos e presos
25/06	Empresários debatem cobrança de pedágio com assessor da RodoNorte	Motorista que atropelou professora vai à Polícia	Choque entre caminhão e ônibus mata dois e fere 31	Motorista atropela, mata professora e depois foge
26/06	Cidade terá presídio federal	Mais duas pick-ups são furtadas em PG	Rapaz é flagrado vendendo maconha para adolescente	Ladrões de pick-up voltam a agir na cidade
27/06	<i>Capa da edição não está disponível no acervo</i>			Pick-ups de PG não estavam no desmanche em Cascavel
28/06	<i>Capa da edição não está disponível no acervo</i>			Assaltantes voltam a agir contra farmácias em PG
30/06	Irajá Vargas espera habeas-corpus para voltar a Ponta Grossa	Polícia prende arrombador e desvenda série de crimes	Assaltantes fazem reféns e trocam tiros com a Polícia	Assaltantes mantêm casal como refém em Telêmaco

Caso Bruxo do Guaragi

Diário da Manhã – Outubro de 1999

Edição	Manchete da edição	Chamada da editoria na capa	Abre da página de Polícia	Matéria secundária da página de Polícia
1/10	Fim do prazo de filiação deixa uma briga pelo PRN	Ladrões roubam R\$ 20 mil de agência bancária	Ladrões roubam R\$ 200 mil do BB	Prefeito de Reserva acusa Hornung
2/10	Cidade ganha nova faculdade de Direito	Polícia Civil prende assaltantes	Polícias suspendem as operações	Furtos e Roubos detém arrombadores
3/10	Passeata ecológica faz defesa do Alagados		SESP realiza planejamento final	Acidentes provocaram oito mortes
5/10	Cesta básica apresenta queda de mais de 3%		Ladrões levam cofre de 500 KG	Quatro presos por porte de arma
6/10	Empresa refaz linhas férreas dos Alagados		Civil deve receber novos policiais	PM pode apoiar distritos
7/10	UTI do Pronto Socorro começa a funcionar		Civil abre inquérito policial	Cinco que furtaram cofre ainda continuam foragidos

8/10	Parceria dá emprego a ex-catadores de lixo	Marcão dribla a polícia e aterroriza bairro	Marcão foge de cerco policial	Alarme permite prisão de ladrão
9/10	Criança pode ter sido sacrificada em ritual		Polícia desenterra corpo no Guaragi	Tia de Marcão diz que ele é inocente
10/10	Polícia encontra corpos enterrados em chácara		Polícia encontra casal desaparecido	1º Batalhão registra menor índice de crimes desde dezembro de 1997
12/10	Matador em série faz sua quarta vítima		Assassino faz mais uma vítima	Criança tem morte suspeita
14/10	Polícia Militar prende assassino do Guaragi	Clube ignora lei na noite em Ponta Grossa	Clubes ignoram estatuto da CA	Laudos do Guaragi saem amanhã
15/10	Monstro do Guaragi confessa mais mortes		“Monstro” matou mais cinco	SIC de Sorocaba vem a PG
16/10	Meta é imunizar mais de 27 mil crianças no município	Polícia vai fiscalizar comércio	Agentes de Sorocaba vem a PG	DEAM vai fiscalizar o comércio e a estocagem de fogos de artifício
17/10	Veraneio “voa” na Kaiser e motorista morre na hora	Os grandes aliados da Justiça *Abre de uma página especial e fala sobre o uso da tecnologia do DNA na solução do crime	Grave acidente deixa um morto	Penitenciária de Guarapuava começa a receber detentos
19/10	Continental inaugura seu parque industrial	Crimes	Há suspeita de uma 11ª vítima	Primeiros presos chegam ao presídio de Guarapuava
20/10	Lerner vem a cidade inaugurar Continental	Denúncia	Osmir fez 11 vítimas em Sorocaba	Delegado e juiz da cidade de Tibagi desentendesse devido à cadeia
21/10	Lerner diz que Estado cuidará da Vila Velha	Grupo da PM faz exhibições	Polícia quer lista de telefones	Assassino de Guaragi nega ter cometido outras mortes * Essa nota está no pé da página
22/10	Zuk critica Lerner e pede que honre a palavra	Lobo é capturado na Vila Ana Rita	PM surpreende trio na madrugada	
23/10	Delmar se preocupa com prejuízos à cidade	Scania tomba na BR-376	Polícia vai fiscalizar estabelecimentos	Civil prende estelionatários
24/10	Jocelito diz que Lerner já chegou “atirando”		Familiares realizam passeata	Comércio de pássaro em PG é um dos maiores do Brasil
26/10	Vega aceita proposta e não paralisa coleta	Aniversário	Rodoviária realiza operações	Polícia investiga a morte de dois homens em sítio na cidade de Tibagi

27/10	Faculdade divulga seu primeiro vestibular	Marcão escapa de cerco mais uma vez	PMs são presos com carro furtado	Preso acusado de homicídio
28/10	Jocelito entrega Parque “Marguerita Masini”	Comerciantes são reféns de ladrões	Polícia ouve amásia de Marcão	Comerciantes sofrem com onda de assaltos
29/10	Jocelito diz que seu governo é para todos	Incêndio destrói fábrica de colchões * O fato aconteceu perto das 19h e foi registrado apenas na capa	Coronel Guaraci assume comando	Prefeito de Reserva diz que blitz atrapalha o comércio
30/10	Josué se diz arrependido do apoio dado a Lerner		Pode sair preventiva do marido	Noronha anuncia estratégia
31/10	Povo fica do lado de Jocelito na briga com Jaime Lerner	* Não há página da editoria policial nessa edição		

Diário da Manhã – Novembro de 1998

Edição	Manchete da edição	Chamada da editoria na capa	Abre da página de Polícia	Matéria secundária da página de Polícia
2/11	Perfil mostra números de eventuais candidatos		Polícia registra vários roubos	Sem-terra morre ao cair de ponte sobre o rio Tibagi
4/11	Passarela da Souza Naves será iniciada em 15 dias	Violência	Marido ciumento se apresenta	Polícia prende acusados de morte
5/11	Zuk diz que não haverá alinhamento automático	Apoio	* Não há página da editoria policial nessa data	
6/11	Cidade ganha plano de desenvolvimento		SAS pesquisa efetivo do 1º BPM	PM captura companheiro de Marcão
7/11	Menor que trabalhava no lixo está devolta à escola		“Chandeli” esclarece esquemas	Polícia vai pedir temporária de autor de morte de menina
9/11	Comitiva vai a Lerner; Jocelito prefere não falar		Homem mata “amigo” com golpes de machado	Polícia de Castro já sabe quem assassinou menina
10/11	Jocelito cria escola no Centro de Eventos		Divulgada identidade do autor	Rapaz é morto por trem
11/11	Seminário aborda hoje problema do alcoolismo	Mortes nos trilhos somam 6 vítimas	Grupo já socorreu mais de 5 mil	Três atropelam seis pessoas no ano
12/11	Homero pede e Jocelito permanece na AMCG	Presídio	Polícia investiga morte de garoto	Homicida responde também a vários outros processos
13/11	Juiz manda prender motorista		Juiz manda prender Claudinei	Crimes de roubo crescem 6,5%

	atropelador			
14/11	Unimed entrega à cidade novo e moderno hospital		Homem fere jovens com tiros	Rodoviária recebe nova sede
17/11	Liminar dá mais um ano de mandato a Delmar	Violência	Marcão reage e acaba morto	Policial agiu no direito, diz boletim * Nessa edição existem duas páginas de Policial, boa parte da cobertura é dedicada a morte de Marcão
18/11	Ministério da Cultura libera verba para a Estação		Ladrões de carro acabam presos	Falta de placas provoca acidentes
19/11	Programa vai privatizar serviços na Vila Velha		Criminalística entrega laudos	Polícia Civil prende receptador
20/11	Prolar faz entrega hoje de condomínio rural	Justiça volta a libertar Claudinei	Motorista obtém habeas corpus	Autor de tentativa de morte vai a julgamento na sexta
21/11	Famílias desafiam perigo morando no precipício	* Não há página para editoria policial nessa edição		
23/11	Dupla rouba R\$ 4,7 mil de banco de Teixeira Soares	Fim de semana deixa vítimas na estrada	Rapaz morre com tiros de pistola	Agressor se entrega à polícia
24/11	Jocelito culpa Lerner pelo fogo em Vila Velha	Ruralistas se dispõem a “bancar” a Patrulha Rural	Sociedade vai bancar patrulha	1º Batalhão prepara operação Munchen
25/11	Falta de combustível prejudica ação do DER		Homicida se apresenta à polícia	Quase morre por 30 centavos
26/11	Cygnus espera 100 mil pessoas na Munchenfest	F-1000 capota na BR-376	Osmir tem crimes em Araçatuba	Civil prende mais integrantes do grupo que furtava fuscas
27/11	Aberta, Munchenfest traz hoje, “Terra Samba”	Caminhão tomba e impede o trânsito	Caminhão tomba na BR-376	2º GB perde 63 homens para a Operação Verão no Litoral
28/11	Primeiro dia da Munchen reúne público de 21 mil		Júri condena autores de atentado	Penitenciária ganha fábrica
30/11	Radares eletrônicos vão multar a partir de amanhã	Acidente envolve 6 veículos no centro	Civil intensifica policiamento	Justiça registra embriaguez de menores

Diário da Manhã - Dezembro de 1999

Edição	Manchete da edição	Chamada da editoria na capa	Abre da página de Polícia	Matéria secundária da página de Polícia
1/12	Atrasos nas obras do Regente vai gerar multa	Novo incêndio destrói mais de 25 hectares na Vila Velha	Novo incêndio destrói 25 hectares	Sávio Costa quer maior união

2/12	Juros e multas do IPTU terão desconto de 100%	Vila Velha conta apenas com um policial	Um policial atende 3.122 hectares	Furtos e roubos prende arrombador
3/12	Fazendeiro oferece ajuda para cuidar de Vila Velha		Área poderá ter polícia montada	Menor terá pena de seis anos
4/12	Traficantes serão caçados por deputados no Paraná		Polícia abre inquérito para averiguar aborto	Faltam pistas para descobrir culpados por morte de militar
5/12	Policiais pedem estrutura para combater o tráfico	Infratores	Agentes reclamam da estrutura	Polícia registra vítimas de golpe no feirão de carros
7/12	Vigilantes acusam PMs de trabalho clandestino		Vigilantes denunciam “bico”	Caminhoneiro embriagado causa vários acidentes com vítimas e acaba autuado
8/12	Polícia queima 200 quilos de maconha	Queixa	BPM incinera 221 KG de maconha	PM avalia 10ª Munchenfest
9/12	Deputado acusa golpe no seguro obrigatório	Família ocupa Módulo Policial	PM realiza operação especial	Família ocupa módulo policial
10/12	Cooperativa vai beneficiar mulheres de Ponta Grossa	IML	IML conta história em exposição	Caminhoneiro sofre ferimento no centro
11/12	Criminalidade é a menor dos últimos dois anos		Índice apresenta queda de 20%	Detran leiloa, dia 15, automóveis apreendidos do pátio do 1º BPM
12/12	Luzes fazem espetáculo na Barão do Rio Branco		Família é sequestrada em Arapoti	Período sem acidentes em Ponta Grossa, com chuva
14/12	Deputados aprovam antecipação do IPVA	Caminhão tomba no Jardim Carvalho	Polícia Civil reforça operação no Centro	Polícia militar prende “Nego do Pinheiro”, em Uvaranas
15/12	Jocelito conquista 75% de aprovação popular	Violência	Estatística mostra redução de casos	Redução penal divide opiniões * Logo abaixo há uma nota: “Justiça ouve hoje o “Monstro””
16/12	Para Jocelito, pesquisa revela boa fase da cidade	Osmir nega maioria dos crimes de Guaragi	Osmir assume apenas uma morte	Polícia Militar prende quadrilha
17/12	Jocelito diz que nunca foi injusto com o governo	Capotamento deixa três pessoas feridas	Polícia procura pistas de Jamile	Batalhão da Polícia Militar realiza operação Vestibular
18/12	Roque sugere criação de disque-denúncia para CPI	Segurança	Campanha inicia hoje em Matinhos	Operação Ecoverão 200 mobiliza Polícia Militar
19/12	Mais de 8 mil candidatos iniciam vestibular hoje		Polícia vai apreender material	Juíza contesta redução de idade penal para infratores
21/12	Polícia de Irati apreende 122 quilos de maconha		PR apreende 122 Kg de maconha	Bombeiros resgatam corpo de criança no Rio Pitangui

22/12	Famílias acusam taxistas de linchamentos na Vilela	Fogo	Moradores acusam taxistas	Fogo destrói 4 hectares de mata nativa de propriedade
23/12	Jocelito vira Papai Noel e faz a alegria das crianças		Centro tem menos ocorrências	Delegado vai ouvir de novo envolvidos no caso Sônia
24/12	Jocelito elogia Pe. Roque por beneficiar a cidade		Ex-militar morre com estocada na Vila Cristina	Civil indiciu rapaz acusado de dar golpe em empresário
26 e 26/12	Jocelito faz homenagem a servidores municipais		Drogas têm números preocupantes	Prevenção junto aos filhos
28/12	STD unifica datas para regularização de títulos	Marginais cobram pedágios de moradores	Marginais cobram “pedágio” em rua da Vila Cel, Claudio	Capotamento fez seis vítimas
29/12	Contribuintes fazem fila para pagar IPTU	Suspeito	Delegado pede preventiva de marginal da Cel. Claudio	“Papai Noel” reduz crimes
30/12	Jocelito convida ministros para visitar Ponta Grossa	Radar flagra mais de mil motoristas	“Índice de criminalidade é tolerável”	PM intensifica policiamento
31/12	Jocelito quer reunir 50 mil pessoas no parque	Comerciante morre a facadas no J. Carvalho	Comerciante morre a facadas	COPE da Polícia Civil intensifica policiamento durante a temporada

Caso Bruxo do Guaragi
Jornal da Manhã – Outubro de 1999

Edição	Manchete	Chamada da página de Cotidiano na capa	Abre da 1ª página de Cotidiano	Matéria secundária da página de Cotidiano
1/10	PG busca mais de 23 000 eleitores	Ladrões roubam 200 mil do BB	Assaltantes roubam R\$ 200 mil do BB	Bombeiros localizam corpo de suicida
2/10	München é vendida por R\$ 70 000	Assaltantes do BB abandonam carro em supermercado	Polícia suspende fiscalização do tacógrafo	Localizado carro usado no assalto ao Banco do Brasil
3/10	Violência impera na Coronel Cláudio		Horror impera na Coronel Cláudio	Casa é destruída por fogo
5/10	Cidade fica aterro até 2001	Cofre de R\$ 15 mil é furtado e jogado dentro de esgoto	Preso envolvido em furto de cofre	Florestal prende caçadores de pássaros
6/10	Presos brigam e detonam crise no Cadeião		Presos brigam; clima é tenso no Cadeião	Morre vítima de espancamento
7/10	Governo renegocia dívida com o INSS		Por ciúmes, homem dá tiro na cabeça de rival	Polícia procura ladrão de computadores
8/10	Delmar acusa entidade de “extorsão”	Crianças sofrem assalto na favela da Coronel Claudio	Bandido promete matar policiais	PM e Exército realizam instruções
9/10	Criança é sacrificada em feitiçaria	Venda ilegal de fotos dificulta	Menor morto em ritual de	Ladrões e PMs trocam tiros na

		fiscalização	magia	vila Cipa
10/10	Festival macabro deixa três mortos		Encontrados outros dois corpos em Guaragi	Número de ocorrências diminuiu 13,62%
12/10	“Bruxo” pode ter matado outra criança	Civil prende pistolas no camelódromo	Sobrinho de feitiçeiro é assassinado	Encontrado corpo de garoto desaparecido
14/10	Paraná lidera ranking de invasões	“Bruxo” matou cinco pessoas em Guaragi	Sumiço de criança preocupa família	Justiça decreta prisão de “bruxo” Obs: Nessa edição há uma segunda página de cotidiano que traz o abre: PM prende o “bruxo” de Guaragi
15/10	“Bruxo” confessa 10 assassinatos		“Bruxo” confessa outras cinco mortes	Condenação mínima do “bruxo” seria de 51 anos
16/10	Mutirão reduz despesa em até 50%	“Bruxo” é suspeito de outros crimes	“Bruxo” é suspeito de outros crimes	Lavrador morre atropelado
17/10	Acidente mata um e deixa quatro feridos		Desastre mata um e deixa quatro feridos	Acusados de chacina são presos
19/10	Lerner e Jocelito inauguram Continental	Primo de “bruxo” ajudou a matar menino Daniel	Primo de “bruxo” ajudou a matar criança	
20/10	Solenidade acaba em briga política		Sobe o número de mortos em desastre da BR-376	SFR prende envolvidos em roubo de caminhões e defensivos agrícolas Obs: No pé da página há uma matéria: Primo do “bruxo” é enterrado no Vicentino
21/10	Obras sociais sofrem corte de 30%	Corpo de bombeiros recebe novas viaturas	Corpo de Bombeiros ganha novas viaturas	Furtos de carros mobilizam a Polícia
22/10	PM desbarata quadrilha de ladrões	PM prende pescadores por engano	PM desmantela quadrilha de ladrões de carro	Fleckhaus inocenta rapazes
23/10	Juiz propõe interdição do presídio	Polícia prende seis na operação Papai Noel	Polícia prende seis na “Operação Papai Noel”	PM faz arrastão na cidade
24/10	Violência atinge duas crianças	Polícia realiza campanhas educativas	Parentes e amigos de vítima fazem protesto	BPRV realiza ações educativas
26/10	Vega não suspende coleta de lixo	Desastre na PR-092 mata três	Desastre na PR-092 deixa três	Homens são mortos a tiro em

			mortos	Alto do Amparo
27/10	Polícia combate o crime organizado		Polícia caça líder de grupo criminoso	Padre capota carro na PR-151
28/10	Estado remove presidiários de PG	Souza Naves tem novos limites de velocidade	Definido limites de velocidade na Souza Naves	Prisões enfraquecem grupo criminoso
29/10	Fiscal combate produção clandestina	Colchoaria é destruída por incêndio	PM colocará mais de 2.500 soldados nas ruas	Colchoaria Nevada é destruída por incêndio
30/10	Município paga dívida em 20 anos	Polícia terá nova estratégia operacional	Polícia Civil terá nova estratégia operacional	PM aprende armas e “maricas” em escola
31/10	Pesquisa aponta tendência para 2000		Dinheiro da Polícia Civil fica parado	Ladrões roubam mais de R\$ 21 mil de tenentes do GB

Jornal da Manhã - Novembro de 1998

Edição	Manchete da edição	Chamada da editoria na capa	Abre da página de Polícia	Matéria secundária da página de Polícia
2/11	Ponta Grossa recebe menos recursos	Carro despenca do Rio Tibagi e mata ocupante	Carro cai em rio e mata sem-terra	Rapaz morre com sete tiros
3/11	<i>Não há edição por conta do feriado de Finados</i>			
4/11	Matança na Coronel Cláudio continua		Rapaz é assassinado na Coronel Cláudio	Menor morre com tiro na cabeça
5/11	Receita com taxas cai 28% em 1999	Menina é estuprada e morta	Delegados reúnem-se em Ponta Grossa	Criança é estuprada e morta
7/11	Grupo quer reatar diálogo com Lerner	PM e Civil vão agir em conjunto, afirma coronel	Polícia localiza outros refúgios de Marcão	Alterações na PM favorecem trabalho integrado com a Civil
9/11	Fim de semana violento deixa 6 mortos		Homem morre com três machadas	Colisão entre Fusca e Golf mata um e deixa dois feridos
10/11	Município dá férias a 3 300 servidores	Tiro que matou Sônia Rocha teria sido acidental	Tiro acidental teria matado Sônia Rocha	Preso assassino do tipógrafo
11/11	Overdose mata suspeito de atentado	Siate completa 2 anos com mais de 5 mil atendimentos	Encontrado morto rapaz que espancou advogada	Homem que dirigia sem CNH vai para a cadeia
12/11	Sanepar ameaça aumentar tarifa	Polícia prende 4 suspeitos pela morte de criança	Suspeitos da morte de criança são presos	Sugerido estudos para mudanças dos módulos da PM
13/11	Acordo garante 13º ao servidor	Juiz manda prender motorista que matou dois adolescentes	Juiz manda prender o motorista do Omega	Polícia abre hoje a “Operação Finados”
14/11	“Desaparece” verba prometida para PG	Justiça determina recolhimento dos caça-níqueis	Empossados novos comandantes da CPC e da	

			Academia do Guatupê	
16/11	Não há edição diante do feriado do dia 15			
17/11	Protesto por ônibus bloqueia rua	70% das vítimas atendidas pelo Siate são do sexo masculino * Há uma segunda chamada na capa: “PM mata Marcão”	Marcão morre em confronto com a PM	Marcão usaria a imprensa para defender-se
18/11	Civil desmonta quadrilha “estadual”	Pais de Kovalkievics foram assassinados pelo “bruxo” Osmir	“Puxador” de carro é preso pela 13ª SDP	Rapaz é filho do casal assassinado pelo Bruxo
19/11	Lerner herdou 75% da dívida, diz Gionédis	Dona de casa violentada na frente do filho	Sistema eletrônico de segurança é falho	Preso receptor de carros furtados
20/11	Terrorista provoca pânico em escola		Terrorista deixa escola em pânico	Polícia investiga ameaça e os atentados
21/11	“Pecinhas” afastam Lerner e Jocelito	Incêndio destrói casa na Vila Rio Branco	Polícia “caça” autor de terrorismo	Casa é destruída por incêndio
23/11	Pedágio sofre 2 assaltos em 6 dias	Novo incêndio atinge o Parque de Vila Velha	Grupo armado rouba praça de pedágio	Capotamento de gol mata duas pessoas
24/11	Força paramilitar combaterá invasões	Quadrilheiro coloca fogo em cadeia pública	Rebelião e incêndio na cadeia de Irati	Escort capota e deixa cinco feridos
25/11	Plantio direto pode salvar safra	Denunciados por atentados vão a julgamento	Denunciados por atentado vão a júri	Desastre em Imbaú deixa três mortos
26/11	Munchen ‘privada’ começa hoje	Motorista sobrevive a capotamento de F-1000	Justiça vai fiscalizar venda de bebidas	Comissão de segurança investiga o IML
27/11	Lerner nomeia Carvalinho para a secretaria de emprego		Carreta tomba e interdita BR por 10 horas	Comandantes querem piso nacional para os soldados
28/11	PM acaba com “invasão” do Centro Cívico		Rapaz morre em briga com gangues	Polícia aprende medicamento que pode causar aborto
30/11	Inadimplente pode ter bônus de 70%	Acidente na Balduino envolveu seis veículos	* A edição disponível no acerto não traz a página da editoria de Polícia	

Jornal da Manhã – Dezembro de 1999

Edição	Manchete da edição	Chamada da editoria na capa	Abre da página de Polícia	Matéria secundária da página de Polícia
1/12	Fogo destrói 30 hectares em Vila Velha		Novo incêndio atinge Vila	Dois adolescentes morrem em

			Velha	brincadeiras com armas
2/12	Crédito supera dívida do município	Telefone da polícia é desligado por falta de pagamento	Telefone é desligado por falta de pagamento	Marcos Sebastião assume delegacia regional de Irati
3/12	CPI ainda não tem indícios de tráfico	Vendaval provoca estragos na periferia	Civil intensifica ações na periferia	Ladrões serram grades e janelas e invadem casas
4/12	Peixes sufocam e morrem no Tibagi	Criança de três anos era drogada pela própria mãe	Pedreiro pode ter cometido suicídio	Acidente em BR deixa um morto
5/12	CCS minimiza tráfico na cidade	Venda de carros roubados em feirões é investigada	Venda de carros roubados é investigada	Polícia desconhece grandes plantações de maconha
7/12	München reúne 120 000 em sete dias	Resgatado do Tibagi corpo de pedreiro suicida	Encontrado corpo de pedreiro suicida * Há uma segunda página de cotidiano, com o abre: “Acidente mata um e deixa quatro feridos”	Aveponta está interligada ao Detran
8/12	Bandidos metralham casa de piloto	PM incinera quase 122 KG de maconha	Narcotráfico será combatido com rigor Há uma segunda página de cotidiano, com o título: “Casa é atingida por rajada de metralhadora”	Polícia prende suspeita de narcotráfico no Paraná
9/12	PM vai às ruas para conter violência		PM desenvolve operação para conter violência	Polícia Rodoviária apreende dinheiro falso
10/12	Droga motivou assassinato na estação		Traficantes seriam mandantes de crime	Mulher é estuprada perto do Mercado
11/12	Bandido ameaça incendiar presídio		Assaltante ameaça pôr fogo no presídio	PM abre processos para exclusão de soldados
12/12	MP investiga propina no camelódromo	Acidentes na região já mataram 157 pessoas	Acidentes provocam a maioria das mortes	Pai estupra e engravida a filha
14/12	Gestante é esfaqueada e baleada	Seis morrem e 25 feridos em acidente na BR	Gestante é brutalizada no San Martin	Sete casas são arrombadas em PG no final de semana
15/12	PF investiga conexões do tráfico na cidade	Diminuem os índices de acidentes e incêndios	Bruzo do Guaragi depõe em juízo	Polícia interrompe velório de mulher que morreu intoxicada
16/12	Ponta Grossa recebe a gigante Masisa	Menor morre tragicamente em rio	Adolescente morre no Rio São	“Bruzo” é interrogado no

			Jorge	Fórum
17/12	Masisa investigará R\$ 800 milhões até 2005	Polícia prende quadrilha que agia no Sabará	Polícia prende quadrilha que agia no Sabará	Mulher presa com cocaína revela esquema de distribuição de drogas
18/12	Férias prejudicam investigação de cartel	Assaltantes roubam ótica e fogem de táxi	Dupla rouba ótica e provoca pânico	O Boticário também sofre assalto
19/12	PG tem mortalidade quase “nordestina”	Prostitutas aliciam idosas na praça	Polícia vai fiscalizar venda de fogos	Acidente deixa quatro feridos
21/12	Novo carregamento de droga é apreendido		Ônibus transportava 122 KG de maconha	Acidentes em rodovias deixam três mortos
22/12	Câmara rejeita ISS do pedágio	Bafômetros terão mais precisão	Dois homens são executados na região	Bafômetros terão mais eficiência no próximo ano
23/12	Polícia delimita “área do pó”	Corpos são enterrados sem identificação	DAT apreende cocaína em bar central	Corpos são enterrados sem identificação
24/12	IAP multa Kaiser em R\$ 300 000	PRF lança a Operação de Natal	Polícia lança a Operação de Natal	Estelionatário compra posto de gasolina com cheque furtado
26/12	Maternidade fica pronta em 60 dias		Cândido fala de novas estratégias de controle da criminalidade no Paraná * A entrevista ocupa toda a página	
28/12	Final de semana teve sete mortes		Dois jovens morrem em Guartelá	Jovem morre em queda de moto
29/12	Arrecadação “extra” atinge R\$ 1,4 mi	Dois morrem carbonizados no “corredor da morte”	Fim de ano com declínio da criminalidade * Há uma segunda página de Cotidiano com a seguinte reportagem: “Gol bate em caminhão e pega fogo”	Assassino tem prisão decretada
30/12	Grupo invade terrenos na Zona Norte	Arrombamentos já cresceram 31% esse ano	Lançada ontem operação Final de Ano	Menino sofre abuso sexual
31/12	Cidade receberá R\$ 4 milhões de IPVA	Homem é esfaqueado e morto	Virada do ano deixa a Polícia em alerta	Comerciante é morto a golpes de facão

Caso do Bruxo do Guaragi
Diário dos Campos – Outubro de 1999

Edição	Manchete da edição	Chamada da editoria na capa	Abre da página de Polícia	Matéria secundária da página de Polícia
2/10	PR economiza 6% com novo horário	Três ladrões são detidos em operação	Índice de morte cai 67% em rodovia	Operação prende três ladrões
3/10	PG propõe orçamento de R\$ 108 mi		Falta de funcionários preocupa o IML	IML de PG não opera com capacidade total
5/10	Câmara devolve orçamento ao Executivo	Assaltantes roubam cofre de mercearia	Civil tem pistas de ladrões de cofre	Repasses de recurso beneficia Pró-egresso
6/10	MP ouve moradores do Alagados		GOE intensifica ação contra gangue	Comando militar desmente extinção de serviço especial
7/10	Lei cria desconto de 35% para o IPTU		Caso Ômega entre em fase de decisão	Quedas lideram atendimento do Siate
8/10	Antártica volta a abastecer a München	PM treina para conter manifestos	Livre da cadeia suposto incendiário	Batalhão sedia treinamento contra manifestações e simulados de resgate
9/10	Criança é achada morta no Roxo-Roiz		Encontro de cadáver gera suspeitas	Trabalhador sofre queda em andaime
10/10	Novas mortes reforçam tese de ritual		Família encontra corpos no Guaragi	Caí índice de violência em setembro
12 e 13/10 * Data especial diante do feriado	Mortalidade infantil assusta na região	PM descobre quarto cadáver no Roxo Roiz	Mais uma morte levanta suspeitas	GOE intensifica ações na periferia
14/10	Vega Sovape dá ultimato à Prefeitura	Assaltos preocupam paróquias Logo abaixo há uma chamada-título: “Bruxo”pode estar na região	Foragido pode estar da subestação	Andarilhos praticam furtos na região
15/10	Prefeitura quer pagar 13º em novembro	“Bruxo” admite 10 homicídios	Andarilho confessa 10 homicídios	Trajetória do criminoso é averiguada
16/10	PG deve vacinar 30 mil crianças	Relatório vai mostrar falhas na segurança	Secretaria quer interditar bancos	Polícia apura passado de “Bruxo”
17 e 18/10	Mau tempo causa tragédia na BR-376		Carro cai sobre gol e provoca morte	Delegacia acumula desaparecimentos

19/10	Continental anuncia mais uma fábrica	Polícia ouve os familiares de homicida	Trânsito violento deixou 66 feridos	Família de Osmir detalha homicídios
20/10	Plauto despona na sucessão municipal	Homicida vai a júri popular em Castro	Homicida vai a júri popular amanhã	Aberto inquérito sobre acidente na BR-376 * A primeira nota da coluna “DC Plantão” é “ Bruxo do Guaragi presta depoimento ”
21/10	População é a favor do segundo turno	PM treina simulação de resgate	Osmir nega a autoria de quatro mortes	Simulação de resgate mobiliza PM
22/10	Corte de pinus gera 1,5 mil empregos		Pescadores são detidos com ladrões	Júri adiado por falta de quórum Logo abaixo há uma nota: “ MP libera menor do caso Roxo Roiz ”
23/10	Assalto na região termina em tiroteio		Quadrilha faz 20 reféns em assalto	Caminhoneiro é resgatado entre as ferragens
24 e 25/10	Saúde é prioridade de 53% da população	Protesto * Foto-legenda sobre a manifestação de parentes de dois adolescentes vítimas fatais de um acidente de trânsito	Família pede justiça no caso Ômega	Incêndio em barraco pode ter sido criminoso
26/10	MP insiste em passagem de R\$ 0,75	Templo ameaça segurança de fiéis	Defesa ameaça demolir templos	Família sobrevive com riscos no presídio
27/10	Pacote encarece taxas em até 15.600%		Arrastão da Civil detém 11 infratores	Marido atira em suposto rival
28/10	Câmara adia votação de pacote fiscal	Polícia fecha cerco contra quadrilheiro	Presos denunciam ação de gangue	Proposta de união é vista com cautela
29/10	Incêndio destrói fábrica de colchões		Colchoaria é consumida pelo fogo	Operação finados inicia hoje nas rodovias estaduais Obs: A coluna “DC Plantão” tem início com a nota: Prazo da prisão de Osmir acaba dia 13
30/10	Prefeitura quer empréstimo de R\$		Policiais detidos ganham a liberdade	Movimento deve crescer 40%

	20 mil			nas rodovias
31/10	Feira movimentada setor imobiliário	Drogas levam menores a criminalidade	Medidas amenizam criminalidade Obs: Na editoria de cidades, o DC publica: “Tragédia não altera cidades dos meninos”	Maioria dos menores infratores usa drogas

Diário dos Campos – Novembro de 1999

Edição	Manchete da edição	Chamada da editoria na capa	Abre da página de Polícia	Matéria secundária da página de Polícia
2 e 3/11	Região tem final de semana violento	Medo Obs: a nota na capa traz uma foto de uma estação abandonada e lembra que o “bruxo” morou em uma delas antes de cometer os crimes	Ex-presidiário é morto a facadas	Transito se intensifica no final da tarde de hoje
4/11	Projeto proíbe mercados aos domingos	Homicida é preso na Vila Pompeu	Preso homem que matou ex-detento	Campanha preventiva visa reduzir acidentes
5/11	Campos Gerais incentiva soja orgânica	Criança é assassinada em Castro	BPR tem investimento de R\$ 350 mil	Criança morre depois de estupro em Castro
6/11	Começa hoje campanha do 2º turno		Pesquisa inédita traça perfil da PM	Comparsa de Marcão é detido pela PM
7 e 8/11	Acipg tenta reaproximação com Lerner		Região central teme por segurança	SAS discute projetos para transferência de presos
9/11	Lerner reafirma apoio a Ponta Grossa	Três jovens morrem em rios da região	Jovens são vítimas de afogamento	Homem é morto a golpes de machado
10/11	Tigre investe mais de R\$ 4 mi na região	Homem morre atropelado na linha do trem	Morte nos trilhos levanta suspeita	Caí índice de homicídios na região
11/11	Proibição de corte de água é mantida	Comparsa de Marcão assume três assaltos	Preso admite participação em Gangue	Idosa morre atropelada em Olarias
12/11	Marcão admite dois crimes e afirma que tem medo da morte		Detidos parentes de criança morta * Obs: Nessa edição o DC traz uma página da editoria “Especial” com uma entrevista com Marcão	Prisão industrial inaugura hoje
13/11	Moradores trocam casas por utensílios	Motorista do Ômega vai a júri popular	Família diz que Marcão pode se render	Outubro é o segundo mês mais violento do ano
14, 15 e 16/11	Emendas prevêm R\$ 9 milhões para PG	Viaturas do interior vão para o Litoral da cidade	Movimento nas rodovias está fraco	Apreensiva, família de Marcão crítica fama de quadrilha

17/11	Sanepar pretende notificar Prefeitura	Morte de Marcão reúne versões contraditórias	Morte de Marcão gera controvérsias	Famíliares falam em covardia
18/11	Ministério libera verba para Estação	Ciclista morre atropelado	Quadrilha revela rota de tráfico	Ciclista morre com impacto de colisão
19/11	“Laranjas” assumem casas nos Alagados	Grupo apura maus-tratos contra cavalo	Grupos desafiam ação anti-drogas	Moradores revoltam-se com cruzamento líder de acidentes
20/11	Cohapar apura comércio ilegal de casas	Menor do Roxo Roiz é julgado na sexta-feira	VIJ define sentença do caso Roxo Roiz	Recurso libera atropelador de prisão
21 e 22/11	Prefeituras gastam R\$ 6 milhões com 13º		Despejo deixa crianças sem escola	Penas alternativas são discutidas em encontro
23/11	Fogo destrói 50 hectares em Vila Velha	Briga em bar termina em assassinato	Briga termina em morte no Dalabona	Trio leva quase R\$ 5 mil do Banestado de Teixeira Soares
24/11	Compagás quer triplicar uso do gás natural	Defesa Civil notifica moradores	Defesa Civil vistoria área de risco	Capotamento na avenida Souza Naves fere cinco
25/11	Prostituição toma conta do centro de PG	Incêndio causa destruição em casa na Vila Baraúna	Sindicato discute segurança em pedágio	Incêndio provoca danos em residência do Baraúna
26/11	München inicia com restrições a menores		Entidades querem penas alternativas	Município cobra ações da Secretaria de Segurança
27/11	Desfile da München reúne 15 mil pessoas	Caminhão tomba e mata motorista na PR-462	Caminhão tomba e congestionada BR-376	Segurança da München mobiliza 200 homens para conter infrações
28 29/11	PG tem dois arrombamentos por dia	Jovem é morto a facadas na região central	Periferia é alvo de arrombamentos	Jovem é assassinato a facadas no centro
30/11	Ponta Grossa cria a CPI do Narcotráfico		PMs da administração vão para as ruas	Taxista é assaltado a mão armada

Diário dos Campos – Dezembro de 1999

Edição	Manchete da edição	Chamada da editoria na capa	Abre da página de Polícia	Matéria secundária da página de Polícia
1/12	Fogo em Vila Velha gera suspeitas		Operação Verão desfalque efetivo de PG	Ladrões “educados” assaltam panificadora
2/12	Câmara aprova anistia para dívida ativa	Civil prende arrombador de residências	Civil captura foragido na periferia	Caminhoneiro alvejado em possível tentativa de assalto
3/12	Antarctica investe R\$ 320 mil na München	Maconha era cultivada em sítio de Castro	PM descobre plantação de maconha	Polícia Civil continua sem pistas do caso Jamile
4/12	Masisa atrai novo investimento	Alunos são flagrados com carteira falsa	Detidas carteiras falsas na München	Taxista roubado anda 5 KM

	chileno			para pedir socorro
7/12	Vereador distribui alimentos a eleitores		Sindicato questiona atuação da PM	Münchenfest tem edição tranquila
8/12	Polícia incinera 217 quilos de maconha		PM queima maconha detida na região	Caminhoneiro baleado em assalto morre
9/12	Concorrência faz pequeno produtor deixar feiras livres	Detento morre na Delegacia de Telêmaco Borba	Grupo investigado por sindicalista	PM define estratégia de policiamento para esse mês
10/12	Ciretran suspende 310 carteiras em PG	Caso Jamile continua sem novas pistas	Paradeiro de menor intriga policiais	Acidente transtorna trânsito no centro
11/12	Presos tentam rebelião no Santa Marta		Início de rebelião mobiliza detentos	Novembro é o mês mais violento em dois anos
12/12	Crise compromete investigações policiais		Crise compromete setor investigativo	RodoNorte anuncia medidas de segurança
13/12	Antecipação do IPVA gera protestos		PG tem oito arrombamentos em dois dias	Adolescente grávida de 5 meses é baleada pelo amásio no San Martin
15/12	Entidades fecham o ano com o caixa vazio	Crescem furtos de computadores em escritórios	Civil apura roubo de computadores	Pró-egresso avalia 40 pedidos de indultos Obs: Logo abaixo há uma nota: Andarilho depõe hoje na 1ª Vara Criminal
16/12	Masisa lança hoje pedra fundamental	Cruz nega envolvimento com assassinatos do Roxo Roiz	PMs detém quadrilha no Rio Verde	Andarilho nega homicídios e culpa menores
17/12	Comércio de fogos desafia a lei em PG	Civil localiza ferros-velhos clandestinos	Civil notifica ferros-velhos ilegais	RodoNorte relança campanha Vida na Estrada
18/12	Pobreza atinge 27 mil crianças no município	Assaltantes roubam ótica e fogem de táxi	Operação especial reduz acidentes	Ladrões fogem de táxi após assalto
19 e 20/12	Mais de 8,4 mil tentam vaga na UEPG	Ponta-grossense critica redução da idade penal	Redução de penas é criticada em PG	Bombas de diesel são furtadas na madrugada
21/12	Polícia aprende 122 quilos de maconha		Traficante tenta subornar policiais	Homicida atira na polícia e é detido
22/12	Liminar garante repasses a sindicato		Mistério envolve duplo homicídio	Caso Jamile está sem pistas
23/12	PM aponta queda de 22% na violência	Bombeiros intensificam ações em rios	Bombeiros intensificam ações em cavas	Corpos alvejados foram sepultados como indigentes

24/12	IAP multa Kaiser em R\$ 300 mil por danos ambientais ao Rio Cará-Cará		Briga acaba em morte na Nova Rússia	Siate lidera atendimentos do 2º GB
25, 26 e 27/12	13º injeta R\$ 30 mi na economia		Mês é o mais violento nas rodovias	Número de mortes em acidentes cai com Novo Código de Trânsito
28/12	Vacinação acaba com febre aftosa no PR	Rodovias contabilizam 95 acidentes	Imprudência faz 36 feridos na região	Trio armado furta malote do Bradesco
29/12	<i>* Não há capa disponível na edição de arquivo</i>		Homens morrem carbonizados na 376	Civil divulga queda de 33% na criminalidade
30/12	Vereadores priorizam nomeação de ruas	Delegacias aguardam por reformas	Delegacias esperam reformas na região	Mineiro incendia a esposa
31/12	ICMS ecológico não chega a Vila Velha	Caminhão de gás capota e fere três	Caminhão sem freio capota na periferia	Homem é morto com nove facadas

Caso Agda

Jornal da Manhã – Setembro de 2011

Edição	Manchete	Chamada de Cotidiano na capa	2ª Chamada de cotidiano na capa	1º abre de Cotidiano	2º abre de Cotidiano
1/09	PACCA INVESTIRÁ R\$ 200 MI EM PG	FISCALIZAÇÃO EM RUAS E NAS EMPRESAS	OPERAÇÃO LIBERDADE TEM 296 PESSOAS PRESAS	Operação prende mais de 200 pessoas no Paraná	Fisco notifica 96 empresas em Ponta Grossa
2/09	Aliados de Beto dividem a preferência dos eleitores	VIOÊNCIA - ADOLESCENTE MATA RAPAZ COM FACADAS NO PESCOÇO E TÓRAX	CRIME SEXUAL – DONO DE LAN HOUSE É PRESO POR PEDOFILIA	Cejuscon realiza mutirão com 200 entidades	Dono de Lan House é preso por ordem judicial
3/09	Compagás planeja investir R\$ 56 mi na região	BRUTAL – FUGITIVO DE PG É ASSASSINADO COM 30 TIROS	POLÍCIA REFORÇA AÇÕES NAS ÁREAS BANCÁRIAS	Saúde de PG implanta rede de atendimento	Prefeitos da AMCG recebem secretários da Copa
4 e 5/09	Falta de estrutura da Justiça penaliza cidadão	TRAGÉDIA – ACIDENTE COM CAMINHÃO DEIXA UMA PESSOA MORTA		Abertura da mata é autorizada pelo IAP	Falta de estrutura penaliza cidadãos
6/09	Derrame de notas falsas deixa comércio em alerta	JOVEM PODE TER SIDO MORTA EM RITUAL DE MAGIA NEGRA	FERIADO – CIDADES DA REGIÃO TERÃO DESFILE CÍVICO	Cédulas de R\$ 100 falsas circulam no Comércio	Desfile deve reunir 2 mil pessoas em PG Obs: A última matéria da

					página é “Polícia acredita que morte de jovem pode ter relação com magia negra”
7 e 8/09	ACIDENTE COM TREM DEIXA DOIS MORTOS	DESFILE PODE SER CANCELADO PELA PREFEITURA	JOVEM TRAVA LUTA PELA VIDA À ESPERA DE RINS E FIGADOS	Jovem batalha pela vida à espera de doador	Acidente com trem deixa dois mortos
9/09	Corregedoria apura morte de menor na 13ª SDP	BANDIDOS MORREM DURANTE PERSEGUIÇÃO		Cargil define área para construção de fábrica	Corregedoria irá investigar morte na 13ª SDP
10/09	CURSOS DA UEPG ENTRE OS MELHORES DO PAÍS	FIM DA LINHA – POLÍCIA PRENDE CHEFÃO DO CRIME NO PARAÍSO	13ª SDP – MP ACOMPANHA INVESTIGAÇÕES SOBRE MORTE	Agência do Banco Popular é assaltada em PG	Cursos têm destaque em ranking de guia nacional
11 e 12/09	ACIPG LANÇA O PROGRAMA PONTA GROSSA COMPETITIVA	SEGURANÇA – CONSELHO PRIORIZA A CONSTRUÇÃO DA CASA DE CUSTÓDIA	RODOVIAS DA REGIÃO ENTRE AS MELHORES	Casa de Custódia é a meta prioritária do CCS	Três rodovias estão entre as melhores do Brasil
14/09	PG PODE TER ORÇAMENTO DE R\$ 1 BILHÃO ATÉ 2016	EXÉRCITO – MILITAR É PRESO ACUSADO DE PRATICAR ROUBO	DESFILE TERÁ PARTICIPAÇÃO DE 5,5 MIL PESSOAS	Frísia projeta faturamento de R\$ 130 mil	Desfile deve mobilizar 5,5 mil pessoas em PG
15/09	PG COMEMORA INDÚSTRIA E INVESTIMENTOS SOCIAIS	AVENIDA DEVE RECEBER MAIS DE 5,5 MIL PESSOAS		Desfile terá 62 entidades	
16/09	PG DISPUTA NISSAN E BMW	ANIVERSÁRIO DE 188 ANOS LOTA A AVENIDA	CORREIOS – TRABALHADORES VOTAM PARALISAÇÃO NESSA SEXTA-FEIRA	Ponta Grossa terá unidade do Ceasa em 2012	
17/09	USINA DO LIXO ATRAI GRUPOS EUROPEUS	OBRA PÚBLICA – RESTAURANTE DEVE SER CONCLUÍDO EM QUATRO MESES	OUSADIA – BANDIDO ENTRA NO 2º DISTRITO E ARROMBA COFRE	Obras do Restaurante Popular de PG serão retomadas	Criminoso invade o 2º Distrito e arromba cofre
18 e 19/09	PG vai revitalizar o Centro	FURTO NO 2º DP - POLÍCIA FAZ BUSCAS NO “TRADIÇÃO” E ENCONTRA ARMAS	TRABALHO – PG É A SEXTA EM NÚMEROS DE ACIDENTES	Argus entrega a PG investimento de R\$ 5 mi	Wosgrau anuncia revitalização de novas ruas
20/09	RAPAZ É PRESO AO	SINAL DA ‘TIM’ NÃO		Acusado da morte de	Queixas contra a Tim triplicam

	ESTUPRAR E MATAR MODELO	FUNCIONA E IRRITA USUÁRIOS		modelo é preso em PG	
21/09	AÇÕES TENTAM ALIVIAR CAOS NO CADEIÃO	MOSTEIRO RECEBE SISTEMA ELETRÔNICO DE MONITORAMENTO		PG investe na verticalização de cemitério	Medidas tentam diminuir a superlotação
22/09	PG É O SÉTIMO MELHOR AMBIENTE EMPRESARIAL	CASO AGDA – AUTOR DO CRIME É ESPANCADO DENTRO DA CELA	SAÚDE - MP CONTRATAÇÃO DE SERVIDORES PARA O HR	“HR não funciona por falta de profissionais”, diz MP	Presos tentam matar assassino de Agda
23/09	ACIPG INAUGURA CEDE E ANUNCIA NOVOS PROJETOS	CASO AGDA – ACUSADO DO CRIME SUSTENTA VERSÃO DE MORTE POR ASFIXIA		Jean sustenta que morte foi por asfixia	
24/09	PG PARCELA DÍVIDA DO FGTS	BR-376 – RODONORTE PODE ANTECIPAR OBRA DE DUPLICAÇÃO	NOVA RÚSSIA – EMPRESAS EXIGEM AÇÕES CONTRA ONDA DE CRIMES	Empresários exigem ações contra roubos Obs: Logo abaixo há uma matéria “Família sai em defesa de Jean”	Entendimento pode antecipar obras de duplicação
25 e 26/09	TRANSPORTE COLETIVO TERÁ R\$ 9 MILHÕES	CASO AGDA – MÃE DE MODELO QUER PENA MÁXIMA PARA ASSASSINO	CORPO DE GAROTA É ENCONTRADA EM BAIRRO DE PG	PG investe em qualidade de vida	“Ele judiou até a morte”, diz mãe de modelo
27/09	ESTADO DEVOLVE A PG R\$ 80,7 MI EM TRIBUTOS	HOMEM CAI DE TELHADO E MORRE	VIOLÊNCIA – ONG SUSPEITA DE RELAÇÃO ENTRE ASSASSINATOS BRUTAIS	Parque público de PG sofre com o abandono	Renascer suspeita de relação entre assassinatos
28/09	EM GREVE	REPÓRTER ZECA SOFRE PARADA CARDÍACA E MORRE EM CASA	SOUZA NAVES – RODOVIA TERÁ SEIS LOMBADAS ELETRÔNICAS	Via terá lombadas eletrônicas	PG dá o último adeus ao apresentador Zeca
29/09	SEM LAUDOS, ACUSADO DO CRIME PODE SER SOLTO	IDOSOS – PG REGISTRA AUMENTO NOS CASOS DE AIDS	SANEAMENTO – PG OCUPA A 11 ^A POSIÇÃO NO RANKING	PG ocupa a 11 ^a posição no ranking	Sem laudos, assassino pode ser solto

			NACIONAL		
30/09	UEPG ASSUME GESTÃO DE MÉDICOS	VILA VELHA – INCÊNDIO ATINGE VEGETAÇÃO DA LAGOA DOURADA	FATO NOVO – CELULAR DE AGDA TEM LIGAÇÃO À PM NA NOITE DO CRIME	UEPG assume gestão do Hospital Municipal	Fato novo pode mudar as investigações

Jornal da Manhã – Outubro de 2011

Edição	Manchete	Chamada de Cotidiano na capa	1º abre de Cotidiano	2º abre de Cotidiano
1/10	RECEITA FECHA LOJAS NO PARAGUAIZINHO	MORTE DE AGDA GERA PROTESTO	Denúncia levou PM à casa de Agda	200 mil jovens estão fora da escola no Brasil
2 e 3/10	PG REDUZ NÚMERO DE DOMÍCILOS POBRES	PICHADORES DETONAM PONTA GROSSA	PG reduz número de domicílios pobres	Nada escapa à ação de vândalos
4/10	PF DIZ QUE VAI ACABAR COM O ‘PARAGUAIZINHO’	CORONEL MORRE AO ATROPELAR CAVALO	Circulação de ônibus precisa ser revista	‘Paraguaizinho’ alimenta pirataria, diz PF
5/10	UEPG TERÁ R\$ 14 MI PARA CONTRATAÇÃO DE MÉDICOS	MP DEVE DENUNCIAR JEAN ATÉ SEXTA-FEIRA	Promotor pode oferecer denúncia até sexta	
6/10	GREVE FECHA 100% DAS AGÊNCIAS EM PG	ACIDENTE DEIXA UM MORTO E 6 FERIDOS	MP nega indiciamento de cinco policiais	BR 277 – Estrada deve receber R\$ 60 mi em investimentos
7/10	PF PRENDE ADVOGADO QUE DEU GOLPE DE R\$ 6 MI	SOLDADO DO 13º BIB PERDE A VIDA DURANTE TREINAMENTO	PF prende advogado que aplicou golpe de R\$ 6 mi	Ruas estreitas deixam trânsito restrito
8/10	FILIAÇÕES INDICAM QUEM VAI DISPUTAR A CÂMARA	JEAN ASFIXOU AGDA E A MATOU COM CHUTES E MURROS NA CABEÇA	Jean sufocou Agda e a matou com chutes e socos	
9 e 10/10	Alidos de Beto têm 45% do eleitorado	UNIÃO LIBERA ÁREA PARA O BINÁRIO	Binário – União libera área e obras começam esse ano	Estacionamento – PG precisa de novas vagas
11/10	POLÍCIA APRENDE 78 KG DE DROGAS PERTO DA UEPG	CASO AGDA – MÉDICA DO IML CONFIRMA MORTE POR AGRESSÃO	Caso Agda – Parecer do IML contraria alegações de Jean	Polícia desarticula base do tráfico perto da UEPG
12 e 13/10 *Data especial por conta do feriado	Receita e PF fecham cerco contra lojas de R\$ 1,99	ETANOL – PREÇO DO LITRO DISPARA E FICA PERTO DOS R\$ 2	Receita e PF fecham cerco contra lojas	ETANOL – Preços praticados em PG já passam dos R\$ 2
14/10	GLEISI LIBERA BINÁRIO E DOA ÁREA PARA UEPG	CASO AGDA – JUSTIÇA NEGA LIBERDADE A JEAN CARLOS	Caso Agda – Justiça nega liberdade provisória a Jean	

15/10	CRACK DESVIADO DA 13 ^A É VENDIDO POR R\$ 100 MIL	TRÂNSITO – PREFEITURA COGITA MUDAR SENTIDO DA ‘DR. COLLARES’	Desvio de crack – Droga foi negociada por R\$ 100 mil	Trânsito – Dr. Colares pode sofrer mudança no sentido
16 e 17/10	FALTA DE BOMBEIROS PENALIZA A POPULAÇÃO	ACESSIBILIDADE – COMÉRCIO NÃO ESTÁ APTO PARA OS CEGOS	Bombeiros – 40% das cidades da região não tem unidades	Comércio ainda não está adaptado para os cegos Obs: Há um terceiro abre de cotidiano, com o título: “Mulher presa pela PF para fiança e é liberada”
18/10	Câmara aprova IPTU progressivo	GOLPE MILIONÁRIO – JUSTIÇA FIXA EM R\$ 1 MI FIANÇA PARA ADVOGADO	Fórum discute projetos sociais	Fraude – Justiça fixa fiança de R\$ 1 mi para soltar advogado
19/10	‘CPI DOS SUS’ DENUNCIA DESMANDOS NA SAÚDE	ASSALTANTE É FERIDO A TIROS POR POLICIAIS	Fórum Social – Evento reúne líderes da 2 ^a geração	Polícia Federal prende ‘rei do CPF falso’
20/10	GOVERNADOR SE REÚNE HOJE COM INVESTIDORES	TRAGÉDIA – TREM MATA CRIANÇA	Cine Império – Município cobra donos de prédio na Justiça	Aeroporto – Richa se reúne com investidores
21/10	BETO APOIA INVESTIMENTO DE R\$ 3,5 BI EM AEROPORTO		Turismo – Falta calendário para eventos em Ponta Grossa	Aeroporto – Richa garante apoio ao projeto
22/10	FÓRUM TRABALHISTA DE PG – OBRAS DO NOVO PRÉDIO SERÃO INICIADAS EM 2012	LIMPEZA – IMPASSE OBRIGA PREFEITURA A RECOLHER LIXO	Prefeitura substitui PGA no serviço de coleta	ENEM – Em PG, mais de 10 mil estudantes fazem a prova
23 e 24/10	PG TERÁ NATAL DO EMPREGO	JOVEM É ASSASSINADO A TIROS	UEPG investe mais de R\$ 20 mi em obras	Segurança – Reinaldo quer terceirizar o 190
25/10	REGIÃO ARRECADA R\$ 402 BI EM ICMS	TRAGÉDIA – CARRO MATA PROFESSORA NA CALÇADA	Trânsito – ‘Rosário’ perde mais vagas	Tragédia – Morre professora atropelada na Calçada Obs: Há uma terceira página de Cotidiano, com o título: “SUS – Médicos paranaenses vão protestar por melhorias”
26/10	JUSTIÇA MANDA ANULAR CONTRATO COM O POLLOSHOP	ATROPELAMENTO – ENGENHEIRO SERÁ INDICIADO POR MORTE	Acessos – Viaduto do Vendrami apresenta falhas na sinalização	Semana do AVC trata a necessidade de prevenção
27/10	CIDADES DA REGIÃO SE	IRMÃO DE ATROPELADOR FAZ	BR-376 – Erro na execução do	Memória – Novo museu fará resgate

	DESTACAM NA PECUÁRIA	GRAVE AMEAÇA NO FACEBOOK	projeto atrasa obras no trevo	histórico de ferrovias
28/10	VESTIBULAR DE VERÃO – MEDICINA TEM 100,4 CANDIDATOS POR VAGA	TAXISTA SOFRE EMBOSCADA	Vestibular – Medicina da UEPG lidera disputa por vagas	Acidente – Advogado diz que Punto participava de racha
29/10	WOSGRAU ANUNCIA CONSTRUÇÃO DE PRONTO ATENDIMENTO INFANTIL	ESCOLAS DE PG TERÃO 1,4 MI PARA OBRAS	Contornos – Obras de rotatórias ficam no papel	Wosgrau anuncia PAI para 2012
30 e 31/10	MAIS DE 20 MIL MOTORISTAS – AO VOLANTE, SEM CARTEIRA	CASO AGDA – JUSTIÇA MARCA INTERROGATÓRIO DE JEAN CARLOS	Caso Agda – Juíz marca depoimento de Jean	Mais de 20 mil dirigem sem carteira

Jornal da Manhã - Novembro de 2011

Edição	Manchete	Chamada de Cotidiano na capa	1º abre de Cotidiano	2º abre de Cotidiano
1/11	PG PROJETA R\$ 600 MI EM NOVAS INDÚSTRIAS	FALTOU POUCO PARA UMA TRAGÉDIA	Fuga – Polícia descobre túnel no cadeiaão	MP investiga jornada média no HR
2/11	CAIXA ECONÔMICA DEFINE SUPERINTENDENTE EM PG	CASTRO – BANDIDOS FAZEM REFÉM E ROUBAM PEÇAS DE OURO	Finados - 120 mil pessoas devem visitar os cemitérios	Trens – Projeto prevê cancelas nas passagens de nível em PG
3/11	<i>Não há edição diante do feriado</i>			
4/11	BORGO ANUNCIA A GERÊNCIA DE DESENVOLVIMENTO	MÉDICOS RETIRAM MOEDA DE GARGANTA DE CRIANÇA	Lideranças apoiam projeto de estacionamento no Parque Ambiental	Souza Naves – Moradores exigem melhorias
5/11	CÂMERA INDISCRETA	ZONA AZUL – ACIPG PROPÕE PARCERIA PARA VENDER TALÕES	Estar – AMTT e Acipg estudam parceria	
6 e 7/11	AEROPORTO DE CARGAS AGUARDA LEI DAS PPP'S	‘EU NÃO MATEI AGDA’, DIZ JEAN	Extorsão – Delegado apura denúncia feita por Moacyr	“Eu não matei Agda”, diz Jean
8/11	COMÉRCIO DE PG ABRIRÁ 600 VAGAS PARA O NATAL	LADRÕES ATIRAM CONTRA ÔNIBUS E FEREM TURISTA	Sandro garante R\$ 22 mi à PRF	Assaltantes metralham ônibus
9/11	INCÊNDIOS CRIMINOSOS AMEAÇAM VILA VELHA	HOMEM É MORTO A TIRO	PM prende quadrilha de assaltantes	Vila Velha – Parque Estadual sofre com mais de 30 incêndios só esse ano
10/11	DESPENCAM OS PEDIDOS DE SEGURO DESEMPREGO	TRAGÉDIA NA ESTRADA	Condor – Investimentos em novas lojas somam R\$ 100 mi	BR-376 – Acidentes provocam duas mortes Existem mais duas páginas de Cotidiano - Educação – Castro terá Universidade

				Aberta - Emendas - Universidades terão R\$ 600 mi
11/11	TRT ANUNCIA EDITAL PARA FORUM TRABALHISTA DE PG	FURTO DE CABOS – POLÍCIA PRENDE TRÊS SUSPEITOS EM OPERAÇÃO	Caminhões – PACCAR define empresas para fornecer suporte à fábrica de PG	Carambei – Parque histórico ganha prêmio * Há outras duas páginas de Cotidiano: - Segurança – Baixo efetivo prejudica PRF - Jocelito – TCE desaprova contas de 2000
12/11	MP DENUNCIA SETE PELO DESVIO DE 15 KG DE CRACK	CRUELDADE – FUGITIVO MATA MULHER COM BARRA DE FERRO	Desvio de crack – Inquérito tem 7 indiciados	Hospital Municipal –Convênio garante melhorias
13 e 14/11	PG TRAÇA O ‘MAPA DO EMPREGO’	EMPRESÁRIO COMPARA PG A CAMPINAS	Trânsito – ‘Tolerância zero’ para o álcool	Bematech – Fundador compara PG a Campinas * Há uma 3ª página de Cotidiano: - Descaso – Prédios antigos são uma ameaça a segurança
15 e 16/11	CHINESES SONDA PG PARA FÁBRICA DE CAMINHÕES	DESVIO DE CRACK – JUSTIÇA DECRETA PREVENTIVA DE DOIS POLICIAIS CIVIS	13ª SDP – Justiça decreta a prisão de policiais	Coleta de Lixo – Município é denunciado ao MTP
17/11	PF E PM PRENDEM DOIS COM 8,5 KG DE CRACK	BOMBEIROS DE PG RECEBEM NOVO CAMINHÃO	Segurança – 2º GB recebe novo caminhão	Tráfico – Dois são presos com 8,5 de crack * Existe uma 3ª página de Cotidiano: - BR-376 – Trincheira só começa em 2012
18/11	CURSOS DA UEPG SÃO DESTAQUE NA AVALIAÇÃO DO MEC	LOBO CAPTURADO PELA POLÍCIA TEM PERNA AMPUTADA	Censo – PG tem mais mulheres do que homens	UEPG é destaque na avaliação do MEC
19/11	CÂMARA PROPÕE DIVISÃO ENTRE ‘GM’ E A AUTARQUIA	POLÍCIA FRUSTA FUGA EM MASSA	Restaurante – Obra será entregue em março	Cadeião – Ação rápida frustra fuga em massa
20 e 21/11	MARCELO RANGEL TEM	URBANIZAÇÃO – PREFEITURA VAI	Acipg – Semana do fomento será	Efetivo – Sesp projeta 100 mil

	26%, PLAUTO 19% E PÉRICLES TEM 17%	RETIRAR TRILHOS DA AVENIDA	aberta na segunda	contratações Há uma 3ª e 4ª página de Cotidiano: - Urbanização – PG retira trilhos de avenidas - Deputados destacam recursos
22/11	ARRECADAÇÃO FEDERAL DEVE CHEGAR A R\$ 2 BI	CASAL VAI AO BAILE E TRANCA BEBÊ NO AUTOMÓVEL	Münchenfest - PG intensifica preparativos	Negligência – Casal tranca criança no carro
23/11	CONSELHO DE ENTIDADES VAI AO TJ CONTRA CÂMARA	JOVEM É ASSASSINADO NO INTERIOR DE ÔNIBUS	Câmara – Entidades entram com ação no TJ	BR 277 – Contorno vai custar R\$ 70 mi * Há uma 3ª página de Cotidiano: “Garoto é morto dentro de ônibus”
24/11	TARIFA DO PEDÁGIO SOBE 4,53%	RECEITA E PF FECHAM O PARAGUAIZINHO	Tarifa do pedágio sobre 4,53%	Rede Pública – PG precisa dobrar o número de pediatras * Há uma terceira página de Cotidiano: - “Crime – Mulher é achada morta em matagal”
25/11	MÜNCHEN COMEÇA HOJE	13ª SDP E PM REFORÇAM AÇÕES CONTRA O CRIME *OBS: CASO AGDA – JEAN Carlos TINHA CELULAR NA CELA	Crédito – Prefeitura e Caixa lançam programa *Obs: No pé da página está a matéria: “ Em vistoria, Polícia encontra celular de Jean Carlos ”	Polloshop – Município pode republicar edital Existem outras duas páginas de Cotidiano: - Bom Jesus fecha setor de emergência - Castro – Área para a fábrica da Cargill é adquirida
26 e 27/11	PG TERÁ R\$ 500 MILHÕES PARA O CONTRNO NORTE	OPERAÇÃO DA PF PRENDE 10 KG DE HAXIXE	Vamos Ler – Mostra cultural encerra o ano	Haxixe – PG pega traficante com 10 quilos
29/11	SAMU PERDE MÉDICOS POR FALTA DE ESTRUTURA	ACIDENTE COM MORTE	Trabalho – Justiça analisa 3 mil processos	Saúde – Epidemia de aids é considerada estável
30/11	ACIPG COBRA ACESSOS VIÁRIOS	2º DP RECONSTITUI MORTE DE CRIANÇA EM ACIDENTE	Agenda – Wosgrau abre loja e entrega casa	Uvaranas – Começam as obras do binário * Obs: Existe um 3º abre de Cotidiano:

				“Samu – Concurso deve ser aberto em dezembro”
--	--	--	--	---

Caso Agda

Diário dos Campos - Setembro de 2011

Edição	Manchete	Chamada da editoria de Polícia na capa	Abre da editoria	Matéria secundária
1/09	VEREADORES DEFENDEM 23 VAGAS	OXI - PG PODE TER 1º CASO REGISTRADO	Polícia pode ter feito 1ª apreensão de oxi em PG	Quadrilha rende 14 empregados de fazenda em Tibagi
2/09	SANEPAR INVESTE R\$ 3 MI EM PG	TRAGÉDIA - CRIANÇA MORRE AO CAIR SOBRE FACA	Homem confessa que estuprou menino de 13 anos	‘BO’ já pode ser feito pela internet
3/09	RECEITA RECUPERA R\$ 5,8 MI EM PG	POLÍCIA TREINA AÇÕES EM BANCOS	Órgãos de segurança treinam ações em bancos	PRE faz operação no feriado
4/09	TCE APONTA OCUPAÇÃO DE 2,5% NO HR	CRUELDADE - MULHER É ASSASSINADA	Mulher é cruelmente assassinada em PG	Caminhão atropela e mata homem
6/09	DNIT TEM SEIS DEMITIDOS POR IRREGULARIDADES NO PARANÁ	MAGIA NEGRA - MOÇA PODE TER SIDO VÍTIMA	Moça pode ter sido morta em ritual de magia negra	Quatro são presos por tráfico em PG
7 e 8/09 *Data especial diante do feriado	TREM ATINGE CARRO E CAUSA DUAS MORTES		Colisão entre carro e trem mata mulheres	Moradores pedem melhorias em acesso
9/09	JOVEM MORRE DENTRO DA 13ª SDP		Adolescente morre na carceragem da 13ª SDP	Bandidos morrem durante perseguição
10/09	CÂMARA VOTA PRORROGAÇÃO DO PROFIS	CRIME – BANCO POPULAR É ASSALTADO	Chefe do tráfico de Uvaranas é preso	
11 e 12/09	MUDANÇAS NO TRÂNSITO DE PG COMEÇAM EM 2012	ATROPELAMENTO – CRESCEM CASOS DE MORTE EM PG	Pedestre: o desafio nosso de cada dia	Semáforos nem sempre são respeitados em Ponta Grossa
13/09	CAMPANHA BUSCA 6 MIL ADESÕES	REGIÃO – ACIDENTES DEIXAM QUATRO MORTES	Acidentes deixam 4 mortos na região	Polícia apreende cinco caça-níqueis
14/09	BATAVO INAUGURA FRÍSIA AMANHÃ	GUARDAS - SINDICATO COBRA FG INCORPORADA	Guardas podem ter FG incorporada ao salário	Mulher forja colisão e mata marido para receber seguro
15/09	RICHA OFICIALIZA PACCAR EM PG		PG tem, em média, um veículo furtado por dia	Idosa é vítima de sequestro-relâmpago
17/09	PG TEM MAIS SEIS CRECHES APROVADAS	DELEGACIA TEM COFRE ARROMBADO	Ladrão invade 2º DP e arromba cofre	União vai liberar R\$ 120 mi para sistema prisional

	PELO PAC 2			
18 e 19/09	13º VAI INJETAR R\$ 119 MI EM PG	QUATRO SÃO PRESOS POR FURTO NO 2º DP	Polícia esclarece furto no 2º DP	Bandidos assaltam posto em Carambei
20/09	EFAPI MOVIMENTA MAIS DE R\$ 30 MI EM NEGÓCIOS	MODELO É ASSASSINADA EM PG	Rapaz é preso acusado de assassinar modelo	Pecuarista mantido refém dentro de casa
21/09	BUROCRACIA TRAVA MUSEU DO PARQUE VILA VELHA	CÂMERAS SERÃO LICITADAS	AMTT vai licitar hoje compra de 28 câmeras	Corpo da modelo Agda Rocha é sepultado
22/09	PG FICA EM 7º NO ESTADO EM DESENVOLVIMENTO EMPRESARIAL	VEÍCULOS EM MÁ CONDIÇÕES SÃO RISCO	Veículo em mau estado é sinal de perigo nas ruas	Casal cai no ‘conto do paco’ * Obs: Na coluna “breves”, há uma nota: Acusado de morte é agredido
23/09	ACIPG FAZ 89 ANOS E INVESTE R\$ 2,3 MI EM NOVA SEDE	JUSTIÇA LIBERDA LADRÕES	Justiça manda soltar arrombadores do 2º DP	Polícia Ambiental apreende quatro armas
24/09	SAMU TERÁ R\$ 100 MI ATÉ 2012	IDOSA É AGREDIDA PELA FILHA	Idosa é agredida pela filha dentro de casa	Detran recebe mil bafômetros
25 e 26/09	REDUÇÃO DE VEREADORES TEM APOIO DE 11 MIL ELEITORES	MORTE DE MODELO É RECORDE DE ACESSO	Caso Agda chama atenção do público	Em 2011, 8 mulheres foram assassinadas
27/09	MPF QUER TRANSPARÊNCIA NAS LICITAÇÕES DA PREFEITURA	POLÍCIA PRENDE OXI E LSD	Ações apreendem LSD, oxi, cocaína e maconha	Acidente mata caminhoneiro
28/09	SÃO CAMILO PODE FECHAR	ZECA É VÍTIMA DE INFARTO	Avenida terá 6 lombadas eletrônicas	Polêmica ‘Zeca’ é vítima de infarto
29/09	APROVADA A REGULAMENTAÇÃO DA JORNADA DOS SERVIDORES	GAROTO É ASSASSINADO A PAULADAS	Garoto de 12 anos é assassinado a pauladas	Agentes de segurança de PG fazem curso de atualização
30/09	PG TERÁ ORÇAMENTO DE R\$ 468,9 MI EM 2012	ÁREAS QUEIMADAS CRESCEM 43%	Aumentam em 43% áreas queimadas em PG	IML entrega mais quatro viaturas Obs: A última matéria da página é: “Falta de provas pode inocentar Jean Carlos”

Diário dos Campos – Outubro de 2011

Edição	Manchete	Chamada da editoria de Polícia na capa	Abre da editoria de Polícia	Matéria secundária da editoria de Polícia
1/10	14 EMPRESAS DA REGIÃO ESTÃO ENTRE AS MELHORES DO SUL	BOMBEIROS REALIZAM SIMULAÇÃO DE ACIDENTE	PG terá mais 800 vagas no sistema prisional	Posto será reaberto com mair efetivo Obs: Na coluna “Breves”, a primeira nota leva o título “ Passeata homenageia modelo Agda ”
2 e 3/10	<i>Capa da edição não está disponível no arquivo</i>		Setembro fecha como o mês mais violento do ano	Comissão de peritos vai inspecionar presídios brasileiros
4/10	POLLOSHOP DEVE INVESTIR R\$ 17 MI NO TERMINAL DE PG	JEAN PODE SER SOLTO ATÉ SEXTA	Advogado de Jean entra com pedido de liberdade	Suspeito e matar deficiente é julgado
5/10	5 POLICIAIS SÃO ACUSADOS PELO DESVIO DO CRACK DA 13 ^A	HOMEM É CONDENADO A 14 ANOS	Crack foi desviado por 5 policiais, diz corregedor	Furto na casa de Saraiva é apurado
6/10	RENAULT INVESTE R\$ 1,5 BI NO PR	ACIDENTE DEIXA UM MORTO	Acidente entre ônibus e Saveiro mata um e fere 6	Superintendente da PF vem à cidade
7/10	PF PRENDE CASAL ACUSADO DE APLICAR GOLPE DE R\$ 6 MI	POLÍCIA APREENDE 254 AVES	Casal acusado de aplicar golpe de R\$ 6 mi é preso	MP contesta conclusão de inquérito sobre crack
8/10	MP DENUNCIA JEAN POR HOMICÍDIO E ESTUPRO	APREENDIDO CARRO CHEIO DE CIGARROS	MP denuncia Jean pela morte de Agda	Entidades recebem brinquedos da PM
9 e 10/10	DILMA LIBERA ÁREA DO EXÉRCITO PARA BINÁRIO	ENTIDADES DISCUTEM SEGURANÇA	Conseg quer fiscalização em bares conforme a lei	Superintendente da PRF explica mudanças de ações
11/10	PG LANÇA POLO MOVELEIRO	REBELIÃO NA CADEIA DE CASTRO	Traficante é preso com 75 KG de drogas em PG	Bando armado assalta fazenda
14/10	GOVERNO FEDERAL REPASSA ÁREAS DE R\$ 5,8 MI PARA PG	MENINA É ESTUPRADA PELO PADRASTO	Menina de dez anos é estuprada pelo padrasto	Mãe procura por garota desaparecida
15/10	TRÊS POLICIAIS SÃO PRESOS POR DESVIO DE CRACK NA 13 ^A	DONO DE MERCADO É BALEADO	Policiais são presos por desvio de crack em PG	Corregedoria revela outras irregularidades
16 e 17/10	GLEISI GARANTE NOVOS INVESTIMENTOS EM PG	DESAJUSTE SOCIAL NA ESCOLA	Briga em escola expõe grave problema social	Patrulha Escolar tenta prevenir crimes

18/10	HOMEM É MORTO A TIRO NO TERMINAL		Dois são baleados dentro do Terminal; Um morre	Tribunal começa a inspecionar IMLs
19/10	EMPREGOS CAEM 67,3% EM PG	ASSALTOS A ONIBUS TEM REDUÇÃO	Assaltos a ônibus tem redução de 12%, diz VCG	Ladrões roubam carga de diesel
20/10	REGIÃO ARRECADA EM R\$ 200 MI EM IMPOSTOS FEDERAIS	TRAGÉDIA Obs: Foto-legenda sobre a morte de uma garota em uma linha férrea	Trem atropela e mata criança em bairro de PG	Cadeia disponibiliza sala par advogado
21/10	RICHA GARATE APOIO PARA AEROPORTO DE CARGAS	MORTE GERA PROTESTO	Região terá reforço no efetivo policial	Protesto cobra melhoria em cruzamento ferroviário
22/10	PG TERÁ R\$ 387 MIL PARA QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL	SEGURANÇA NA LINHA FÉRREA EM DEBATE	ALL não tem projetos para aumentar segurança	Preso rapaz que ateou fogo em casa
23 e 24/10	PESQUISA MOSTRA DISPUTA ACIRRADA	PG PODE TER ‘TOQUE DE RECOLHER’	PG pode ter ‘toque de recolher’ para menores	Rapaz é morto com dois tiros à luz do dia
25/10	RICHA TEM 83% DE APROVAÇÃO	TRÂNSITO FAZ MAIS UMA VÍTIMA	Jovem é atropelada em calçada na área central	Bombeiros terão treinamento em PG
26/10	JUIZ SUSPENDE CONTRATO ENTRE PREFEITURA DE PG E POLLOSHOP	PRESOS POR PERTURBAR O SOSSEGO	Ação prende dois por perturbação de sossego	Acidentes matam dois motociclistas
27/10	HUBNER SE UNE A GRUPO BELGA PARA NOVA FÁBRICA	LAUDO SAIRÁ EM 20 DIAS	Laudo sobre acidente deve sair em 30 dias	Carro avança ‘Taunay’ e bate em caminhão
28/10	PG JÁ TEM 15 PRÉ-CANDIDATOS NA CORRIDA PELA PREFEITURA	5 PRESOS POR TRÁFICO EM PG	Tráfico de drogas leva cinco para a cadeia	Dois acusados de assassinato são presos em PG
29/10	JUSTIÇA NEGA LIMINAR PARA FUNCIONAMENTO PLENO DO HR	PRESO SUSPEITO DE CRIME	Suspeito por tentativa de latrocínio é preso	Fogo em Vila Velha dura mais de um dia
30/10	APREENSÃO DE ARMAS CRESCE MAIS DE 22% EM PG		Apreensão de armas cresce 22% em PG	Homem é morto durante briga de bar

Diário dos Campos – Novembro de 2011

Edição	Manchete	Chamada da editoria de Polícia na capa	Abre da editoria de Polícia	Matéria secundária da editoria de Polícia
1/11	POLÍCIA DESCOBRE TÚNEL E EVITA FUGA NO CADEIÃO	FACHADA DE IMÓVEL DESABA NO CENTRO	Polícia descobre fuga e frustra fuga no Cadeião	Acidentes causam mais quatro mortes
2 e 3/11	DEPUTADOS APROVAM ‘FICHA LIMPA’ NO PARANÁ	CRIANÇA CAI DE TELHADO EM PG	Dupla rouba R\$ 30 mil de joalheria em Castro	Escavação dentro do Cadeião envolve 18
4/11	DÍVIDAS DOS MUTUÁRIOS DA PROLAR CHEGAM A R\$ 1,4 MI	PG TEM DUAS MORTES NO FERIADO	PG tem mais duas mortes no trânsito	Operação prende ladrão de gado
5/11	MOACY FADEL DENUNCIA TENTATIVA DE EXTORSÃO	FOGO EM VILA VELHA	Fogo consome vasta área no Parque Vila Velha	Obras na ‘Souza Naves’ demandarão R\$ 40 milhões
6 e 7/11	SUPERINTENDÊNCIA DA CAIXA ABRE EM DEZEMBRO	CHEGAM OS NOVOS POLICIAIS	Região terá o reforço de 26 novos policiais civis	Fogo destrói 100 hectadotes do parque
8/11	LOJISTAS VIRAM REFÊNS DE ASSALTO NA PR-151	POLÍCIA PEGA 270 KG DE MACONHA	Ônibus com lojistas de PG é assaltado	Polícia prende 4,5 kg de droga
9/11	POLÍCIA APREENDE ARMAS E CARROS COM QUADRILHA	PG REGISTRA MAIS UM HOMICÍDIO	PM ‘derruba’ quadrilha de ladrões	Rapaz é preso transportando dezenas de munições em PG
10/11	ACIDENTES DEIXAM MAIS TRÊS MORTES NA BR-376	OPERAÇÃO PRENDE ASSALTANTES	Funcionário pega carro de cliente e mata motoqueiro	Outros acidentes causam mais 2 mortes
11/11	CÂMARA BARRA ABAIXO-ASSINADO	MOTORISTA SE ENTREGA À POLÍCIA	Funcionário que matou motoqueiro se entrega	PM apreende pé de maconha e crack
12/11	MP DENUNCIA SETE POR DESVIO DE CRACK	MARIDO MATA MULHER	Marido mata mulher com barra de ferro	Polícia Rodoviária reforça fiscalização
13 e 14/11	PREFEITURA DE PG VAI REVER CONTRATO DO CAS	FOGO NA RODOVIA	Ações visam acabar com embriaguez ao volante	Motorista e passageiro sobrevivem a grave acidente
15 E 16/11	ORÇAMENTO DE 2012 TERÁ R\$ 3 MI EM EMENDAS	FIM DE SEMANA VIOLENTO NA REGIÃO	Fim de semana termina com 5 mortes violentas	Tribunal de contas avalia ‘IML Online’
17/11	CENTRO CONCENTRA MAIOR RENDA EM PONTA GROSSA	SUPERLOTAÇÃO SEM FIM	Interdição não reduz superlotação da cadeia	Bombeiros ganham novo caminhão
18/11	PG TERÁ SUPERINTENDÊNCIA NO DIA 21 DE DEZEMBRO	BRIGA TERMINA EM MORTE * Ainda na capa: “CASO AGDA TEM AUDIÊNCIA HOJE”	PM registra média de três roubos por dia	Jean Carlos fica frente a frente com testemunhas
19/11	PG QUITA 13 ^º SALÁRIO DE SERVIDORES NA TERÇA-FEIRA	BR-376 FAZ MAIS VÍTIMAS Ainda na capa: “JEAN CARLOS É	Policiais evitam tentativa de fuga na cadeia de PG	Jean Carlos presta declarações ao juiz

		INTERROGADO NO FÓRUM		
20 e 21/11	MAIORIA DOS MOTOBOYS ESTÁ NA CLANDESTINIDADE		Maioria dos motoboys atua na clandestinidade	Deputado pede implantação de módulos móveis
23/11	WOSGRAU VETA IPTU PROGRESSIVO	DOIS JOVENS SÃO MORTOS NA REGIÃO	Dois adolescentes são assassinados na região	PG vai receber verbas para ampliação de vagas em presídio
24/11	<i>Capa não disponível no acervo</i>		RF apreende R\$ 1 mi em itens no 'Paraguaizinho'	Dois rapazes são baleados em PG
25/11	MÜNCHEN FEST COMEÇA HOJE	ARMAS E MUNIÇÕES APREENDIDAS	Operação apreende armas e munições	Lojistas voltam a abrir as portas no 'Paraguaizinho'
26/11	MÜNCHEN TRAZ JOTA QUEST HOJE	USAVA A PM PARA APLICAR GOLPE	Diretora do IML se afasta e presta contas	PRF apreende mais maconha na região
27 e 28/11	VEREADORES FALTOSOS DE PG TERÃO QUE JUSTIFICAR	ADOLESCENTES SÃO 25% DOS ASSASSINADOS	Adolescentes são 25% das vítimas de homicídio	PF apreende 10 kg de haxixe na região
29/11	TERCEIRIZAÇÃO DE HOSPITAL É QUESTIONADA POR AÇÃO	ACIDENTE MATA MULHER NA PR-513	Acidente mata mulher na Rodovia do Talco	Moradores do 'Pimentel' pedem mais segurança
30/11	AÇÃO DO ALAGADOS COBRE ¼ DAS CASAS	PRESAS TEM SEU 'DIA DE BELEZA'	Patrulha Escolar acha pistola com estudante	Presas ganham 'dia da beleza'

Mãe mata os filhos em Palmeira
Jornal da Manhã – Julho de 2012

Edição	Manchete	Chamada de Cotidiano na capa	Abre da 1ª página de Cotidiano	Abre da 2ª página de Cotidiano	Abre da 3ª página de Cotidiano
1 e 2/07	SEIS CANDIDATOS DISPUTAM A PREFEITURA DE PONTA GROSSA	VAMOS LER – PROJETO DO JM MUDA A ROTINA NO AMBIENTE ESCOLAR	Governo não encontra solução para recuperar arroios	Vamos Ler – Projeto muda rotina de escolas	Entidades recebem mais de R\$ 6 mi”
3/07	IGUAÇU CELULOSE INVESTIRÁ R\$ 457 MI EM PIRAÍ DO SUL	PM DESMONTA PONTO DE VENDA DE INTORPECENTE	Terminal – Começam obras de revitalização	BR-373 – Violência cai no perímetro urbano	H1N1 – PG recebe 5 mil doses de vacina contra a ‘gripe A’
4/07	HOSPITAL REGIONAL INAGURA CENTRO DE DIAGNÓSTICO HOJE	CÃES ESCAPAM E FEREM CRIANÇA EM BAIRRO DE PG	Saúde – HR inaugura Centro de Diagnóstico	Anuário – JM lança 3ª edição do ‘Caminhos dos Campos Gerais’	
5/07	PG LIDERA RANKING NACIONAL DE	OPERAÇÃO DA PF PRENDE 3 POR TRÁFICO	HR vai contratar 277 funcionários	Obras na Balduíno geram transtornos	

	CONSTRUÇÃO DE MORADIAS				
6/07	PG TEM 226 MIL ELEITORES	TRAGÉDIA EM PG	PR-151 – Acidente mata diretora de escola	UEPG – Alta concorrência em medicina preocupa candidatos	
7/07	REGIÃO DEVERÁ CONTRATAR R\$ 1,29 BI EM CRÉDITO RURAL	PM PRENDE 41 KG DE MACONHA NA BR-373	Ação da PM apreende 41 kg de maconha na região	Congresso da OAB será de porte internacional	
8 e 9/07	REGIÃO PRODUZ R\$ 5 BI NO CAMPO	CONTRABANDO – CAMPOS GERAIS ESTÁ NA ROTA DO TRÁFICO DE MEDICAMENTOS	Aeroporto – DER faz estudo de ampliação do Santana	Região – Remédios na rota do tráfico	
10/07	CAMPANHA PARA PREFEITO VAI CUSTAR R\$ 9,3 MILHÕES	MORTE NA PR-151	Wosgrau veta lei que regulamenta mototáxi	Transporte – CMT sugere tarifa diferenciada em PG	
11/07	MULHER É PRESA ACUSADA DE MATAR OS DOIS FILHOS	PROCEDIMENTO DO MP AVALIA A LEGALIDADE DA LEI DO MOTOTÁXI	Brutalidade – Mulher assassina os dois filhos	Acidentes na PR-151 deixam cinco mortos	Mototáxi – Procuradoria avalia inconstitucionalidade da lei
12/07	CÂMARA DERRUBA VETO E MANTÉM LEI DO MOTOTÁXI	CAMPOS GERAIS – ASSALTANTES SEQUESTRAM, MATAM E ENTERRAM IDOSA	LDO é aprovada na Câmara	Polícia de Ortigueira localiza corpo de idosa sequestrada por bandidos	
13/07	TARIFA DE ÔNIBUS SOBRE R\$ 2,60 ESSE DOMINGO	CÂMERAS AJUDAM A POLÍCIA A PRENDER TRAFICANTES EM PG	Ônibus – Tarifa será de R\$ 2,60 no domingo	Água – Acipg faz audiência sobre desabastecimento	
14/07	14 MIL CANDIDATOS FAZEM MAIOR VESTIBULAR DA UEPG	AMOR GAY ATRÁS DAS GRADES	Cadeião – Presas homossexuais derrubam resistências e tabus	Vestibular – Provas da UEPG começam hoje	
17/07	DEZ MORTOS E 29 FERIDOS	EM PG OUTRA TRAGÉDIA: COLISÃO PERTO AEROPORTO CAUSA TRÊS MORTES	TRAGÉDIA – Acidente com ônibus deixa 10 mortos	Carro roda, bate em caminhão e três pessoas morrem na PR-151	Ônibus – PG ignora ação legal de cambistas em terminais
18/07	42% DOS CANDIDATOS NÃO TEM ENSINO MÉDIO	TRAGÉDIA COM ÔNIBUS – AVIÃO DA FAB LEVARÁ MORTOS PARA BELÉM	Tragédia – FAB transportará mortos ao Pará	Obras – Complexo cultural será entregue incompleto em PG	

19/07	CORÉIA QUER INVESTIR R\$ 200 MILHÕES EM PG	CORPOS CHEGAM EM BELÉM DO PARÁ	Balduino – Erros técnicos atrasam as obras	Lan Houses – Donos se queixam de fiscalizações rigorosas em PG	Tragédia – Corpos chegam ao Pará
20/07	GREVE AMEAÇA FECHAR MOAGERIAS DA REGIÃO	PG NÃO DEFINE PLANO DE GERENCIAMENTO DE LIXO	PF prende três quilos de drogas	Lixo – Plano de gerenciamento ainda não foi concluído em PG	
22 e 23/07	PG DISPUTA FÁBRICA DA ITAIPAVA	HABITAÇÃO – INADIMPLÊNCIA NA PROLAR PASSA DE R\$ 1,4 MILHÃO	Prolar – Inadimplência passa de R\$ 1,4 mi	Urbanismo – Rodovias estão dentro dos bairros	
25/07	PENITENCIÁRIA DE PG TERÁ MAIS 320 VAGAS	DESVIO DE CRACK – SINDICATO CONTESTA DECISÃO DA JUSTIÇA	PEPG contará com mais 320 vagas	Santana – Projetos vão facilitar a liberação de R\$ 16 milhões	
26 e 27/07	CENTRO DE PG TERÁ 20 NOVOS RADARES	OPERAÇÃO TANGO PRENDE QUATRO	Greve tem adesão de 60% dos caminhoneiros no PR	Saúde – Dispensa de servidores compromete atendimento	Trânsito – Centro terá 20 novos radares
28/07	GASODUTO VAI CHEGAR A MAIS 9 INDÚSTRIAS	Caminhoneiros fazem protesto	Região – PRF apreende 520 kg de maconha	Cense – Educadores entram em greve em 18 unidades do PR	
29 e 30/07	CAMINHONEIROS FECHAM RODOVIAS	JUIZADOS – SENTENÇAS DEMORAM ATÉ DOIS ANOS	Transporte – Caminhoneiros fecham rodovias no PR	Juizados – Audiências demoram até dois anos	
31/07	‘GRIPE A’ CAUSA A 3ª MORTE EM PG	CAMINHONEIROS FECHAM VÁRIAS RODOVIAS NO PR	Gripe A – PG registra terceira morte por H1N1	Homem é preso acusado de matar a mãe da ex-mulher em Arapoti	Saúde – ‘Turma do bem’ quer garantia de aplicação da lei

Jornal da Manhã – Agosto de 2012

Edição	Manchete	Chamada de Cotidiano na capa	Abre da 1ª página de Cotidiano	Abre da 2ª página de Cotidiano	Abre da 3ª página de Cotidiano
1/08	CAMINHONEIROS SUSPENDEM GREVE	‘Cracker’ é preso pela Polícia Civil	Brasil – Motoristas suspendem greve	Vigilância confirma quarta morte por H1N1 em PG	
2/08	UEPG ROMPE CONVÊNIO COM O HOSPITAL MUNICIPAL	HOMENS INVADEM CASA E EXECUTAM JOVENS A TIROS	Região – Índices de mortes violentas cresce 27%	Saúde – FAUPEG romperá convênio com o Município	
3/08	PARANÁ ATRAI R\$ 18 BI EM NOVOS INVESTIMENTOS	ROUBO À LUZ DO DIA	Execução penal – Novo modelo de gestão é	Saúde – Município vai buscar alternativa para o	

			lançado no PR	convênio	
4/08	AGROLEITE 2012 DEVE BATER RECORDE DE FATURAMENTO	LADRÃO DE CARROS É PRESO EM FLAGRANTE	Ladrão de carro é preso em flagrante em PG	Patrulhas rurais – Municípios terão que criar consórcios	
5 e 6/08	SISTEMA PRISIONAL DE PG GANHARÁ 680 VAGAS		PG terá mais 860 vagas no setor carcerário	Educação – ‘Vamos ler’ volta às salas de aula	
7/08	AMBEV DÁ SINAL VERDE PARA FÁBRICA EM PG	CRIMINALIDADE REDUZ 8% NO 1º SEMESTRE	Furtos e roubos caem 8% na região	Agroleite – Feira de atrair mais de 54 mil visitantes	
8/08	MP AMEAÇA INTERVIR COM O FIM DO CONVÊNIO	RAPAZ VAI A JÚRI POR ASSASSINATO DE ADOLESCENTE	Transporte – Governo inicia negociações	Justiça – PG terá vara para julgar crimes contra mulheres	Saúde – MP responsabiliza Estado pelo Hospital da Criança
9/09	DOCENTES DA UEPG AMEAÇAM GREVE	POLICIAIS DA PRF FAZEM PROTESTOS EM RODOVIAS	Polícia prende suspeito de roubo a malote	PM apreende 35 kg de droga	Professores da UEPG decidem paralisar atividades
10/08	AGROLEITE RECEBE MINISTRO	REGIÃO – ACIDENTE NA PR-151 MATA UMA PESSOA	PR-151 – Homem morre após colisão entre carro e caminhão	PG abre licitação para construção de 14 CMEIS	Obras da Klabin iniciam em novembro
11/08	CRÉDITOS DA CAIXA SOMAM R\$ 743 MILHÕES NA REGIÃO		Região – 13º vai injetar R\$ 85 mi	Créditos da Caixa somam mais de R\$ 743 mi	
12 e 13/08	UM MÊS DEPOIS, DISPUTA ELEITORAL AINDA É TÍMIDA	JM PUBLICA RANKING DAS CIDADES VIOLENTAS	Homicídios – Ortigueira lidera índice de violência na região	Viadutos – Melhorias não saem do papel	
14/08	PG ENFRENTA CRISE HISTÓRICA NA SAÚDE	PM intensifica blitz para reduzir mortes	Trânsito – Número de mortes cresce 9%	Saúde – Promotoria exige em ação funcionamento do HR	
15/08	UEPG MANTÉM CONVÊNIO COM HOSPITAL MUNICIPAL	POLÍCIA INVESTIGA NÚCLEO NEOZANISTA EM PONTA GROSSA	Região – Governo libera R\$ 47 mi para rodovias	Neonazistas – Polícia investiga núcleo em PG	
16/08	ESTADO ANUNCIA INVESTIMENTOS PARA A SAÚDE E EDUCAÇÃO EM PG	Ação do tráfico no Contorno Leste	Operação apreende drogas em PG	UEPG – Estado libera R\$ 6 mi para construção de biblioteca	
17/08	DOCENTES DA UEPG ENTRAM EM GREVE	POLICIAIS FEDERAIS RETOMAM HOJE AS MANIFESTAÇÕES	Entidades discutem criação da APAC	UEPG – Professores entram em greve por equiparação	

18/08	SAMU REGIONAL TERÁ R\$ 6 MI	BR FECHADA	Tempo seco aumenta risco de incêndios	Greve na UEPG – Adesão chega a quase 100% na instituição	
19 e 20/08	GRUPO MALUCELLI PLANEJA CONSTRUIR AEROPORTO EM PG	Leasing – OAB investiga ‘máfia dos contratos’	Começam as obras da Praça do Esporte e da Cultura	Leasing – Máfia dos contratos amplia ação em Ponta Grossa	
21/08	MP INSTAURA INQUÉRITO CONTRA SEIS HOSPITAIS DE PG	SINALIZAÇÃO TURÍSTICA NÃO SEGUE PADRÃO	Obras do TRT – Recursos estão garantidos	Caos – Promotoria investiga sistema de saúde de PG	
22/08	PRODUTORES DE MILHO PERDEM R\$ 15 MILHÕES COM A ESTIAGEM	QUEDA DE AVIÃO MATA INSTRUCTOR DE AERoclube	UEPG divulga na 5ª os aprovados	CCJ aprova projeto de reajuste para professores do PR	Tragédia – Queda de avião deixa um morto
23/08	RELATÓRIO DENUNCIA SUCATEAMENTO DO IML	ROUBO E TIRO!	VESTIBULAR – JM TRAZ LISTA E ENCARTE	Greve – Richa sanciona aumento de 31,73%	Ousadia – Freira é assaltada em frente a banco
24/08	PLANO NACIONAL INCLUI EIXO FERROVIÁRIO DE PG	POLÍCIA MILITAR VAI DESENVOLVER AÇÕES EDUCATIVAS	Região – Greve deixa rodovias desguarnecidas	Professores da UEPG encerram greve	
25/08	ACIDENTE NA BR-376 MATA TRÊS PESSOAS	PAI É ACUSADO DE ESTUPRAR AS DUAS FILHAS	Tragédia – Colisão na BR-376 causa 3 mortes	Clima – Agosto registra a pior estiagem nos últimos 10 anos	
26 e 27/08	OBRAS DE DUPLICAÇÃO DA BR-376 COMEÇAM POR PG	NETO MATA O AVÔ A GOLPES DE FOICE NA ZONA RURAL	IML de PG – SESP quer licitar novo prédio até o final do ano	BR-376 – Obras de duplicação começam por PG	Ruas – Acessibilidade ainda é restrita em PG
28/08	FUGA EXPÕE COLAPSO NO CADEIÃO	Pai do lutador Wanderlei Silva morre em acidente de carro	Fuga – Cadeião de PG à beira de colapso	Pacientes poderão fazer cirurgia vascular no HM	
29/08	VARREDURA ENCONTRA CELULARES NO CADEIÃO	Acidente mata chefe de gabinete de deputado	PG é pioneira com nova tecnologia de construção de casas	Proposta de aumento do governo não assegura manifestação	Presos comandam ações de dentro do Cadeião
30/08	RODOVIAS DE PG TERÃO R\$ 22 MI PARA OBRAS	BOMBEIROS EVACUAM SHOPPING	Região – Estado investe R\$ 22 mi em rodovias	Educação – Rede Estadual vai à capital do PR para protestar	
31/08	IBOPE APONTA EMPATE TÉCNICO ENTRE PÉRICLES E MARCELO	PROFESSORES DO PR ADOTAM ESTADO DE GREVE	Crime sexual – Idoso é preso por pedofilia	Educação – Professores adotam estado de greve até dia 18	

Jornal da Manhã – Setembro de 2012

Edição	Manchete	Chamada de Cotidiano na capa	Abre da 1ª página de Cotidiano	Abre da 2ª página de Cotidiano	Abre da 3ª página de Cotidiano
1/09	REGIÃO PLEITEIA R\$ 363 MI PARA 6 MIL NOVAS MORADIAS	Acidente com quatro veículos deixa três feridos	Polícia prende traficante em PG	IBGE – População de PG chega a 317 mil habitantes em 2012	
2 e 3/09	AEROPORTO DE PG: TODOS QUEREM, POR QUE NÃO SAI?	TELEVISÃO CAI DE CARRO E PROVOCA TUMULTO EM PG	Cárcere – PEPG trabalha recuperação de presos	Novo aeroporto – Projeto de PG ainda não decola	
4/09	MP INVESTIGA TORTURA DE JOVENS EM DELEGACIA	SEIS SÃO PRESOS COM CRACK PELA DENARC DE PG	Castro – MP investiga denúncia de tortura	Aeroporto – PG desperdiça recursos de R\$ 1,5 milhão	
5/09	PM PRENDE SETE EM AÇÃO CONTRA O JOGO DO BICHO		Violência – Homens matam vigilante	Sete presos – PM fecha três centrais do jogo do bicho	
6/09	ITAIPAVA AVANÇA NEGOCIAÇÕES PARA FÁBRICA EM PG	REGIÃO – TIROTEIO EM ALDEIA DEIXA UM MORTO	Feriado – Polícia abre Operação Independência	UEPG – Técnicos entram em greve a partir de terça-feira	
7 e 8/09	ESTIAGEM ATRASA PLANTIO DA SAFRA	SOLDADOS SIMULAM OCUPAÇÃO DE FAVELA	PF desmantela quadrilha de ladrões	PG busca recursos para mobilidade urbana	
9 e 10/09	FERIADÃO VIOLENTO	Independência	Feriado – Acidentes deixam 5 mortos e 11 feridos na região	AGU garante criação de parques	
11/09	EFAPI ESPERA MOVIMENTAR R\$ 11 MILHÕES EM NEGÓCIOS	BATIDA ENTRE CARROS PROVOCA MORTE DE BEBÊ	PR – Feriado violento termina com 38 mortes nas estradas	Áreas de risco – Defesa Civil atua com restrições em PG	
12/09	TERMINA A GREVE NA UTFPR	FUNCIONÁRIA DA UEPG É MORTA POR ASSALTANTES	UTFPR-PG retoma atividades na próxima segunda	Rodovias da RodoNorte serão fiscalizadas	Violência – Servidor da UEPG é morto em casa por ladrões
13/09	PR-151 SERÁ DUPLICADA ENTRE PG E PALMEIRA	TRAGÉDIA – CARRO DA PM MATA DUAS MULHERES EM CIDADE DA REGIÃO	Rodovia ganha duplicação em 2013	Fernandes Pinheiro – Obras recomeçam semana que vem	Caso Enedina – TJ mantém resultado do júri
14/09	POLÍCIA REALIZA MEGA APREENSÃO DE	Criança é vítima de bullying em escola	JM lança amanhã a 2ª edição da revista PG	Explosivos - Polícia faz mega apreensão nos Campos	Governo – Reinaldo deixa SESP e assume Corregedoria Geral

	EXPLOSIVOS		Competitiva	Gerais	
15/09	OS GRANDES DESAFIOS DE UMA CIDADE QUE NÃO PARA DE CRESCER		Segurança – PG ganha mais policiais nas ruas		
18/09	BANCÁRIOS PODEM FAZER GREVE A PARTIR DE HOJE	PG PERDE NASSIMA SALLUM	Crime – Briga de trânsito acaba em morte	Luto – Mistério envolve morte de empresaria Nassima Sallum	
19/09	MORTALIDADE INFANTIL CAI MAIS DE 46% EM PG	CASAL DE IDOSOS FICA REFÉM DE BANDIDOS	Infantil – Mortalidade cai 46% nos últimos 5 anos em PG	UTI – Burocracia atrasa reabertura	Ilegal – ‘Piratas’ controlam transporte escolar em PG
20/09	CÂMARA ADIA PROJETO DE FECHAMENTO DO COMÉRCIO	TRAGÉDIA – CARRO PEGA FOGO E CASAL MORRE CARBONIZADO	Racha – MP quer motorista no banco dos réus	Vamos Ler – Educador debate em PG a formação dos jovens	
21/09	PF AUTUA SANEPAR POR ESTELIONATO E CRIME AMBIENTAL	CAMINHÃO DERRUBA POSTE SOBRE MOTOQUEIRO	Jogo do bicho – PM estoura cinco pontos no centro de PG	Viaduto – Empreiteira abandona obra e Prefeitura vai abrir nova licitação	Um ano após a morte da modelo Agda, acusado de crime não foi a julgamento
22/09	ATERO DE PG ESTÁ NO LIMITE	CARAMBEÍ – MORADORES DE RUA SÃO ESPANCADOS ATÉ A MORTE	CARAMBEÍ – ANDARILHOS MORREM ESPANCADOS	Lixo – Vida útil do Botoquara termina até o final desse ano	
23 e 24/09	COMÉRCIO ABRE 2 MIL VAGAS DE FIM DE ANO	REPRESSÃO AO CRIME	Traficante é morto a facadas em bairro de PG	Saúde – FMS tem proteção de R\$ 80 milhões	
25/09	UTI DO HOSPITAL MUNICIPAL É FECHADA APÓS A 7ª MORTE	Três mortos e cinco feridos	Adulteração – Polícia desmantela quadrilha	Saúde – UTI do HM fecha após sete mortes	
26/09	Homicídios explodem em PG	BR-376 – ACIDENTE MATA FUNCIONÁRIOS DA PREFEITURA	Violência – Número de assassinato quintuplica	Mortes na UTI – Promotor pede abertura de inquérito policial	
27/09	BANCÁRIOS ENCERRAM GREVE	GRUPO É PRESO ACUSADO DE ASSASINATO	Caso Ralph – Grupo é preso acusado de assassinato	Mobilidade urbana trava na falta de planejamento	
28/09	PG PREVÊ ORÇAMENTO DE R\$ 527 MILHÕES EM 2013	Quadrilha é presa com 46 kg de maconha	Megaoperação da PM apreende 46 kg de maconha	Rodovias – PG precisa de R\$ 600 mi para obras	Transplantes de rim, coração e fígado
29/09	IBOPE MOSTRA EMPATE	DESVIO DE CRACK –	Desvio de crack – José	Justiça – 4ª Vara do	

	ENTRE PÉRICLES E RANGEL	HABEAS CORPUS A JOSÉ CARLOS É INDEFERIDO	Carlos tem pedido de liberdade negado	Trabalho tem criação antecipada em PG	
30/09	PG PROJETA R\$ 71 MI EM OBRAS DE MOBILIDADE	APRESENTADORA HEBE CAMARGO MORRE EM SP	Trabalho – Quedas lideram acidentes na região	PG investirá R\$ 71 mi em obras de infraestrutura urbana	

Mãe mata os filhos em Palmeira
Diário dos Campos – Julho de 2012

Edição	Manchete	Chamada da editoria de Polícia na capa	Abre da editoria de Polícia	Matéria secundária da editoria de Polícia
1 e 2/07	QUEM SERÁ O PRÓXIMO PREFEITO DE PG?	PM MATA BANDIDO EM TROCA DE TIROS	Bandido é morto em troca de tiros com a PM	Quadrilha assalta ônibus na região
3/07	ÔNIBUS PODE IR PARA R\$ 2,60 EM PG	CAI NÚMERO DE MORTES VIOLENTAS	Cai número de mortes violentas no 1º semestre	Homem é encontrado morto dentro de casa
4/07	ESTADO RECUPERA R\$ 52 MI EM DÍVIDAS TRIBUTÁRIAS NA REGIÃO	GAROTO É ATACADO POR CÃES	Cães atacam e ferem gravemente menino	Capitão rebate críticas sobre busca
5/07	ELEIÇÃO DEVE GERAR CAOS NA SAÚDE DE PG	NETA FURTA DINHEIRO DA PRÓPRIA AVÓ	Câmeras auxiliam na prisão de foragida	Trio armado assalta propriedade rural
7/07	MEGA APREENSÃO: 40 QUILOS DE MACONHA EM PG E PRUDENTÓPOLIS	POLÍCIA PRENDE 4 POR LATROCÍNIO	PM apreende 41 kg de maconha e prende dois	Civil apreende drogas e armas
8 e 9/07	DC SABATINA CANDIDATOS À PREFEITURA DE PONTA GROSSA	TRINTA ANOS DE HISTÓRIA	Polícia técnica comemora 30 anos em Ponta Grossa	Tragédias que não saem da memória
10/07	REGIÃO TEM R\$ 1 BI EM CRÉDITO RURAL	PAI É SUSPEITO DE ESTUPRO	Acidentes deixam três mortos no final de semana	Pai é suspeito de estuprar menina
11/07	CANDIDATOS À PREFEITURA DE PG DECLARAM R\$ 6,5 MI EM BENS	MULHER MATA OS FILHOS	Mulher confessa ter matado os dois filhos	Acidentes deixam 5 mortos na PR-151
12/07	POLÍCIA DESMONTA ‘CENTRAL DO BICHO’ EM PONTA GROSSA	HOMEM VIRA REFÉM NA VILA ESTRELA	PM fecha central do jogo do bicho	Ladrões decapitam idosa em Ortigueira
13/07	AGÊNCIA DE DESENVOLVIMENTO SERÁ	PASTOR É PRESO POR ESTELIONATO	Pastor é preso em PG acusado de estelionato	Inscrições para agente acabam hoje

	IMPLANTADA NOS CAMPOS GERAIS			
14/07	CANDIDATOS À PREFEITURA TEM PEDIDOS DE IMPUGNAÇÃO EM PG	CRACK EM TANQUE DE COMBUSTÍVEL	Tanque de combustível escondia 4,6 KG de crack	Operação fiscaliza postos de gasolina
15 e 16/07	MAIORIA DAS EMPRESAS DA REGIÃO TÊM ATÉ 9 FUNCIONÁRIOS	PENITENCIÁRIA DISPUTA PRÊMIO	PM apreende 586 motos no primeiro semestre	Dois são baleados em Ponta Grossa
17/07	ESTUDANTES DO PARÁ MORREM EM RODOVIA DOS CAMPOS GERAIS	RAPAZ É ASSASSINADO EM TELÊMACO	Acidente com ônibus mata 10 estudantes	Colisão mata três na PR-151
18/07	JUSTIÇA PODE REGULAMENTAR PROPAGANDA DE RUA EM PG	PM PRENDE TRAFICANTE NO CENTRO DE PG	Trecho do acidente é um dos mais perigoso	Bandidos roubam motos e lotéricas
19/07	CRESCE NÚMERO DE ASSALTOS A ÔNIBUS EM PG		Número de assaltos a ônibus dispara em PG	Viatura da Civil colide contra ônibus
20/07	PG É O 4º DO PARANÁ EM ABERTURA DE EMPRESAS	CAMINHÃO TOMBA NO VENDRAMI Obs: Na capa também há a chamada: “ POLÍCIA CONCLUI CASO DA MÃE ASSASSINA ”	Mulher é presa pela PF com drogas no carro	Polícia conclui inquérito de mãe assassina
22 e 23/07	PR ‘ZERA’ FILA DO TRANSPLANTE DE CÓRNEAS	BALEADO NA CABEÇA SOBREVIVE	Passageiros de ônibus ignoram o uso do cinto	Dois sobrevivem após serem baleados
24/07	JUSTIÇA CONDENA POLICIAIS POR DESVIO DE CRACK EM PG		Policiais são condenados por desvio de crack	Castro tem três mortes no final de semana
25/07	RECEITA FEDERAL ARRECADADA R\$ 1,2 BI EM TRIBUTOS NA REGIÃO	AJUDA PARA EMPREGAR PRESOS	PG tem projeto de ressocialização de presos	Acidente deixa um morto e três feridos
26 e 27/07	RECUPERAÇÃO DE ESTRADAS DO PARANÁ COMEÇA EM 30 DIAS	LEI VISA SEGURANÇA DE JUÍZES	Lei exige mais segurança em prédios da Justiça	PR instala batalhão na fronteira Oeste
28/07	JUSTIÇA ELEITORAL LIBERA PÉRICLES E ALFEU	QUADRILHA ASSALTA LOTÉRICA	Assaltantes são presos após roubo à fazenda	Bando rouba lotérica no ‘Santa Paula’

	MANSANI			
29 e 30/07	CANDIDATOS DE PG PROMETEM TERMINAIS E CRIAÇÃO DE CICLOVIAS	PROJETO LIBERA VENDA DE ARMAS	Deputado elabora projeto ara liberar arma de fogo	Educadores sociais deflagram greve
31/07	PG REGISTRA 3 ^A MORTE POR GRIPE SUÍNA	POLÍCIA RECAPTURA FUGITIVO	Educadores querem melhores condições	PM recaptura preso arrebatado

Diário dos Campos – Agosto de 2012

Edição	Manchete	Chamada da editoria de Polícia na capa	Abre da editoria de Polícia	Matéria secundária da editoria de Polícia
1/08	FEIRA AGROPECUÁRIA DE PG DEVE SOMAR R\$ 30 MI EM NEGÓCIOS	CENSE PODE TER REBELIÃO	Rapaz é preso acusado de crime pela internet	Polícia Civil fecha jogatina em Castro
2/08	À LUZ DO DIA: LADRÃO LEVA R\$ 30 MIL DE FARMÁCIA	LADRÃO DEVOLVE MOTO	MP apura denúncias de educadores sociais	Dupla rouba R\$ 30 mil e atira contra vítima
3/08	UEPG DEIXA GESTÃO MÉDICA DO HOSPITAL MUNICIPAL DE PG	GREVE NO CENSE É ILEGAL	TJ considera ilegal greve dos educadores sociais	Rapaz é assassinado a tiros em Ponta Grossa
4/08	JUSTIÇA ‘DISTRIBUI’ HORÁRIO ELEITORAL GRATUITO EM PG	MULHER ATROPELA EX	Ladrão de carro é preso em flagrante pela Civil	‘Suposta ex’ tenta matar rapaz em PG
5 e 6/08	APREENSÃO DE DROGAS É RECORDE EM PG	‘ASSASSINO DO CLUBE’ VAI A JÚRI	Apreensão de maconha cresce 473% em PG	Leitura vai reduzir pena de presos
7/08	RICHA NEGOCIA AMBEV NO PARANÁ	HOMEM É VÍTIMA DE ESTUPRO	PF para atividades até quinta em Ponta Grossa	Homem morre atropelado na BR
8/08	DETRAN BLOQUEIA ATENDIMENTO EM AUTOESCOLA DE PONTA GROSSA	HOMEM PÕE CRACK EM VÍDEO GAME	Autoescola fecha as portas e deixa alunos sem rumo	PM acha 2 quilos de crack em vídeo-game
9/08	ELEIÇÃO EM PG TERÁ 3 MIL MESÁRIOS	POLÍCIA ‘PEGA’ MACONHA EM CASTRO	Polícia apreende 76 aves em Ponta Grossa	Dono diz que fechou escola em ‘protesto’
10/08	PONTA GROSSA PODE PERDER 6 ^O CANDIDATO À PREFEITURA	PF SUSPENDE GREVE	Acidentes matam duas pessoas em Palmeira	Policiais federais suspendem greve
11/08	PR TERÁ MAIOR	PF VOLTA A FAZER GREVE NO	Avô acusado de estuprar menino de	Policiais federais retomam greve

	CONTRATAÇÃO DE SERVIDORES DA HISTÓRIA	PARANÁ	quatro anos	
12 e 13/08	ELEIÇÃO IMPEDE CONTRATAÇÃO DE 1.748 SERVIDORES EM PG	SACOLEIROS SÃO ALVOS DE BANDIDOS	Assaltos a ônibus preocupam sacoleiros	PR terá núcleos de proteção à testemunhas
14/08	HOSPITAL REGIONAL TEM PRAZO PARA FUNCIONAR INTEGRALMENTE	LADRÕES INVADEM FESTA	Imbituva tem final de semana violento	Acidentes matam duas pessoas
15/08	POLÍCIA DESARTICULA GANGUE DE NEONAZISTAS EM PONTA GROSSA		Polícia desmantela gangue de neonazistas	Audiência discute criação da Apae
16/08	HR TERÁ MAIS 277 PROFISSIONAIS	MAIOR APREENSÃO DE DROGAS NO ANO	Dois são presos com 60 quilos de droga	Bebidas falsificadas são apreendidas
17/08	GERAÇÃO DE EMPREGOS CAI 80% EM PONTA GROSSA	FRACO COM MACONHA	Policiais rodoviários planejam mobilização	Preso tenta entrar com droga na cadeia
18/08	CRESVER MOVIMENTA R\$ 2,7 MI NA REGIÃO EM SETE MESES	BANDIDOS ASSALTAM CASA LOTÉRICA	Decisão da Justiça não impede greve de policiais	Trio assalta caminhoneiro
21/08	HM TEM 24 HORAS PARA EXPLICAR FECHAMENTO	PRESOS NO COMANDO	Presos comandam ações do tráfico da cadeia	Capotamento tem cinco feridos
22/08	MONOMOTOR CAI EM PALMEIRA	FARMÁCIA É ASSALTADA EM PG	Queda de avião mata instrutor em Palmeira	Governo remarca reunião com a PF
23/08	DIRETORA DO HOSPITAL MUNICIPAL PEDE DEMISSÃO	ASSALTO À FREIRA NO CENTRO	Excesso de velocidade suspende 40% das CNHs	Homem morre em acidente de trabalho
24/08	CANDIDATOS SE COMPROMETEM COM PELO MENOS 10 SETORES	VANS SOMAM TRÊS ACIDENTES	PG tem 3º acidente com van escolar em dois meses	Novos radares terão indicações extras
25/08	RANGEL LIDERA PRIMEIRA PESQUISA	ACIDENTE MATA TRÊS DA MESMA FAMÍLIA	Três da mesma família morrem em acidente	Acusado de estuprar duas filhas é detido
26 e 27/08	PG TEM UMA DAS GASOLINAS MAIS BARATAS	ACIDENTES DE TRABALHO PREOCUPAM	Acidentes de trabalho mataram 14 na região	PM faz aulas de paraquedismo
28/08	UNIDADE DA KLABIN TERÁ ESTRUTURA DE APOIO	PAI DE LUTADOR MORRE	Presos pulam muro e fogem do Cadeião	Acidente em Castro mata o pai do lutador Wanderlei Silva
29/08	PARCELA DO 13º INJETA R\$ 85 MI	DETENTOS TENTAM SE REBELAR	Polícia controla princípio de rebelião	Colisão entre trem e carro fere jovens
30/08	REPASSE DE IMPOSTOS	CADEIAS DA REGIÃO ESTÃO	Carceragens abrigam o triplo da	PR licita R\$ 62 mi para penitenciárias

	PARA PG CRESCE 15%	SUPERLOTADAS	capacidade	
31/08	IBOPE MOSTRA PÉRICLES EM 1 ^o	PM PRENDE SUSPEITO DE ASSALTO	PRF prende dois carros abarrotados de cigarros	Suspeito de pedofilia é preso em PG

Diário dos Campos – Setembro de 2012

Edição	Manchete	Chamada da editoria de Polícia na capa	Abre da editoria de Polícia	Matéria secundária da editoria de Polícia
2 e 3/09	PRESO DA REGIÃO É POBRE, JOVEM E SEM ESTUDO	PG TEM MAIS UM ACIDENTE COM TREM	Presos são jovens e sem estudo	Mais um carro atinge trem
4/09	PG TEM O QUARTO TRÂNSITO MAIS VIOLENTO DO ESTADO	ACIDENTE MATA DUAS PESSOAS	Mulher é estuprada após sair de baile	PG aparece em quarto em número de acidentes
5/09	SEGURANÇA É MORTO DURANTE ASSALTO A POSTO	QUADRILHA ERA LIDERADA POR PRESOS	Segurança de posto é morto durante assalto	Presos lideravam quadrilha da Vila Nova
6/09	LADRÕES ESPANCAM DEFICIENTE E FAZEM TRÊS ASSALTOS EM PG	CONFRONTO TERMINA EM MORTE	Ladrões espancam e roubam deficiente físico	Júri condena ‘Alemão’ por morte de rapaz
7 e 8/09	FERIADÃO COMEÇA COM MORTE EM RODOVIA DE PG	TENSÃO EM ALDEIA INDÍGENA	Feriadão começa com morte em rodovia de PG	Clima ainda é tenso em aldeia indígena
9/09	PG TEM OITO EMPRESAS ENTRE AS 500 MAIORES DO SUL	JOVEM CONFESSA ASSASSINATO	Feriadão termina com 49 acidentes na região	Polícia identifica autores de homicídio
12/09	UTI PEDIÁTRICA ESTÁ FECHADA HÁ MAIS DE 100 DIAS EM PG	NÃO VENCE A SUBIDA E TOMBA	Homem é morto a facadas em casa	Vítima se depara com seu veículo furtado
13/09	QUADRILHA É PRESA COM DINAMITE EM JAGUARIAÍVA	PM ATROPELA E MATA DUAS MULHERES	Polícia prende quadrilha com armas e dinamite	Jovem furta morto e morre em acidente
14/09	PG QUER FEIRA DO PARANÁ EM 2014	REINALDO TROCA DE SECRETARIA	Richa troca Reinaldo de secretaria	
15 a 17/09	PG ARRECADARÁ MAIS DE R\$ 1,5 BI EM TRIBUTOS	MEDICAMENTO NO ESTEPE DO CARRO	PF estuda construir sede própria em Ponta Grossa	Mulher é ferida a tiro em chácara
18/09	RECEITA EXCLUIRÁ 4 MIL EMPRESAS DO SIMPLES	MORTE EM BRIGA DE TRÂNSITO	Briga de trânsito acaba em morte no Jardim Carvalho	Moto bate contra viaduto e piloto morre
19/09	GREVE FECHA 60% DOS BANCOS EM PG	CARRO TOMBA APÓS COLISÃO	Excesso de velocidade é infração mais cometida	Estado convoca agentes para atuar em cadeias

20/09	VENDAVAL CAUSA ESTRAGOS EM PG	ÍNDIO DESTRÓI 50 HECTARES DE VEGETAÇÃO EM TIBAGI	Incêndio destrói 50 hectares de vegetação em Tibagi	Acidente na PR-160 mata duas pessoas
21/09	OFERTA DE EMPREGO CRESCE 14% EM PONTA GROSSA	MORTE NA SOUZA NAVES	Polícia Militar fecha cerco contra jogo do bicho	Assassinato da modelo Agda completa um ano
22/09	BACTÉRIA CAUSA FECHAMENTO DE LEITOS DE UTI	MÃE TENTA MATAR CRIANÇA DE UM ANO	Mãe tenta matar bebê de um ano em Ponta Grossa	Dois andarilhos são mortos em Carambeí
23 e 24/09	MINHA CASA MINHA VIDA TEM PRESTAÇÃO A PARTIR DE R\$ 25	MAIORIA DOS HOMICÍDIOS OCORRE NO CENTRO	Maioria dos homicídios ocorre no centro	Dois são mortos em PG
25/09	PRESO BANDO QUE ADULTERAVA CAMINHÕES EM PONTA GROSSA	TRÊS FERIDOS EM ACIDENTE	Quadrilha especializada em adulterar caminhões é presa	Acidente em Uvaranas deixa vítima fatal
26/09	SETEMBRO É O MÊS MAIS VIOLENTO DE 2012 EM PG	Acidente deixa dois mortos na BR-376	Ponta Grossa vice 'onda' de assassinatos	Acidente deixa dois morto na Br-376
27/09	MAIS DE 1,7 MIL FAMÍLIAS EM PG DEIXARÃO A FILA DA PROLAR	Rapazes são presos por assassinato	Polícia prende quatro por assassinato	Caminhão tomba na Br-376
28/09	PG TEM UM DOS MENORES PREÇOS DA GASOLINA NO ESTADO	GOLPE É APLICADO COM NOTAS FALSAS	Seis pessoas são presas com 50 KG de maconha	Caminhoneiro morre em acidente na PR-151
29/09	PÉRICLES DE MARCELO EMPATADOS	DOIS INCÊNDIOS EM UMA TARDE	Criminalística atende num raio de 50 km de PG	Concurso da defensoria reúne 13 mil candidatos
30/09	POBREZA EM PG REDUZ 20% EM QUATRO ANOS		Cresce procura por segurança privada	25 hectares de floresta são desmatadas em Pirai do Sul